

MESTRADO  
ARQUITECTURA

# Arquitectas: (Des)construindo Percursos

Cora d'Orey Mayan

**M**

**2020**





# Arquitectas: (Des)construindo Percursos

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura.

Sob Orientação da Professora Doutora Maria Raquel Nunes de Almeida e Casal Pelayo

Nota:

A presente Dissertação segue o Antigo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

As citações directas de fontes estrangeiras são transcritas na língua original.



## Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Raquel Pelayo, em primeiro lugar, pela coragem de aceitar a orientação de uma dissertação com um tema difícil porque imbuído de preconceitos, e depois pela exigência de objetividade, pelo inesgotável entusiasmo, disponibilidade e acompanhamento motivador.

Agradeço às Arquitectas Joana Vasconcelos e Fátima Fernandes pela generosa colaboração e contributo.

Agradeço aos Arquitectos e Professores Doutores Teresa Fonseca, Carlos Prata e Nuno Valentim, que inspiraram o meu percurso. Por quem sempre nutri uma secreta admiração quando me faziam constantemente (re)apaixonar pela arquitectura em cada uma das suas respectivas aulas.

Agradeço com todo o meu coração ao meu primeiro amor, Mário, por estes dezassete anos juntos, ansiosa pelos próximos... Mas sobretudo,

À nossa bebé: foi por ti!

## Abstract

This Master Dissertation, 'The Female Architects: (Des)constructing Paths', requires a reflection about women's legacy in Architecture and the work partnerships between both genders, nationally and internationally.

Women's journey in Architecture started late, due to the slow access to the gender at superior studies and, it's directly linked with major social accomplishments made through the centuries. Even though women's work in architecture came a long way, their insight is still very invisible, like we saw happening in the past. Working by themselves or in partnerships, they are still a background figure, even in partnerships the central figure is the male. It urges, to envelop women's main role and (in)visibility of their work so that it can be (re)built in terms of the representativity, nature and limits of the architecture itself.

This work is an attempt to reformulate an architecture so that it includes the women's architects' vision, in public life, professional and educational scenarios.

As a final reflection we showcase the work of two Portuguese architects Joana Vasconcelos and Fátima Fernandes as a contribution to their visibility and acknowledgment in Portuguese Architecture.

**KEYWORDS:** Architecture, Gender, Female Architects, Pioneers, Partnership, Acknowledgement, Joana Vasconcelos, Fátima Fernandes

## Resumo

A presente Dissertação de Mestrado, *Arquitectas: (Des)construindo Percursos*, propõe uma reflexão sobre o legado das mulheres na Arquitectura e a conjuntura das parcerias entre géneros diferentes, tanto a nível nacional como internacional.

Os percursos das arquitectas iniciam-se, ainda que tardiamente, graças ao gradual acesso à esfera académica em arquitectura e devido, sobretudo, às significativas alterações sociais ocorridas ao longo dos séculos. Não obstante, as contribuições femininas permanecem silenciadas, tanto as do passado como as da contemporaneidade, quer a título individual quer em parcerias sendo, geralmente, posicionadas para um segundo plano em relação ao elemento masculino da dupla. Desta forma, torna-se fundamental descortinar o protagonismo feminino e a (in)visibilidade dos seus percursos para que se possa (re) construir a representatividade, a natureza e os limites da própria disciplina.

Este trabalho surge assim, na tentativa de reformular uma Arquitectura que visa incluir as perspectivas das arquitectas, expondo os cenários públicos, profissionais e educacionais vividos.

Para a concretização final desta reflexão preconiza-se a análise dos percursos das arquitectas, Joana Vasconcelos e Fátima Fernandes, de forma a contribuir para a sua visibilidade e reconhecimento na Arquitectura Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitectura, Género, Arquitectas, Pioneiras, Parcerias, Reconhecimento, Joana Vasconcelos, Fátima Fernandes





# Índice

Abstract	
I- Introdução	11
. Objectivo e Motivação	12
. Problemática e Justificação da Investigação	13
. Estrutura do Trabalho e Metodologia	15
II- (Re)produção das Discriminações de Género	17
. Architectas Pioneiras	23
III- (Co)autoria em Arquitectura: Parcerias, uma Questão de Género?	39
. “Mrs&Mr Architects”	45
IV- (In)visibilidade da Mulher no “Star System”	63
. “Por detrás de um grande Arquitecto pode estar uma grande Arquitecta”	69
. “Antes tarde do que nunca: Architectas Pritzker”	75
. “Contra factos, há argumentos? Ser Arquitecta”	85
- O que nos dizem os números em algumas premiações de arquitectura	85
- O que nos dizem os números no campo profissional da arquitectura	95
- O que nos dizem os números em algumas publicações e exposições	100
- O que nos dizem os números no campo académico da arquitectura	111
V- (Re)construção do Discurso em Arquitectura	130
. Casos de Estudo: Joana Vasconcelos (Atelier in.vitro)	133
Fátima Fernandes (Cannatà & Fernandes Architectos)	149
VI- Considerações Finais	169
VII- Referências Bibliográficas	175
VIII- Referências Iconográficas	187
XIX- Apêndice	195
XX- Anexos	211



## CAPÍTULO I | Introdução

Neste primeiro capítulo é identificado o campo geral desta investigação, rege-se pela identificação e delimitação do campo de estudo essencial ao desenvolvimento do trabalho, de modo a possibilitar uma noção do cenário geral. Desta forma, estabelecem-se aqui, os objectivos da presente investigação e as problemáticas levantadas. Descreve-se a estruturação do trabalho e a metodologia adoptada.

## Introdução

A presente investigação propõe uma reflexão sobre o percurso da Mulher na Arquitectura e incide, pertinentemente, na questão da falta de visibilidade das arquitectas bem como na problemática autoral das parcerias.

Adopta-se uma perspectiva crítica que não pretende contemplar pensamentos ideológicos, feministas ou de vitimização, já que considera-se que ambas as figuras – homem e mulher – são igualmente relevantes na construção dos ambientes arquitectónicos do Moderno e Pós-Moderno e, dessa forma, não se pretende de forma alguma questionar ou desvalorizar o notório talento dos arquitectos do género masculino, mas antes, trazer para a luz aquelas que durante décadas permaneceram à sombra.

Julga-se que reclamar esta diferença não perpetua o binómio que se procura diluir, uma vez que, não se considera existir uma essência feminina e recusam-se especificações de arquitecturas dependentes do género a que pertençam. De igual modo, este trabalho não pretende estruturar-se em torno do relato Histórico extensivo, mas antes levantar novas questões à volta da temática e enaltecer o percurso das arquitectas que têm vindo a ser colocado sistematicamente em segundo plano o que gera uma angustiante, injusta e falsa falta de representatividade.

Neste sentido, importa perceber a evolução e a dimensão da presença das mulheres no ensino, na profissão e no (re)conhecimento público, descortinando o seu protagonismo numa sociedade contemporânea, com dados objectivos e sistematizados das diversas premiações, publicações e exposições de forma a que, esta seja uma reflexão informada e baseada em dados concretos. Importa ainda salientar os momentos e as pessoas que contribuíram para que o tema das mulheres na arquitectura surgisse e fosse trazido para o centro da discussão, evocando possíveis directrizes para alterar o paradigma e a natureza da própria disciplina. E, portanto, procurar colaborar para um renovado ponto de vista da História da Arquitectura, incluindo as perspectivas das arquitectas, perceber a sua evolução, dimensão e presença para (re)conhecer devidamente a partir da (des)construção do(s) seu(s) percurso(s).

### Objectivo e Motivação

O objectivo principal do presente trabalho consiste em procurar explorar o binómio Mulher/Arquitectura, cuja invisibilidade é manifesta nos escassos conhecimentos históricos

até à actualidade. Desde do início do meu próprio percurso académico que me questionei sobre (a ausência) referências femininas na História da Arquitectura geral, e assim, nasceu a vontade pessoal de contribuir, ainda que modestamente, para um reconhecimento de um assunto que esteve sempre presente, mas em simultâneo quase sempre ausente na maior parte dos discursos.

O contributo da mulher no âmbito da arquitectura parece ser próximo do inexistente e, como tal, surgem algumas interrogações tais como: o porquê dessa escassa visibilidade de arquitectas nacionais e internacionais? Com a evolução dos tempos e do modo como a mulher é vista na sociedade, não deveria, nos dias de hoje, a mulher ter um papel mais preponderante no campo profissional arquitectónico? Qual é então, hoje, o espaço das arquitectas na arquitectura? Quem foram e quem são estas profissionais?

A investigação surge então numa tentativa de dar resposta a estas e a mais questões, bem como recolher dados e factos sobre o legado profissional de arquitectas, para que se possa começar a objectivar o peso e os contornos da sua contribuição no campo da arquitectura, de forma a despertar novas reflexões e olhares mais ricos sobre esta disciplina.

#### Problemática e Justificação da Investigação

As questões do género no mundo artístico não se podem restringir ao âmbito da sociologia, são de igual modo, um tema de História de Arte e de Crítica de Arte. Torna-se necessário questionar, perante os próprios paradigmas da arte, o porquê da invisibilidade do feminino, mas também, a razão pela qual, não se interroga essa mesma falta de representatividade.

Esta temática de certa forma, é menos abordada em Portugal comparativamente a outros países, como nos Estados Unidos, Espanha ou Brasil. Por isso mesmo, avançar com a presente investigação tornou-se tão difícil quanto necessário. O objecto da dissertação foi sendo desenvolvido a par de uma tomada de consciência e principalmente decorrente do meu próprio percurso académico, que contribuiu para a ausência de referências femininas na arquitecta quer a nível nacional como internacional, questionando, assim, qual seria o lugar ocupado pela arquitecta na disciplina da arquitectura. Esta “invisibilidade visível”, julga-se decorrente exclusivamente de contextos socioculturais, vividos no passado, mas se tal premissa fosse inteiramente correcta, não se compreende o motivo de, nos dias de hoje, a representatividade feminina e o seu respectivo (re)conhecimento, não ter efectivamente aumentado, mesmo sendo o género feminino, actualmente, em número superior a frequentar os cursos académicos.

Não obstante, quando se olha para o panorama profissional, a imagem desfoca-se de tal forma que, se torna necessário (re)construir a representatividade, a natureza e limites da

própria arquitectura, sobretudo através de uma forte consciencialização do assunto. Para tal, é essencial primeiramente trazer à luz as arquitectas, que ficaram décadas na sombra das narrativas históricas da arquitectura e afastadas do protagonismo autoral, mas que influenciaram toda a arte produzida. É igualmente relevante dar voz às mulheres de agora, pois uma arquitecta dificilmente pertence ao “*star system*” se não for dada a conhecer.

#### Estrutura do Trabalho e Metodologia

A nível estrutural, a investigação segue um programa dividido em cinco capítulos, cada um deles constituídos por subcapítulos, que pretendem concretizar os objectivos definidos no âmbito desta investigação.

A situação actual das arquitectas, pressupõe numa fase inicial reconhecer percursos “históricos” das mulheres na arte, o acesso da mulher ao exercício de arquitectura, a identificação do seu trabalho, ou pelo contrário, como se demonstrará, o esquecimento e indevida apropriação do mesmo, por parte de terceiros. Rege-se no primeiro capítulo com a introdução do tema e a delimitação do campo de estudo essencial ao desenvolvimento do trabalho, de modo a possibilitar uma noção do cenário geral.

Num segundo momento, já capítulo seguinte, pretende-se identificar o percurso das primeiras mulheres arquitectas internacionais e nacionais, demonstrando a importância do acesso ao curso de arquitectura na formação destas pioneiras e daquelas que não viram a sua história ser contada - numa procura pela (re)formulação e (des)construção da história da arquitectura, incluindo as perspectivas de arquitectas. Torna-se, igualmente, relevante retratar que, esta realidade ainda se reproduz na contemporaneidade. E assim, a tese organiza-se em cinco partes que estão relacionadas e articuladas entre si.

De seguida a esta breve contextualização da presença da mulher, pretende-se no terceiro capítulo, compreender um outro lado da questão com ênfase nas parcerias/colaborações, e o modo como os historiadores, críticos, júris e profissionais reconhecem de forma muito irrealista a realidade complexa da produção e autoria, onde o papel da arquitecta é subvalorizado e quase desaparece na sombra do seu respectivo parceiro de trabalho.

Posteriormente, e já no capítulo quarto, propõe-se explorar e examinar algumas informações com a intenção de fixar dados estatísticos estabelecendo termos comparativos de valores, de arquitectas presentes no “*star system*”. Procura-se apresentar com objectividade, os contornos desta realidade profissional, analisar as vastas listas de prémios, gabinetes, publicações, exposições, etc, e questionar: terão as arquitectas a visibilidade que, em certa medida, permite a sua existência, mesmo no século XXI? Quem escolhe? Quem vence o desafio da visibilidade e do reconhecimento? O que é divulgado?

Recorre-se ainda à recolha de informações relativas ao número total de inscritos por género

na ordem dos arquitectos e analisou-se o lugar da mulher na academia, especificamente no curso da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, dissecando as disciplinas, as referências bibliográficas e os docentes desagregados por género, procurando assim definir o que compõe este percurso académico. Realiza-se também, um inquérito aos estudantes de arquitectura, de forma a apreender se a realidade, por mim sentida, se repetia com os meus pares e se de facto haveria uma ausência quase total de conhecimento de referências femininas no campo da arquitectura. Com estes instrumentos, pretende-se estabelecer um parâmetro geral da presença da mulher arquitecta quer no ensino como no mercado do trabalho. Avistar o seu protagonismo numa sociedade contemporânea, de forma a que, represente uma reflexão informada que procura desmistificar o lugar da mulher no campo da arquitectura. Esta fase é acompanhada com dados numéricos e pela elaboração de gráficos correspondentes ao tratamento de dados recolhidos.

Por fim, o último capítulo, numa fase inicial, procura delinear um conjunto de directrizes já adoptadas e outras possíveis que visam projectar uma possível mudança de paradigma na disciplina e na profissão, de forma a responder às questões fundamentais levantadas nesta investigação. Surge de igual modo, como uma tentativa de contributo para um cenário mais esclarecedor desta temática e aumentar a visibilidade feminina na arquitectura, destacado os percursos profissionais de duas arquitectas portuguesas, quer a título individual como em parceria, com os casos de estudo: arquitecta Joana Vasconcelos (*atelier in.vitro*) e arquitecta Fátima Fernandes, (Cannatà & Fernandes – Arquitectos), respectivamente. Apresentam-se duas entrevistas realizadas as duas arquitectas, pertencentes a gerações diferentes e com percursos distintos ao nível da produção arquitectónica, completando com algumas imagens de diversos projectos e a compilação de listas das várias exposições, publicações e premiações arrecadadas por ambas. As entrevistas, para além de contribuírem para reter outros pontos de vista sobre o objecto em análise, tornam-se também relevantes por proporcionarem a nível pessoal uma experiência enriquecedora e de maior entendimento para a construção dos percursos das entrevistadas. É de salientar que a necessidade de recorrer a entrevistas, prendeu-se igualmente pelo facto das informações sobre as arquitectas e sobre a sua obra serem modestas ou quase inexistentes, apesar das suas vastas obras e premiações.

Segue-se a conclusão geral do trabalho, as referências bibliográficas e iconográficas usadas, bem como, anexos que incluem elementos auxiliares da investigação.

Em suma a metodologia aplicada, para a estruturação referida anteriormente, assenta sobretudo em pesquisa documental com consulta de textos e artigos referentes ao objecto da presente investigação. Posteriormente, procedeu-se à realização de recolha e análise de dados objectivos, realização de gráficos de forma a sintetizar a reflexão produzida, assim como, a realização de um inquérito e entrevistas relativas à problemática da dissertação.





## **CAPÍTULO II | (Re)produção das Discriminações de Género**

Este capítulo procura identificar a necessidade de (re)formulação e (des)construção da História da Arquitectura, incluindo as perspectivas de arquitectas, deixadas sistematicamente para segundo plano. Torna-se igualmente relevante retratar que esta realidade de silenciamento, ainda se reproduz na contemporaneidade, sendo assim o percurso da Mulher na Arquitectura marcado por uma dupla exclusão - a do passado e a do presente.

Identifica-se o percurso dos primeiros elementos femininos internacionais e nacionais na arquitectura, de onde ressalta, a importância do acesso ao curso de arquitectura na formação destas pioneiras que desenharam o caminho para as mulheres ocuparem um lugar na disciplina.

## (Re)produção das Discriminações de Género

*“We have no sociology of architecture”<sup>1</sup>*

As questões do género no mundo artístico não se podem restringir ao âmbito da sociologia, são de igual modo, um tema de História de Arte e de Crítica de Arte, como afirma a investigadora e historiadora de arte Filipa Lowndes Vicente nos seus textos, sobre a “História da arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português”, e “A Arte sem História; Mulheres e Cultura artística (séculos XVI-XX)”, entre outros ensaios. Esta autora observa que, perante a manifesta ausência de mulheres criadoras (e não apenas como objecto de representação) no mundo artístico, é necessário questionar, perante os próprios paradigmas da arte, o porquê da invisibilidade do feminino, mas também, a razão pela qual, não se interroga essa mesma invisibilidade.

A ausência artística do género feminino torna-se, assim, num espécie de “ciclo vicioso”, não se estuda porque a obra das mulheres é escassamente exposta em museus e/ou publicada e, ao mesmo tempo, não é divulgada e/ou exibida porque não é um tema considerado digno de estudo.

Crê-se que, esta exclusão decorre, exclusivamente, de contextos socioculturais históricos, vividos no passado, mas se tal premissa fosse inteiramente correcta, não se compreende o motivo de, nos dias de hoje, a representatividade feminina, não ter efectivamente aumentado. Ou, seria, até mesmo expectável, que esse fenómeno fosse pelo menos alvo de reflexão “...para tentar compreender as razões culturais e sociais que afectaram, negativamente, a produção artística de grande parte das mulheres, prejudicando a sua qualidade e limitando o seu desenvolvimento individual”<sup>2</sup>.

Os papéis atribuídos aos sexos e géneros pela sociedade vigente de cada época definem o que se lhes é apropriado na esferas público/privado. O espaço interior, que se relaciona com a forma como se habita o lugar, tende a representar a mulher como a sua principal usufruidora. Assim, inicialmente elas só teriam um primeiro contacto com a arquitectura através da vivência do lar, na organização do privado e na administração doméstica. Já, ao homem cabia-lhe o sustento e o espaço público, atribuindo conseqüentemente, ao sexo masculino, o papel de figura principal da sociedade associada ao domínio público,

---

1. BROWN, Denise Scott (1989), “Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture”. En *Architecture: A Place for Women*. Washington: Smithsonian Institution Press, pág. 243

2. VICENTE, Filipa Lowndes (2012), “História da arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português”, in *Revista de História da Arte*, n.º 10, Instituto de História da Arte - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL, pág. 220

negligenciando a mulher como indivíduo. Sexo é um termo biológico; género, um termo psicológico e cultural<sup>3</sup>.

A questão do género na sociedade foi, assim, sendo renovada principalmente pelas transformações que se incutiram ao longo dos séculos, quer pela Revolução Industrial como pelos períodos pautados por duas grandes guerras com muita destruição e (re) construção de valores físicos, culturais, sociais, políticos, arquitectónicos, etc.

O papel do elemento feminino na sociedade modificou-se e foi conquistando funções consideradas, anteriormente, como predominantemente masculinas, sem nunca deixar de exercer as suas tarefas enquanto mulher comprovando que, tais características não advêm do sexo individual mas sim da posição social que determinado indivíduo ocupa.

Não obstante, apesar do cenário se ter moldado ao longo das décadas, mantém-se um legado que prima pelos aspectos de uma sociedade patriarcal. Em “*Arquitectura y género: espacio público/espacio privado*”, o patriarcado é definido como uma espécie de unidade de alianças entre os homens que exercem o poder e a decisão na sociedade<sup>4</sup>.

*“La incorporación activa de la mujer como Profesional a la sociedad es, tal vez, el parámetro más importante de la modernidad en el siglo pasado”*<sup>5</sup>.

Se actualmente, a mulher conquistou entre outros valores, o direito ao acesso ao ensino superior, participação no mercado de trabalho e consecutivamente espaço na esfera pública, qual será a razão para que esta condição invisível da mulher não se altere em pleno século XXI? Tal é o peso do legado cultural oitocentista que é urgente desmontar, ultrapassar, mas sobretudo, questionar os processos de construção da memória histórica a partir dos mecanismos de (re)produção das discriminações de género.

Dissolvendo as questões culturais como razão para a falta de paridade na profissão é recorrente fundamentar a disparidade mencionada, servindo-se do argumento falta de quantidade e/ou de qualidade, contudo em “*Why have there been no great women artists?*” a historiadora Linda Nochlin<sup>6</sup>, nesse seu ensaio pioneiro, publicado na *Art News*, demonstra que, apesar de todas as restrições, essencialmente limitações culturais e de acesso à

---

3. OAKLEY, Ann (1972), “*Sex, Gender and Society*”, Nova York: Harper, pág.158-172

4. CEVEDIO, Mónica (2010), “*Arquitectura y género: espacio público / espacio privado*” 2.o ed. Barcelona: Içaria editorial, S.A,pág.24

5. ESPEGEL, Cármen (2007), “*Heroínas del espacio: Mujeres arquitectos en el Movimiento Moderno*”. Buenos Aires, pág. 77

6. Linda Nochlin (1931-2017), professora do *Institute of Fine Arts (University of New York)*, curadora das célebres exposições “*Women Artists: 1550-1950*”, que decorreu em *Los Angeles County Museum of Art*, em 1976, e “*Global Feminisms*”, no *Brooklyn Museum*, em 2007.

educação, houve muitas artistas e de muita boa qualidade. Todavia estiveram durante séculos “escondidas”, longe da vista; contrariando a ideia da genialidade artística como um talento inato exclusivo dos homens.

Constata Nochlin que a própria História da Arte naturalizara a ausência de mulheres no campo artístico. O que a leva, poucos anos depois, juntamente com outra historiadora de arte Ann Sutherland Harris, a organizar uma exposição histórica sobre mulheres artistas de diversas nacionalidades e de períodos díspares, excluídas da narrativa artística contada. A realidade é que, só conhecemos aquilo que vemos, ouvimos, sentimos, o que nos é dado a conhecer alimenta a nossa existência.

Mais tarde, o colectivo artístico “Guerrilha Girls”, num discurso mais ironizado aludem, igualmente, para o sexismo artístico e denunciam que os argumentos relativos à “competência” são falaciosos, apesar de recorrentemente, servirem de motivo para afastar as mulheres e o seu reconhecimento no campo artístico. A História da Arquitectura não escapará a este fenómeno já que nela se nota a mesma ausência. “Ou seja, existe ainda uma arte sem História que precisa de ser reescrita, de ser pesquisada a sério: aquela que foi produzida por artistas mulheres, e que a História tradicional tem sempre colocado num plano subalterno e negligenciado”<sup>7</sup>. Isto para que se comece a formular uma arte com História, a do passado e a do presente.

Em “Artes, a ilusão da vanguarda” Filipa Lowndes Vicente reflecte mais uma vez, sobre a dupla exclusão que as mulheres artistas vivem - a do passado e a da contemporaneidade; a História não pode servir de justificação para a falta de paridade do presente. Aponta que a invisibilidade actual pode ser ainda mais severa, na medida em que vive-se na ilusão da vanguarda como se não houvesse espaço para discriminação no século XXI e, dificilmente, se aceita que ainda exista, pois os “actos sexistas” do passado julgam-se (erradamente) dissimulados no presente.

Há uma recusa (in)consciente, entre a arte e o género, já que a identidade sexual não influencia directamente a identidade artística e banalizam-se questões denominando-as de “teorias feministas”. Não obstante, as contribuições femininas permanecem menosprezadas, numa ausência de reconhecimento das contribuições das mulheres no campo artístico. A identidade da artista ou arquitecta parece ser condicionada, e negativamente, pela sua identidade enquanto mulher.

“Incorrer numa abordagem feminista pode, ainda hoje, significar um risco de marginalidade em relação à comunidade científica... Subsiste também o temor, para

---

7. SERRÃO, Vitor (2017), “Arte no Feminino - Casos de Estudo na Arte Portuguesa”, Academia das Ciências de Lisboa, pág.3

algumas mulheres, de serem rotuladas de “feministas”, com todo o peso negativo que o senso comum atribui à palavra e que o mundo académico parece emular”<sup>8</sup>.

No entanto, a investigação é um campo privilegiado para este debate que se quer imbuído de objectividade, fundado em dados concretos e numa discursividade conduzida pelos ideais de clareza e de lógica.

A historiadora de arquitectura Despina Stratigakos, para além de várias publicações sobre a temática<sup>9</sup>, também colaborou, em 2011, com o maior fabricante de brinquedos do mundo (*Matte*), no desenvolvimento e lançamento da Barbie Arquitecta<sup>10</sup>.

Apesar das opiniões díspares sobre o acontecimento, Stratigakos demonstra sobretudo às gerações mais jovens que, a icónica boneca para além de todas as outras profissões, pode ser também arquitecta, superand, assim, os princípios envolvidos numa profissão dominada pelo sexo masculino.

Esta discrepância de género artística poderá ser, mais facilmente, ultrapassada se for assumida, já que, aquilo que actualmente nos parece “natural”, um dia já foi alvo de discussão. Há que reflectir sobre a desigualdade, mais do que falar em igualdade. Já o filósofo Jean-Jacques Rousseau dizia que a questão não era a igualdade no geral, mas o seu oposto. A igualdade é uma causa infrutífera, na medida em que, o conceito de igualdade pode ter vários significados, pode ser alterado consoante o seu contexto e tem tendência a transcender barreiras de tempo, espaço, de raça, cultura, religião e de género.

Se, ainda hoje, persiste a desigualdade como norma e não como excepção, porquê é

---

8. VICENTE, Filipa Lowndes (2012), “História da arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português”, in Revista de História da Arte, n.º 10, Instituto de História da Arte - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL, pág. 214

9. Desmonta os obstáculos vivenciados pelas arquitectas e procura o seu reconhecimento não com teorias feministas do passado ou como o papel de vitimização da mulher, mas enaltecendo-as e demonstrando que a concepção da cidade construída por e para mulheres poderia produzir uma visão mais completa de uma metrópole alternativa, como é possível reter da sua publicação: “*Women’s Berlin: Building the Modern City*” (2008). Em “*Where Are the Women Architects?*” (2016), questiona a ausência das mulheres na arquitectura e revela, ainda, que a geração do futuro pretende trazer importantes alterações na procura da paridade da disciplina e profissão.

10. Desde de 1959, que a Barbie foi construindo um vasto currículo profissional e apenas em 2011 é que surge como arquitecta. No entanto, se por um lado foi considerado um acto de inclusão por outro, a opinião diverge e considera-se que esse feito é um contrassenso na medida em que, a boneca é por ela própria um símbolo de sexismo e que não combate o pressuposto defendido. “...promoting architecture in a sexist way venue is not good for any of us, male or female. This is not a positive way to ‘convince the public of our value’”. SECHZER Inda cit in FERNANDES, Gabriel de Andrade (2011, “Arquitectura e género: precisamos de uma Barbie arquitecta?”. Artigo disponível em: <https://arquitecturaemnotas.com/2011/04/24/arquitectura-e-genero-precisamos-de-uma-barbie-arquitecta/> (consultado a 1 de Outubro de 2020)

que continua a haver mais referências masculinas seja na construção da história, seja na comunicação social, seja no próprio campo de trabalho? As respostas para quem elege, baseiam-se em considerar a questão como um “não assunto” já que as escolhas não são fundamentadas em diferenças de género.

No entanto, a questão fundamental não é a das exclusões, haverá igualmente, artistas homens invisíveis, mas certamente em número muito inferior ao de artistas mulheres, que não viram ou veem a sua história ser contada. Mas é sobretudo, o facto da identidade de género (e racial) ser determinante neste processo.

Em termos comparativos de qualidade e quantidade, não terá um artista a sua obra por mostrar, por vários motivos, mas certamente não será por ser homem, no entanto, e olhando para os sistemáticos silêncios da História, tratando-se de uma artista, não será o principal factor a circunstância de ser mulher? “Ou seja, quando o género dos artistas é masculino, não se nota é invisível; quando ele é feminino o género parece constituir-se enquanto factor ou critério”<sup>11</sup>.

Trata-se, portanto, de um tema transversal à cultura ocidental e ao género, que se debate sobre o assunto em diversos países e por diversos intervenientes.

Em Portugal é uma matéria relativamente recente, na esfera pública torna-se visível, quando o arquitecto Jorge Figueira<sup>12</sup> teve a iniciativa de expor e impulsionar esta temática. Em 2010, Figueira organizou um colóquio, uma exposição e editou na revista – Joelho #1 – um artigo sobre as mulheres arquitectas internacionais e nacionais do século XX. A publicação indigita publicamente sobre as desigualdades vividas no seio da profissão por parte das arquitectas (des)conhecidas, o que conseqüentemente provocou algumas reações:

“(…) os homens riam-se; as mulheres desconfiavam. Um riso de tipo nervoso, é claro. E uma desconfiança com nuances: da arrogância de quem pensa que não há um “problema” à ignorância de quem desconhece a história recente ou antiga. Ou, talvez, o desconforto legítimo em ser tratado como `tema’”<sup>13</sup>.

---

11. VICENTE, Filipa Lowndes (2017) “Artes, a ilusão da Vanguarda”, in revista “XXI, ter opinião”, nº8 - Igualdade é possível? E é desejável?, Fundação Francisco Manuel dos Santos, pág. 41

12. Jorge Figueira (1965 - ), arquitecto e docente licenciado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1992), doutorado em Arquitectura pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (especialidade em Teoria e História, 2009). Para além de uma vasta obra literária, desde de 1997 que tem atelier próprio e apresenta obra construída como o Projeto de Reabilitação do Recinto do Palácio de Cristal e o seu restaurante, o restauro da Concha Acústica, o projeto do Campus Universitário em Angra do Heroísmo, nos Açores, entre outras.

13. FIGUEIRA, Jorge (2010), “Mulheres na arquitectura: Como lidar com a estranheza”, Arq.a, 80/81 (Maio- Junho), pág. 20

## Arquitectas Pioneiras

A História da Arquitectura carece do reconhecimento do legado e trabalho das várias arquitectas, trabalho esse muitas vezes heróico se considerarmos as circunstâncias pouco favoráveis, as do passado como as do presente que, como se constata no capítulo anterior, estão ainda presentes. O talento dos grandes mestres tem sido reconhecido, importa agora consolidar de igual modo, a presença das mulheres na profissão para que, o seu trabalho seja valorizado da mesma forma que o trabalho dos arquitectos, tornando-se assim fundamental um olhar sobre as primeiras mulheres arquitectas que desenharam o caminho a percorrer.

O carácter da arquitectura, até então substancialmente marcado pelo género masculino, começa a ganhar novos contornos, ainda que muito indefinidos e invisíveis, a partir do momento em que, o género feminino conquista o acesso, ainda que difícil, à academia. Em certos casos, estas mulheres com formação no campo da arquitectura alcançam e consolidam uma carreira activa profissionalmente no domínio da arquitectura; outras, não conseguiram exercer a profissão simplesmente por serem mulheres, o que as levou a se direcionarem para outras profissões.

“O registo mais remoto de uma contribuição feminina na arquitectura ocorre no século quinze e foram duas mulheres europeias que participaram na projecção e desenvolvimento de edificados, Katherine Briçonnet e Lady Elizabeth Wilbraham. Por volta de 1494 e 1526, Briçonnet foi responsável em desenhar, supervisionar e tomar decisões significativas na “*Château de Chenonceau*” no vale do Loire em França. No Reino Unido, Wilbraham (...) e foi a autora da “*Wotton House*” em Buckinghamshire”<sup>14</sup>.

Inicialmente, as mulheres eram apenas aceites a frequentar o ensino da arquitectura não como estudantes como os seus pares masculinos e, apenas com “uma especial permissão” é que poderiam frequentar o curso. Não obstante, o primeiro reconhecimento formal de uma mulher na profissão de arquitecta, na Europa, foi conquistado com a atribuição do diploma a, Signe Ida Katarina Hornborg, em 1890 pelo *Helsinki Polytechnic Institute* actualmente Universidade Tecnológica de Helsinki / *Aalto University*). Dos seus projectos destaca-se o edifício Signelinna em Pori (1892) e as fachadas da habitação colectiva Sepänkatu em Helsinki.

---

14. CABRAL, Natascha Teixeira (2017), “Três Arquitectas, Três Gerações, Uma Escola”, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, pág.39



1. Signe Ida Katarina Hornborg



2. Sophia Hayden Benett



3. Júlia Morgan



4. Jane Beverly Drew



5. Lina Bo Bardi



6. Norma Merrick Sklarek



7. Margarete Schütte-Lihotzky



8. Maria José Estanco



9. Maria José Marques da Silva



*“The first formal acknowledgement of women in the architecture profession was the awarding of an architectural diploma to Signe Hornborg from Finland in 1890. Prior to this, women were originally involved in an amateur philanthropic role”<sup>15</sup>.*

Portanto, só a partir do século XIX, é que as mulheres conseguiram fazer parte oficialmente da profissão, ainda que algumas se tenham formado e tenham sido alvo de grande discriminação não tendo conseguido exercer. Depois da Finlândia, diversos países europeus seguiram o exemplo e permitiram que as mulheres pudessem iniciar os seus estudos em arquitectura.

Sophia Hayden Bennett (1868- 1953), uma das primeiras diplomadas em arquitectura pelo *Massachusetts Institute of Technology - MIT*, também no início do século XIX, em 1890, é um dos casos mais visíveis dos preconceitos experienciados pelas mulheres que procuravam ocupar um lugar em arquitectura. A sua identidade de género sobrepôs-se à sua identidade artística, não exerceu por ser mulher, tendo sido então, obrigada a aceitar um emprego como professora de desenho técnico na *Boston High School*. Um ano após conclusão do curso, e ainda muito jovem venceu um concurso *“A Woman’s Building”*. A sua proposta baseava-se num edifício de três pavimentos no estilo renascentista italiano, sendo que o júri escolheu esse projecto para ser construído. Não obstante, durante a fase de construção Bennett não conseguiu lidar com todas as pressões sobretudo da comissão de constructores, tal a discriminação era visível até mesmo no montante que recebeu pelo projecto (1.000\$). Uma vez que, equivalia a um valor muito baixo, aproximadamente a um décimo do que receberiam arquitectos homens com um projecto equivalente<sup>16</sup>.

Sobre rumores de não ter aguentado tal pressão, foi internada durante um certo período temporal, o que a impediu de comparecer à cerimónia de inauguração do seu próprio projecto. *“O facto foi usado por muitos homens na época como prova de que mulheres não poderiam ser arquitetas”<sup>17</sup>.*

Em contraponto, Júlia Morgan (1872-1957) é um dos grandes exemplos de uma arquitecta pioneira excepcional que alcançou o seu espaço visível na disciplina. A americana foi a primeira mulher a formar-se na prestigiada Escola de Belas-Artes de Paris e tornou-se

---

15. CAVEN, V e DIOP, M(2011) *“Women and equality in architecture: An Anglo-French comparative study”* In: Egbu, C. and Lou, E.C.W. (Eds.) *Procs 27th Annual ARCOM Conference, 5-7 September 2011, Leeds, UK, Association of Researchers in Construction Management*, pág. 219. Artigo disponível em: [http://www.arcom.ac.uk/-docs/proceedings/ar2011-0217\\_0226\\_Caven\\_Diop.pdf](http://www.arcom.ac.uk/-docs/proceedings/ar2011-0217_0226_Caven_Diop.pdf) (consultado a 1 de Outubro de 2020)

16. RACKARD, Nicky (2013) , *“10 Most Overlooked Women in Architecture History”*, Archdaily Disponível em: <http://www.archdaily.com/341730/the-10-most-overlooked-women-in-architecture-history> (consultado a 1 de Outubro de 2020)

17. Arquitectas Invisíveis (2015), *“Pioneiras – Sophia Hayden Bennett”*. Artigo disponível em: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/sophia-hayden-bennett> (consultado a 1 de Outubro de 2020)

igualmente a primeira arquitecta a abrir o seu próprio escritório de arquitectura nos Estados Unidos, em 1904.

Desenhou mais de 700 edifícios sobretudo projectos residênciais, influenciando e inspirando as ambições de toda uma geração de futuras arquitectas, e como tal, em 2014, foi postumamente condecorada com a medalha de ouro do AIA. Destaca-se da sua vasta obra os projectos: “*Hearst Castle, Merrill Hall*”, reconstrução do edifício do “*Hotel Fairmont*”, entre outros.

Também a arquitecta Jane Beverly Drew (1911-1996), foi uma das primeiras mulheres, a alcançar um papel importante na história da arquitectura, uma vez que, desde cedo defendeu os direitos das mulheres na disciplina e se distinguiu na área do planeamento urbano, na arquitectura social e no ensino. Frequentou, na década trinta, o curso na *Architectural Association School of Architecture*, em Londres, tornando-se uma das primeiras mulheres a se formar na Inglaterra e fazer parte de uma associação de arquitectos e artistas com o objectivo de divulgar as ideias do Movimento Moderno, tendo conhecido importantes personalidades como Le Corbusier, com quem veio a colaborar mais tarde.

“Integrou o Mars (*Modern Architectural Research*), um grupo aliado dos CIAM em Inglaterra. durante e depois da segunda Guerra Mundial, projectou com Maxwell Fry, seu marido, edifícios de carácter social em várias partes do mundo”<sup>18</sup>.

Os seus projectos eram realizados a diversas escalas, destacando-se principalmente por estar envolvida em projectos de carácter humanitário, realizando hospitais, abrigos, escolas, edifícios residenciais e habitação social, edifícios governamentais, etc. Destaca-se sobretudo o planeamento da nova capital do estado de Punjab na Índia, Chandigarh, projectado com o seu parceiro Fry e Le Corbusier.

“*En los `80, se convirtió en la primera mujer Profesora Titular en Harvard y en el MIT y en la primera mujer en presidir la AA (Architectural Association) como miembro del concejo del RIBA (Royal Institute of British Architects)*”<sup>19</sup>.

Ainda que, muitas vezes associada em parceria ao seu parceiro de matrimónio e de vida, o seu contributo na arquitectura foi inegável o que levou à criação do “Prémio Jane Drew”, actualmente coorganizado pela *The Architectural Review* e o *The Architect's Journal* e tem

---

18. RODRIGUES, Carolina et. al. (2010), “Jane Drew: uma arquitectura de causas” Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, pág.49

19. KREIMAN, Sérgio (2015), “JANE DREW 1911-1996”, para *Un Día/Una Arquitecta*, Artigo disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/05/06/jane-drew-1911-1996/> (consultado a 3 de Outubro de 2020)

como objectivo homenagear arquitectas que, como a própria, promovam a inovação, inclusão e diversidade na arquitectura, elevando assim o perfil das mulheres na profissão.

Achilina di Enrico Bo (1914-1992), mais conhecida por Lina Bo Bardi ainda na mesma década de 30, forma-se na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Roma. Não obstante, devido à conjuntura vivida num período pós-guerra, Lina casa-se com o crítico e historiador da Arte Pietro Maria Bardi (1900 - 1999), com quem viaja para o Brasil, local onde o casal decide fixar-se. “Lina se destacou por compreender a cultura brasileira a partir de uma perspectiva antropológica, atenta sobretudo à convergência entre vanguarda estética e tradição popular”<sup>20</sup>.

É a arquitecta brasileira contemporânea mais reconhecida e influente entre os seus pares e o público, demonstra no seu trabalho uma profunda admiração pela cultura popular em constante diálogo com o Moderno. É atribuída uma especial atenção ao papel do habitante nos seus espaços “inacabados” construídos e preenchidos pelo uso popular quotidiano. Segundo Cevedio(2010), a arquitectura de Lina encara: “*La arquitectura es el espejo de la personalidad de quien la escoge, la habita o quien la proyecta*”<sup>21</sup>.

Para além de uma vasta obra construída, apresenta igualmente trabalhos de cenografia, design, artes plásticas, obra literária tendo participado em inúmeras publicações, destacando-se a revista “*Habitat*” que fundou em 1950. Projecta a sua própria residência, “Casa de Vidro” (1951), uma obra de maior destaque no modernismo do Brasil, actualmente sede do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi idealizado pelo casal. O Museu de Arte de São Paulo(1958), o SESC Pompeia(1970) e o Teatro Oficina(1990) são os projectos com uma forte referencia para a história da arquitectura da segunda metade do século XX<sup>22</sup>.

Para Montaner (2001), Lina Bo Bardi:

“...soube introduzir ingredientes poéticos, irracionais, exuberantes e irrepetíveis sobre um suporte estritamente racional e funcional. A sua obra supera as dicotomias que haviam dividido a estética do século XX: a luta entre abstracção e mimese, espírito e

---

20. BARATTO, Romullo (2019), “Em foco: Lina Bo Bardi”, Archdaily. Artigo disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/758576/em-foco-lina-bo-bardi> (consultado a 5 de Outubro de 2020)

21. CEVEDIO, Mónica (2010), “*Arquitectura y género: espacio público / espacio privado*”. 2.o ed. Barcelona: Içaria editorial, S.A, pág.41

22. FONTES, Ana et al.(2010) – “Lina Bo Bardi: Uma arquitectura de expressão social”. Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, pág. 59

matéria, razão e tradição, concepção e representação, cultura e natureza, arte e vida”<sup>23</sup>.

Para além do factor “mulher”, muitas arquitectas tiveram igualmente que ultrapassar a discriminação racial, também experienciada em arquitectura: “Martha Cassell, Norma Merrick Sklarek, Georgia Louise Harris e Beverly Lorraine Greene são também pioneiras no enfrentamento do preconceito racial na profissão”<sup>24</sup>.

Norma Merrick Sklarek [1926-2012] foi a primeira mulher afro-americana a conquistar o diploma em arquitectura, e em 1952 recebeu a licença de arquitecta e tornando-se membro do *American Institute of Architects* (AIA)<sup>25</sup>. No entanto, só quatro anos depois é que conseguiu ser empregada num *atelier* e mais tarde abriu o seu próprio escritório – “Siegel, Sklarek, Diamond”- em colaboração com mais duas arquitectas. Destaca-se o projecto de “*San Bernardino City Hall*”, “*Fox Plaza São Francisco*” e a Embaixada dos Estados Unidos em Tóquio<sup>26</sup>.

O papel do género feminino enquanto profissionais da arquitectura, concretizar-se assim, com excepcionais pioneiras após terem tido acesso ao ensino superior da arquitectura e sobretudo nos séculos XIX e início XX como foi referido anteriormente.

Como se reconhece a entrada das mulheres ao ensino é um factor determinante e como tal é importante referir as duas experiências mais relevantes de ensino durante o Movimento Moderno, com visões diferentes que marcaram decididamente toda a História da Arquitectura. Na primeira era vedado o ingresso de mulheres no curso de Arquitectura, a segunda dedicava-se ao ensino de Arquitectura e Paisagismo exclusivamente para mulheres.

A *Bauhaus* (1919-1933) representa a criação pedagógica mais relevantes do século XX; Walter Gropius, o mais importante director da escola Alemã, pretendia a “construção do homem moderno” através de uma nova identidade disciplinar conseguida pela reprodução institucional aliada ao racionalismo e funcionalismo. O arquitecto chegou a referir que as mulheres seriam, ali, detentoras dos mesmos direitos e obrigações que os seus pares masculinos. Todavia, as práticas de discriminação e desvalorização das mulheres foram constantes na escola. Este sistema identitário constituído por professores e alunos era na realidade uma utopia. As mulheres eram afastadas do curso de arquitectura e

---

23. MONTANER, Josep Maria (2001), “A modernidade superada: arquitectura, arte e pensamento do século XX”, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, pág.13

24. Arquitectas Invisíveis (2015), “Pioneiras”. Artigo disponível em: <https://www.arquitectasinvisiveis.com/pioneiras> (consultado a 5 de Outubro de 2020)

25. COELHO, Luiza Rego Dias e SOLE, Julia Mazzuti (2015), “Em Busca das Pioneiras” in, Revista “Arquitectas Invisíveis – Pioneiras” N°1, Brasil, pág. 52

26. Arquitectas Invisíveis (2015), “Pioneiras - Norma Merrick Sklarek”. Artigo disponível em: <https://www.arquitectasinvisiveis.com/norma-merrick-sklarek> (consultado a 1 de Outubro de 2020)

remetidas para outras áreas, consideradas mais adequadas às características pretensamente femininas, como a tecelagem, cerâmica e pintura.

“Muito do que as mulheres da altura produziam de artístico era rejeitado pelos homens como sendo «feminino» ou «artesanal». Os homens recebiam uma tendência demasiado «decorativa» e viam o objectivo da Bauhaus, a arquitectura, em perigo”<sup>27</sup>.

Como observa Magdalena Droste, em 1920, Gropius sugeriria ao Conselho dos Mestres, que deliberava sobre as atividades da *Bauhaus* que “a seleção devia ser mais rigorosa desde o princípio, particularmente no caso do sexo feminino, que contava já com um número excessivo”<sup>28</sup>.

Dessa forma, foram os homens da *Bauhaus* que entraram na história tais como, Klee, Wassily Kandinsky, László Moholy-Nagy e Ludwig Mies van der Rohe, entre outros, enquanto que as suas colegas foram silenciadas ou reconhecidas como meras “esposas de...”.

Numa oposta direcção, surge a experiência educacional Americana na *Cambridge School* (1915-1942), que se dedicou exclusivamente à formação exclusiva de mulheres.

“Com um foco inicial na arquitectura doméstica, a aprendizagem evoluiu rapidamente e o director Henry Frost depressa reconheceu que as estudantes conseguiam elaborar qualquer projecto de arquitectura. Apesar de uma certa relutância inicial, Frost estava decidido a formar mulheres para trabalharem efectivamente em arquitectura(...)”<sup>29</sup>.

Segundo Cole (1973), a intenção da formação na escola de *Cambridge* era preparar as mulheres de forma a que exercessem a profissão e de facto na sua grande maioria (83%) das diplomadas chegaram a praticar após conclusão do curso. O próprio director, apesar de inicialmente relutante com a possibilidade de mulheres se especializarem em arquitectura, chegou a admitir no seu escritório arquitectas formadas, pela escola que dirigia, como foi o caso da arquitecta Eleanor Raymond.

A escola de *Cambridge* representava uma alternativa para aquelas que não eram admitidas noutras escolas de arquitetura. Todavia, em 1942 encerra e, a Escola de *Harvard* passou assim a aceitar, também, alunas mulheres para o curso de arquitectura, desta vez em ensino misto.

---

27. DROSTE, Magdalena (2006), “*Bauhaus*”, *Köln: Taschen*, pág40

28. GROPIUS, Walter in: DROSTE (2006)

29. ANTUNES, Lia (2012) “Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, pág.104

Em *“Heroínas del espacio: Mujeres arquitectos en el Movimiento Moderno”*, Carmém Espegel<sup>30</sup>, expõe as primeiras e excepcionais pioneiras arquitectas, contribuindo com uma síntese teórica e histórica do papel da Mulher na Arquitectura. A autora destaca que tradicionalmente, os historiadores e académicos eram homens e consequentemente as mulheres criadoras e artistas raramente eram referenciadas na História. “Consequentemente, a história da arquitectura foi escrita por homens e sobre homens e, talvez mesmo para homens”<sup>31</sup>.

No entanto, para Montaner a forte presença de mulheres como Alison Smithson, Lina Bo Bardi ou Denise Scott Brown:

*“...no es casual que en la arquitectura y el urbanismo que parte decididamente del «principio de realidad». La manera de pensar, actuar y proyectar el mundo por parte de las mujeres tiene que ver con la voluntad de hacer suyas las relaciones sociales, con la capacidad para nombrar en detalle los fenómenos y con la intención de intervenir en la realidad expresando y aplicando la propia experiencia”<sup>32</sup>.*

Espegel refere igualmente que, o movimento moderno, “maquina de habitar”, não foi feito apenas por homens, mas antes que muitas mulheres foram sujeitas á sombra dessa dita modernidade, destacando nomes como:

*“Margaret MacDonald (Charles Rennie Mackintosh), Anna Muthesius (Hermann Muthesius), Lilly Reich (Mies van der Rohe), Truus Schröder (Gerrit Thomas Rietveld), Marlene Poelzig (Hans Poelzig), Grete Schütte-Libotzky (Ernst May), Charlotte Perriand (Le Corbusier y otros), Eileen Gray (Jean Badovici), Rashel Moiseevna Smolenskaya (Nicolai Ladovsky), Karola Bloch (Auguste Perret), Alison Smithson (Peter Smithson), Ray Eames (Charles Eames), Kaija Siren (Heikki Siren), Cármen Portiño (Eduardo O’Reidy), Franca Helg (Franco Albini) o Clara Porset (Luís Barragán) han sido algunas de las escasas mujeres que han intervenido como sujetos históricos de la industrialización arquitectónica, aunque sus trabajos hayan resultado eclipsados, sin excepción, por*

---

30. A arquitecta Carmén Espegel Alonso (1960-) tem atelier próprio desde de 1985 e em 2003 fundou, com María Concepción Fisac de Ron a empresa “espegel-fisac arquitectos” que conta com uma vasta obra construída e literária. Doutorada (1997) pela Escola Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, com o trabalho *“Proyecto E-1027 de Eileen Gray-Jean Badovici: Drama de la Villa Moderna en el Mediterráneo”*, merecedor de um prémio especial de doutoramento. Lecciona na ETSAM como professora titular do Departamento de Projectos Arquitectónicos, sendo ainda responsável pela Unidade Docente. Desde 2005, dirige o grupo de investigação “Vivienda colectiva” e integra como investigadora o projecto de investigação “Mapa de Habitación” do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (CEAU) da FAUP.

31. ANTUNES, Lia (2012) “Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, pág.115

32. MONTANER, Josep Maria (2008), “Sistemas arquitectónicos contemporáneos”. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, pág. 114

*los prestigiosos nombres de sus compañeros o mentores, aquí señalados entre paréntesis*<sup>33</sup>.

Esta apropriação indevida e falsa atribuição de autorias, é abordada em mais detalhe nesta investigação no capítulo seguinte, sobre a temática das parcerias e coautorias.

Segundo a autora, Margarete Schütte-Lihotzky (1897-2000) trata-se da primeira mulher Austríaca a formar-se em arquitectura, e uma das poucas que conseguiu na primeira metade do século XX, conquistar um lugar em arquitectura, mesmo num período muito masculinizado na disciplina.

Projectou a famosa “Cozinha Frankfurt” (1927) - um símbolo da vida moderna, com peças pré-fabricadas e com critérios estreitamente funcionais. *“La cocina se diseñó para facilitar y racionalizar las labores domésticas del ama de casa, con el objetivo de mejorar así la posición social de la mujer”*<sup>34</sup>.

Após a sua formatura, trabalhou em vários projectos com Adolf Loos e mais tarde Ernest May convidou-a a participar num projecto destinado a um bairro de operários.

Pelas palavras da própria na comemoração do seu centésimo aniversário, ela reconhece que: “Em 1916 ninguém concebia que uma mulher poderia estar associada ao projecto de uma casa, nem mesmo eu”<sup>35</sup>.

Retrata também que ao longo da sua vida, procurou desenvolver o conceito de “vivenda mínima”, a casa para uma mulher trabalhadora, tendo escrito vários artigos sobre essa temática.

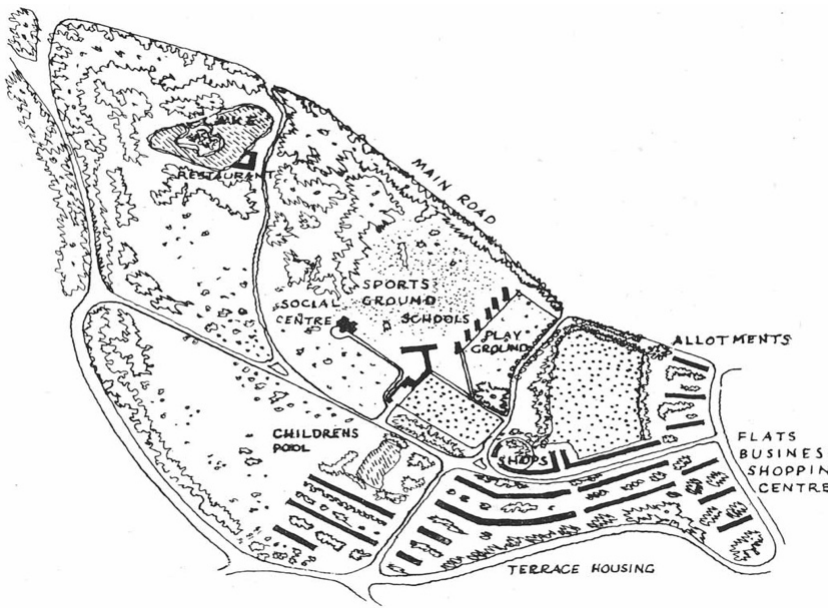
Espegel descreve e enquadra igualmente a história de vida pessoal e profissional de Eillen Gray, Lilly Reich e Charlotte Perriand, ainda que associadas a um parceiro masculino.

---

33. ESPEGEL, Cármen (2007), *“Heroínas del espacio: Mujeres arquitectos en el Movimiento Moderno”*. Buenos Aires: Nobuko, pág.77

34. Ibid, pág.165

35. ROCHA, Filipa et al.(2010), “Margarete Schutte-Lihotzky. A arquitecta da funcionalidade” - Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, pág. 47



10. "Drew's Proposal for 'combined park and housing'"



11. Hearst Castle



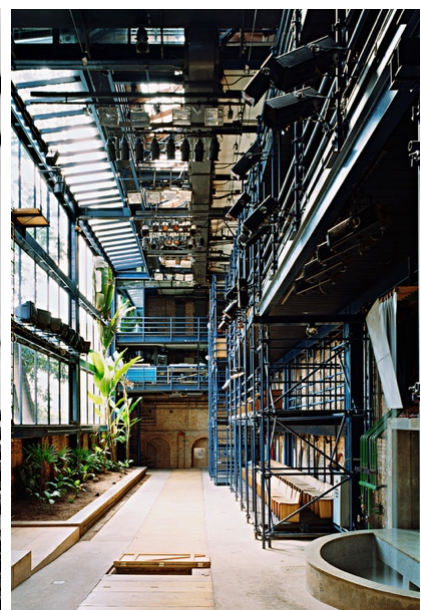
12. Casa de vidro



13. Museu de Arte de São Paulo



14. SESC Pompeia



15. Teatro Oficina



Já, o percurso das mulheres na arquitectura em Portugal teve início com as primeiras arquitectas a diplomarem-se, aqui apenas no século XX. São elas Maria José Estanco que foi a primeira mulher a frequentar o curso de arquitectura entre os anos de 1937 e 1942 na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e Maria José Marques da Silva, na Escola de Belas Artes do Porto entre os anos de 1938 e 1943.

Maria José Estanco (1905-1999), para além de pioneira no curso recebeu o prémio anual de “o melhor aluno de Arquitectura”. Submete o pedido para ser admitida às provas do CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto), sete anos após terminar o curso, com o projecto “Um Jardim-Escola no Algarve”, que mais tarde foi publicado e ingressou na capa da “Revista Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação” (1945) contendo pormenores sobre o projecto, incluindo vários desenhos da arquitecta.

Não obstante, apesar de academicamente ter sido aceite, o mesmo não se verificou quer pela sociedade quer pelo mercado de trabalho. Foi mencionada como “a senhora arquitecto” e nunca conseguiu ser admitida em nenhum *atelier*, desistindo de exercer como arquitecta, seguindo a carreira ligada ao ensino<sup>36</sup>. Pelas palavras da própria:

“Não queriam que eu fosse ‘arquitecta’, queriam que eu fosse a ‘senhora arquitecto’. Eu disse sempre não. Os femininos dos cabos terminados em ‘o’ transformam-se em ‘a’, ora ‘arquitecto’ passar a ser ‘arquitecta’ e eu sou arquiteta nunca escrevi outro nome. É claro que isto irritou muita gente mas eu tive muitas pessoas amigas ao mesmo tempo”<sup>37</sup>.

Paralelamente ao ensino, dedicou-se à decoração de interiores e de desenho de mobiliário, criando uma secção nessas áreas na Revista Modas e Bordados.

O seu único projecto construído foi encomendado por uma amiga Maria da Conceição Duarte para conceber a moradia “Casa de Veraneio” em São Pedro de Moel (1947). Esta pioneira foi marcada pelo (ir)reconhecimento e impossibilidade de afirmação da profissão, defensora dos direitos das mulheres e membro do Movimento Democrático de Mulheres da qual recebeu uma distinção de honra.

Em contrapartida, a primeira arquitecta formada no Porto, Maria José Marques da Silva Martins (1914-1996) teve um percurso muito distinto comparativamente à primeira

---

36. MARREIROS, Glória Maria. (1992). “A Conversa com Maria José Estanco, A Primeira Arquitecta Portuguesa”. Nós as Mulheres. Lisboa. 6 Cit. in. PEDROSA, Patricia Santos. (2010). Being a Female Architect in Portugal: A Short Introduction to a Long Ride, p. 236. Artigo disponível em: [https://www.academia.edu/949145/Being\\_a\\_female\\_architect\\_in\\_Portugal\\_a\\_short\\_introduction\\_to\\_a\\_long\\_ride](https://www.academia.edu/949145/Being_a_female_architect_in_Portugal_a_short_introduction_to_a_long_ride)(consultado a 6 de Outubro de 2020)

37. ESTANCO, Maria José cit in ROXO, J. (2016), “A Senhora Arquitecto: Maria José Estanco” Projecto Final de Arquitectura, Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Instituto Universitário de Lisboa, pág,87



16. Casa em São Pedro de Moel - unica obra da architecta Estanco



17. Casa em São Pedro de Moel - unica obra da architecta Estanco

arquitecta de Lisboa, e constituiu a primeira parceria “oficial” entre géneros diferentes em Portugal.

“Terminado o curso especial em 1939, a arquiteta faria o tirocínio de 1939 a 1943 sob orientação do pai, o arquiteto José Marques da Silva e prepararia a sua tese que defenderia publicamente, em 1943, subordinada ao tema *A Casa das Rendilheiras*”<sup>38</sup>.

Pioneira na escola de Belas Artes do Porto, a arquitecta obteve o diploma de arquitectura com a classificação distinta de 18 valores, iniciando a sua actividade profissional no *atelier* do pai, Marques da Silva, onde conhece David Moreira da Silva com quem e contrai matrimónio. Aqui poder-se-á especular que, o facto de ter conseguido um lugar em arquitectura, se deveu à circunstância familiar de estar associada ao seu pai, importante arquitecto portuense, e à aliança com o seu marido arquitecto.

“Após o casamento com o arquitecto David Moreira da Silva, todo o trabalho da arquitecta Maria José passa a ser feito em coautoria com o seu marido e será desenvolvido sempre em compromisso com o que José Marques da Silva pensou e iniciou como arquitecto”<sup>39</sup>.

O casal projectou uma variedade de obras em diversas escalas, ligada sobretudo a planos gerais de urbanização, desenho urbano, monumentos, equipamentos, habitações (rurais e urbanas) e peças de mobiliário. Evidencia-se como exemplo os edifícios da “Cooperativa dos Pedreiros”, a sua sede (1934/39), “Palácio do Comércio” (1946/54), o Prédio de rendimento “trabalho e reforma” (1949/53), entre outros edifícios de habitação espalhados sobretudo pela cidade do Porto. Foram responsáveis, igualmente, por concluir inúmeros projectos iniciados por Marques da Silva e que o casal deu continuidade após a morte do arquitecto, destacando-se sobretudo na cidade de Guimarães (Sociedade Martins Sarmiento, Mercado de Guimarães, santuário da Penha), em Barcelos e no Porto.

Maria José para além de ser participante em todas as fases dos projectos, empenhou-se em cargos de chefia na Associação dos Arquitectos Portugueses (norte) e na luta pelo direito à arquitectura; Foi igualmente responsável, assim como o seu parceiro, de criar a Fundação Marques da Silva, onde reuniam e perpetuaram a obra do seu pai, demonstrando uma vontade imperativa de reconhecimento. Actualmente, alberga não só o espólio de Marques da Silva, como também o de Maria José Marques da Silva e de David Moreira da Silva.

---

38. PIRES, Maria do Carmo (2012), “O Atelier de Arquitectura/Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins: visibilidade da memória”, Dissertação de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (volume I de III) pág.141

39. TRIGOSO, Ana et al. (2010), “Maria José Marques da Silva – Memória, continuidade, intervenção”- Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, pág.62



18. Edifício Seda e oficinas da Cooperativa dos Pedreiros



19. Palácio do comércio

“Aqui o casal de arquitetos gere as suas competências profissionais/pessoais de uma forma caracterizada pela paridade resultante do trabalho complementar, numa época em que raras eram as mulheres formadas e entendidas como iguais no trabalho profissional pelos familiares. Temos aqui uma das primeiras lições dadas pelo casal, numa conjuntura política e social na qual o papel desempenhado, na esfera pública, pela mulher era subvalorizado. Maria José Marques da Silva Martins, filha de Marques da Silva e companheira de David Moreira da Silva, tem um lugar valorizado e de complementaridade com estes dois nomes enquanto familiar e colega de numa área raramente partilhada”<sup>40</sup>.

Portanto, ao analisarmos as condições profissionais destas duas pioneiras nacionais poder-se-á referir que se encontra dois modos de (in)visibilidade que tendem a repetir-se década sob década, como se verificará nos restantes capítulos da presente investigação.

Uma, a mais radical, como aconteceu com Estanco, foi a negação pura ao exercício da profissão, apesar de já haver acesso ao ensino, implica o abandono da profissão, por não ter lugar à prática efectivamente em arquitectura. Já que ambas são contemporâneas a outra, contorna o preconceito através de uma parceria e casamento com um arquitecto para ter efectivamente espaço na profissão.

Questiona-se se Maria José Marques da Silva teria conseguido de facto ser arquitecta se não fosse a circunstância da sua vida pessoal. Mesmo assim, ainda hoje há algum (des)conhecimento sobre esta arquitecta, e a problemática autorial por vezes, exprime-se em silenciamento no reconhecimento do trabalho efectuado, invalidando metade da parceria,. Assunto que se avançará no capítulo seguinte da presente dissertação, constata-se assim, uma dupla (re)produção de discriminações de género em arquitectura.

Em suma, a situação actual das arquitectas, pressupõe numa fase inicial entender os percursos “históricos” das arquitectas, o acesso da mulher ao exercício de arquitectura, o reconhecimento do seu trabalho, ou pelo contrário, o silenciamento e indevida apropriação do mesmo, como se constata nos casos apresentados.

Identificar e (re)conhecer o percurso das primeiras mulheres arquitectas internacionais e nacionais - as pioneiras e aquelas que não viram a sua história ser contada, torna-se vital numa procura pela (re)formulação e (des)construção da história da arquitectura. Para nela incluir as perspectivas de arquitectas, demonstrando que essa realidade ainda se reproduz na contemporaneidade, e assim tornar possível alcançar a verdadeira paridade na disciplina da Arquitectura.

---

40. PIRES, Maria do Carmo (2012), “O Atelier de Arquitectura/Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins: visibilidade da memória”, Dissertação de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (volume I de III) pág.184



## **CAPÍTULO III | (Co)autoria em Arquitectura: Parcerias uma Questão de Género?**

Uma vez alcançado o gradual acesso ao ensino, os percursos das mulheres iniciam-se em arquitectura, especialmente marcados por uma dificuldade em ocupar lugar na esfera profissional da arquitectura. Assim, para além do reconhecimento das primeiras pioneiras que abriram caminho a muitas outras e, da identificação da dupla exclusão que as arquitectas experienciam é necessário igualmente, compreender um outro lado da questão, no que diz respeito às parcerias/colaborações.

O modo como os historiadores, críticos, júris e profissionais reconhecem a realidade complexa da produção e autoria em coautorias, evidencia outra problemática dentro da qual o papel da arquitecta corre o risco de ser subvalorizado e ficar na sombra do seu respectivo parceiro, problemática essa abordada neste capítulo.

## (Co)autoria em Arquitectura: Parcerias uma Questão de Género?

*“...the female architect who works with her husband will be submerged in his reputation”<sup>41</sup>.*

Doris Cole, umas principais precursoras dos estudos da Mulher na Arquitectura e no Urbanismo, em *“From tipi to skyscraper: a history of women in architecture”* analisa o contributo da mulher e a sua situação social no contexto presente, da sua época.

Nesta obra transparece a importância que a mulher tem na formação da civilização, da sociedade e do lar. A autora constata que o elemento feminino é fundamental ao aplicar os seus conhecimentos do “doméstico” fora da esfera privada, ou seja no domínio público e consecutivamente no desenvolvimento da cidade<sup>42</sup>.

Reconhece de igual modo que, ainda assim, muitas mulheres queriam ter uma vida social considerada convencional que incluía o matrimónio e a procriação, mas em simultâneo, ter uma carreira profissional ligada a este campo de actividade.

Desta forma, a solução que várias arquitectas encontraram seria a de trabalharem com o próprio marido arquiteto, misturando a esfera privada com a esfera laboral.

Assim, como o percurso de inúmeras mulheres arquitectas, a título individual, era (e, actualmente, aparenta ainda ser) próximo do impraticável, muitas profissionais optaram por iniciar as suas carreias sendo auxiliares de grandes mestres de arquitectura e/ou constituir equipa, geralmente, com o seu respectivo companheiro de vida.

*“Marriage to or partnership with another architect presents both obstacles and opportunities. Whether married to their male business partners or not, many women designers have been overshadowed by them. Women have often been eclipsed in this way because of the phenomenon of misattribution, one of many subtle forms of discrimination. They do not receive credit where credit is due, and their achievements are attributed to another person”<sup>43</sup>.*

---

41. BROWN, Denise Scott (2009), *“Having Words”*. Londres: Architectural Association Publication, pág. 85-86

42. COLE, Doris. (1973) *“From tipi to skyscraper: a history of women in architecture”*. Cambridge: The MIT Press, pág. 57

43. ANTHONY, Kathryn H. (2001), *“Design for Diversity: Gender, Race and Ethnicity in the Architectural Profession”*, University of Illinois Press, pág. 56



Kathryn Anthony em *“Design for Diversity: Gender, Race and Ethnicity in the Architectural Profession”* aborda temas como *“husband-wife partnerships”*, *“women critics”*, *“sexism and the star system”*, entre outros. Refere que Denise Scott Brown foi das primeiras mulheres arquitectas a falar sobre como a sua circunstância de ser casada com um arquitecto e sócio de *atelier*, desde do início, definiu a sua carreira.

*“In her disturbing 1989 essay, Denise Scott Brown was among the first to protest what she called ‘sexism and the star system’ in architecture’. Her essay provides a stinging comparison of her own professional success with that of her ‘star’ husband, Roberto Venturi, in their professional design practice (...)”<sup>44</sup>.*

Menciona uma entrevista que Scott Brown deu em 1997, onde a própria espécula se, a discussão de ser mulher arquitecta seria válida caso não fosse casada com Venturi; Denise questiona, teria a sua carreira ido “mais além” se esta condição de matrimónio não tivesse influenciado toda a sua profissão e vida? Não obstante, em simultâneo, considera que, a questão também se poderia posicionar para o seu parceiro, teria Venturi avançado mais na sua carreira se não tivesse casado com Denise?

A arquitecta retrata que, para evitar declarações errôneas, o VSBA (Venturi, Scott Brown and Associates) fornecia uma folha informativa, cuja descrição referia a forma como deveriam ser feitas as atribuições, de um determinado projecto em nome do *atelier*, um certo artigo ou livro em nome do(s) autor(es) que o escreveu, etc.

Contudo, e mesmo assim, havia uma apropriação do seu trabalho, *“(...)the first indication of my new status came when an architect whose work I had reviewed said ‘we at the office think it was Bob writing, using your name’”<sup>45</sup>.*

Alguns críticos faziam uma atribuição pró-forma, não seguiam o indicado pelo *atelier*, e o(s) projecto(s) e/ou a escrita concebida(s) era atribuído(s) a Robert Venturi, mesmo que viesse explicito que a produção tinha sido em coautoria ou, note-se, mesmo que a indicação fosse a título individual de Denise.

*“A colleague asks ‘why do you worry about these things? We know you’re good. We know that your real role in the office and in teaching. Isn’t that enough?’ I doubt whether it would be enough to my male colleagues. What would Peter Eisenman do if his latest article were attributed to his co-editor Kenneth Frampton?”<sup>46</sup>*

---

44. Ibid, pág. 67

45. BROWN, Denise Scott (2009), *“Having Words”*. Londres: Architectural Association Publication, pág.79

46. Ibid, pág. 80

Segundo Anthony (2001), as parcerias profissionais e matrimoniais representam a solução que muitas mulheres seguiram para alcançar um lugar em arquitectura. No entanto, o “*star system*”, habitualmente atribui crédito a um único indivíduo (do género masculino) e conseqüentemente, muitas destas arquitectas (como a maioria dos colaboradores), permaneceram desconhecidas, não documentadas nem publicadas, existindo e apagadas na sombra dos seus parceiros.

*“The star system, which sees the firm as a pyramid with a designer on top, has little to do with today’s complex relations in architecture and construction. But as sexism defines me as a scribe, typist and photographer to my husband, so the star system defines our associates as second bananas and our staff as pencils”<sup>47</sup>.*

Em “Questões de género em arquitectura: história(s), espaço(s) e experiências profissionais e arquitectónicas”<sup>48</sup> interpretam-se os mesmos conceitos de “*star system*”, “autoria e génio”, numa história sucinta da arquitectura como profissão marcadamente masculina e a (outra) história das mulheres na arquitectura.

A autora, Lia Antunes, analisa obra de Andrew Saint, “*The Image of the Architect*”<sup>49</sup>, onde a arquitectura é retratada de acordo com a imagem pública que produz e o arquitecto considerado o herói, o génio, o profissional, o homem de negócios. Ou seja, a “masculinidade” do arquitecto não se apresenta meramente como um facto histórico - algo que permanece por analisar, assim como, a participação ausente das arquitectas que teimosamente se mantêm.

A arquitectura deve reposicionar-se constantemente e abandonar a exaltação do arquitecto-artista-herói. O “*status quo*” do arquitecto evoluiu e não se encontra mais num contexto renascentistas do “artista-artesão” ao serviço do poderoso mecenas.

A circunstância do meio de trabalho da arquitectura foi sendo alterada, criando-se uma nova dinâmica de colaboração com ênfase sobretudo em parcerias e, especialmente, entre géneros diferentes.

Antunes (2016) menciona de igual modo, “*Architecture: A Woman’s Profession*” de Tanja Kullack, obra que dá voz a várias arquitectas. As arquitectas entrevistadas realçam a importância do trabalho em equipa e de todo o processo inerente, apesar de permanecer

---

47. BROWN, Denise Scott (1989), “*Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture*”, in Ellen Perry Berkeley (org.), *Architecture: A Place for Women*, Washington DC, Smithsonian Institution Press, pág. 240.

48. ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil (2016), “Questões de género em arquitectura: história(s), espaço(s) e experiências profissionais e arquitectónicas”. Lisboa, n.33, pág. 67-81. Artigo disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n33/n33a06.pdf> (consultado a 18 de Janeiro de 2020)

49. SAINT, Andrew (1983), “*The Image of the Architect*”, UK, Yale University Press.

a ideia utópica da criação singular, pois é daqui que advém a percepção de criatividade por parte do público. Esta expectativa de autoria individual é realçada por Mónica Ponce de Leon:

*“There is no authorship to a building. However there’s still the myth of singular authorship, which is expressed in the question of who actually designed this or that building, when in fact is the result of many people (...) we seem to hold on to the archaic idea of the ‘master architect’”*<sup>50</sup>.

A invisibilidade feminina em colaborações é, de igual modo, abordada num artigo publicado no jornal *The New York Times*, sob o título *“Keeping houses not building them”*<sup>51</sup>, que ilustra esta segregação histórica sobre as mulheres arquitectas que subsistem em segundo plano, quando se associam a parcerias com um arquitecto. O autor relembra, com pertinência, o episódio do prémio Pritzker apenas entregue, em 1991, ao elemento masculino da parceria entre Venturi e Scott Brown<sup>52</sup>; o caso de Le Corbusier e da tentativa de apropriação do trabalho de Eileen Grey, designadamente, a sua obra-prima – a “Casa E.1027”; a história do arquitecto Ludwig Mies van der Rohe considerado um dos principais nomes da arquitectura do século XX e e da sua parceira Lilly Reich que, em contrapartida, permaneceu no anonimato até a sua morte, apesar de trabalharem juntos cerca de treze anos. “Foi coautora de muitos dos famosos projetos atribuídos apenas ao arquiteto, como o Pavilhão de Barcelona e a Casa Tugendat”<sup>53</sup>.

*“Couples Who Build More Than Relationships”*<sup>54</sup>, um outro artigo da mesma publicação, retrata alguns casais arquitectos que são parceiros na profissão e no matrimónio. Estereótipos de ser homem e de ser mulher numa parceria - percepções do mundo exterior: a ideia de que os homens são mestres da tectónica (ou seja do estruturante e essencial) e as mulheres mestres da beleza e decoração (ou seja do fútil e acessório).

---

50. LEON, Monica Ponce de et al. (2010), *“On Authorship and Genius”*, in Tanja Kullack (org.), *Architecture: A Woman’s Profession*, Berlin, Jovis, pág. 23

51. OUROUSSOFF, Nicolai (2007), *“Keeping houses not building them”*, *New York Times*. Artigo disponível em: <https://www.nytimes.com/2007/10/31/arts/design/31woma.html> (consultado a 7 de Janeiro de 2020)

52. Igualmente no século XXI se repete este tipo de invisibilidades em colaborações, como caso da arquitecta Lu Wenyu, que permaneceu na sombra quando o prémio Pritzker foi entregue, em 2012, apenas ao seu parceiro e marido Wang Shu, apesar de ambos trabalharem em coautoria não sendo possível distinguir o trabalho de cada um e de, à data já terem sido entregues Pritzker’s a outras parcerias.

53. Coletivo “Arquitetas Invisíveis”. Artigo disponível no site: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/lilly-reich> (consultado a 19 de Abril 2020)

54. POGREBIN, Robin (2007), *“Couples Who Build More Than Relationships”*, *New York Times*. Artigo disponível em: <https://www.nytimes.com/2007/04/22/arts/design/22pogr.html> (consultado a 10 de Janeiro de 2020)

Ou que, por muitas vezes, emerge a presunção de que o parceiro masculino assume a direcção do escritório enquanto que a parceira se dedica ao ensino; o facto é que, predomina a dificuldade do elemento feminino obter paridade de créditos relativamente ao elemento masculino da dupla.

São retratados alguns exemplos como os dos arquitectos Tod Williams e Billie Tsien, que confessam rezear que a arquitecta fosse desconsiderada profissionalmente devido à relação pessoal que ambos mantêm. No entanto, expõem de igual modo, “*clichés*” no trabalho do homem. “*A perfect example is interiors. Personally I think I’m as good at fabrics as she is*”<sup>55</sup>.

Segundo Pogrebin (2007), de um modo geral, os arquitectos casados e parceiros de *atelier* revelam que, serem uma dupla profissional é vantajoso para a arquitectura e permite uma sinceridade inigualável que eleva o trabalho. Trabalhar em colaboração nem sempre significa uma divisão rígida do trabalho, cada um tem espaço para abordar diferentes elementos de um projeto, mas o trabalho conceitual crucial resulta de uma troca constante de todos os elementos constituintes da parceria.

Esta inserção da profissional feminina na arquitectura em coautoria emerge, ainda que, permaneça no anonimato em detrimento do seu parceiro masculino.

*“In fact, some of the best known contemporary women architects are part of husband-wife teams.(...) Yet Deborah Dietsch, former editor-in-chief of Architecture magazine, aptly notes that women-owned firms, although increasing in number, have received little attention in the press compared to women architects in partnership with men, especially husband and wife teams”*<sup>56</sup>.

É assim necessário saudar uma noção de criatividade conjunta, caso contrário se houvesse diferenças incompatíveis significativas no método de concepção e criação, isso levaria a uma divisão profissional. As coautorias são representativas de uma genérica tendência actual de colaboração e que deveria alterar a definição anterior tradicional de parcerias em arquitectura, onde o elemento feminino permanece na obscuridade: “*I did what most successful female architects did before Zaha: I partnered with my husband. (... I simply chose not to swim against the tide. Yes, he knows I use him sometimes to open the road for me, and he is fine with that*”<sup>57</sup>.

---

55. WILLIAMS, Tod cit. In POGREBIN (2007)

56. ANTHONY, Kathryn H. (2001), “*Design for Diversity: Gender, Race and Ethnicity in the Architectural Profession*”, University of Illinois Press, pág. 65

57. QUINTANILHA, Flávia cit In POGREBIN, Robin (2016), “*I Am Not the Decorator: Female Architects Speak Out*”, New York Times. Artigo disponível em: [http://www.nytimes.com/2016/04/13/arts/design/female-architects-speak-out-on-sexism-unequal-pay-and-more.html?\\_r=2](http://www.nytimes.com/2016/04/13/arts/design/female-architects-speak-out-on-sexism-unequal-pay-and-more.html?_r=2) (consultado a 06 de Fevereiro de 2020)

## “Mrs & Mr Architects”

*“For a woman to go out alone in architecture is still very, very hard”<sup>58</sup>.*

A problemática autoral das duplas emerge numa nova forma de trabalho em arquitectura, quer seja em parcerias profissionais matrimoniais, ou não matrimoniais, dá-se lugar a colaborações projectuais, sendo o principal objectivo do actual capítulo o (re)conhecimento de certas coautorias, de forma a identificar e evidenciar sobretudo os elementos femininos, as arquitectas que persistem na sombra de grandes arquitectos.

Torna-se, assim, necessário abandonar o conceito idílico do arquitecto desenhador exclusivo de um projecto no seu todo como um génio, detentor de uma visão do mundo ímpar e brilhante, porque não passa de uma ideia romântica que nada deve à realidade da profissão. Isto implica dar créditos a quem de direito e acabar com a abusiva apropriação do trabalho de outros.

Trata-se de um instrumento de discriminação activa e de controle do trabalho das mulheres usado abundantemente pelo patriarcado, desde que as mulheres entraram no mercado de trabalho, em fins do século XIX e que parece caracterizar no geral as relações laborais das mulheres em todo o século XX.

*“Las mujeres arquitectas del siglo XIX y principios del XX han permanecido en la mayoría de los casos escondidas, a la sombra de sus parejas masculinas a las que se les ha atribuido de forma exclusiva toda la producción de sus estudios. (...) Es interesante observar como casi todo los grandes arquitectos del siglo XX, considerados como genios de la arquitectura, han estado acompañados en casi todas las etapas de su vida por mujeres arquitectas, diseñadoras o artistas activas profesionalmente”<sup>59</sup>.* Assim, uma revisão de alguns casos apresenta-se a seguir, demonstrando os contornos deste fenómeno:

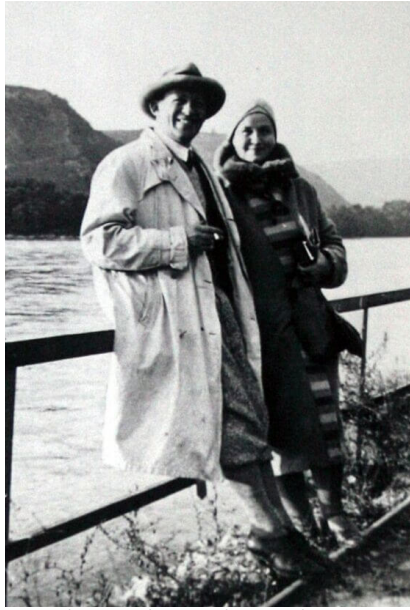
---

58. HADID, Zaha cit In POGREBIN (2016)

59. RODERO, López Myriam (2015), “Mujeres en la sombra: Aino Marsio”. Presentado en el Congreso “Arquitectas”. Artigo disponível em: [https://undiaunaarquitecta.files.wordpress.com/2015/04/congreso-arquitectas\\_myriam-lopez-rodero.pdf](https://undiaunaarquitecta.files.wordpress.com/2015/04/congreso-arquitectas_myriam-lopez-rodero.pdf) (consultado a 10 de Fevereiro de 2020)



20. Walter Griffin e Marion Mahony



21. Alvar Aalto e Aino Aalto



22. Ray Eames e Charles Eames



23. Louis Kahn e Anne Tyng



24. Alison Smithson e Peter Smithson



25. Roberto Venturi e Denise Scott Brown



26. Charlotte Perriand, Le Corbusier e Pierre Jeanneret



27. Lilly Reich e Mies van der Rohe



28. Eileen Grey e Jean Badovici

## Marion Mahony Griffin (1871-1961) e Walter Burley Griffin (1876-1937)

Marion Mahony Griffin, para além, de ter sido umas das primeiras mulheres do mundo a formar-se em arquitectura no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) em 1894, foi, também, a primeira funcionária que Frank Lloyd Wright contratou para o seu *atelier*, permanecendo como colaboradora por quase quinze anos. Apesar de, Wright não lhe ter dado muito reconhecimento público, foi fundamental no desenvolvimento dos projectos da Prairie School sendo que, muitos desenhos, móveis, vitrais mosaicos e painéis decorativos eram da sua autoria. O artigo intitulado de “*Rediscovering a Heroine of Chicago Architecture*”<sup>60</sup>, descreve a trajectória da arquitecta. “*She did the drawings people think of when they think of Frank Lloyd Wright*”<sup>61</sup>.

Bernstein (2008), referência Barry Byrne, um outro colaborador do escritório de Wright, que escreveu vários artigos após a morte do mestre, sobre as experiências do *atelier* e de vários concursos internos que eram feito dentro do escritório: “*He recalled that Mahony won most of them and that Wright filed away her drawings for future use, chastising anyone who referred to them as ‘Miss Mahony’s designs’*”<sup>62</sup>.

Mais tarde, Mahony casa com Griffin (um outro colaborador de Wright) e com quem começa a trabalhar em parceria. Elaboram várias residências ao estilo da “Pradaria” nos Estados Unidos, Índia e Austrália, mas é o projecto de Canberra que, apesar de não ter sido todo construído, o plano urbanístico mais marcante em que Mahony foi coautora e ilustradora. Um século depois, o historiador de arquitectura Reyner Banham atribui-lhe o título de maior desenhista de arquitectura da sua geração, apesar de ter vivido na sombra dos homens com quem trabalhou.

*“It’s can be argued that it was Mahony’s distinctive renderings that created the public face that helped Wright’s work command attention throughout the world. (...) She is one a series of pioneering women architects and designers who have disappeared into the deep shadow of their male associates - Lill Reich in that of Mies van der Rohe, Aino Aalto in that of Alvar Aalto, and Mahony, in that of both Wright and her husband Walter Burley Griffin”*<sup>63</sup>.

---

60. BERNSTEIN, A. Fred (2008), “*Rediscovering a Heroine of Chicago Architecture*”, *New York Times*. Artigo disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/01/01/arts/design/01maho.html> (consultado a 25 de Março de 2020)

61. WOOD, Debora cit In BERNSTEIN (2008)

62. BERNSTEIN (2008), op. Cit.

63. BECKER, Lynn (2005). “*Frank Lloyd Wright’s Right-Hand Woman*”. Artigo disponível em: <https://lynnbecker.com/repeat/Mahony/mahony.htm> (consultado a 8 de Fevereiro de 2020)

## Aino Aalto (1894-1949) e Alvar Aalto (1898-1976)

Apesar do elemento masculino desta parceria ser facilmente reconhecido, o mesmo, não se pode referir em relação ao elemento feminino:

*“(...) una de las arquitectas finlandesas más importantes de principios del siglo XX, pareja profesional y personal de Alvar Aalto desde su comienzo profesional hasta su muerte en 1949. Al igual que con las parejas profesionales de muchos arquitectos, se mantuvo en un segundo plano y como en los otros casos, no se le ha valorado justamente”<sup>64</sup>.*

Não obstante, Aino Aalto teve um papel relevante nesta dupla, quer no campo da arquitectura, design de interiores como no desenho de mobiliário. Foi uma das primeiras arquitectas a formar-se na Finlândia (1920) no Instituto Tecnológico de Helsínquia, onde conheceu Alvar Aalto. Apesar de ser mais velha e de ter conseguido trabalhar na área enquanto estudante e depois de formada, não constituiu escritório próprio; Em 1924 começa a trabalhar no *atelier* de Aalto, com quem casa meses depois.

Considera-se que, muitos dos projectos da arquitecta, não lhe são atribuídos, especialmente no que diz respeito, aos seus contributos nos interiores das obras de arquitectura, que ficaram sempre na sombra do mérito do seu marido. *“En las obras de arquitectura moderna en las que trabajaron, historicamente atribuidas exclusivamente a Alvar Aalto (...)”<sup>65</sup>.*

No entanto, segundo Giedion (1969), Aalto sempre procurou o reconhecimento da sua mulher e colocava, na maioria dos projectos e exposições, o nome de Aino em primeiro lugar do que o seu próprio - Aino & Alvar Aalto<sup>66</sup>.

Em 2004, pela primeira vez, numa exposição organizada no Museu Alvar Aalto, Aino é representada e reconhecida enquanto figura singular quer como artista independente quer como coautora de Alvar. Trata-se do primeiro livro dedicado exclusivamente à arquitecta, onde se afigura uma visão geral, quer pessoal como profissional, de Aino com artigos e desenhos seus e onde se retém que, Aalto lvar tinha frequentes viagens ao estrangeiro e era sua parceira que ficava responsável pelo *atelier* e por todos os projectos<sup>67</sup>.

---

64. RODERO, López Myriam (2015), *“Mujeres en la sombra: Aino Marsio”*. Presentado en el Congreso “Arquitectas”. Artigo disponível em: [https://undiaunaarquitecta.files.wordpress.com/2015/04/congreso-arquitectas\\_myriam-lopez-rodero.pdf](https://undiaunaarquitecta.files.wordpress.com/2015/04/congreso-arquitectas_myriam-lopez-rodero.pdf) (consultado a 10 de Fevereiro de 2020)

65. MARCIANI, Florencia (2015), “AINO AALTO 1894-1949”, para *Un Día | Una Arquitecta*. Artigo disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/04/09/aino-aalto-1894-1949/> (consultado a 10 de Fevereiro de 2020)

66. GIEDIONi, Siegfried (1969). *“Space, time and architecture: the growth of a new tradition”*. Cambridge: Harvard University Press, 5ª edição.

67. HIPELLI, Mia (2004), “Aino Marsio-Aalto arquitecta” en KINNUNEN, Ulla (ed.), *Aino Aalto, Alvar Aalto Foundation, Alvar Aalto Museum*, pág. 59.



Aino foi interveniente na concepção da “Villa Flora” (1926), que veio a ser a casa de férias da família, no planeamento e o mobiliário do complexo de “Sanatório Paimio” (1928). No desenho da “cozinha mínima” para a exposição de 1930 com a apresentação da vivenda mínima; Em 1932 Aino vence Aalto numa competição de design, com seus famosos “*Aalto Glasses*” (copos Aalto), que também ganharam medalha de ouro na Trienal de Milão. Participou na criação do mobiliário para a “Biblioteca de Viipuri” (1934) e nos interiores da célebre “Villa Mairea” (1937), entre outras obras.

*“The works that she and Alvar Aalto created in their joint office form an inseparable whole. Aino’s role was to be a key partner beside Alvar as he rose to world fame. She mostly focused on the design of interiors and furniture, but also acted as the director of Artek, founded in 1935, and in the 1940’s as its managing director”<sup>68</sup>.*

Mais tarde, em 1950, já depois da morte de Aino devido a uma grave doença, Alvar Aalto conhece a sua segunda mulher a arquitecta Elissa Mäkkiniemi com quem casa passado dois anos. Ambos executam trabalhos em parceria como é o caso da obra “Casa de Verão Experimental” (1952). A arquitecta Elissa Aalto deu continuidade a muitos projectos, ao longo de duas décadas, do *atelier* Aalto após a morte do arquitecto.

### “Ray” Eames(1912-1988) e Charles Eames(1907-1978)

Ray e Charles Eames são um casal norte-americano com contribuições extraordinariamente significativas sobretudo no campo da arquitectura, design industrial e de interiores.

*“The Eameses are best known for their groundbreaking contributions to architecture, furniture design, industrial design and manufacturing, and the photographic arts”<sup>69</sup>.*

Desde cedo, que os seus primeiros trabalhos estiveram relacionados com produção de objectos para o exércitos durante a II Guerra Mundial. Tal permitiu-lhes experimentação de várias técnicas e materiais inovadores como é o caso da madeira laminada, alumínio fundido, plástico reforçado com fibra de vidro, o que posteriormente influenciou algumas das suas mais famosas peças de mobiliário. Obtiveram reconhecimento internacional através da comercialização por parte da empresa Herman Miller das suas peças de design que ajudaram a definir o modernismo. Contudo, os catálogos da Herman Miller apenas mencionam Charles, apesar de ser evidente a participação da sua parceira.

---

68. JETSONEN, S. (2008), “*Finnish Summer Houses*”.*New York:Princeton Architectural Press*. pág48

69. Descrito no site Eames oficial e disponível em: <https://www.eamesoffice.com/eames-office/charles-and-ray/> (consultado a 10 de fevereiro de 2020)

Bernice Alexandra Kaiser, mais conhecida por Ray Eames, apelidada por Ray-Ray pelos seus familiares, casou com Charles após se conhecerem na *Cranbrook Academy of Art, em Michigan*. Produziu vários padrões têxteis e desenhou durante toda a década 40 várias capas para a publicação de referência *Arts & Architecture*.

Mais tarde, num programa patrocinado por essa mesma revista, o casal Eames é convidado a projectar e construir a sua casa na Califórnia. Com uma utilização inovadora de materiais e técnicas, a dupla teve a intenção de expressar através desse projecto a vida do homem no mundo moderno. Actualmente considerada uma das principais residências do pós-guerra, a Casa Eames tornou-se numa importante referência no campo da arquitectura, assim como, muitos projectos de mobiliário considerados como clássicos contemporâneos, ainda nos dias de hoje, se produzem com enorme êxito, particularmente a “*Eames Lounge*” e as “*Shell Chairs*”.

Em 1979, o *Royal Institute of British Architects* homenageou o trabalho de ambos com a Medalha de Ouro, tendo sido Ray a primeira mulher a receber este prémio ainda que em parceria com o seu marido.

Após o falecimento do seu parceiro, Ray dedicou-se principalmente a realizar um inventário de toda a produção do casal e a colaborar com a produção de livros. Curiosamente faleceu no exacto dia do seu marido, dez anos mais tarde. Na altura da sua morte, encontravam-se a trabalhar no que seria a sua última produção em série, o “*Sofá Eames*”, produzido em 1984.

### Anne Tyng (1920-2011) e Louis I. Kahn (1901-1974)

Anne Griswold Tyng foi uma das primeiras arquitectas a obter um mestrado na Universidade de *Harvard*. Inicialmente trabalhou no *atelier* Stonorov&Kahn, sendo a única mulher no escritório. Mais tarde, a firma dissolveu-se, contudo Anne manteve a sua estreita colaboração com Kahn durante anos, tendo sido fundamental em alguns dos seus primeiros projectos icónicos, como a “*Yale University Art Gallery*” e “*The Trenton Bath House*”. Mais tarde obteve o grau de doutoramento na Universidade da Pensilvânia, onde lecionou durante três décadas.

A paixão de Tyng pela matemática e formas geométricas complexas inspirou toda a arte produzida pelo *atelier* de Kahn, como se contempla na obra “*City Tower*” (1952-57).

“*Cuando la maqueta fue incluida en una exhibición del Museo de Arte Moderno en 1960, Kahn no*

*incluyó su nombre [Anne Tyng] al principio, pero finalmente reconoció la autoría*<sup>70</sup>.

Anne permanece na sombra do arquitecto, elevando ao máximo o lema de habitar a geometria em todas as escalas - desde de planos urbanos a espaços domésticos - que tanto incutiu na arte de Kahn. O reconhecimento do seu contributo foi tardio, só em 2010 se realizou uma exposição retrospectiva do seu trabalho no Instituto de Arte Contemporânea de Filadélfia.

Apesar de não ter sido oficialmente casada com Kahn, desfrutaram de uma relação pessoal íntima e profissional da qual nasceu uma filha ilegítima (Alexandra Tyng), já que, o arquitecto manteve matrimónio com outra mulher (Esther Kahn)<sup>71</sup>.

Nos finais dos anos 80, Tyng escreveu um ensaio *“From Muse to Heroine: Toward a Visible Creative Identity”*, onde reflete sobre o desenvolvimento do papel criativo da mulher na arquitectura:

*“The steps from muse to heroine are accomplished by very few. Most women trained as architects marry architects. No longer the women behind the man, the woman architect in partnership with her husband may nevertheless be barely visible beside (or slightly behind) the hero.(...)“In the future more women architects will make the difficult leap from [the] conditioned introverted role to the challenge of being articulate and visible”*<sup>72</sup>.

A exploração do conceito histórico de musa é interessante porque mostra o encapsulamento histórico do papel da mulher apenas como um ser capaz de inspirar os homens no seu trabalho de criação artista, mas incapaz de o realizar ela mesma. Mulher domesticada como musa inspiradora para o prazer criativo do homem, dispensando que se lhe atribuam créditos por isso, já que é algo de natureza sexual e essa capacidade laboral é atribuída aos homens. Sendo esta ideia muito própria do longo patriarcado cultural que caracterizou durante séculos a cultura ocidental, a verdade é que a mulher é um agente transformador do seu tempo e em toda a arte.

---

70. MOISSET, Inés (2015), *“ANNE TYNG 1920-2011”*, para *Un Día | Una Arquitecta*. Artigo disponível no site: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/05/28/anne-tyng-1920-2011/> (consultado a 10 de Abril de 2020)

71. *“Their personal relationship in the late 1940s and ’50s was explored by Kahn’s son Nathaniel in his 2003 documentary, “My Architect,” in which Ms. Tyng was interviewed.* ” Artigo disponível em: [https://www.nytimes.com/2012/01/07/arts/design/anne-tyng-architect-and-partner-of-louis-kahn-dies-at-91.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2012/01/07/arts/design/anne-tyng-architect-and-partner-of-louis-kahn-dies-at-91.html?_r=0) (consultado a 13 de Abril de 2020)

72. TYNG, Anne Griswold (1989). Berkeley, Ellen Perry (ed.), *“Architecture: A Place for Women”*, *Smithsonian Institution Press*

### Alison Smithson (1928-1993) e Peter Smithson(1923-2003)

Os Smithson representam, talvez, a parceria mais homogénea no que toca ao reconhecimento e mérito do trabalho de ambos enquanto dupla pessoal e profissional. Neste caso raro Alison, ao contrário do que acontece na maioria das coautorias do século XX, conquista o seu protagonismo no campo da arquitectura e urbanismo ao lado de Peter, ao invés de estar na penumbra do seu parceiro como acontece com as outras duplas.

O casal abriu o seu próprio escritório, em 1950 após vencerem o concurso para projectar a “Escola Secundária de Hunstanton”, criaram os projectos da “Catedral de Coventry”(1951), do “Bairro Residencial Golden Lane”(1952) e para a “Universidade de Sheffield”(1953); estas experiências criaram as bases para a reflexão sobre os temas mais importantes da cultura arquitetónica moderna, propostas para uma nova morfologia urbana e evolução dos modos de viver os espaços interiores.

Os seus textos teorizam não só a arquitectura praticada pelos seus contemporâneos dos anos 50/60, mas também, representam um importante veículo de divulgação dos seus próprios projectos, influências e concretizações, catalogando e arquivando os seus projectos, desenhos e artigos; publicando, primeiramente em periódicos, principalmente na “*Architectural Design*” e posteriormente em livros, as suas obras, os textos originais referentes a cada projecto e outras reflexões. Desta forma, a sua produção escrita é parte integrante da sua obra enquanto arquitectos, tornando-se críticos dos trabalhos de outros arquitectos, mas também, da obra produzida por si mesmos.

Dedicam-se, ao longo de sua carreira, a estudar novas e inovadoras formas de entender e produzir a arquitetura e a cidade. Os seus livros eram sobretudo compilações por vezes reescritas e reagrupadas por temas, salientando-se o “*Urban Structuring*” (1967), “*Ordinariness and Light*” (1970) e “*Without Rhetoric*” (1973). Alison escreveu ainda um romance “*A Portrait of the Female Mind as a Young Girl*” (1966) que foi publicado.

*“Podría decirse que la expresión más pura de la ideología pop de los Smithson fue la Casa del Futuro, la visionaria “casa modelo” que idearon para la Daily Mail Ideal Home Exhibition de 1956. Diseñada predominantemente por Alison, es una estructura de plástico que puede ser producida en masa en su totalidad, en lugar de en partes. La casa incluye características innovadoras entonces futuristas, como un baño de auto-limpieza, esquinas fáciles de limpiar y controles remotos para la televisión y la iluminación”<sup>73</sup>*

---

73. MARCIANI, Florencia (2015), “ALISON SMITHSON 1928-1993”, para *Un Día | Una Arquitecta*. Artigo disponível em <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/06/16/alison-smithson-1928-1993/> (consultado a 10 de Fevereiro de 2020)

Comandaram a revolta contra as ultrapassadas teorias dos *Congrès Internationaux d'Architecture Moderne* (CIAM) e foram importantes líderes do Team X. Alison tornou-se a “cronista” não oficial, catalogando e reunindo o material discutido nas reuniões do grupo; e utilizou pela primeira vez a expressão “Novo Brutalismo”, em 1953 através da revista *Architectural Design*, definido como uma arquitetura que resultava diretamente da maneira como as pessoas viviam e construía. É possível que ao assinar escritos realizados por eles próprios sobre os seus pares, a autoria e voz de cada um tenha resultado mais clara e menos sujeita ao sistemático apagamento por terceiros.

### Denise Scott Brown (1931-presente) e Roberto Venturi (1925-2018)

A arquitecta Denise Scott Brown, apelido de solteira Lakofski é, talvez, a arquitecta que mais expôs a condição discriminatória que experienciou no campo artístico, por ser mulher e pela sua parceria profissional e também pessoal, uma vez que, fazia dupla com o seu segundo marido Roberto Venturi.

Esta falta de testemunhos, ou timidez dos mesmos, mostra o quanto o assunto é “tabú” e quão grande é o receio destas mulheres de “deitarem tudo a perder” ao não se mostrarem submissas aos condicionalismos impostos pela ordem cultural estabelecida socialmente. Denise Scott Brown atingiu, apesar de tudo, uma proeminência que lhe permitiu ter voz.

A dupla torna-se num verdadeiro ícone do pós-moderno que influencia tanto com a sua obra literária como com a construída e transforma o pensamento sobre arquitectura e a cidade. Todavia, em 1991 é atribuído o prémio Pritzker, como já referido aqui, unicamente a Venturi, apesar de ambos trabalharem juntos, à data da premiação e há mais de duas décadas. Para além de ser muitas vezes excluída enquanto artista e não lhe atribuírem o mérito devido ao seu trabalho em conjunto também lhe é de igual modo “subtraído” o crédito pelo trabalho que produz individualmente. Apesar de, ser explícita a autoria de determinado trabalho, a verdade é que durante a sua trajectória profissional não lhe é atribuída autoria por determinado projecto ou escrito e continuaram a outorgar a Venturi toda a produção.

*“The first indication of my new status came when an architect whose work I had reviewed said ‘we at the office think it was Bob writing, using your name’. (...)To avoid misattributions, our office provides an information sheet describing our preferred forms of attribution – the work to our firm, the writing to the person who signed the article or book. The result is that some critics now make a pro forma attribution in an inconspicuous place; then, in the body of the text, the design of the work and the ideas in the writing area attributed to Robert Venturi”<sup>74</sup>.*

---

74. BROWN, Denise Scott. (2009). *“Having Words”*. Londres: *Architectural Association Publication*, pág.80

A dupla desenvolveu vários projectos e escritos importantes como “*Learning from Levittown*”, “*Learning From Las Vegas: the Forgotten Symbolism of Architectural Form*”, “*Architecture as Signs and Systems for a Mannerist Time*”, entre outros.

Denise, apresenta um papel activo, igualmente, no campo prático do ofício, dirige projectos de planeamento e de coordenação de campus universitários e actua, também, como encarregada de obra em grandes projectos de arquitectura como a “*Sainsbury Wing of National Gallery*”, em Londres, o edifício do “Capitólio em Toulouse”, o “*Nikko Hotel e Spa Resort*”, no Japão, entre outros.

Em 2012, Venturi retira-se da vida profissional tendo falecido uns anos mais tarde, enquanto Scott Brown continua a publicar. O legado de ambos permanece vivo, também, através do *atelier* Venturi Scott Brown Associates (VSBA), sob a alçada do arquitecto Daniel K. McCoubrey, AIA e Nancy Rogo Trainer, FAIA, antigos colaboradores do escritório e que continuarão a projectar sob a égide dos valores de seus fundadores.

A história mostra-nos que é, sobretudo, com parceiros masculinos que as arquitectas optam por trabalhar, nomeadamente com os seus parceiros de vida. Com isto não se pretende afirmar que não existam parcerias entre o mesmo género, haverá certamente muitos casos de equipas de arquitecto-arquitecto, mas com certeza muito menos exemplos de duplas femininas<sup>75</sup>. Esta raridade revela que numa parceria quer pela praticidade e conexão conceptual, explora-se vantagens de lado a lado e, aparentemente, duas mulheres arquitetas não é visto como proveitoso para a sustentabilidade e credibilidade do negócio. As colaborações não são igualmente restritas a uma equipa formada por duas pessoas, mas é a dupla entre homem-mulher que aqui se pretende analisar.

Assim, apesar das parcerias entre casais serem em maioria, surgem de igual modo, também em segundo plano, muitos casos de mulheres por detrás de grandes arquitectos, mesmo sem com eles contraírem matrimónio. Quer por manterem relações ilegítimas ou por apenas deterem uma relação profissional ao trabalharem com grandes mestres como colaboradoras, como é o caso, de por exemplo de Charlote Perriand (1903 – 1999) que iniciou o seu percurso ao lado de Pierre Jeanneret (1896 – 1967) e de Le Corbusier (Charles Edouard Jeanneret 1887– 1965), com quem trabalhou mais do que uma década.

---

75. No início do actual ano, pela primeira vez, uma dupla de arquitectas (Yvonne Farrel e Shelley McNamara) foi premiada com o considerado maior prémio de arquitectura. Não obstante, Grafton Architects, trata-se do primeiro escritório liderado por mulheres a receber tal honra, 41 anos após a criação do Prémio Pritzker. Denote-se que, inicialmente esta colaboração começou com cinco pessoas. Desconhece-se outra dupla feminina que tenha obtido reconhecimento e com carreira construída significativa considerada de referência.

Apesar de, inicialmente, terem recusado trabalhar com Charlotte apenas pelo simples facto de ser mulher, reconsideraram e reconheceram o seu mérito. A arquitecta descreve o ambiente no atelier como algo muito colaborativo entre todos, *“three fingers on one hand”*<sup>76</sup>.

Perriand dedicou-se à investigação e após sair do escritório de Le Cobusier, as colaborações multiplicaram-se durante toda a sua carreira, tendo trabalhado com Jean Prouvé, Lucio Costa, Niemeyer, Candilis, Josic & Woods<sup>77</sup>.

No século XXI, verifica-se igualmente este tipo de formação de equipa, entre géneros diferentes, de icónicos arquitectos com uma vasta obra. No entanto, afigura-se uma aparente evolução na visibilidade e na experiência da mulher na arquitectura, como são os casos, da dupla Elizabeth Diller (1954 – presente) e Ricardo Scofidio (1935 – presente) que, nos anos 80, fundaram o seu estúdio Diller Scofidio<sup>78</sup>.

Billie Tsien (1949 – presente) e Tod Williams (1943 – presente), outro casal de arquitectos, anteriormente já aqui referido, trabalham em coautoria, criaram o seu próprio escritório Tod Williams Billie Tsien *Architects / Partners* há mais de três décadas.

Lacaton & Vassal *atelier* fundado por Anne Lacaton (1955-presente) e Jean-Philippe Vassal (1954-presente), também em 1987. Destacam-se por ser uma dupla de arquitectos franceses com uma vasta obra construída que prima pela simplicidade e sustentabilidade que transforma a sociedade.

A empresa Brooks + Scarpa<sup>79</sup>, é um coletivo de arquitectos com vários escritórios, liderada pela arquitecta Angela Brooks e o seu marido arquitecto Lawrence Scarpa.

Trata-se de um *atelier* multidisciplinar que inclui arquitectura, paisagismo, urbanismo, design de interiores, mobiliário, com uma utilização única e inesperada dos materiais propostos. Obras como *“Cam Museum of Art”* (2011), *“Yin Yang House”* (2013), *“Angle Lake Station and Plaza”* (2017) fazem parte do vasto portfólio da dupla de arquitectos.

---

76. RUEGG, Arthur (2004). *“Charlotte Perriand: Livre de Bord, 1928-1933”*, Basel, pág. 285

77. MARCIANI, Florencia (2015), *“CHARLOTTE PERRIAND 1903-1999”*, para *Un Día | Una Arquitecta*. Artigo disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/04/25/charlotte-perriand-1903-1999/> (consultado a 19 de Abril de 2020)

78. Mais tarde, em 1995, Charles Renfro torna-se sócio e o escritório passa a denominar-se de Diller Scofidio + Renfro.

79. Lawrence Scarpa FAIA e Gwynne Pugh AIA formaram em 1991 o seu escritório Pugh + Scarpa, contudo em 2010 Pugh abandonou o escritório e assim, o nome foi alterado para “Brooks + Scarpa”, de forma a que exprimisse a liderança actual de Angela Brooks e o seu marido Scarpa.



29. Ricardo Scofidio e Elizabeth Diller



30. Billie Tsien e Tod Williams



31. Jean-Philippe Vassal e Anne Lacaton



32. Angela Brooks e Lawrence Scarpa



33. Ryue Nishizawa e Kazuyo Sejima



34. Lu Wenyu e Wang Shu



Numa entrevista ao jornal *El País*<sup>80</sup> Kazuyo Sejima cofundadora do escritório japonês de arquitetura SANAA, vencedora do Prémio Pritzker e a arquitecta mais jovem a ser nomeada como júri na 40ª edição dessa maior distinção no campo da arquitetura, refere que, existem muitos arquitectos famosos mas poucas arquitectas.

Apesar de ter estabelecido no início da sua carreira o seu próprio *atelier*, após ter frequentado uma universidade só de mulheres e estagiado com o arquitecto Toyo Ito. Mais tarde, convidou o seu colaborador Ryue Nishizawa a fundar um *atelier* em conjunto.

Refere que SANAA foi criado fundamentalmente para encarar e competir com grandes projetos e concursos internacionais<sup>81</sup>. Segundo a arquitecta, principalmente no Japão, a conjuntura da mulher não é facilitada mesmo nos dias de hoje e, para se conseguir grandes projectos, é necessário criar um *atelier* de grande dimensão, uma vez que esse tipo de trabalho geralmente está relacionado com a política.

Esta arquitecta, que nunca actuou na sombra do seu sócio, ainda assim considera que, no século XXI, a arquitectura mais visível está demasiado politizada num mundo particularmente masculinizado.

“Os estereótipos de género estão presentes em muitos aspectos da arquitectura. Isto ultrapassa questões de ordem sociocultural”<sup>82</sup>.

Se em tempos, se podia argumentar que a razão da invisibilidade feminina pudesse estar relacionada com a sociedade da época, não se compreende então, o porquê de, nos dias de hoje, a representatividade feminina neste campo seja diminuta, especialmente por serem em número superior a frequentar o curso. Ainda que, haja já certas arquitectas reconhecidas em parcerias, entre géneros diferentes, cuja mulher encontra-se ao lado do seu parceiro ao invés de atrás, como nos casos referidos anteriormente. Existem, igualmente ainda, poucas arquitectas com carreiras a solo significativas, comparativamente ao número de *ateliers* liderados por homens.

Subsiste também problemáticas de autoria relacionadas com identidade de género atribuída por defeito ao género masculino, como se retratou na edição do Prémio Pritzker de 2012. À data já outras parcerias tinham sido premiadas e em pleno século XXI, não se

---

80. ZABALBEASCOA, Anaxu (2008), “*Camino hacia la extrema sencillez*”, *Jornal El País*. Artigo disponível em : [https://elpais.com/diario/2008/11/16/eps/1226820412\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2008/11/16/eps/1226820412_850215.html) (consultado a 30 de Janeiro de 2020)

81. Não obstante, para além do escritório em colaboração, cada sócio mantém a sua própria empresa independente.

82. NEVES, Vitor (2019), em: Revista Arqa. Arquitectura e Arte Contemporâneas — Portuguese Contemporary Architecture and Art Magazine. arq./a – ARQUITECTURA E ARTE Contemporâneas, “[ARQ] FEMINAE” n° 134, Lisboa, pág.96

compreende o porquê de apenas o elemento masculino da dupla ter sido premiado com o considerado maior prémio da arquitectura da actualidade.

Segundo, Marta Thorne<sup>83</sup>, a maioria dos painéis das estruturas decisórias é composta por homens e geralmente mantêm-se igual por vários anos, ou seja, não são alterados os princípios de avaliação e tendencialmente predisõem-se a favorecer os homens “(...)preferem escolher o candidato mais parecido consigo”<sup>84</sup>.

A Directora Executiva do Prémio Pritzker relembra que, trata-se de um “ciclo vicioso”, uma vez que, habitualmente para receber uma comissão ou para ser candidato a algo, é preciso ganhar prémios e ser reconhecido.

“Existem três limitações principais que impedem as mulheres de conquistar o seu lugar de direito; estruturas decisórias antigas, que promovem o status quo, a discriminação e a ignorância”<sup>85</sup>.

Ora, se as mulheres não vencem tantos prémios, mais dificilmente serão candidatas e muito menos farão parte da estrutura dos júris. Assim, se não fizerem parte do painel de tomada de decisão então, mais uma vez, mais facilmente um arquitecto sairá candidato e vencedor<sup>86</sup>.

A arquitecta ressalta ainda que, a “ignorância” é outro grande factor para que as arquitectas não sejam nem reconhecidas pela sua verdadeira relevância no campo profissional, nem possam assumir protagonismo nos meios de comunicação.

De facto, muitas vezes o argumento utilizado é, simplesmente, o total desconhecimento de alguma profissional em específico para colaborar: “...eu gostava de contractar uma mulher ou (...)gostaria que uma mulher fizesse uma palestra (...) mas, simplesmente não conheço nenhuma”<sup>87</sup>.

Assim, é necessário estar consciente da extensão do problema de forma a que, se possam

---

83. Arquitecta, curadora de varias exposições, autora de inúmeras publicações, reitora da IE School of Architecture and Design e, desde 2005, Directora Executiva do Prémio Pritzker

84. THORNE, Marta (2019), em: Revista Arqa. Arquitectura e Arte Contemporâneas — Portuguese Contemporary Architecture and Art Magazine. arq./a – ARQUITECTURA E ARTE Contemporâneas, “[ARQ] FEMINAE” n° 134, Lisboa, pág.101

85. Ibid, pág.100

86. No capítulo seguinte da presente dissertação, ao analisar a maioria dos prémios de renome em arquitectura, consegue-se reconhecer este argumento como válido, já que a generalidade dos vencedores e dos júris é composto por um painel esmagadoramente masculino e, nos casos de excepção geralmente há um aumento de representatividade feminina no painel de tomada de decisão o que infere numa mais abrangente lista de candidatas e vencedores.

87. THORNE, Marta (2019), op.cit. pág. 101

tomar medidas proactivas, para que, se comece a alterar esta situação.

Reconhecer o papel de arquitectas esquecidas/subvalorizadas pela História da Arquitectura, bem como, repensar a natureza e os limites da profissão, para que se inclua, com verdadeira paridade, a experiência feminina nos respetivos campos de actuação.

Em suma, este capítulo pretendeu estabelecer a importância da mulher na formação da cidade já que se identifica ser fundamental ao aplicar os seus conhecimentos do “doméstico” na esfera pública.

Não obstante, reconhece-se que, ainda assim, muitas mulheres projectaram, licitamente, ter uma vida social convencional, que incluí o matrimónio, procriação e em simultâneo, ter uma carreira profissional vinculada à arquitectura.

Desta forma, a solução que a maioria das arquitectas elegeram é a de, iniciar as suas carreias sendo auxiliares de grandes mestres de arquitectura e/ou constituir equipa profissional com o seu respectivo companheiro de vida, mesmo que em segundo plano.

Foram abordados temas como “*husband-wife partnerships*”, “*women critics*”, “*sexism and the star system*”, “autoria e génio”, entre outros. Constatou-se que o “*star system*”, habitualmente atribui crédito a um único indivíduo, do género masculino e conseqüentemente, muitas destas arquitectas (bem como a maioria dos colaboradores), permaneceram desconhecidas, não documentadas nem publicadas, relegadas para a sombra dos seus parceiros e o seu papel reduzido a uma curiosidade da biografia do arquiteto.

Assim, foram exemplificados alguns casos paradigmáticos de equipas entre géneros diferentes, “Ms&Mr Architects” em que o elemento feminino da parceria foi sistematicamente subvalorizado, esquecido, tendo o seu trabalho muitas vezes atribuído exclusivamente ao seu parceiro pessoal e profissional como: Marion Mahony Griffin (1871-1961) e Walter Burley Griffin (1876-1937), Aino Aalto (1894-1949) e Alvar Aalto (1898-1976), “Ray” Eames(1912-1988) e Charles Eames(1907-1978), Anne Tyng (1920-2011) e Louis I. Kahn (1901-1974), Alison Smithson (1928-1993) e Peter Smithson(1923-2003, Denise Scottt Brown (1931-presente) e Roberto Venturi (1925-2018).

Observa-se que emerge uma nova forma de trabalho em arquitectura, quer seja em parcerias profissionais matrimoniais, ou não matrimoniais, dá-se lugar a coautorias e a colaborações projectuais, sobretudo entre géneros diferentes.

Relembra-se o episódio do prémio Pritzker apenas entregue, em 1991, ao elemento

masculino da parceria entre Venturi e Scott Brown; o caso de Le Corbusier e da tentativa de apropriação do trabalho de Eileen Grey, designadamente, a sua obra-prima – a Casa E.1027; a história do arquitecto Ludwig Mies van der Rohe considerado um dos principais nomes da arquitectura do século XX e sua parceira Lilly Reich que permaneceu no anonimato até a sua morte.

No século XXI, verifica-se a continuidade deste tipo de formação de equipa, entre casais de icónicos arquitectos com vastas obras.

No entanto, afigura-se uma aparente evolução na visibilidade e na experiência feminina na arquitectura, como são os casos, das duplas Elizabeth Diller (1954 – presente) e Ricardo Scofidio (1935 – presente), Billie Tsien (1949 – presente) e Tod Williams (1943 – presente), Anne Lacaton (1955- presente) e Jean-Philippe Vassal (1954-presente); dos escritórios Brooks + Scarpa e SANAA.

Por outro lado, o obstáculo de muitas arquitectas mostra-se ainda assim, difícil de resolver já que fica demonstrado que, também na contemporaneidade, se repete este tipo de invisibilidades em colaborações, como caso da arquitecta Lu Wenyu, que permaneceu na sombra quando o prémio Pritzker foi entregue, em 2012, apenas ao seu parceiro e marido Wang Shu, apesar de ambos trabalharem em coautoria.

Revive-se, assim, a situação da falta de notoriedade do elemento feminino da parceria como teria acontecido já há duas décadas atrás, com Scott Brown e Venturi na mesma premiação.

A falta de arquitectas a solo com carreiras significativas e reconhecidas ou até mesmo em parceria com outras arquitectas é notoriamente visível, em pleno século XXI.

Ainda que, haja já certas arquitectas reconhecidas e parcerias, entre géneros diferentes, cuja mulher encontra-se ao lado do seu parceiro ao invés de atrás. Existem, também, poucas com carreiras a solo significativas, comparativamente ao número de *ateliers* liderados por homens.

Ou seja, apesar de se notar alguns sinais de mudança como nalguns dos casos apresentados, verifica-se que se repetem insistentemente posições públicas e altamente mediáticas de discriminação, sem qualquer receio de acautelar pelo menos o “politicamente correto” face à evolução das mentalidades.

A arquitectura deve reposicionar-se constantemente e, principalmente abandonar a artificial exaltação do arquitecto como génio solitário de autoria exclusiva. Se em tempos, se podia argumentar que a razão da invisibilidade feminina pudesse estar relacionada com a sociedade da época, não se compreende a razão pela qual, nos dias de hoje, a representatividade feminina neste campo artístico, seja diminuta, especialmente por

serem, actualmente, em número superior a frequentar o curso.

Assim, constata-se ser importante questionar e estar consciente da conjuntura do género na arquitectura para que, se possam tomar medidas proactivas e aumentar a visibilidade de nomes de arquitectas não (tão) reconhecidos. Identificar e procurar melhorar a situação profundamente desigual, e esse é o contributo para o qual este trabalho pretende modestamente contribuir.



## CAPÍTULO IV | (In)visibilidade da Mulher no “*Star System*”

A falta de arquitectas a solo e em parceria com carreiras significativas e reconhecidas é notoriamente visível, quer no passado como em pleno século XXI. Assim, procura-se no actual capítulo apresentar com objectividade, os contornos desta realidade profissional, analisar e recolher informação sob o lugar da Mulher no “*star system*”.

Terão as arquitectas a visibilidade que, em certa medida, permite a sua existência, mesmo no século XXI? Quem escolhe? Quem vence? O que nos é dado a conhecer?

Desta forma, é fundamental analisar as vastas listas de prémios, gabinetes, publicações, exposições e aferir igualmente que espaço ocupa na academia.

## (In)visibilidade da Mulher no “*Star System*”

*“Women are the ghosts of modern architecture, everywhere present, crucial, but strangely invisible”*<sup>88</sup>.

O Prémio Pritzker, considerado o “Nobel de Arquitectura”, foi criado em 1979, por um casal norte-americano, Jay e Cindy Pritzker, naturais e residentes em Chicago, com o propósito de distinguir, anualmente, um arquitecto vivo pelo seu talento e qualidade de legado arquitectónico. A criação do prémio tem como objectivo estimular uma maior consciencialização pública em relação à arquitectura e aos edifícios que nos rodeiam. Promove, de igual modo, uma grande inspiração e crescente criatividade para com os profissionais da área.

Trata-se, portanto, de um agente legitimador de cultura arquitectónica que proporciona, a nível internacional, grande visibilidade e prestígio aos seus laureados.

*“Jay A. Pritzker, (1922-1999), founded the prize with his wife, Cindy. His eldest son, Tom Pritzker, the Chairman and President of Hyatt Foundation, explains, “As native Chicagoans, it’s not surprising that our family was keenly aware of architecture, living in the birthplace of the skyscraper, a city filled with buildings designed by architectural legends such as Louis Sullivan, Frank Lloyd Wright, Mies van der Rohe, and many others”*<sup>89</sup>. (The Pritzker Architecture Prize, s.d.)

Qualquer arquitecto pode ser candidato e vencedor deste prémio internacional, independentemente da sua idade, sexo, ideologia, nacionalidade, etnia e religião. De salientar que, o prémio não é entregue ao *atelier*/escritório, mas sim ao(s) arquitecto(s) homenageado(s) que o compõe.

A cerimónia anual, usualmente ocorre por volta do mês de Maio, em edifícios de interesse arquitectónico assinalável e em diversas partes do Mundo. Em alguns casos, os locais escolhidos para a sua realização servem para recordar e homenagear anteriores vencedores do Prémio Pritzker.

Thomas Pritzker, actual presidente da Fundação *Hyatt*, na dita cerimónia de entrega do prémio produz um discurso que anuncia o laureado e os motivos pelos quais será o premiado. Os vencedores recebem um prémio monetário no valor \$1000,000 (cem mil dólares americanos, aproximadamente oitenta mil euros) um certificado formal de citação e, desde 1987, um medalhão de bronze com desenhos de Louis Sullivan, ilustre arquitecto de Chicago.

---

88. COLOMINA, B. (2010), *“With, or Without you: The Ghosts of Modern Architecture”*. In C. Butler & A. Schwartz, *Modern Women: Women Artists at The Museum of Modern Art*. New York: The Museum of Modern Art, pág. 217

89. Informação disponível no site oficial do Prémio Pritzker em: <https://www.pritzkerprize.com/about> (consultado a 14 de Novembro de 2019)



A lista dos nomeados ao prémio Pritzker é analisada por um júri técnico (geralmente, entre seis a nove jurados) formado, por arquitectos premiados de anos anteriores, críticos/historiadores de arquitectura e especialistas independentes de renome no campo artístico. Ora por profissionais de ensino de importantes universidades como *Harvard, Oxford, Yale*; representantes de relevantes museus como o *MOMA* e a *National Gallery* da Grã-Bretanha; editores de revistas especializadas em Arquitectura, como a *A+U*, entre outros profissionais de relevo.

De forma a instigar um certo equilíbrio nas premiações, alguns dos jurados, mantêm-se no painel durante vários anos. Não obstante, ao analisar os vencedores e os membros do júri, de acordo com o sua identidade de género, a disparidade é extrema.

Nos primeiros anos, o júri era composto exclusivamente por elementos do sexo masculino. Esta falta de representatividade feminina, enquanto influente na tomada de decisões e com funções de elevada relevância é, igualmente, notória nas premiações entregues. Nos anos seguintes, apenas uma jurada compunha o painel, tendo surgido, um aumento de mulheres como membros do júri no ano em que a primeira arquitecta foi laureada com o Prémio Pritzker.

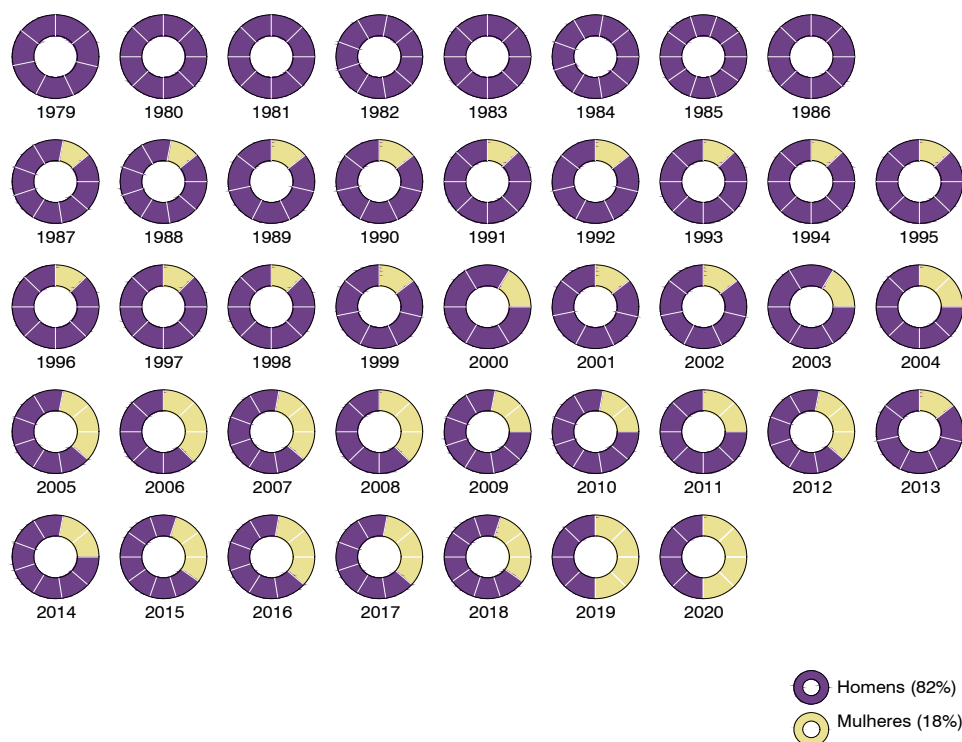
Desde de 2005, que uma mulher compõe um cargo de hierarquia elevada na organização do Pritzker, Martha Thorne - directora executiva, colabora com o júri desta premiação, contudo, não tem poder de voto no processo de escolha dos laureados. *“In that capacity she works closely with the jury; however, she does not vote in the proceedings”*<sup>90</sup>.

Após uma análise de todos os elementos que compõe o júri, ao longo destas quatro décadas, retém-se que, a expressão masculina prevalece 82% para os 18% dos membros femininos, sendo que, como anteriormente foi mencionado, desta pequena percentagem agrava-se o facto de um elemento do painel (Martha Thorne), não deter poder de voto em relação ao vencedor, apesar de ter sido contabilizada para esta estatística, já que faz parte da estrutura do júri<sup>91</sup>.

---

90. Informação disponível no site oficial do Prémio Pritzker em: <https://www.pritzkerprize.com/jury> (consultado a 14 de Novembro de 2019)

91. Até o ano de 2020 o painel foi composto por 9 mulheres, nomeadamente: Ada Louise Huxtable, Benedetta Tagliabue, Deborah Berke, Karen Stein, Kazuyo Sejima, Kristin Feireiss, Victoria Newhouse, Zaha Hadid; Martha Thorne, directora Executiva desde de 2005; e 39 homens: Alejandro Aravena, André Aranha Corrêa do Lago, Arata Isozaki, Arthur Drexler, Balkrishna Vithaldas Doshi, Barry Bergdoll, Bill Lacy, Brendan Gill, Carlos Jimenez, Carleton Smith, Cesar Pelli, Charles Correa, Frank Gehry, Fumihiko Maki, Giovanni Agnelli, Glenn Murcutt, Jacob Rothschild, J. Carter Brown, J. Irwin Miller, Jorge Silvetti, Juhani Pallasmaa, Kevin Roche, Lord Clark of Saltwood, Lord Peter Palumbo, Lord Rothschild, Philip Johnson, Ratam N. Tata, Renzo Piano, Ricardo Legorreta, Richard Rogers, Rolf Fehlbaum, Shigeru Ban, Stephen Breyer, Stuart Wrede, Thomas J. Watson Jr., Toshio Nakamura, Yung Ho Chang, Wang Shu. Informação disponível no site oficial do Prémio Pritzker em: <https://www.pritzkerprize.com/jury> (consultado a 16 de Abril de 2020)

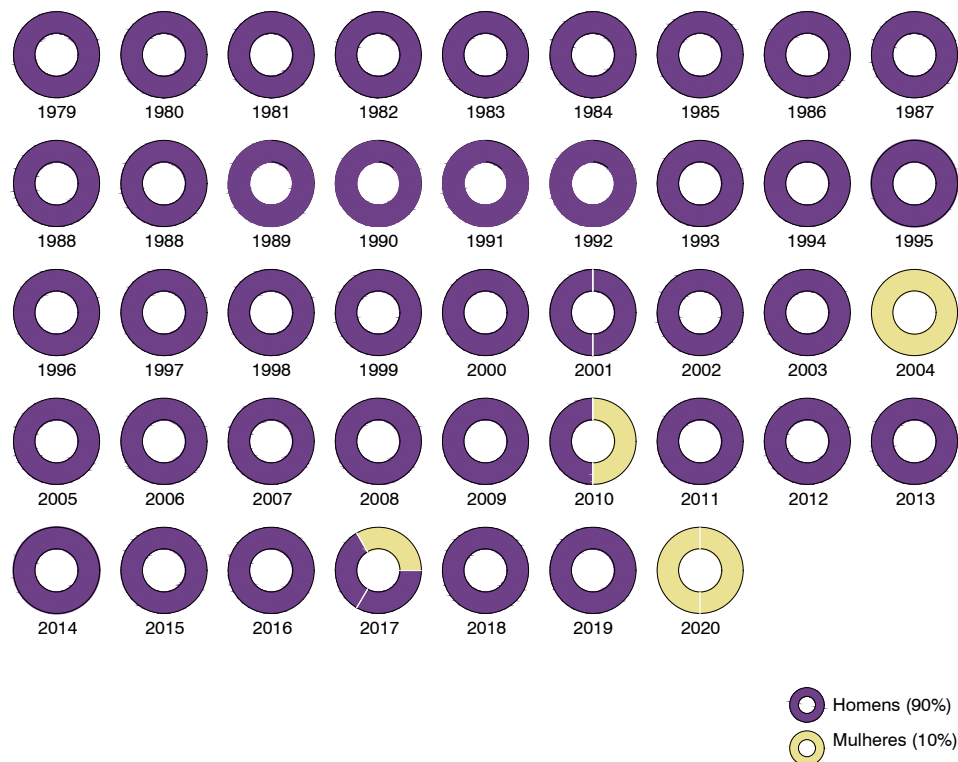


A. Pritzker, desde 1979-2020: Identificação dos membros do júri de acordo com o género

Em relação a premiações a proporção é, ainda, menos equipendente na medida em que a lista de laureados é composta por 90% de arquitectos homenageados e 10% de arquitectas galardoadas. Apenas uma arquitecta é premiada a título individual, sem ser em parceria com um homem; duas arquitectas laureadas são premiadas em conjunto com os seus respectivos sócios de *atelier* (excluindo outras parcerias em que apenas o elemento masculino é premiado).

Em quatro décadas da atribuição do prémio, não tinha surgido qualquer premiação para uma dupla exclusivamente feminina, premissa essa que se alterou, aquando da mais recente premiação, perfazendo, assim, um total de cinco arquitectas honradas e quarenta e três arquitectos laureados.

A primeira arquitecta premiada recebe o prémio a título individual, pela primeira vez, apenas em 2004 data em que este honroso prémio é entregue a uma mulher. Ou seja, foram entregues vinte e sete prémios a arquitectos antes que algum elemento do sexo feminino fosse considerado vencedor. De salientar que, foi a partir desse ano, que surgem igualmente mais mulheres no painel de júri comparativamente às anteriores edições (com excepção do ano de 2013).



B. Pritzker - de 1979 a 2020: Identificação dos vencedores de acordo com o género (no ano de 1988 foram entregues dois prémios a arquitectos que não formavam uma parceria)

No caso da segunda arquitecta, Sejima em 2010, compõe a primeira parceria entre diferentes géneros e assim é homenageada em conjunto com o seu sócio. No ano de 2017, pela primeira vez, um trio de arquitectos sócios (dois homens e uma mulher) é premiado com um Pritzker e desta forma, a arquitecta Carme Pigem torna-se a terceira mulher a receber esta distinção. Só em 2020, as arquitectas Yvonne Farrell e Shelley McNamara - primeira dupla feminina a tornar-se vencedora, dezanove anos após a primeira parceria masculina ser honrada.

Não obstante, surgem outros nomes femininos ligados ao Pritzker, Denise Scott Brown, mulher de Robert Venturi e Lu Wenyu, casada com Wang Shu. As arquitectas são excluídas quando os seus respectivos maridos são distinguidos com o prémio, apesar de serem ambas socias igualitárias dos respectivos escritórios e trabalharem em coautoria com os seus parceiros. Nestes casos, as parcerias não são premiadas e, apenas, o elemento masculino, das mesmas, recebe a honrosa premiação. Portanto, é neste contexto que surgem os casos de Denise Scott Brown (1991), Zaha Hadid (2004), Kazuyo Sejima (2010), Lu Wenyu (2012), Carme Pigem (2017), Yvonne Farrell e Shelley McNamara (2020)<sup>92</sup>.

92. As datas apresentadas em parênteses referem-se ao ano da premiação do Pritzker a que estão vinculadas, seja a título individual (Hadid), em parcerias (Sejima, Pigem, Farrel e McNamara), ou pela relação a que estão associadas devido á premiação dos seus parceiros (Scott Brown, Wenyu).



35. Denise Scott Brown



36. Lu Wenyu

## “Por trás de um grande Arquitecto Pritzker pode estar uma grande Arquitecta”<sup>93</sup>

Denise Scott Brown e Lu Wenyu, permanecem na penumbra do Pritzker apesar de ambas exercerem a profissão de forma cooperativa nos *ateliers* correspondentes. Somente os seus respectivos parceiros são premiados e distinguidos com o “nobel” da arquitectura, nestes casos, a ideia de coautoria aparenta beneficiar o género masculino.

- Denise Scott Brown [1931-presente] mulher, arquitecta, urbanista, teórica na escrita e no ensino, um verdadeiro ícone do pós-moderno, influência com a sua obra e transforma o pensamento sobre arquitectura e a cidade. Nasce no Zimbabwe e inicia os seus estudos na Universidade de Witwatersrand, entre 1948 e 1952. Continua a sua formação em Londres e em 1955 licencia-se em arquitectura, na *Architectural Association*, ano em que também se casa com Robert Scott Brown - o seu primeiro marido que morre passado quatro anos num acidente de viação. A arquitecta completa o seu mestrado em planeamento urbano, pela Universidade da Pennsylvania e torna-se num dos membros do corpo docente da universidade. É aqui que o seu caminho se cruza com Robert Venturi, casando-se em 1967 na Califórnia.

Desempenha um papel fundamental e de extrema importância na evolução da teoria do desenvolvimento arquitectónico e de design a nível mundial. Sócia igualitária do *atelier* Venturi Scott Brown Associates (VSBA), trabalha durante décadas com o seu parceiro de profissão e marido<sup>94</sup>.

Desenvolvem vários projectos e escritos como “*Learning from Levittown*”, “*Learning From Las Vegas: the Forgotten Symbolism of Architectural Form*”, “*Architecture as Signs and Systems for a Mannerist Time*”, entre outros.

Denise, apresenta um papel activo, igualmente, no campo prático do ofício, dirige projectos de planeamento e de coordenação de campus universitários e actua, também, como encarregada de obra em grandes projectos de arquitectura como a “*Sainsbury Wing*

---

93. Expressão utilizada pela jornalista Joana Amaral Cardoso, num artigo publicado no jornal Público e disponível em: <https://www.publico.pt/2013/04/02/culturaipilon/noticia/peticao-exige-pritzker-retroactivo-para-denise-scott-brown-mulher-e-arquitecta-socia-do-premiado-robert-venturi-1589901> (consultado a 15 de Outubro de 2019)

94. O arquitecto norte-americano Robert Venturi reforma-se oficialmente em 2012, devido ao estado agravado da sua saúde, acabando por falecer com 93 anos a 18 de Setembro de 2018.

of *National Gallery*”, em Londres, o “Edifício do Capitólio” em Toulouse, o “*Nikko Hotel e Spa Resort*”, no Japão, entre outros.

Merecedora de várias premiações atribuídas, destaca-se algumas como o *Chicago Architecture Award* (1987), o *US National Medal of Arts* (1992), o *Association of Collegiate Schools of Architecture's ALA Topaz Medallion* (1996), a *Harvard's Radcliffe Institute Medal* (2005), *Vilcek Prize* (2007), *Gold Medal* (2016)<sup>95</sup>, *Prémio Jane Drew* (2017)<sup>96</sup>, a *Medalha Soane* (2018).

Todavia, em 1991 é atribuído o Prémio Pritzker unicamente a Venturi, apesar de ambos trabalharem juntos há mais de duas décadas, sendo sócios igualitários do *atelier*. Apenas o elemento masculino da parceria é escolhido como laureado devido ao seu contributo, tanto prático, como teórico da Arquitectura Moderna e do Urbanismo.

A sua sócia chegou a ser mencionada no discurso de citação do júri:

*“His understanding of the urban context of architecture, complemented by his talented partner, Denise Scott Brown, with whom he has collaborated on both more writings and built Works, has resulted in changing the course of architecture in this century(...)”<sup>97</sup>.*

Portanto, apesar de reconhecerem a importância da arquitecta, apenas atribuíram o prémio ao seu parceiro de trabalho e de vida, consequentemente, Scott Brown decidiu não comparecer à cerimónia de premiação, em forma de protesto.

A arquitecta refere, mais tarde, que o facto de não ter sido premiada por parte da Fundação Hyatt, em conjunto com o seu parceiro de vida e de profissão, era algo muito infeliz e que, lhe deviam esse reconhecimento.

*“They owe me not just a Pritzker prize but a Pritzker inclusion ceremony. Let's salute the notion of joint creativity”<sup>98</sup>.*

---

95. *American Institute of Architects* (AIA) alterou o seu regulamento permitindo que, a partir de 2013, a Medalha de Ouro fosse passível de ser atribuída a duplas e não, apenas, a um indivíduo como acontecia anteriormente. Assim, Venturi e Scott Brown são ambos reconhecidos, em 2016, com a Medalha de Ouro, por trabalharem em conjunto há várias décadas, contribuindo não só pelos seus projectos construídos, mas também, pelo tributo na literatura sobre arquitectura e urbanismo.

96. O *Prémio Jane Drew*, concedido anualmente, reconhece arquitectas que contribuem e elevam o perfil das mulheres na arquitetura. Este prémio recebe o nome em homenagem à distinta arquitecta Jane Drew (1911-1996), que entre outras conquistas, foi uma das primeiras mulheres, na década de 30, a formar-se em Londres e a praticar arquitectura de várias escalas.

97. Citação retirada do site do Prémio Pritzker e disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/1991> (consultado a 14 de Novembro de 2019)

98. Pelas palavras de Denise, numa entrevista no decorrer dos prémios “*Women in Architecture*”, promovido pela revista britânica *Architect's Journal*. Artigo disponível em: <https://expresso.pt/cultura/2018-03-10-Arquitetura-conjuga-se--ainda--no-masculino>

Tais declarações, provocaram reacções e, em 2013, uma organização estudantil de pós-graduação da Universidade de *Harvard – Women in Design*, criou uma petição dirigida à organização e júri do prémio, para que, a arquitecta receba o devido reconhecimento retroactivo em conjunto com o seu sócio vencedor do Pritzker.

Arielle Assouline-Lichten e Caroline James responsáveis pela petição (assinada por mais de vinte mil pessoas, incluído assinaturas de alguns laureados do prémio em questão) consideraram que o papel de Denise enquanto “mulher”, parecia ter derrotado o seu papel como sócia igualitária, quando o júri do Pritzker escolheu, apenas, premiar o seu marido, Venturi. É interessante verificar o envolvimento da sociedade civil na reprovação da discriminação de género tão evidente da parte do prémio.

Após a controvérsia internacional gerada, a organização do Prémio Pritzker decidiu divulgar um comunicado oficial e o presidente do júri do respectivo ano (2013), Lord Peter Palumbo declarou que, o actual painel de jurados não poderá atribuir um prémio retroactivo, uma vez que, não eram os júris na altura em que Venturi foi galardoado. Realçando o facto de que, a arquitecta Denise Scott Brown poderia ainda, um dia, ser vencedora de um Pritzker devido ao seu percurso. Portanto houve aqui de certa forma uma espécie de pedido de escusas muito subtil que visaria acalmar os ânimos mas sem qualquer cedência.

Ao *Huffington Post*, Scott Brown confessa estar “extremamente feliz” com a iniciativa das jovens e por todo o apoio recebido em torno da contestação relembrado que, já instiga sobre o “sexismo na arquitectura” e todas as situações desagradáveis pelo que

passou, desde os anos 70, como se pode observar pela leitura do ensaio que produziu, “*Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture*”<sup>99</sup>.

Através da leitura da sua escrita é possível reter que o artigo não foi publicado à época de sua redação (1975), devido à conjuntura política que se vivia, e de forma a não ser mal interpretada, numa época que emergiam discussões e movimentos feministas, para não prejudicar o seu escritório SBVA e sobretudo a sua carreira<sup>100</sup>.

---

99. Ensaio re-publicado com autorização de *Architectural Association from Denise Scott Brown’s AA Words Four: Having Words* (London: Architectural Association Publications, 2009), 79–89. Originally published as Brown (1989), “Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture,” in *Architecture: A Place for Women*, ed. Ellen Perry Berkeley and Matilda McQuaid (Washington, DC: Smithsonian Institution Press, pág. 237–46.

100. Pelas suas palavras: “I decided not to publish it at the time, because I judged that strong sentiments on feminism in the world of architecture would ensure my ideas a hostile reception, which could hurt my career and the prospects of my firm.”

Denise relata vários outros casos de discriminação que passou, onde a sua condição de mulher “diminuía” o seu papel enquanto arquitecta:

*“The head of a New York architecture school once reached me on the telephone because Bob was unavailable: “Denise, I’m embarrassed to be speaking to you because we’re giving a party for QP and we’re asking Bob but not you. You see, you are a friend of QP and you are an architect, but you’re also a wife, and we’re not asking wives”<sup>101</sup>.*

Para além de ser muitas vezes excluída enquanto artista e de insistentemente não lhe atribuírem mérito do seu trabalho em conjunto, até mesmo o que produz individualmente, é-lhe negado. Mesmo sendo explícito a autoria de determinado trabalho, não lhe são atribuídos créditos por tal projecto ou escrito e continuaram a outorgar a Venturi toda a produção. A arquitecta revela, de igual modo, que em certas entrevistas e publicações o nome dela era sistematicamente “esquecido”.

*“When Praeger published a series of interviews with architects, my name was omitted from the dust jacket. We complained and Praeger added my name, although objecting that this would spoil the cover design. On the inside flap, however, “eight architects” and “the men behind” modern architecture were mentioned. As nine were listed in the front, I gather I am still left out”<sup>102</sup>.*

- A arquitecta Lu Wenyu apresenta um caminho semelhante ao de Denise, mas em simultâneo, distinto. Trabalha em co-autoria com o seu marido Wang Shu e formam em conjunto o *Amateur Architecture Studio*<sup>103</sup> na cidade de Hangzhou, nos finais dos anos 90.

Apresentam uma abordagem contemporânea da arquitectura tradicional chinesa, numa perspectiva de valorização e reaproveitando dos materiais de obras e cidades tradicionais demolidas, explorando uma atitude vernacular nas suas obras, procuram “contestar” a exacerbada construção ocidental na China.

Dos trabalhos construídos destaca-se as obras do “Museu de Arte Contemporânea de Ningbo”, o “Pavilhão Tengtou para a Expo Xangai 2010”, a “Instalação do Jardim de Tehas” para a 10ª Bienal de Arquitectura de Veneza, entre outros.

---

101. BROWN, Denise Scott (2009). “*Having Words*”. Londres: *Architectural Association Publication*, pág.81

102. Ibid

103. Pela primeira vez, estiveram em Portugal a convite da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, na conferência internacional sob o tema “*Architectural Research Addressing Societal Challenges*”



A arquitecta chinesa<sup>104</sup>, formou-se na *Nanjing Institute of Technology* e para além de intervir directamente em todos os projectos do *atelier*, realiza, também, um importante trabalho académico, uma vez que leciona na escola de arquitectura que ambos fundaram.

Em 2010, a dupla é reconhecida com o importante Prémio Schelling, no entanto, não é contemplada com o Prémio Pritzker, apenas o elemento masculino da parceria, surge como vencedor em 2012. Diverge do caminho de Scott Brown, na medida em que, Lu Wenyu não dá importância ao facto de não ter sido incluída nem homenageada.

Chega a ser meramente mencionada pelo júri da fundação Hyatt ao referirem que o arquitecto Wang Shu forma o *atelier* com a sua mulher:

*“In works undertaken by the office he founded with his partner and wife Lu Wenyu, ‘Amateur Architecture Studio’, the past is literally given new life as the relationship between past and presente is explored”*<sup>105</sup>.

Não obstante, todo o discurso de citação do laureado é extremamente redutor no que toca à contribuição em parceria, já que são utilizadas expressões como “*Wang Shu’s buildings...*”, “*Wang Shu’s work...*”, “*Wang Shu’s architecture is...*”, mencionando vários projectos realizados pelo *atelier*, ludibriando assim, que o arquitecto é o único autor das obras.

Em 2012, ou seja no ano em que Wang foi premiado com o Pritzker, a organização já tinha entregue o dito prémio a outras duas parcerias, motivo pelo qual ficará sempre na dúvida o porquê do elemento feminino desta dupla, não ter sido incluído.

---

104. Lu Wenyu curiosamente, não apresenta bibliografia muito completa na *Wikipédia*. Algo que, parece ser singularmente comum em relação a artistas mulheres. Sendo um importante impulsionador de informação, aparece quase sempre em primeiro lugar em qualquer pesquisa na internet. Vai de encontro a um artigo escrito por Inés Moisset “*Arquitectas en Wikipédia*” onde se retém, á data da sua publicação, que os “*...datos de Wikidata, existen unas 28400 biografías de arquitectos en todas las Wikipedias y unas 1560 biografías de arquitectas. Estos artículos constituyen un 5%... Estas ausências distorsionan la historia de la arquitectura*”. Ensaio disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/publicaciones/arquitectas-en-wikipedia/> (consultado a 5 de Dezembro de 2019)

105. Citação retirada do site do Prémio Pritzker e disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/2012> (consultado a 5 de Dezembro de 2019)



37. Zaha Hadid



38. Kazuyo Sejima



39. Carme Pigem



40. Yvonne Farrell e Shelley  
McNamara

## “Antes tarde do que nunca”: Architectas Pritzker’s

À data, e em pleno século XXI, a premiação contempla na sua honrosa lista quarenta e oito laureados, contudo, desse exíguo número encontram-se apenas cinco architectas. Constata-se, portanto que, foram homenageados 90% architectos e somente 10% architectas galardoadas, sendo que desta exígua percentagem apenas uma architecta é premiada a título individual; duas parcerias entre géneros diferentes<sup>106</sup> e mais recentemente duas architectas que compõe uma dupla são galardoadas.

Como anteriormente referido, surgem outras duas parcerias entre géneros diferentes, em que apenas o elemento masculino da respectiva dupla, foi vencedor e desta forma as atribuições em parcerias revelam diferentes critérios ou talvez diferentes graus de formalizar a discriminação.

Foram precisas mais do que quarenta edições para que surgisse uma premiação a uma parceria exclusivamente feminina (edição 42<sup>a</sup>, no ano de 2020), o mesmo já tinha acontecido em termos masculinos, na 23<sup>a</sup> edição da atribuição do Prémio Pritzker, a uma coautoria entre os architectos Jacques Herzog e Pierre de Meuron, onde ambos ganham, em 2001, o Pritzker.

Analisando os números por vitoriosos a título individual, não incluindo, portanto, os vencedores de nenhuma parceria, a proporção entre homens/mulheres laureados é ainda mais díspar, uma vez que, em trinta e nove laureados architectos, existe somente uma vencedora architecta, Zaha Hadid. Desta forma, a percentagem de homens premiados aumenta para 97% “*versus*” os 3% onde apenas se inclui esta architecta galardoada.

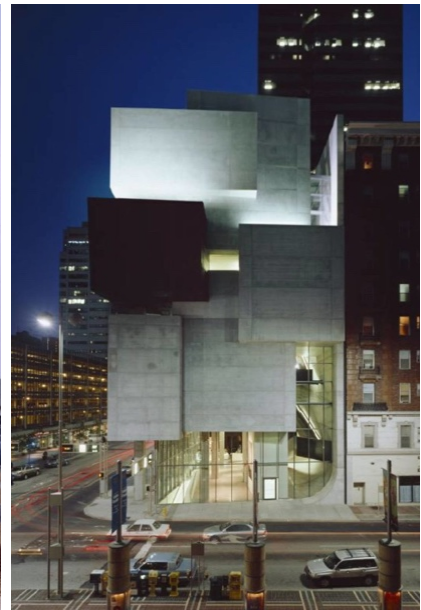
É neste contexto, que surgem as únicas cinco mulheres a conquistar o seu vislumbre de luz no Prémio Pritzker: Zaha Hadid, Kazuyo Sejima, Carme Pigem, Yvonne Farrell e Shelley McNamara.

---

106. Architecta Sejima recebe o honroso prémio juntamente com o seu sócio Ryue Nishizawa e em 2017, pela primeira vez, um trio de architectos (dois homens e uma mulher sócios fundadores do RCR Architectes) é premiado com um Pritzker e desta forma, a architecta Carme Pigem torna-se a terceira mulher a receber esta distinção.



41. Vitra Fire Station



42. The Richard and Lois Rosenthal Center for Contemporary Art



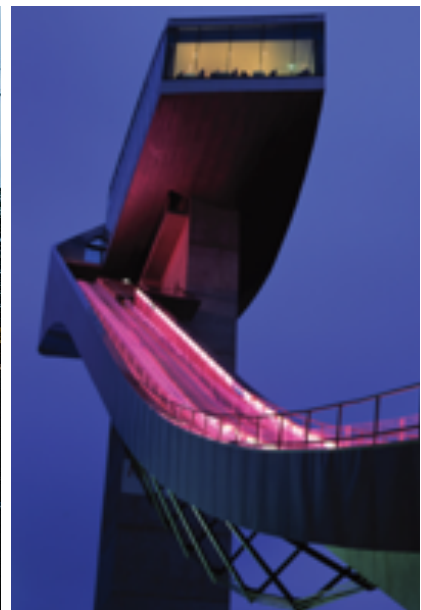
43. Car Park and Terminus Hoenheim North



44. Phaneo Science Center



45. Capital Hill Residence



46. Bergisel Ski Jump

- Zaha Hadid (1950-2016) nasce em Bagdá, no Iraque, no campo artístico torna-se a mulher arquitecta, mais reconhecida, da actualidade. Estudou matemática e mais tarde formou-se em arquitectura em Londres. Naturalizada inglesa em 1989, sempre ressaltou que o género e a sua etnia Árabe influenciaram a sua carreira, contudo pode-se afirmar que a arquitecta é a “excepção à regra”.

Uma vez que apesar de algumas contrariedades que viveu por ser mulher, referiu em muitos casos que foi excluída de grupos onde interagem arquitectos homens ou por acreditar que era apelidada de “diva” só por ser mulher, com um feitio particular, conseguiu deixar a sua marca mundial a nível profissional.

Mercedora de inúmeras premiações, a primeira arquitecta a ganhar o Pritzker e no seu discurso de agradecimento, congratula Rem Koolhaas e Elias Zenghelis, que foram seus professores e mais tarde amigos e colegas de trabalho no “*Office for Metropolitan Architecture*”. A arquitecta consigna de igual modo, todos os colaboradores de Zaha Hadid Architects e menciona os seus nomes como forma de agradecimento, enfatizando o arquitecto alemão Patrik Schumacher que se torna seu sócio, em 1988, actual “sucessor” do legado do escritório da arquitecta<sup>107</sup>.

Concorreu a inúmeros concursos de arquitectura e a sua obra construída distinguem-se o projecto do “*Vitra Fire Station*” (1993), “*Car Park and Terminus Hoenheim North*” (2001), “*The Richard and Lois Rosenthal Center for Contemporary Art*” (2003), “*Phaeno Science Center*” (2005), “*Capital Hill Residence*” (2006) - única residencia que projectou, “*Bergisel Ski Jump*”(2002), entre outras.

Torna-se também a primeira mulher a conquistar a medalha de ouro do *Royal Institute of British Architects* (RIBA) e o prémio *Stirling*, quebrando assim, mais uma vez, a hegemonia masculina. Designada como Dama do Império Britânico pela própria Rainha II, em 2012, trata-se de uma artista excepcional que influencia o desenvolvimento da arquitectura, design de interiores, pintura e até joalheria.

O júri do Prémio Pritzker reconhece o seu talento ímpar e refere que a arquitecta “(...)has used the competition experiences as a “laboratory” for continuing to hone her exceptional talento in creating an architectural idiom like no other”<sup>108</sup>.

---

107. Neste caso, apenas a arquitecta foi homenageada e o seu sócio não, será que se poderia questionar aqui, também, o porquê da parceria não ser premiada? Apenas, se sabe que o arquitecto se torna sócio passado alguns anos de Zaha fundar o seu escritório. Não foram encontradas referências sobre este tema específico nem se o Patrik seria na altura da premiação sócio igualitário do *atelier*.

108. Citação retirada do site do Prémio Pritzker e disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/2004> (consultado a 20 de Novembro de 2019)



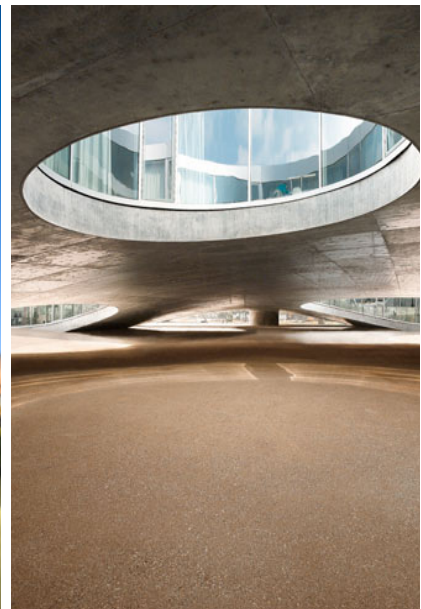
47. O-Museum



50. Zollverein School of Management and Design



48. 21st Century Museum of Contemporary Art



51. The Rolex Learning Center



49. The Rolex Learning Center



52. New Museum

- Kazuyo Sejima (1956-presente), nasce em Ibaraki (nordeste de Tóquio), conclui a sua formação em arquitectura na Universidade de Mulheres no Japão e começa a sua actividade no escritório de Toyo Ito<sup>109</sup>.

Em 1987 funda o seu próprio escritório *Kazuyo Sejima and Associates* e contrata um estudante Ryue Nishizawa com quem já tinha trabalhado no *atelier* de Toyo Ito e com quem mais tarde, em 1995 cria outro escritório de arquitectura em Tóquio: SANAA (*Sejima e Nishizawa and Associates*).

Para além de uma vasta obra construída, a arquitecta também tem um importante percurso no mundo académico, uma vez que, já leccionou na Universidade de Princeton, na Politécnica de Lausanne, na Universidade de Arte de Tama e na Universidade de Keio.

Destacam-se os projectos: “*O-Museum*” (1999), “*21st Century Museum of Contemporary Art*”(2004), “*Zollverein School of Management and Design*” (2006), “*The Rolex Learning Center, Ecole Polytechnique Federale*” (2009), entre outros.

Em 2010, é laureada em conjunto com o seu parceiro, torna-se a segunda mulher a ganhar o Prémio Pritzker e integra a segunda dupla a conquistar a honrosa premiação<sup>110</sup>.

O júri do Prémio Pritzker reconhece, neste caso, a autoria de ambos:

*“For more than 15 years, architect Kazuyo Sejima and Ryue Nishizawa have worked together in their collaborative partnership, SANAA, where it is virtually impossible to untangle which individual is responsible for what aspect of a particular Project”*<sup>111</sup>.

Merecedora de outros vários prémios, como *Prémio Schelling* (2000), *Prémio Rolf Schock* (2005), entre outros, torna-se a primeira mulher, a ocupar um cargo como directora do sector de Arquitectura da Bienal de Veneza, para o qual curou a 12ª Exposição Internacional de Arquitectura e a arquitecta mais nova a fazer parte do painel de jurados do Prémio Pritzker.

---

109. O seu grande mentor, que curiosamente foi também laureado com um Pritzker, mas em data posterior aos seus “discípulos”, uma vez que foi homenageado com o prémio em 2013

110. Em 1988, o prémio foi entregue tanto a a Oscar Niemeyer como a Gordon Bunshaft, apesar de não serem uma dupla; Em 2001, aos sócios Jacques Herzog e Pierre de Meuron. Assim, em 2010 com Sejima e Nishizawa, é a terceira vez que o prémio é entregue no mesmo ano a dois arquitectos.

111. Citação retirada do site oficial do Prémio Pritzker e disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/2010> (consultado a 20 de Novembro de 2019)



53. Bell-Lloc Winery



54. Barberi Laboratory



55. El Petit Comte Kindergarten



56. Row House



57. Soulages Museum



58. La Cuisene Art Cent



- Carme Pigem(1962-presente) iniciou os seus estudos na Escola de Bellas Artes de Olot, terminando a graduação em 1987 na Escola Técnica Superior de Arquitectura de Vallés, onde conhece os dois arquitectos com quem forma o *atelier* em 1988.

Anos depois, nessa mesma escola exerce como professora e como examinadora de projectos finais. Lecionou, igualmente, na Escola de Barcelona e desde de 2005 que é professora no departamento de Arquitectura do Instituto Federal de Tecnologia de Zurique.

A arquitecta espanhola, socia-fundadora do RCR Arquitectes (iniciais dos nomes que compõe o primeiro trio vencedor de um Pritzker, em 2017: Rafael Miranda, Carme Pigem e Ramón Vilalta) torna-se assim a terceira mulher laureada com o “nobel” da arquitectura.

O trio de arquitectos participa em diversas exposições, entre elas a importante Bienal de Arquitectura de Veneza. São mercedores em 2005 do Prémio Nacional de Cultura em Arquitectura concedido pelo Governo da Catalunha.

Em 2010, são nomeados membros honorários do *American Institute of Architecture* (AIA) e em 2012 membros internacionais do *Royal Institute of British Architects* (RIBA).

Formam duas associações a *RCB Lab A* (2008) e a *RCR Bunke Foundation* (2013) para apoiar a paisagem e as artes para todos.

Apresentam uma vasta obra, da qual se destacam os projectos: “*Bell- Lloc Winery*” (2007), “*Barberi Laboratory*” (2008), “*El Petit Comte Kindergarten*” (2010), “*Les Cols Restaurant Marquee*” (2011), “*Row House*” (2012), “*Soulages Museum*” (2014), “*La Cuisine Art Cent*” (2014), entre outros.

O júri do Prémio Pritzker reconhece:

*“The process they have developed is a true collaboration in which neither a part nor whole of a Project can be attributed to one partner. Their creative approach is a constant intermingling of ideas and continuous dialogue”*<sup>112</sup>.

---

112. Citação retirada do site do Prémio Pritzker e disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/2017> (consultado a 20 de Novembro de 2019)



59. Estádio Municipal de Braga



60. Universidade de engenharia e tecnologia- UTEC Nova Sede



61. Solstice Arts Centre



62. Medical School University of Limerick



63. University Luigi Bocconi



64. The Paul Marshall Building - London School of Economics

- Yvonne Farrell (1951-presente) e Shelley McNamara (1952-presente) são as mais recentes vencedoras do Prémio Pritzker. Para além, de entrarem na história pelo seu percurso, as arquitectas irlandesas fundadoras do *atelier Grafton Architects*, representam igualmente a primeira dupla feminina a ser laureada nas mais diversas premiações de relevância significativa (Prémio Jane Drew em 2015, medalha de Ouro Riba em 2020, entre outros), com uma vasta obra construída em várias escalas, foram também as comissárias da última Bienal de Veneza<sup>113</sup>.

Pelas palavras do também vencedor Pritzker, arquitecto Eduardo Souto Moura: “São duas mulheres notáveis, e duas arquitectas notáveis (...). Com uma honestidade intelectual que é rara no meio dos arquitectos, elas escreveram-me a dizer que o estádio [de Braga] as tinha influenciado [na obra da Universidade de Engenharia e Tecnologia (UTEC)]”<sup>114</sup>.

A dupla conheceu-se enquanto frequentavam o curso na década de 70 na *School of Architecture at University College Dublin* (UCD) e em 1978 fundaram o seu *atelier* juntamente com mais três colegas (apenas as duas arquitectas mencionadas se mantiveram na colaboração), atribuindo-lhe o nome da rua onde tiveram o seu primeiro local de trabalho - *Grafton Architects*.

Segundo Farrel no discurso da cerimónia da entrega do prémio “(...)to prioritize the existence of place, rather than individuals”<sup>115</sup>. O facto de terem iniciado o seu percurso formando uma equipa de trabalho com outros elementos, parece refutar a premissa da aparente dificuldade em que a mulher tem em entrar no mundo de trabalho da arquitectura.

Paralelamente à sua prática, passaram a ser, elas próprias, professoras na instituição onde se formaram (desde de 1976 a 2006, sendo que a partir de 2015 foram designadas como professoras adjuntas). Inclusive, esta vertente de educadoras é bastante marcante no seus percursos, contribuindo para as próximas gerações de arquitectura, tendo chegado a leccionar em outras universidades de relevo como em Yale, Lausanne e na Suíça.

Do seu vasto portfólio destacam-se as obras: *North King Street Housing* (2000), *Solstice Arts Centre* (2007), *Universita Luigi Bocconi* (2008), *Medical School, University of Limerick* (2012), *The Paul Marshall Building - London School of Economics* (2016), *Town House Kingston University* (2019), entre outras.

---

113. As arquitectas receberam uma maior reconhecimento mediático por terem recebido o Leão de Prata em 2012 pela exposição “A arquitectura como nova geografia”.

114. SOUTO MOURA cit. In ANDRADE, C. Sérgio (2020), Dupla irlandesa Yvonne Farrell-Shelley McNamara recebe o prémio Pritzker 2020, in *Jornal Público*. Artigo disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/03/culturaipsilon/noticia/dupla-irlandesa-yvonne-farrellshelley-mcnamara-recebe-premio-pritzker-2020-1906275> (consultado a 10 de Março de 2020)

115. Descrição disponível no site oficial do Prémio Pritzker: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/2020> (consultado a 10 de Abril de 2020)

*“The collaboration between Yvonne Farrel e Shelley McNamara represents a veritable interconnectedness between equal counterparts. (...) Pioneers in a field that has traditionally been and still is a male-dominated profession, they are also beacons to other as they forge their exemplary professional path.”*<sup>116</sup>.

Esta atribuição possivelmente não é alheia a um clima, mais uma vez, de pressão social de defesa dos direitos das mulheres já que vem no seguimento do movimento “*Me too*”, que se iniciou em 2017, mas que se estendeu nos seguintes anos ligado aos escândalos sexuais perpetrados pelo produtor cinematográfico Harvey Weinstein. Trouxe para a ribalta internacional de forma muito inflamada e mediática os direitos das mulheres, o assédio sexual sobre as mulheres a discriminação de género no mercado do trabalho em todas as áreas, contribuindo para a inclusão de debates de masculinidades e comprovando que é necessário identificar bem como reconhecer a falta de equidade entre géneros que perpetua ainda na sociedade actual.<sup>117</sup>

O facto de todas arquitectas referidas terem sido avaliadas e em certa medida associadas à mesma instituição (ainda que por jurados diferentes) atribui uma certa linha de reflexão, sobre a visibilidade e ascensão (ou não) a um circuito de profissionais reconhecidos e com presença em arquitectura.

Questiona-se o porquê de, nas coautorias entre Sejima - Nishizawa e Miranda - Pigem - Vilalta, Farrell - McNamara até mesmo entre Herzog - Meuron, o júri da fundação Hyatt considere o trabalho proposto por cada uma das parcerias ímpar e indistinguível, como se constata na leitura da citação dos jurados face aos laureados. Não sendo possível assim, segundo o júri, distinguir quem fez o quê, trabalhando há décadas juntos, motivo pelo qual, leva a que as parcerias sejam homenageadas. Todavia, de igual modo, as colaborações de Venturi - Scott Brown e Wang - Wenyu, decorreram durante variadíssimos anos, não sendo possível identificar, de igual modo, o trabalho de cada membro separadamente, e consequentemente, surge nestes casos uma problemática de autoria que coloca no centro da discussão a discriminação de género e a aparente dificuldade que a cultura actual têm em reconhecer a excelência dos excelentes quando estes são mulheres.

---

116. Descrição disponível no site oficial do Prémio Pritzker em: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/2020> (consultado a 10 de Abril de 2020)

117. Também o célebre arquitecto premiado com Pritzker, Richard Meier foi acusado publicamente, em Março de 2018, por cinco mulheres por alegações de má conduta sexual, tirando partido da sua posição privilegiada que durante décadas terá assediado sexualmente várias trabalhadoras. Artigo publicado pelo The New York Times e disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/13/arts/design/richard-meier-sexual-harassment-allegations.html> (consultado em 10 de Junho de 2020)

## “Contra factos, há argumentos?”: Ser arquitecta em prémios de arquitectura, exposições e publicações, na vida profissional e na academia

A difusão das obras de arquitectura é feita sobretudo através de exposições, conferências, atribuições de prémios e publicações.

Pretende-se estabelecer um parâmetro geral da presença da mulher arquitecta quer no ensino como no mercado do trabalho. Descortinar o seu protagonismo numa sociedade contemporânea, nas diversas premiações e publicações, de forma a que, represente uma reflexão informada. Desmistificando que a visibilidade da mulher no campo da arquitectura apresenta ainda alguns impedimentos gerados por uma herança patriarcal, cujos protagonistas foram, historicamente e ainda são, os homens arquitectos.

Assim, questiona-se se as arquitectas têm visibilidade que, em certa medida, permite a sua existência?

### **- O que nos dizem os números em algumas premiações da arquitectura:**

Os prémios e concursos em arquitectura apresentam um papel preponderante na actividade, na medida em que, permitem uma maior abrangência de programas, pois geralmente assumem um espectro mais amplo de categorias e contribuem para uma maior formulação de hipóteses/análise de especificações técnicas de obras, bem como pela procura constante de inovações elevando as produções arquitectónicas.

Como resultado de certas premiações, alguns escritórios são trazidos para a ribalta, proporcionando outras obras, curadorias e publicações, ou seja reconhecimento público e entre os seus pares; outros *ateliers* já consagrados reforçam e consolidam o seu lugar em arquitectura, conquistando uma relevante homenagem das suas obras para a História da Arquitectura e para a cultura artística de um modo geral.

A atribuição de prémios, relaciona-se com um reconhecimento que extravasa o próprio campo restrito da profissão, trazendo repercussões a todos os níveis, alcançado quer as elites como a população em geral.

São, assim, importantes veículos de discussão de produção arquitectónica que primam pela valorização da cidade e despertam para relevância e protagonismo da(s) carreira(s) do(s) arquitecto(s), quer a nível nacional como internacional.

Desta forma, recorreu-se a uma selecção dos mais importantes e prestigiados prémios em arquitectura como, Prémio Pritzker, Medalha de Ouro do RIBA, Medalha de Ouro do AIA, Prémio de Arquitectura Contemporânea Mies van der Rohe, Prémio Fernando Távora, Prémio Sécil Arquitectura e Prémio Sécil Universidades, expondo uma breve contextualização dessas premiações, concluindo com a expressão geral do género dos seus laureados cronologicamente. Já que, se considera serem importantes barómetros para a questão em análise, tem como objectivo criar uma informação objectiva com a intenção de fixar dados estatísticos e de compreender, então, que arquitectos estão presentes no “*star system*”.

### ROYAL GOLD MEDAL RIBA

A Medalha de Ouro do Riba (*Royal Gold Medal*), criada em 1848, é concedida, anualmente, pelo *Royal Institute of British Architects* em nome da Rainha Elizabeth II a um indivíduo ou grupo, independentemente da sua nacionalidade, que apresente um conjunto de obras com contribuições substanciais no avanço da arquitectura internacional<sup>118</sup>.

A lista é composta sobretudo por arquitectos de renome, com excepção dos laureados engenheiros Ove Arup (1966) e Peter Rice (1992). Em 1999 a Medalha de Ouro não foi concedida a um indivíduo ou grupo, mas sim a uma cidade – Barcelona.

Em 1901 e 1924 não houve atribuição da medalha, não tendo sido possível apurar a razão pela qual não houve premiação nos anos referidos.

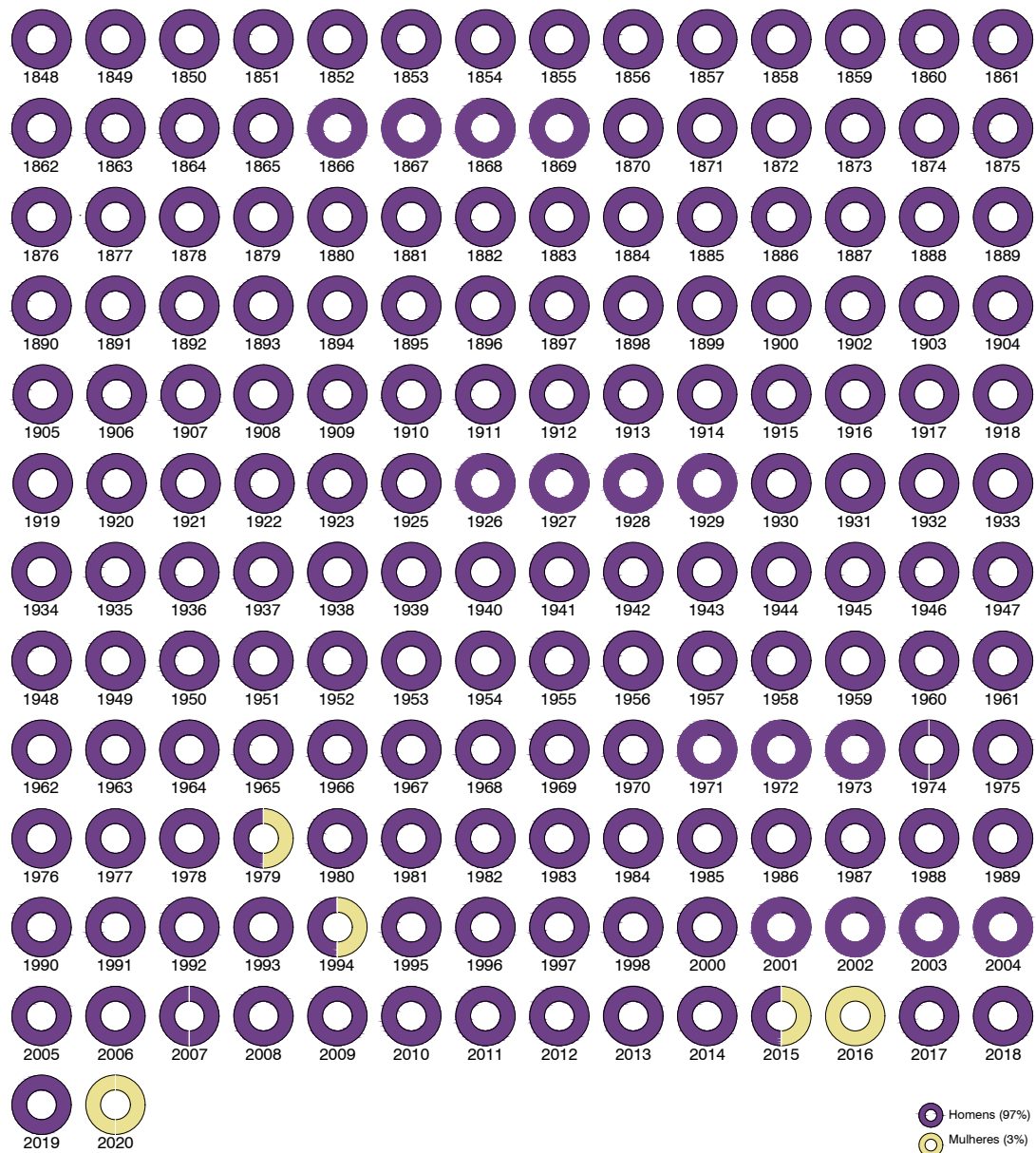
Das cento e setenta e seis medalhas entregues<sup>119</sup>, constata-se que cento e setenta terão sido outorgadas a homens e apenas seis outorgadas a mulheres, assim, a percentagem de arquitectas laureadas por esta premiação é de, aproximadamente, 3% “contrariamente” às 97% das atribuições entregues a profissionais do sexo masculino.

---

118. Segundo descrição do site oficial: “*Given in recognition of a lifetime’s work, the Royal Gold Medal is given to a person or group of people who have had a significant influence either directly or indirectly on the advancement of architecture.*” Disponível em : <https://www.architecture.com/awards-and-competitions-landing-page/awards/royal-gold-medal> (consultado a 29 de Outubro 2019)

119. Retirou-se desta equação a medalha entregue a Barcelona, já que não é possível atribuí-la um género. Contabilizou-se as medalhas entregues a cada membro das parcerias laureadas (uma parceria entre mulheres, duas parcerias entre homens e três parcerias de ambos os sexos).

Deste escasso número somente uma foi atribuída a título individual a Zaha Hadid (2016), três a arquitectas em parcerias com homens (1979: Ray Eames e Charles Ormond Eames, Jr; 1994: Patrícia Ann Hopkins e Michael Hopkin; 2015: Sheila O' Donnell and John Tuomey) e, pela primeira vez, em 2020, presenteada a uma dupla exclusivamente feminina, às arquitectas Yvonne Farrell e Shelley McNamara.



C. Medalha de ouro RIBA, desde 1848-2020: Identificação dos vencedores de acordo com o género (1901 e 1924 não houve atribuição e em 1999 foi atribuído à cidade de Barcelona)

## AIA GOLD MEDAL

A Medalha de Ouro do AIA, criada em 1907, é concedida pelo Instituto Americano de Arquitetos, a uma parceria de arquitetos<sup>120</sup> ou a título individual (em vida, ou em homenagem “*post mortem*”) em reconhecimento a um conjunto de obras de significativa influência, que abordam o futuro da arquitetura, honrando a sua tradição.

Desde de 1947, apresenta uma atribuição com uma frequência anual, todavia, excepcionalmente, em alguns anos não terá sido outorgada, desconhecendo-se os motivos<sup>121</sup>.

Esta prestigiada premiação é considerada uma das maiores distinções, concedida nos Estados Unidos no campo da arquitetura<sup>122</sup> porém, das setenta e sete medalhas entregues apenas 3%, aproximadamente, foram concedidas a mulheres arquitectas. Perfazendo um total de somente duas medalhas, uma a título pessoal e outra em parceria com um arquitecto.

Em 2014, pela primeira vez, uma mulher é premiada, Júlia Morgan é a primeira arquitecta a ser homenageada com a medalha concedida postumamente. No ano de 2016, uma parceria é vencedora desta Medalha de Ouro, e assim, a segunda medalha entregue a uma arquitecta é atribuída à dupla Denise Scott Brown e Roberto Venturi.

Nomes como: Louis Sullivan, Walter Gropius, Ludwig Mies van der Rohe, Le Corbusier, Frank Gehry, Tadao Ando, Steven Holl, entre outros, representam os restantes 97% dos homens arquitectos laureados, o que denuncia, mais uma vez, a grande disparidade entre arquitectas-arquitectos vencedores de premiações de renome.

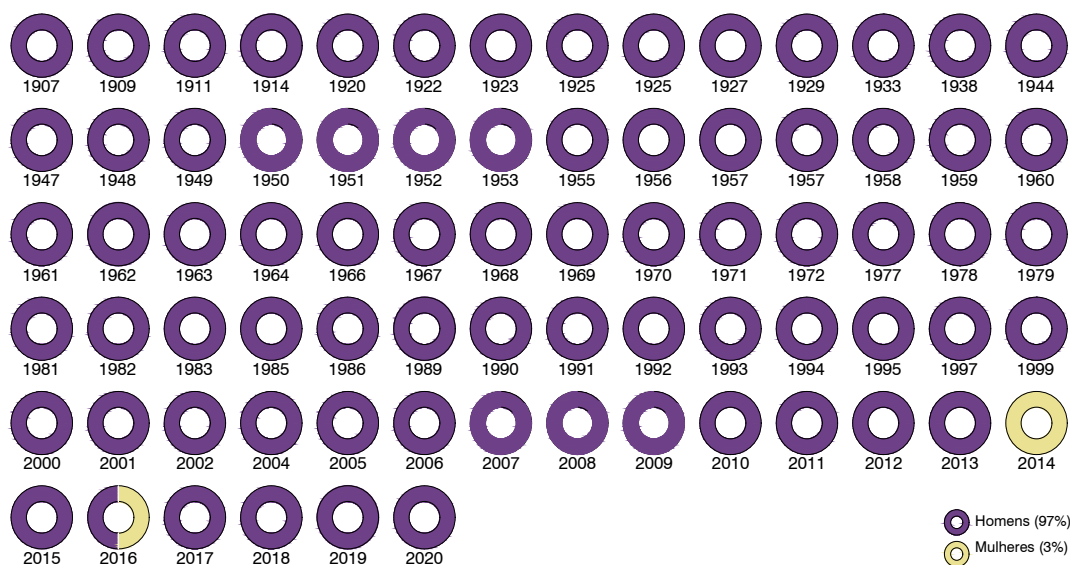
---

120. Em 2013 alteraram o seu regulamento, de forma a que seja possível a atribuição a uma dupla de arquitectos, até então, a medalha de ouro era concedida apenas a título individual. Assim, mais tarde, foi atribuída à parceria Scott Brown-Venturi, devido ao seu contributo não só pelas obras construídas como também pelo tributo á sua literatura sobre arquitectura e urbanismo. “*Their writings have deeply affected the profession, in the USA and the whole world,*”(Cesar Pelli). Frank Gehry escreveu, também sobre a nomeação da dupla “*..they work as “two great intellects, instead of one ego, “their work “broke open the field of architecture to revisit history in a freshly modern way.*” Artigo disponível em: <https://www.aia.org/showcases/8196-denise-scott-brown-hon-faia-and-robert-venturi-faia> (consultado a 1 de Novembro de 2019)

121. Nomeadamente em: 1954, 1965, 1973 a 1976, 1980, 1984,1987, 1988 e 2003;

122. “*The Gold Medal is the AIA’s highest annual honor, recognizing individuals whose work had a lasting influence on the theory and practice of architecture. Considered one of the most prestigious awards in the architecture world.*” Artigo disponível em:- <https://www.aia.org/awards/7046-gold-medal> (consultado a 1 de Novembro de 2019)





D. Medalha de ouro AIA, desde 1907-2020: Identificação dos vencedores de acordo com o género (em 1925 e 1957 foram entregues duas medalhas)

O prémio atribuído a Júlia Morgan, apesar de ser algo positivo e inspirador, levanta algumas questões relacionadas com o reconhecimento das arquitectas no campo profissional. Desde de 1907 a 2013 todos os laureados foram homens, não questionando o seu mérito, o contexto da (in)visibilidade feminina na arquitectura permanece, uma vez que, foi necessário mais de cem anos para que a primeira mulher recebesse esta honra. A arquitecta galardoada foi a primeira mulher a se formar na *École de Beaux-Arts de Paris* (1902) e a primeira mulher a obter licença profissional na Califórnia. Toda a sua extensa obra, desenhados mais de setecentos edifícios, serviu de inspiração a toda uma geração de arquitectas, contudo apenas obteve esta premiação cinquenta e seis anos, após o seu falecimento.

Questiona-se o que uma premiação póstuma diz sobre o presente quando há tantas arquitectas na vanguarda da profissão? O contexto histórico-social actual é distinto do vivido anteriormente, poderá, assim, continuar a justificar a falta de representatividade feminina nas premiações?

No entanto, reconhece-se uma tentativa de contrabalançar esta disparidade e uma procura pela evolução e maior justiça já que, a *American Institute of Architects* (AIA) alterou o seu regulamento permitindo que, a partir de 2013, a Medalha de Ouro fosse passível de ser atribuída a duplas. Presumivelmente a polémica em torno das declarações de Scott Brown sobre a desigualdade que passou na profissão, realçada pela petição criada para incluir a arquitecta, retrospectivamente, no prémio Pritzker, estivessem na base desta alteração.

## PRÊMIO DE ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA MIES VAN DER ROHE

O Prêmio de Arquitectura Contemporânea Mies van der Rohe, criado em 1988 pela Fundação Mies van der Rohe<sup>123</sup> em parceria com a Comissão Europeia e com o Parlamento Europeu, é considerado o mais importante prémio de arquitectura da Europa. Atribuído bienalmente a obras concluídas nos últimos dois anos e concedido a título individual ou em parceria, tem como objectivo promover a qualidade da arquitectura e da construção, aos seus profissionais, mas também, apoiar jovens arquitectos. Uma vez que, em 2000, a Fundação Mies van der Rohe submeteu o modelo do Prémio Mies van der Rohe - com a adição de uma Menção Especial a Arquitectos Emergentes, que reconhece o trabalho dos jovens profissionais no início das suas carreiras. Trata-se assim de um prémio que não se restringe apenas à atribuição de um troféu, alonga-se a uma exposição itinerante e à publicação de um catálogo que divulga os trabalhos apreciados pelo júri e a menção honrosa para um arquitecto emergente.

O(s) vencedor(es) do Prémio de Arquitectura Mies van der Rohe recebe(m) 60.000 € e o(s) da Menção Especial Arquitectos Emergentes 20.000 €. A ambos é, também atribuída uma escultura que evoca o Pavilhão Mies van der Rohe de Barcelona - o símbolo deste premiação. A cerimônia reúne as pessoas envolvidas nos prémios: membros do júri, vencedores, finalistas, vencedores de menções especiais para arquitectos emergentes, autores finalistas, especialistas, representantes da Comissão Europeia, representantes de Barcelona e os clientes das obras.

*“The Prize objectives aim at promoting and understanding the significance of quality and reflecting the complexity of Architecture’s own significance in terms of technological, constructional, social, economic, cultural and aesthetic achievements”<sup>124</sup>.*

Zaha Hadid é a única arquitecta vencedora a título individual, deste prestigiado prémio. Mais duas arquitectas são galardoadas mas em parcerias com os seus respectivos parceiros. A representatividade feminina como laureada totaliza, assim, apenas 9% da lista dos vencedores, sendo que os restantes 91% dos prémios atribuídos foram a arquitectos do sexo masculino.

---

123. A Fundação Mies van der Rohe foi fundada em 1983 em Barcelona com o propósito de reconstruir o Pavilhão da Alemanha, projectado pelo arquitecto alemão Mies van der Rohe. Para além de conservar e disseminar o conhecimento acerca desta obra, a Fundação promove o debate de temas relacionados com arquitectura contemporânea e planeamento urbano, organiza congressos, exposições e workshops.

124. Descrição retirada do site oficial do prémio e disponível em: <https://www.miesarch.com/about-the-prize/> (consultado a 1 de Novembro de 2019)

O escritório O.M.A é premiado e assim a primeira parceria com elementos de ambos os géneros é homenageada, tornando-se assim, Ellen van Loon a segunda arquitecta a ser galardoada. Só na edição de 2019 é que a circunstância se repete e outra parceria com um elemento de sexo feminino é vencedora, Lacaton & Vassal architectes em cooperação com outros escritórios.



E. Prémio de Arquitectura Contemporânea Mies van der Rohe, desde 1988-2019: Identificação dos vencedores de acordo com o género

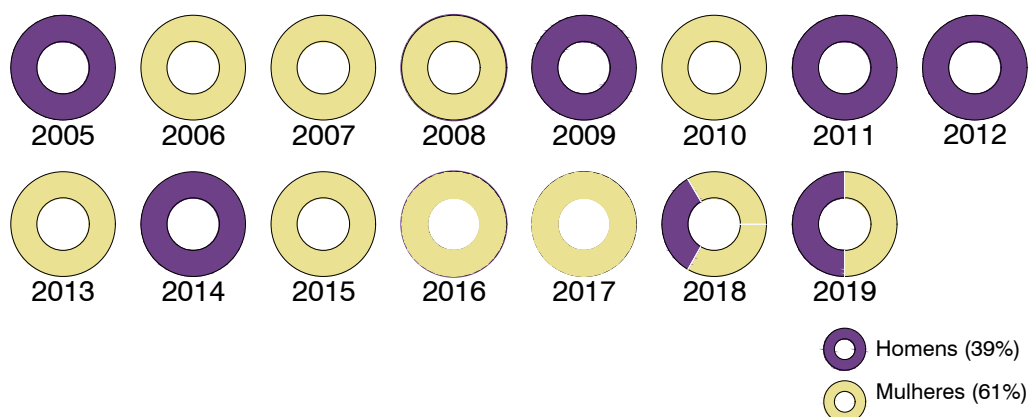
## PRÉMIO FERNANDO TÁVORA

Em homenagem a Fernando Távora pela sua actividade, enquanto arquitecto e pedagogo, é lançado em 2005, o Prémio Fernando Távora, uma distinção anual organizada pela Ordem dos Arquitectos (Secção Regional Norte), pela Câmara de Matosinhos e pela associação da Casa da Arquitectura. Consiste na atribuição de uma bolsa de viagem destinada a todos os membros efectivos da Ordem dos Arquitectos que apresentem uma viagem de investigação.

“O Prémio Fernando Távora destina-se a perpetuar a memória do arquitecto, valorizando a importante contribuição da viagem e do contacto directo com outras realidades, na formação da cultura do arquitecto”<sup>125</sup>.

De todos os prémios, anteriormente referidos, este é o único que apresenta um número de vencedoras superior, neste caso e talvez, por se tratar de um prémio relacionado com investigação, já foi concedido a onze arquitectas e a sete arquitectos, mesmo assim, observa-se que a percentagem não é tão díspar como nos outros casos, já que, aqui, as arquitectas laureadas correspondem a 61% e 39% de arquitectos premiados.

125. Informação disponibilizada pelo site da Ordem dos Arquitectos <http://www.oasrn.org/premio.php?inf=premio> (consultado a 1 de Novembro de 2019)



F. Prémio Fernando Távora, desde 2005-2019: Identificação dos vencedores de acordo com o género (à data, desta investigação ainda não tinham sido abertas as candidaturas e consecutivamente a atribuição do prémio para a edição de 2020, que geralmente ocorre no último trimestre do respectivo ano)

## PRÉMIO SÉCIL

O Prémio Sécil, criado em 1992, consiste na atribuição, pela empresa portuguesa Sécil, a projetos de arquitetura nos anos pares e prémios de engenharia nos anos ímpares – a obras realizadas a nível nacional e internacional.

No que respeita a arquitetura, este prémio visa ressaltar e promover o reconhecimento público de obras construídas em cimento e executadas por arquitectos nacionais membros efectivos da ordem dos Arquitectos.

“Esta iniciativa, que possui dois concursos distintos – Nacional e Universidades, mereceu desde a primeira edição, o honroso Alto Patrocínio da Presidência da República, tornando-se, assim, no galardão de referência em Portugal na área da Arquitetura e da Engenharia Civil”<sup>126</sup>.

Analisando a premiação na vertente da arquitetura, é de salientar que até 2012, não apresenta nenhuma referência a qualquer arquitecta, correspondendo assim a uma percentagem de 100% os prémios entregues a arquitectos homens a título individual.

A edição mais recente, do Prémio Sécil, abrange uma extensão considerável de período temporal, de 2012 a 2016, uma vez que se definiu não se realizar a edição do ano de 2014

126. Informação disponibilizada no site da empresa Secil: <http://www.secil-roup.com/missao-visao-valores/premios-secil/> (consultado a 1 de Novembro de 2019)

e consequentemente incluiu um número extenso de candidaturas a concurso com cerca de 80 obras.

Desta forma, foi no início de 2020 que o júri decidiu que para a XII edição seriam distinguidas duas obras: O Centro de Artes Contemporâneas Arquipélago, na Ribeira Grande, de Francisco Vieira de Campos, Cristina Guedes que formam o *atelier* Menos é Mais e João Mendes Ribeiro; e a Sede da EDP, em Lisboa, de Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus. Surge, assim, pela primeira vez, um nome de uma arquitecta associado a este prémio, e igualmente as primeiras parcerias, já que anteriormente todas os vencedores foram a título individual. A representatividade de arquitectos masculinos até 2016 corresponde então a 94% dos vencedores, e a única arquitecta representada a 6% da lista de laureados.

Não obstante, o Prémio Sécil - Universidades<sup>127</sup>, que incentiva e promove a qualidade do trabalho de jovens das Escolas de Arquitectura Portuguesas, apresenta uma paridade superior na percentagem de premiados, já que, conta com inúmeros elementos de ambos os sexos e várias colaborações. Este factor, aparenta afigurar uma louvável evolução que as universidades e o painel de jurados que compõe esta distinção, procuram implementar, celebrando a noção de criatividade conjunta. De salientar, igualmente, a diversidade que compõe a estrutura decisória nesta premiação. Exemplificando com o júri da mais recente premiação - XV edição<sup>128</sup>, apresenta-se um painel diversificado e com um número superior de elementos femininos em relação aos jurados masculinos que, neste caso é representado por seis arquitectas e quatro arquitectos. Durante a análise aos vários prémios de arquitectura, realizada anteriormente, esta conjuntura nunca se verifica, já que, o quadro decisivo é sempre composto por um número esmagadoramente superior de homens.

Possivelmente, este é um dos principais motivos para que, neste prémio, exista uma equidade maior em termos de reconhecimento e representatividade diversificada no que diz respeito

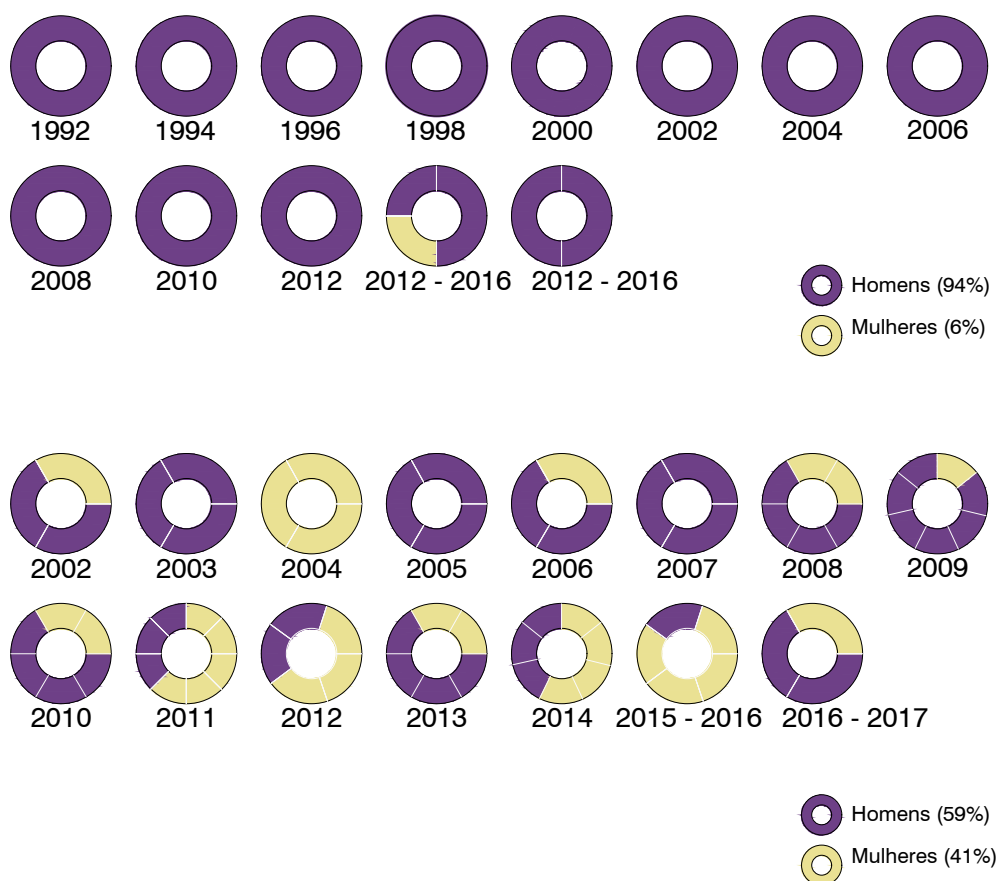
---

127. Regulamento disponível em : [http://www.secil-group.com/wp-content/uploads/2016/10/2018\\_05\\_16\\_SECIL\\_Premio-Arquitetura-Universidades\\_Regulamento.pdf](http://www.secil-group.com/wp-content/uploads/2016/10/2018_05_16_SECIL_Premio-Arquitetura-Universidades_Regulamento.pdf) (consultado a 29 de Novembro de 2019) “Os candidatos apresentam a sua candidatura na Escola de Arquitectura a que pertencem, perante o órgão que venha a ser designado pela direcção da Faculdade ou Departamento de Arquitectura. Cada uma das escolas de arquitectura efectua a selecção dos trabalhos ou projectos a apresentar ao Júri, estabelecendo o processo e critérios de selecção que considere adequados. Ao indicar os trabalhos seleccionados, a escola deve referir como foi realizado o processo interno de selecção.”

128. Júri presidido por António Belém Lima (Secil e Ordem dos Arquitectos), José António Bandeirinha (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), Clara Gonçalves (ISMAT - Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes), Fátima Fernandes (ESAP — Escola Superior Artística do Porto), Rui Mendes (Universidade Autónoma de Lisboa), Sofia Aleixo (Universidade de Évora), Rodrigo Coelho (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), Célia Gomes (Secil) e Inês Vieira da Silva (Ordem dos Arquitectos)

aos vencedores.

Uma vez que, foram seleccionados vários trabalhos de estudantes portugueses, quer a título individual como em grupo, atribuindo-lhes um grande reconhecimento público para início de carreira, correspondendo 59% dos prémios atribuídos a estudantes homens e 41% a estudantes do sexo feminino.



G. Prémio Arquitectura Sécil e Sécil Universidades, desde 1992-2016 e 2002-2017, respectivamente: Identificação dos vencedores de acordo com o género

Não colocando em causa a qualidade e o mérito arquitectónico de todas as obras e arquitectos louvados das premiações mencionadas, nesta breve amostra com exemplificações a nível mundial, europeu e nacional, a questão permanece, que autores e que obras de arquitectas estão a ser (re)conhecidas e enaltecidas?

## **- O que nos dizem os números no campo profissional:**

De forma a se caracterizar o sector da arquitectura acredita-se ser necessário criar um breve diagnóstico geral que forneça dados mensuráveis que sirvam de barómetro para a questão do género no campo profissional, compreender a importância e aprofundar a relação entre pares - ser arquitecta em arquitectura: Quantas são? Que cargos ocupam? Em que condições?

É assim, necessário padronizar relações contractuais e laborais para que todos os intervenientes da classe tenham a sua dignidade e visibilidade asseguradas, na procura por uma profissão equalitária.

Segundo uma análise à lista anual que exhibe as maiores firmas de arquitectura do mundo, “*World Architecture 100*”<sup>129</sup> e ao examinar os sites de alguns desses escritórios mencionados, é possível reter que a maioria das empresas são geridas por arquitectos e o lugar das arquitectas é esmagadoramente reduzido.

Dos cem escritórios de arquitectura inventariados, 39% são Europeus, com grande incidência no Reino Unido, Alemanha, França e Dinamarca.

Recai sobretudo sobre os casos Europeus apresentados, esta análise efectuada, de forma a, aferir a paridade de oportunidades de género nos altos cargos de chefias, numa realidade mais aproximada à nossa.

A título de exemplo, a empresa britânica *Foster + Partners*, que à data, ocupa o 14º lugar nesta lista dos maiores escritórios de arquitectura do Mundo, não é composta por nenhuma mulher como sócia executiva. São dez homens que ocupam esse espaço, somando aos vinte e quatro sócios séniores que compõem a empresa.

Assim, em trinta e nove cargos superiores de extrema importância num escritório de renome, encontramos um deslumbre de apenas cinco mulheres como sócias sénior, correspondendo a uma percentagem de somente 13% de cargos de chefia.

Em 2017, esta empresa de arquitectura, divulgou um relatório<sup>130</sup> sobre as questões de remuneração de género, revelando que, como anteriormente foi referido, há uma escassa representatividade feminina em cargos superiores o que resulta, numa diferença de remuneração entre géneros.

---

129. Informação disponível no site: <https://www.bdonline.co.uk/wa-100> (consultado a 22 de Outubro de 2019)

130. Relatório visível em: [https://www.fosterandpartners.com/media/2637184/gender-pay-report.pdf?utm\\_medium=website&utm\\_source=archdaily.com.br](https://www.fosterandpartners.com/media/2637184/gender-pay-report.pdf?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br)

Para resolver as disparidades reveladas no relatório, a Foster+Partners definiu compromissos de incentivar a diversidade de género em todos os níveis do escritório.

Destaca que, ao longo dos últimos anos, de forma a combater essa lacuna, procuram incentivar e promover mais mulheres para o nível de Sócio e Sócio Sénior.

*“The practice understands that this is a complex issue and that it will take time to archive the right balance. We are committed to closing the gender gap and ensuring diversity and inclusion at all levels”*  
(Matthew Streets, Managing Partner)

O que se pode constatar é que passado alguns anos, essa disparidade ainda persiste, não obstante, regista-se a tomada de consciência e o compromisso em alcançar um equilíbrio uniforme entre géneros.

A tendência mantém-se nas restantes firmas, apesar de empregarem várias arquitectas, usualmente nos cargos de chefias encontram-se exclusivamente homens.

É na Escandinávia que se encontram as três firmas que são a excepção a esta aparente “regra”, uma vez que detêm nos seus painéis executivos maioritariamente mulheres.

Da lista anteriormente mencionada, o escritório *White Arkitekter* que ocupa o 16º lugar e *Tengbom* em 27º, com aproximadamente seiscentos e quatrocentos empregadores respectivamente, são escritórios de arquitectura na Suécia comandados por mulheres e com um número considerável de representantes do sexo feminino no painel principal.

As arquitectas Alexandra Hagen e Johanna Frelin são as *CEO*'s das respectivas firmas, previamente citadas, e o escritório *Tengbom* apresenta, também, um quadro de chefias representado com 60% de elementos femininos.

*Henning Larsen*, na Dinamarca ocupa o 64º lugar da lista dos cem escritórios mais importantes do mundo e tem como presidente Mette Kynne Frandsen, há mais de quinze anos.

O único escritório português incluído na lista dos cem maiores escritórios do Mundo, ocupa o 97º lugar, trata-se de “Saraiva + Associados”. Apesar de, nas restantes firmas haver alguns portugueses empregados que colaboram com os vários *ateliers*, este é o único escritório representante de Portugal e mantém a tendência dos outros gabinetes, no que respeita ao número reduzido do género feminino em cargos de elevada importância.

A S+A emprega mais de uma centena de trabalhadores com especialistas de diversas áreas, geridos por arquitectos, como por engenheiros e designers, que integram não só a arquitectura e planeamento como o design e a sustentabilidade. Após uma análise dos cargos principais desta empresa, à data, é possível reter que de vinte e seis especialistas



que constituem funções de chefias tais como associados, administradores, sócios seniores, directores e outros somente quatro são mulheres.

No que respeita a especialistas em arquitectura, o painel multidisciplinar, apresenta dezanove arquitectos e duas arquitectas a saber, a arquitecta Vera Fonseca e a arquitecta Susana Ramalho, ou seja, nesta empresa, o lugar da mulher arquitecta em cargos superiores corresponde a aproximadamente 10%, enquanto que o percentual do arquitecto dirigente é de 90%.

Portanto estamos perante um grande desequilíbrio nesta esfera profissional de topo e aponta ser este o lugar das grandes discriminações de género na actualidade.

“Em termos proporcionais, o número de mulheres [em Portugal] na profissão é superior à média europeia (39%). Atendendo ao crescente número de mulheres nas faculdades de Arquitectura é provavelmente, a breve prazo, representem mais de 50% dos profissionais da Arquitectura, tal como acontece na Noruega, na Suécia, na Finlândia, na Croácia e na Grécia”<sup>131</sup>.

Em Portugal em 2006, foi realizado um relatório Profissão: Arquitecto/a, promovido pela Ordem dos Arquitectos, segundo o mesmo, à data:

“Embora a percentagem de arquitectas a exercer presentemente a profissão ainda não seja muito superior a 1/3 dos inscritos na Ordem, exactamente 35,5%, esta percentagem tem vindo a aumentar todos os anos, havendo o volume anual de licenciadas atingido a paridade com o dos licenciados só nos últimos cinco anos (...)”<sup>132</sup>.

De facto, a representatividade feminina na profissão, nos últimos anos aumentou, visto que, actualmente, retratam 45% dos membros inscritos. Todavia não se apresentam quer para o público, como para os seus pares, com uma visibilidade equivalente.

---

131. Plano Estratégico para o Sector da Arquitectura no Norte de Portugal: 2018-2038 , Ordem dos Arquitectos – Secção Regional Norte (OASRN) Centro de Estudos Norte 41o - Centro de Arquitectura, Criatividade e Sustentabilidade, Porto, pág.52. Não obstante, este plano de compreensão do estado da arquitectura nacional, apesar de muito completo em variadíssimos temas, não apresenta um estudo aprofundado sobre o género na arquitectura, razão pela qual, se remete ao relatório realizado anteriormente sobre o estado da profissão.

132. CABRAL, M.V (coord.) & BORGES, V. (2006). Relatório Profissão: Arquitecto/a. Lisboa: ICS/UL; Ordem dos Arquitectos, pág. 30

	Cadernos Eleitorais FINAIS				Cadernos Eleitorais FINAIS					
	MEMBROS INSCRITOS		MEMBROS ATIVOS		MEMBROS INSCRITOS		MEMBROS ATIVOS			
	F	M	F	M	F	M	F	M		
<b>TOTAL</b>	<b>25358</b>	<b>11485</b>	<b>45%</b>	<b>13873</b>	<b>55%</b>	<b>16758</b>	<b>7168</b>	<b>43%</b>	<b>9590</b>	<b>57%</b>
<b>NORTE</b>	<b>8268</b>	<b>3476</b>	<b>42%</b>	<b>4792</b>	<b>58%</b>	<b>5576</b>	<b>2138</b>	<b>38%</b>	<b>3438</b>	<b>62%</b>
<b>CENTRO</b>	<b>2284</b>	<b>1058</b>	<b>46%</b>	<b>1226</b>	<b>54%</b>	<b>1674</b>	<b>773</b>	<b>46%</b>	<b>901</b>	<b>54%</b>
<b>LISBOA E VALE DO TEJO</b>	<b>12617</b>	<b>5932</b>	<b>47%</b>	<b>6685</b>	<b>53%</b>	<b>7813</b>	<b>3475</b>	<b>44%</b>	<b>4338</b>	<b>56%</b>
<b>ALENTEJO</b>	<b>559</b>	<b>275</b>	<b>49%</b>	<b>284</b>	<b>51%</b>	<b>426</b>	<b>214</b>	<b>50%</b>	<b>212</b>	<b>50%</b>
<b>ALGARVE</b>	<b>945</b>	<b>416</b>	<b>44%</b>	<b>529</b>	<b>56%</b>	<b>728</b>	<b>320</b>	<b>44%</b>	<b>408</b>	<b>56%</b>
<b>AÇORES</b>	<b>301</b>	<b>144</b>	<b>48%</b>	<b>157</b>	<b>52%</b>	<b>250</b>	<b>115</b>	<b>46%</b>	<b>135</b>	<b>54%</b>
<b>MADEIRA</b>	<b>384</b>	<b>184</b>	<b>48%</b>	<b>200</b>	<b>52%</b>	<b>291</b>	<b>133</b>	<b>46%</b>	<b>158</b>	<b>54%</b>

G. Número de membros na Ordem dos Arquitectos Portugueses: identificação de acordo com o território e a identidade de género.<sup>133</sup>

Segundo o estudo à profissão, as arquitectas distinguem-se dos seus pares masculinos por terem um percurso mais formativo, sendo em número superior em pós-graduações académicas e nas formações profissionais disponíveis, como os cursos de especialização fornecidos pela Ordem. Em contrapartida, apresentam um índice de actividade laboral na área durante a licenciatura inferior à dos arquitectos, ou seja são mais os jovens homens que trabalham em escritórios de arquitectura, enquanto frequentem o curso. Os arquitectos são também em número superior a concorrer e a ganhar concursos.

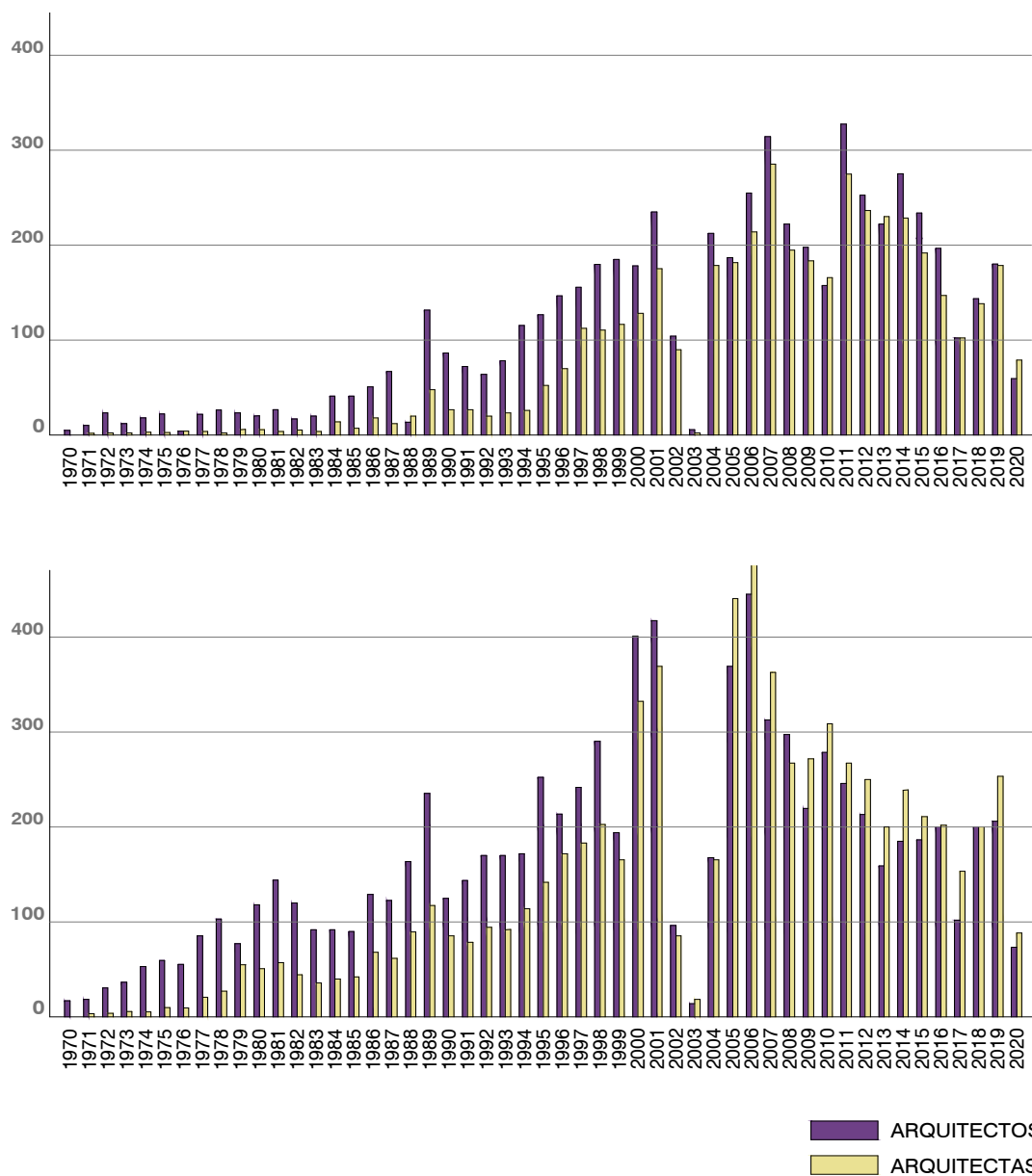
“Por outras palavras, até agora as arquitectas exibem um perfil formativo mais escolástico do que prático”<sup>134</sup>.

O relatório revela de igual modo que os arquitectos produzem mais arquitectura por conta própria e as arquitectas executam a sua profissão mais frequentemente em regime de prestação de serviços ou como assalariadas e colaboradoras.

133. Informação retirada da análise dos cadernos eleitorais divulgados em Março de 2020 pela Ordem dos Arquitectos e sistematizada pela arquitecta Cláudia Escalera a título pessoal, no fórum dos Arquitectos Portugueses a 8 de Março de 2020. Com as novas eleições de 2020, surgirão outros dados.

134. CABRAL, M.V (coord.) & BORGES, V. (2006). “Relatório Profissão: Arquitecto/a” Lisboa: ICS/UL; Ordem dos Arquitectos, pág. 32

*“Também há diferenças nos domínios de actividade em que trabalham, ocupando-se os homens das construções mais importantes. Eles também participam mais em concursos do que elas e são praticamente o dobro delas a ganhar prémios. Em consonância com as características de género que afectam o exercício da profissão, as arquitectas auferem em média rendimentos inferiores aos das arquitectos”<sup>135</sup>.*



H. Evolução da representatividade do número de arquitectos inscritos na OA consoante o género, em 50 anos, na Secção Regional Norte e Secção Regional Sul respectivamente

135. Ibid, pág. 119

Os dados mais recentes obtidos,<sup>136</sup> informam que, na Secção Regional Norte da Ordem dos Arquitectos, desde de 1970, houve quatro anos, em que o número das arquitectas inscritas foi superior comparativamente à quantidade de arquitectos, nomeadamente no ano de 1988, 2010, 2013 e 2020. Em termos numéricos denota-se um crescente número de inscrições de arquitectas, desde o início, com a excepção de alguns casos pontuais e dos anos 2002-2003 e 2008-2010, onde se verifica uma descida considerável de inscrições, independentemente, da identidade de género, presumivelmente devido a à crise económica vivida em território nacional. Nos anos de 2002 a 2005 e de 2017 a 2019, foram o anos em que se atingiu uma maior paridade de inscritos na AO, sendo que, no caso mais recente a diferença foi apenas de 2 inscrições (177 mulheres e 179 homens).

À semelhança, na Secção Regional Sul da Ordem dos Arquitectos, também em 2002 e 2003 surge um considerável pico descendente de inscrições e nos anos imediatamente a seguir o maior pico de inúmeros registos. Não obstante, de 2005 a 2020, com excepção do ano de 2008 e 2018, as inscrições de arquitectas foram em número superior, o que traduz a tendência actual de uma maior quantidade de arquitectas a frequentarem o curso.

### **- O que nos dizem os números em algumas publicações e exposições:**

A inserção e permanência no mercado de trabalho das arquitectas é intrínseca ao reconhecimento que têm pelo público e pelos seus pares. Visto que a limitação de registos dessa contribuição feminina é pouco debatida e conhecida, sobretudo devido às escassas publicações e exposições sobre obras e arquitectas, continua a persistir uma desigualdade na profissão.

A verdade é que, só conhecemos o que nos é dado a conhecer e, assim, a problemática do género na arquitectura espelha não só a ausência da mulher na arquitectura, como também, a marginalização da arquitecta. É assim, necessário fomentar uma recolha da produção feminina e promover um número crescente de publicações e de exposições idêntico em questões de género, até que se chegue a uma situação de paridade comparativamente à criação masculina. O que certamente permitirá um maior reconhecimento e um leque mais diversificado de profissionais da área e de praticas projectuais. Tal premissa, permitirá de igual modo, uma maior possibilidade de futuros trabalhos para todos os profissionais e não sempre para os mesmo, já que muitos projectos e convites surgem devido ao reconhecimento dado aos arquitectos nas exposições e nas publicações.

---

136. Dados fornecidos pelas respectivas Secções da Ordem dos Arquitectos via e-mail à data de 21 de Abril de 2020. E a partir de informação contida e analisada na dissertação de mestrado: “Três Arquitectas, três Gerações, uma Escola” (Cabral, 2017), pág 52

Portanto os arquitectos conseguem ter um lugar em arquitectura, sobretudo através de artigos em jornais, revistas e conteúdos digitais, bem como exposições e workshops. Desta forma, analisa-se algumas publicações do *The Architectural Review*, do *Archdaily*, do Jornal dos Arquitectos e da revista “Arqa. Arquitectura e Arte Contemporânea” que representam o tema. Demonstra-se de, forma objectiva, as representações oficiais portuguesas nos últimos anos nas principais exposições de arquitectura, nas Bienais de Veneza, São Paulo e na Trienal de Milão, para que se apreenda a diversidade (ou a falta dela) exibida da arquitectura portuguesa.

Segundo uma pesquisa publicada pela revista *The Architectural Review*<sup>137</sup>, em 2016, sobre a situação das mulheres na Arquitectura e Urbanismo, realizada a mais de mil arquitetas do Reino Unido, Europa, Austrália, Estados Unidos, Ásia e de outras partes do mundo, 67% das inquiridas considera que a indústria da arquitetura e construção, ainda não aceita a autoridade da mulher nesta área.

Apenas 15% julga que, nos dias de hoje, já existe essa aceitação e 18% revela não saber, contudo uma em cada cinco arquitectas não recomendaria a profissão a outra mulher, mostrando que há várias dificuldades a enfrentar.

A grande maioria das arquitectas europeias questionadas exprime que, não tem revisões regulares para subir de cargo (74%). Uma das principais “razões” para a disparidade salarial, que é consideravelmente inferior comparativamente a arquitectos do sexo masculino, para a desigualdade de presença em termos quantitativos em cargos de poder, bem como, pela maior invisibilidade do trabalho de arquitectas, julga-se ser a maternidade. Esta questão do matrimónio, maternidade e profissão faz com que 83% das arquitectas inquiridas considere que, ter filhos as colocaria numa posição de desvantagem, em relação a arquitectos homens.

Esta premissa é recorrente, mesmo que e a maior parte das arquitectas questionadas, não tenha filhos (75%) e, mesmo assim, já sentem à priori todas estas pressões.

Recentemente, em 2018, a *Archdaily*<sup>138</sup> propôs-se a questionar os seus leitores, sobre quem poderia ser o próximo Pritzker, restringindo os candidatos vencedores àqueles, que falam língua portuguesa.

---

137. TETHER, Bruce (2016), “Results of the 2016 Women in Architecture Survey revealed”, *The Architectural Review*. Artigo disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/results-of-the-2016-women-in-architecture-survey-revealed/10003314.article> (consultado a 14 de outubro de 2019)

138. Archdaily - site mais visitado do mundo no que diz respeito à arquitectura, diariamente apresenta, novos projectos, desenhos técnicos e materiais, notícias, concursos, etc.

“Se o próximo Pritzker fosse alguém que fala português, em quem apostaria?”<sup>139</sup> O artigo divulga as respostas e as sugestões apresentadas de possíveis premiados apenas se restringem a arquitectos de Portugal e Brasil. Ora aqui para além da problemática de género, identifica-se igualmente uma questão racial, ou um maior desconhecimento de arquitectos de outros países, já que por exemplo, na perspectiva dos leitores, são logo postos de parte, arquitectos oriundos de África.

A lista é composta por: Aires Mateus, Carrilho da Graça, Angelo Bucci, Gustavo Penna, Severiano Porto, Ruy Ohtake, Paulo Jaconsen, Marcio Kogan, Isay Weinfeld, Roberto Loeb, Brasil-Arquitectura (Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz), Marcos Acayaba e o escritório MMBB Arquitectos (Fernando de Mello Franco, Marta Moreira e Milton Braga).

Destaca-se, de igual modo que é revelador a discriminação de género directa pela quantidade exígua de arquitectas propostas a candidatas a vencer o prémio Pritzker, em relação ao número de arquitectos. Ou é sintomática indirectamente por via do desconhecimento das mesmas, que resulta da discriminação a que estão sujeitas ao longo das suas carreiras. Inclusive, a única arquitecta mencionada trabalha num trio com mais dois arquitectos. Ou seja, elementos femininos só se exprimem, em aproximadamente 8% das sugestões apresentadas e a título individual, representam 0% das propostas mencionadas.

O “Jornal dos Arquitectos” é uma publicação promovida pela Ordem dos Arquitectos e assume-se como abrangente nos conteúdos temáticos expostos, procurando promover e divulgar a arquitectura. Tornou-se, recentemente, uma plataforma online, com artigos, debates, crónicas e fóruns, estimulando a diversidade e variedade dos intervenientes. Para a editora principal desta publicação:

“o J-A (...) tem, por isso, um enorme potencial em colmatar as desatenções e estreitar as diferenças, vendo-as como positivas, (d)enunciando-as, quando injustificadamente exclusivas, ou tornando-as - tão simplesmente - visíveis e, assim conscientes”<sup>140</sup>.

É sobre a edição do J-A #253 que interessa debruçar, já que contém sobretudo reflexões sob as representações oficiais portuguesas em grandes exposições internacionais de arquitectura.

---

139. BRANT, Julia (2018), “Se o próximo Pritzker fosse alguém que fala português, em quem apostaria?”, *Archdaily* Brasil. Artigo disponível no site: <https://www.archdaily.com.br/br/889953/quem-ganhara-o-premio-pritzker-2018-nossos-leitores-dao-suas-sugestoes-entre-arquitetos-de-lingua-portuguesa> (consultado a 29 de Outubro de 2019)

140. MELÂNEO, Paula (2018): “Modos(s) de R(existir) reflexões a partir de um ciclo de conversas”, Lisboa: Associação Mulheres na Arquitectura; pág. 55.

Assim, o artigo das arquitectas Paula Melâneo e Inês Moreira “Representatividade, Representantes e Representados” centra-se nas representações oficiais portuguesas nas grandes exposições internacionais de Arquitectura, questionando como é realizada a escolha e “...quais os critérios de curadoria dos eventos, seus conceitos, bem como da selecção dos arquitectos/*ateliers* e das obras representadas?”<sup>141</sup>

Estas arquitetas pretendem analisar o que as participações representam, o que mostram e qual a diversidade exibida da arquitectura portuguesa, através de uma sistematização e recolha de dados sobre os principais intervenientes portugueses, nos últimos anos nas Bienais de Veneza, São Paulo e na Trienal de Milão.

Através da recolha da informação, do artigo mencionado, é possível analisar que os participantes mais frequentes nestas importantes exposições apresentam uma representatividade esmagadoramente masculina. Com isto não se pretende referir que, um dos critérios de escolha deverá ser o género, mas também não se deseja que se destaque o “óbvio”, apesar de todo mérito, qualidade e pertinência das obras seleccionadas e dos seus protagonistas, que em nenhuma circunstância é colocado em causa. Retém-se que, os arquitectos intervenientes nestas exposições internacionais são sobretudo, Fernando Távora, Belém Lima, Eduardo Souto Moura, Álvaro Siza Vieira, João Luís Carrilho da Graça, Gonçalo Byrne, Aires Mateus, Ricardo Bak Gordon, Adalberto Dias, Alexandre Alves Costa, João Mendes Ribeiro, entre outros.

Contudo, ainda que em número reduzido pretende-se destacar a participação de arquitectas nestas exposições nomeadamente: Inês Lobo, Inês Vieira (do *atelier* “SAMI” em parceria com Miguel Vieira), Mariana Pestana, Susana Ventura, Bárbara Rangel, Teresa Otto (do *atelier* “LIKEarchitects” em parceria com Diogo Aguiar), Cristina Guedes (do *atelier* “menos é mais” em parceria com Francisco Viera Campos), entre outras.

“Este estudo revela-nos o enorme desequilíbrio na selecção, por género, seja na participação ou na curadoria, do que (e de quem) deveria ser representativo da cultura e produção arquitectónica do nosso país”<sup>142</sup>.

Constata-se que é na Exposição Internacional de Arquitectura de Veneza, que a representatividade feminina é superior em relação às outras grandes exposições analisadas. Não obstante, a presença de arquitectas corresponde a uma percentagem ainda muito

---

141. MELÂNEO, Paula e MOREIRA, Inês (2016), “Representatividade, Representantes e Representados”, *Jornal dos Arquitectos*, J-A #253. Artigo disponível em: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/representacoes-nacionais/representacoes-nacionais> (consultado a 13 de Novembro de 2019)

142. MELÂNEO, Paula (2018): “Modos(s) de R(existir) reflexões a partir de um ciclo de conversas”, Lisboa: Associação Mulheres na Arquitectura, pág. 55.

diminuta, uma vez que representa apenas 5%, enquanto que os arquitectos masculinos participantes correspondem a 81% e as parcerias a uma percentagem de aproximadamente 14%.

À data do artigo mencionado, em 2016, houve sete curadores homens (64%) e apenas 4 mulheres (36%), sendo que o desequilíbrio da seleção dos curadores representativos de Portugal, torna-se ainda maior, se acrescentar-mos a exposição ocorrida em 2018.

Todavia, nesta edição, segundo a Directora-Geral das Artes, Paula Varanda:

“...pela primeira vez, o projeto que representa Portugal em Veneza é resultado de um concurso público, promovido pelo Estado português através da Direcção-Geral das Artes. Este modelo inédito, ao qual se quer dar continuidade, permite ao Estado abrir um concurso que desafia artistas, arquitetos e curadores nacionais, a desenvolverem propostas artísticas para as Representações Portuguesas nas Exposições Internacionais de Arte e Arquitetura da Bienal de Veneza”<sup>143</sup>.

Verifica-se que, na 16ª edição da Exposição Internacional de Arquitetura “*La Biennale di Venezia*” (em 2018), as curadoras principais eleitas são as irlandesas Yvonne Farrell e Shelley McNamara, cofundadoras do escritório *Grafton Architects*, que propõem o tema central da exposição “*Freespace*”.

No âmbito da representação portuguesa neste evento, “*Public Without Rhetoric*”, o projecto representativo de Portugal, fica a cargo de Nuno Brandão e Sérgio Mah, através da apresentação de doze obras construídas de autoria portuguesa, durante o período temporal 2007 – 2017, através do percurso pelo “edifício público”.

Nesse ano, as doze obras<sup>144</sup> expostas apresentam uma representatividade de cinco mulheres sendo apenas uma a título individual, para catorze arquitectos, dos quais 4 a título individual, ou seja 21% representação feminina e 79% masculina.

---

143. Comunicado de imprensa disponível em: <http://www.portugalglobal.pt/PT/ComprarPortugal/Fileiras/industrias-culturais-criativas/Documents/bienal-veneza-2018-participacao-portugal.pdf> (página 5, consultado a 26 de Dezembro de 2019)

144. As obras escolhidas nesta amostra foram os seguintes arquitectos: João Mendes Ribeiro e Menos é Mais (Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos); Inês Lobo; Aires Mateus; SAMI (Inês Vieira da Silva e Miguel Vieira); Álvaro Siza, Eduardo Souto Moura e Tiago Figueiredo; Miguel Figueira; Serôdio Furtado Associados (Isabel Furtado e João Pedro Serôdio); Carlos Prata; Ricardo Bak Gordon; João Luís Carrilho da Graça; Gonçalo Byrne e Barbas Lopes Arquitectos (Diogo Seixas Lopes e Patrícia Barbas). Pavilhões expositivos temporários compostos por obras dos arquitectos: depA (Carlos Azevedo, João Crisóstomo e Luís Sobral); Diogo Aguiar Studio; FAHR 021.3 (Filipa Fróis Almeida e Hugo Reis); Fala *Atelier* (Ana Luísa Soares, Filipe Magalhães e Ahmed Belkhdja) e Ottotto (Teresa Otto)



Segundo o artigo do J–A, a Bienal de Arquitectura de São Paulo apresenta uma discrepância de curadores marcadamente representada por homens, tendo sido apenas numa edição realizada por uma mulher. É na 5ª edição desta exposição que se estreia a primeira representação oficial portuguesa, com os comissários arquitecto Jorge Figueira e arquitecta Ana Vaz Malheiro. Em termos de arquitectos participantes, até à data, retém-se que a representatividade é composta por aproximadamente 86% de homens, 4% de mulheres e 10% de parcerias.

A 16ª edição da Exposição Internacional da Trienal de Milão com o tema central: “*21st Century. Design After Design*”: “(...)propõe uma contextualização extremamente abrangente: fala-se de morte, sagrado, eros, destino, tradições e história; juntam-se questões de género e globalização...”<sup>145</sup>.

Portugal, doze anos após a sua última participação, é representado pelo comissário português José Bártolo que fez a selecção de obras apresentada por “*Objects After Objects*”.

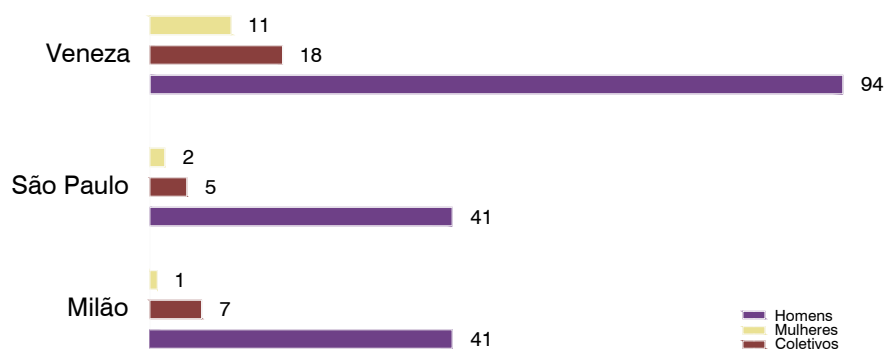
A abordagem apresentada por Bártolo e os curadores centrais da exposição - Roberto Cremascoli e Maria Milano - refere uma retrospectiva crítica à XIV Exposição da Trienal de 1968. Numa das salas da exposição portuguesa apresenta treze conhecidos em vídeo a falar sobre o “*habitat*” como prática: Adalberto Dias, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Eduardo Souto De Moura, Gonçalo Byrne, João Mendes Ribeiro, José Adrião, José Carlos Loureiro, João Luís Carrilho da Graça, José Manuel Carvalho Araújo, Manuel Aires Mateus, Manuel Graça Dias e Sérgio Fernandez.

A questão impõe-se: Já que pretendia-se reavivar os acontecimentos de Maio de 68 e, numa trienal que visava nos seus temas centrais a inclusão do género, não seria de igual modo interessante ouvir as perspectivas de arquitectas dessa geração, como a de Teresa Fonseca, Ana Tostões, Teresa Novais, Paula Santos, Cristina Veríssimo, Cristina Guedes, entre outras, apresentando assim uma maior homogeneidade de representação?

Com um dos temas centrais a inclusão do género e numa amostra da sala portuguesa apenas com vídeos de arquitectos do género masculino, agrava ainda mais a situação ao constatar-se que, é nesta exposição que a representatividade portuguesa feminina é inferior. Verifica-se que participaram quarenta e um homens, sete colectivos e uma mulher, correspondendo a apenas 2%. Em termos de curadores, a percentagem aumenta, ainda que pouco equilibrada, foram até à data do artigo, 78% curadores homens e 22% mulheres.

---

145. MELÂNEO, Paula e MOREIRA, Inês (2016), “Representatividade, Representantes e Representados”, *Jornal dos Arquitectos*, J-A #253. Artigo disponível em: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/representacoes-nacionais/trienal-de-milao> (consultado a 27 de Dezembro de 2019)



I. Identificação de participantes de acordo com o género nas Exposições Internacionais de Arquitectura em Veneza, São Paulo e Milão (“coletivos”: podem ser compostos por parcerias mistas, de cada um dos sexos, bem como *ateliers* não nominais) <sup>146</sup>



J. Identificação de Curadores de acordo com o género nas Exposições Internacionais de Arquitectura em Veneza, São Paulo e Milão

Na reflexão crítica intitulada de “Altares” escrita por Pedro Jordão, arquitecto e fundador da revista NU, o autor questiona sobretudo o que representam num conjunto estas presenças internacionais de arquitectura?

Para o arquitecto, a arquitectura:

“...conjugam-se no masculino, já tem uma certa idade e não parece deixar descendência... é a conclusão possível para quem a conhecer a partir das suas representações internacionais desde o início do século, das bienais de arquitectura de Veneza e São Paulo”<sup>147</sup>.

146. Infografias baseadas no estudo publicado no J-A #253 em 2016 e nos gráficos realizados. Acrescentou-se a edição de 2018 da Exposição Internacional de Arquitectura da Bienal de Veneza (que não estava contemplada nesse artigo)

147. JORDÃO, Pedro (2016), “Altares”, Jornal dos Arquitectos, j-A #253. Artigo disponível em: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/representacoes-nacionais/altares> (consultado a 26 de Dezembro de 2019)

É noutra edição do J-A, #256, que o tema das mulheres na arquitectura é abordado ainda que tangencialmente. Segundo a crónica escrita pela investigadora de Doutoramento em Museologia (FLUP), Laurem Crossetti<sup>148</sup>, sobre a abertura da nova sede da Casa da Arquitectura em Matosinhos. São abordados alguns temas sobre a curadoria e edição de arquitectura bem como a importância das exposições. Segundo o organizador deste ciclo de conferências, são os curadores e editores os grandes instigadores do papel do arquitecto na sociedade.

“Joseph Grima trouxe para o debate, ainda que superficialmente, o usual domínio masculino na cena da arquitectura”<sup>149</sup>, retrata a sua participação como co-director da primeira Bienal de Arquitectura de Chicago. Grima constata que, o evento de 1977, “*The State of the Art of Architecture*” era integralmente dominado por arquitectos homens de meia idade, e que quarenta anos depois, essa premissa permanecia inalterada.

“Espera-se que a agenda de exposições e actividades da Casa – além da constituição do seu acervo – não poupe esforços em discutir e reavaliar o trabalho de arquitectas mulheres, uma problemática tantas vezes deixada de lado”<sup>150</sup>.

De facto, no passado, a arquitectura foi tendencialmente uma prática masculinizada, a verdade, é que a situação tem vindo, ainda que timidamente e lentamente a evoluir. Apesar de, não se manifestar no protagonismo atribuído, continua assim, a seguir a tendência anterior, sobretudo, na falta de paridade a nível de projecção pública.

Não obstante, a revista “Arqa. Arquitectura e Arte Contemporânea”, na edição 134 (2º trimestre de 2019), publicou uma reflexão inteiramente dedicada à arquitectura e arte no feminino.

“A Arqa já tinha abordado esta temática antes, em pelo menos duas ocasiões, nomeadamente no número 23 [2004] e também no número duplo 80-81 [2010](...). Mas neste novo número, o objetivo é, não só mostrar obras de arquitetas, e reconhecer a real qualidade do seu trabalho, mas também procurar respostas para as incógnitas que rodeiam este tema. A surpresa veio quando algumas das mulheres que agora convidámos

---

148. Destaca-se do programa inaugural o ciclo de conferências intitulado de “Please Share”, organizado pelo arquitecto Roberto Cremascoli, sessão com moderação de João Belo Rodeia e participação de Guilherme Wisnik, Joseph Grima e Pippo Ciorra.

149. CROSSETTI, Laurem (2018), “Na inauguração da Casa da Arquitectura”, *Jornal dos Arquitectos*, j-A #256. Artigo disponível em : <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/j-a-256/na-inauguracao-da-casa-da-arquitectura> (consultado a 4 de Janeiro de 2019)

150. Ibid



65. Capa de Jornal de Arquitectos #242



66. Capa de Jornal de Arquitectos #253



67. Capa de Jornal de Arquitectos #256



68. Capa de Jornal Arqa nº23



69. Capa de Jornal Arqa nº80-81



70. Capa de Jornal Arqa nº134

- enquanto projetistas ou enquanto críticas – recusarem esse convite”<sup>151</sup>.

Apesar de terem surgido algumas importantes colaborações para criar esta edição, o director da revista Vítor Neves expõe que, a intenção de homenagear architectas e demonstrar as diferenças de oportunidades como sendo um tema actual, o convite foi declinado por algumas simplesmente por ser uma edição dedicada a esse assunto, sendo que, estariam disponíveis para participar em outras quaisquer edições. “Entre as mulheres há um desconforto visível em ser tratado como `tema. No entanto, ele existe.”<sup>152</sup>.

O objectivo desta publicação não seria apenas o de mostrar obras de architectas, mas também procurar respostas para incertezas que envolvem a temática. Assim, são nos apresentadas algumas architectas de relevância e as suas respectivas obras, como, Olga Feio, Ana Leandro, Teresa Nunes da Ponte, Romina Canna e o *atelier PUSHAK* liderado por quatro architectas, Camilla Langeland, Sissil Morseth Gromholt, Marthe Melbye e Gyda Drage Kleiva.

Dá-se especial atenção às entrevistas realizadas às architectas, Helena Botelho, Célia Gomes e Martha Thorne - “às mesmas questões as três architectas são unânimes em afirmar que a prática profissional no feminino deveria ter mais protagonismo”<sup>153</sup>.

Quando Célia Gomes é questionada sobre qual seria o motivo e como explicaria na sua opinião a razão pela qual, as architectas têm tão pouco protagonismo nos media. A architecta contrapõe questionando a própria revista; “Qual o vosso critério de selecção/ convite? Já pensaram na possibilidade de publicar projectos tendo em conta a paridade dos seus autores? Acredito na implementação de um sistema de cotas, até que este tema seja um NÃO tema”<sup>154</sup>.

De facto, a revista mencionada apresenta duas décadas de existência sendo sua primeira edição foi no ano de 2000 e apenas debateu o tema em três números publicados (23, 80-81 e 134), apesar do próprio director da publicação considerar o assunto bastante pertinente. Não obstante, a questão impõe-se, qual o motivo para o desconforto em dar voz a este tema? Não deixa de ser curioso o facto de, apesar de haver poucas iniciativas que promovam este debate, segundo Vítor Neves muitas architectas recusaram em participar numa edição dedicada a mulheres na architecta.

---

151. NEVES, Vítor (2019), em: Revista Arqa. Architectura e Arte Contemporâneas — Portuguese Contemporary Architecture and Art Magazine. arq./a – ARQUITECTURA E ARTE Contemporâneas, “[ARQ] FEMINAE” n° 134, Lisboa, pág.21

152. Ibid

153. Ibid, pág.96

154. GOMES, Célia. (2019), em entrevista para a revista: “[ARQ] FEMINAE” Arq./a (134°), Lisboa, pág.97

Existirá uma presunção (in)consciente de que procurar promover a igualdade poderá ser visto como estar contra os homens?

Existirá uma presunção banalizam-se teorias feministas vistas na generalidade com uma conotação negativa, mas defender a paridade de oportunidades de género na profissão não é quer prejudicar o sexo oposto, não é procurar inverter a situação, pois isso mesmo seria outro acto igual de discriminação para com o sexo oposto.

Poder-se-á considerar que reclamar esta diferença poderá perpetuar o binómio que se procura diluir, mas a verdade é que, não se considera existir uma essência feminina e recusa-se especificações de arquitecturas de homens e de mulheres, contudo a identidade artística parece ser condicionada pela identidade enquanto mulher o que não acontece com o género masculino. A arquitecta como se constata ao longo dos tempos e nos dias de hoje, vê o seu sexo sobrepor-se á sua identidade enquanto artista.

No artigo “*I am not a female architect. I am an architect*”<sup>155</sup> a arquitecta Dorte Mandrup reflecte sobre o género na arquitectura, retracta que ao ser escolhida para ingressar numa lista da Dezeen’s - 50 mulheres inspiradoras na arquitectura e design, apesar de ter ficado grata pela nomeação considera que iniciativas como estas tem um propósito errado, isto porque preferia estar numa lista em que não houvesse o prefixo relacionado com o seu sexo, simplesmente numa lista dos 50 arquitectos inspiradores na arquitectura e design.

Considera igualmente que, os homens não tem género e por isso é que não se reconhece o termo “*men architect*”. A verdade é que em inglês, o termo que denomina o/a arquitecto/a não tem género, “*architect*” é uma palavra que se utiliza em ambos os sexos.

No entanto, surgem algumas exposições, listas, colóquios ou publicações dedicadas exclusivamente a “*woman architects*”, o que segundo a arquitecta são actos de pura caridade equivocada. Segundo as suas próprias palavras: “*I do not approach assignments as a woman, but as a professional architect. But this last part seems to be confusing to many men and women within the business*”.

No entanto, considera que as arquitectas ainda são vistas no campo como sendo de “segunda classe” e que muito há que por fazer:

“*A very famous architect recently paid his version of a compliment to Lina Bo Bardi of Brazil for her fabulous SESC Pompéia, saying: ‘It is all so incredibly raw and ultra-brutal that one almost can’t believe that it is the work of a woman.’ In other words: she is so good, that she could*

---

155. MANDRUP, Dorte (2017) “*I am not a female architect. I am an architect*”, Artigo disponível em: <https://www.dezeen.com/2017/05/25/dorte-mandrup-opinion-column-gender-women-architecture-female-architect/> (consultado a 10 de Junho de 2020)

*almost pass for a man. Just imagine what it would sound like if a male architect was equally praised for his surprising ability to design with real compassion and human insight? To create something so empathetic that one could hardly believe it was made by a man?”*

Pode-se considerar que entrevistas, publicações ou exposições com o tema de arquitectas tratam-se de iniciativas que uns acreditam diminuir as desigualdades outros creem que aumenta o binómio que se procura diluir, a realidade é que uma menção especial ou implementação de quotas é uma forma de combater essas discriminações que ainda não são aceites e que provavelmente será o caminho a seguir até que de facto seja um não tema:

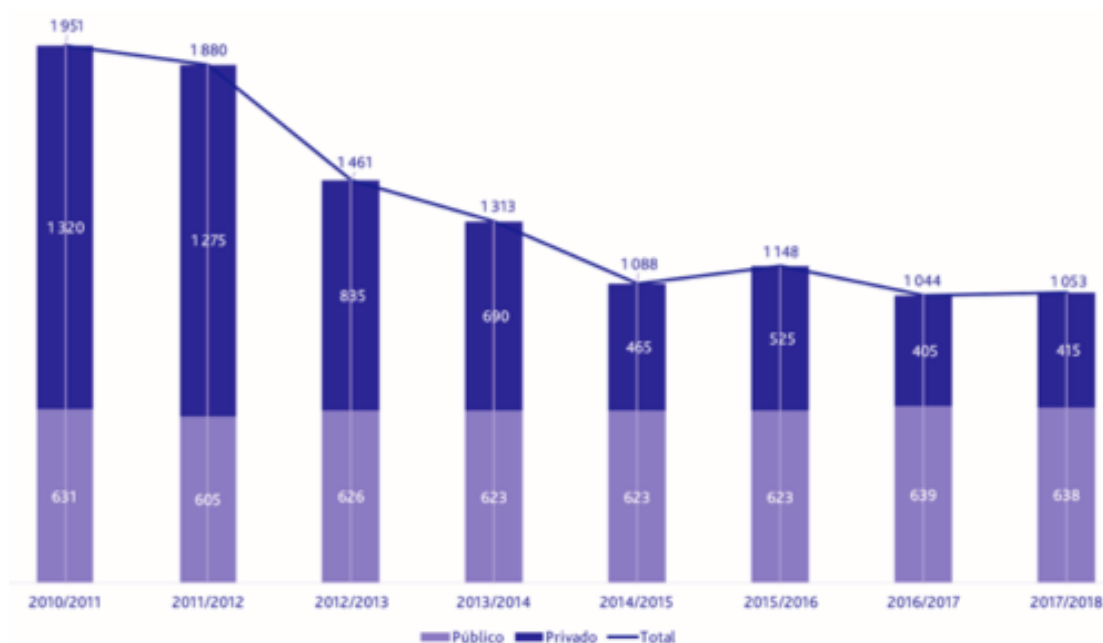
“(…) os homens riem-se; as mulheres desconfiavam. Um riso de tipo nervoso, é claro. É uma desconfiança com nuances: da arrogância de quem pensa que não há um “problema” à ignorância de quem desconhece a história recente ou antiga. Ou, talvez, o desconforto legítimo em ser tratado como “tema”<sup>156</sup>.

### **- O que nos dizem os números no mundo académico da arquitectura em Portugal:**

O anonimato das arquitectas não se constata, apenas, nas grandes premiações do campo da arquitectura e no exercício da profissão, elas também, são minorizadas no universo académico. Segundo o PESA (Plano Estratégico para o Sector da Arquitectura no Norte de Portugal: 2018-2038), o acesso ao sector e o número de vagas de entrada no curso de Arquitectura em Portugal, diminuiu significativamente, devido essencialmente à redução do número de colocações e inscrições em instituições privadas de ensino. Assim, como se ilustra no esquema, o número de vagas no ensino público manteve-se praticamente inalterado, num período de dez anos, apenas com um aumento de sete alunos; no ensino privado subsiste uma redução superior a mais de metade de número de vagas (aproximadamente de 69%), este padrão altera a entrada na profissão e o próprio modo de ensino.

---

156. FIGUEIRA, Jorge (2010). “Mulheres na arquitectura: Como lidar com a estranheza”. Arq.a, 80/81 (Maio- Junho), Lisboa, pág. 20



K. *Evolução do número de vagas no curso de Mestrado Integrado de Arquitectura em Portugal entre 2010-2011 a 2017-2018* (Dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência)<sup>157</sup>

Apesar de existir hoje um equilíbrio generalizado entre alunos/alunas (inclusive o número de mulheres tem vindo a aumentar e a ser superior relativamente à quantidade de alunos homens) o número de docentes mulheres é manifestamente mais reduzido na carreira académica e diminui em função da escala hierárquica.

“Nas escolas de arquitetura portuguesas, embora o número de mulheres nos corpos docentes tenha vindo a aumentar, estes ainda se encontram muito masculinizados. Esta masculinização do corpo docente e particularmente na disciplina de Projeto facilita a passagem de estereótipos e a ausência de referências femininas, estando em parte ligada ao facto de as mulheres arquitetas raramente serem mencionadas”<sup>158</sup>.

Segundo a informação constante no PESA, retem-se de igual modo que, durante o período de pré e pós bolonha o número de diplomados quase triplicou na Universidade do Porto (2002-2003 com 53 diplomados e 2015-2016 com 140 diplomados).

Tal padrão não se verificou em mais nenhuma instituição de ensino público com o curso

157. Plano Estratégico para o Sector da Arquitectura no Norte de Portugal: 2018-2038, Ordem dos Arquitectos – Secção Regional Norte (OASRN) Centro de Estudos Norte 41o - Centro de Arquitectura, Criatividade e Sustentabilidade, Porto; pág. 63

158. OCHOA, R. (2015). “Arte no Feminino?”, Conferência apresentada no Instituto de Estudos Académicos Adriano Moreira, no ciclo de conferências. Lisboa; Pág. 4



em questão, visto que a Universidade de Coimbra duplicou e a Universidade do Minho teve uma diferença de 10 diplomados no mesmo período temporal e em contraponto a Universidade de Lisboa diminuiu a proporção de diplomados (2002-2003 com 152 diplomados e 2015-2016 140 diplomados)<sup>159</sup>.

Desta forma, considera-se pertinente analisar, o plano de estudos do curso Mestrado Integrado de Arquitectura, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, quer pelo maior aumento de número de diplomados comparativamente a outras instituições públicas. Quer pela maior reputação que se sabe ter no mercado, tratando-se da instituição mais importante do país, pretende-se assim aferir a “representatividade, representantes e representados” na academia.

Todas as unidades curriculares que compõem o curso de Arquitectura, da instituição mencionada, são de extrema importância para a formação, do arquitecto. Contudo, é dada uma especial atenção à disciplina de Projecto (que, com a excepção da unidade curricular “Dissertação”) apresenta um maior número de créditos comparativamente a outras cadeiras e é a única que se situa em todos os anos que compõe o curso. Quer, pela sua componente teórico-prática, quer por questões de metodologia e de elaboração de capacidades instrumentais/conceptuais; ora pela possibilidade de experimentação e síntese de todas as matérias confluentes na prática da arquitectura, ora pela mestria que induz ao aluno de, desenvolver competências de resolução de complexos problemas programáticas, urbanísticas, legais, funcionais, construtivas, formais e em diversas escalas; pela reflexão profunda que permite sobre o território, a cidade, o lugar, é essencialmente a caracterização global do espaço em que o futuro arquitecto exercita a sua actividade profissional. É, aqui, que os alunos reflectem sobre obras, sobre arquitectos, onde procuram o maior número de exemplos para se inspirarem que irão no futuro influenciando todo o seu percurso académico e profissional.

Ao analisar o plano de estudos do curso Mestrado Integrado de Arquitectura, do ano lectivo de 2019/2020 constata-se que, dos trinta docentes que compõe esta unidade curricular ao longo dos cinco anos do curso, menos de um terço é representado por mulheres, uma vez que, apenas apresenta oito arquitectas para vinte e dois arquitectos.

Assim, reside um universo de, aproximadamente, 27% de professoras e 73% professores. De salientar que, somente no último ano de Projecto é que se encontra uma mulher como regente da cadeira, já que nos restantes quatro anos, subsistem sete regentes homens. O número de arquitectas/artistas presentes quer em forma física como em obra (construída e/ou literária) é claramente reduzido.

---

159. Plano Estratégico para o Sector da Arquitectura no Norte de Portugal: 2018-2038, op.cit. pág. 65-66

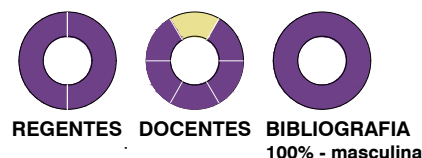
É de igual modo notório, na unidade curricular mencionada, a grande disparidade de género nas referências bibliográficas apresentada em cada ano desta cadeira, neste caso, no 1º, 2º e 5º ano todos os livros de carácter obrigatório mencionados são de autoria exclusivamente masculina.

Já no 3º ano, a abundância de referências literárias masculinas prevalece 75% para 20% de referências literárias femininas indicadas e 5% de literatura escrita por ambos os sexos. No 4º ano, a percentagem diverge ainda mais que o ano anterior, exhibe, aproximadamente 83% as referências bibliográficas obrigatórias de origem masculina, para 17% feminina. Ou seja, constata-se que no total para esta disciplina e em todos os anos que compõe o curso, a proporção de literatura obrigatória é de 92% autoria masculina, 7% feminina e 1% de ambos os sexos.

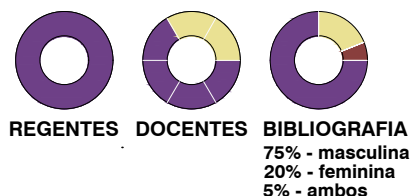
**PROJECTO I**



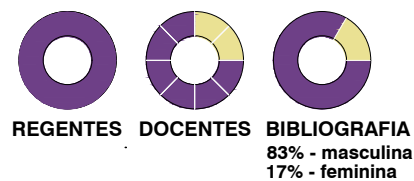
**PROJECTO II**



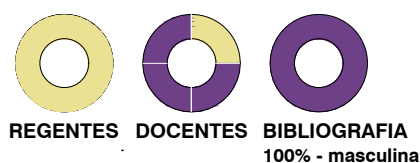
**PROJECTO III**



**PROJECTO IV**



**PROJECTO V**



L. Identificação por género de regentes, docentes e bibliografia obrigatória, da unidade curricular Projecto, em todos os anos que compõe o curso de MIARQ da FAUP no ano lectivo de 2019/2020 (algumas bibliografias não puderam ser consideradas por corresponderem a sugestões de arquivos de câmaras municipais, nomes de revistas e periódicos)

É um caminho natural, os alunos “seguirem” os exemplos que têm mais próximos, da mesma forma que, é natural os docentes exemplificarem com as suas obras, para além de, outros modelos de extrema importância.

Formação esta que, continua a privilegiar as matérias sobre os grandes mestres, não pondo em causa a sua extrema importância e mérito, mas que poderia incluir, de igual modo, outras referências, de forma a alargar os limites e a natureza da disciplina.

“Quando perguntamos às nossas turmas de arquitectura que mulheres architectas conhecem, as respostas são profundamente desencorajadoras. Se temos sorte referem Lina Bo Bardi ou Zaha Hadid”<sup>160</sup>.

Não haverá assim, uma conjuntura *á priori* para que os alunos não conheçam tantas obras de architectas, já que são em número inferior nas salas de aulas e nas referências bibliográficas? Que architectas são dadas a conhecer?

Só a partir do 3ºano é que as mulheres se estreiam como regentes de unidades curriculares e, mesmo assim, em número bastante reduzido, apenas em nove de diversos anos. De salientar que, algumas dessas docentes, fazem-no em mais do que uma disciplina e mais de metade, tratam-se de unidades curriculares opcionais.

A percentagem de cadeiras com regentes do sexo feminino é de aproximadamente 17% enquanto que a quantidade de regentes do sexo masculino é de 83%.

Das nove unidades curriculares regidas por docentes mulheres, cinco são optativas, ou seja, caso sejam escolhidas outras cadeiras, constata-se que, durante todo o curso, um aluno pode deparar-se com uma mulher como regente, apenas em quatro disciplinas.

Agrava que dessas disciplinas regidas por docentes mulheres, três são em parceria com outra docente. Verifica-se o dobro para regentes homens em parceria com outrém do mesmo sexo, pois são representantes de seis unidades curriculares, das quarenta e três compostas por regentes homens.

A unidade curricular “Construção 3” (do 4ºano) é a única cadeira composta por dois regentes de ambos os sexos. É, de igual modo, das poucas unidades curriculares que apresenta um número igual de docentes, dois de cada género.

A grande maioria das unidades curriculares apresenta um número de professores superior ao de professoras, sucede apenas em quatro disciplinas em que o caso se inverte.

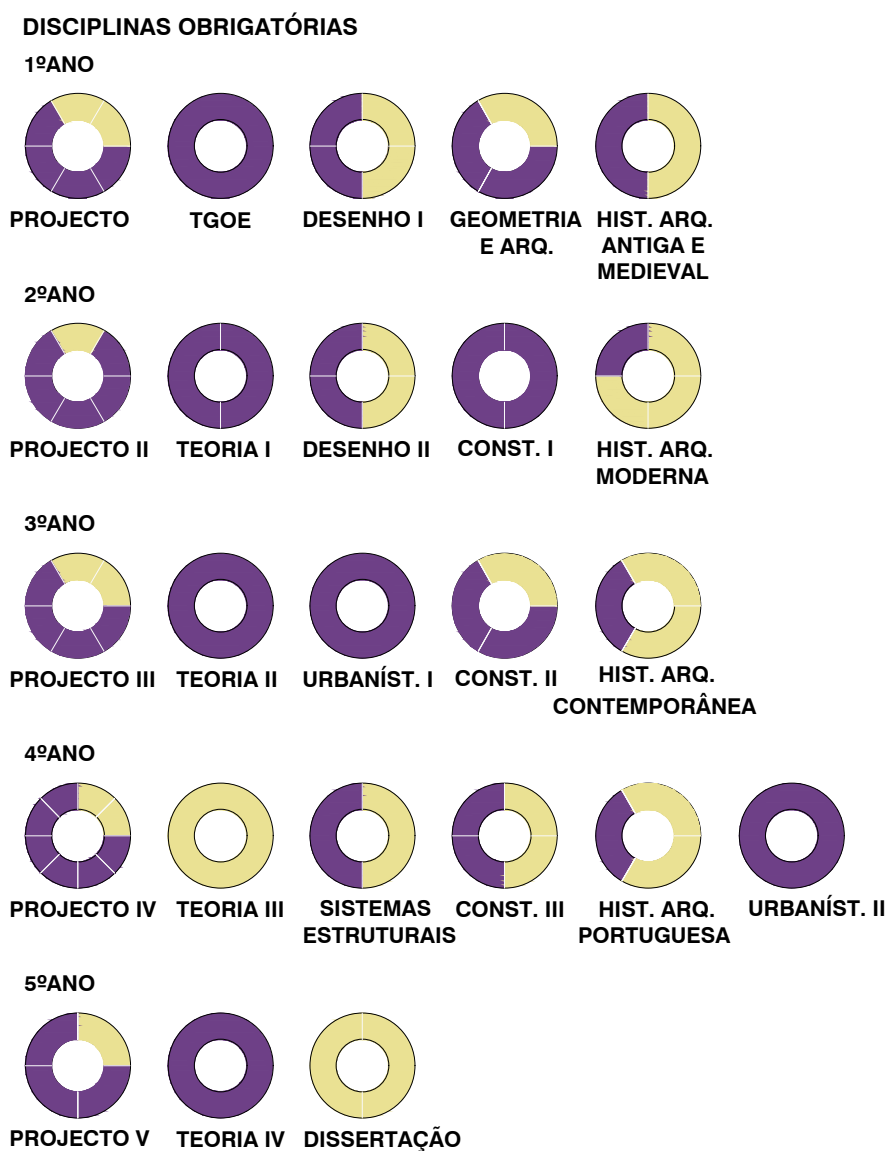
Das cinquenta e três unidades curriculares que compõe o plano de estudos do MIARQ, obrigatórias e optativas, aquelas cujas docentes mulheres são em maioria são: Património e Paisagem. Gestão, Análise, Projecto (UC opcional), História da Arquitectura Moderna,

---

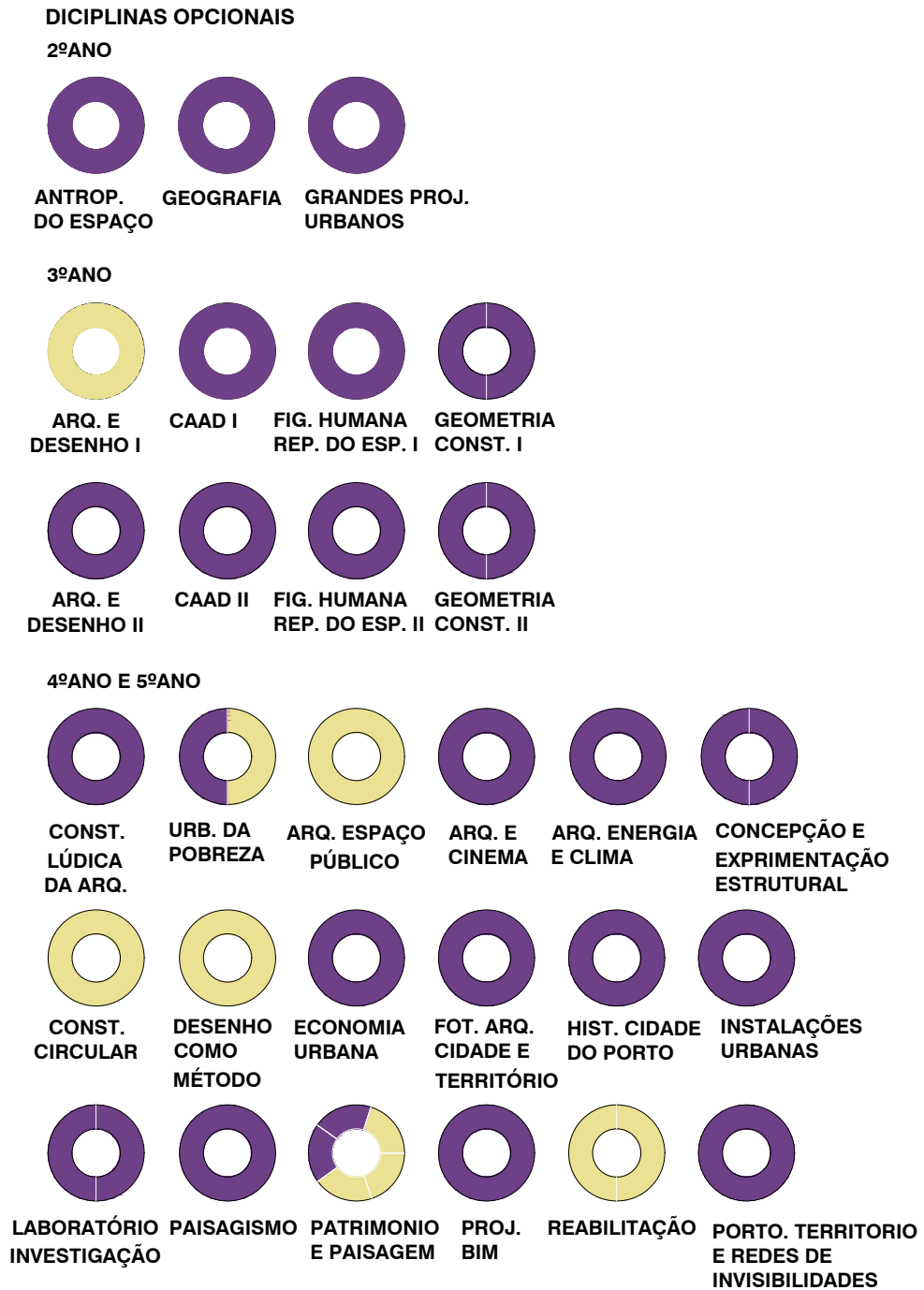
160. PEDROSA, P.S. (2018) A luta por uma história Feminista da Arquitectura enquanto direito das mulheres. *Arquitectas: Modos(s) de R(existir) reflexões a partir de um ciclo de conversas*, Lisboa: Associação Mulheres na Arquitectura, pág. 45

História da Arquitectura Contemporânea e História da Arquitectura Portuguesa. Isto confirma que:

“Também é possível verificar que há mais mulheres em matéria como História e Teoria, que na disciplina central do curso, o Projecto. Isto significa que, ao longo do seu curso os estudantes contactam com mais homens que mulheres e discutem práticas profissionais maioritariamente com homens”<sup>161</sup>.



161. OCHOA, Rita (2018). “*Ser Mulher, na Arquitectura e na Academia, tópicos para debate*”. *Arquitectas: Modos(s) de R(existir) reflexões a partir de um ciclo de conversas*, Lisboa: Associação Mulheres na Arquitectura, pág. 61



M. Identificação da quantidade de docentes mediante o género, de todas as unidades curriculares obrigatórias e optativas, respectivamente, que compõe o plano de estudos MIARQ, da FAUP, no ano lectivo 2019/2020, considerando distribuição de serviço aos docentes de carreira.

Como inicialmente foi referido, em termos bibliográficos a tendência dissemelhante também se repete, uma vez que, a maioria das referências bibliográficas (obrigatórias e/ou complementares) são de autores do sexo masculino. Inclusive, são vários os casos, em

que, numa disciplina, não aparece qualquer referência literária de autoria feminina.

Em, pelo menos, vinte e oito disciplinas as obras constantes na bibliografia obrigatória apresentada é apenas de autores masculinos<sup>162</sup>.

As unidades curriculares “Fotografia de Arquitectura, Cidade e Território” e “CAAD”, são as cadeiras que apresentam um maior número de referências bibliográficas femininas de entre todas as outras, com a quantidade de seis e cinco livros, respectivamente, “contra” vinte e três e quinze escritos por homens. Há vários casos de unidades curriculares com somente uma proposta para análise/leitura realizada por uma autora “versus” vários livros de autores, o inverso nunca acontece, pois não se verifica em nenhum caso uma bibliografia só com um livro escrito por um homem e com vários escritos por uma mulher<sup>163</sup>.

Não obstante, este ano a Comissão Científica do MIARQ é composta por três arquitectas e dois arquitectos, cuja Directora do curso e Presidente da respectiva Comissão Científica é uma mulher, a arquitecta Raquel Paulino.

Há vinte e nove unidades curriculares das cinquenta e três existentes em todo o curso, que são leccionadas exclusivamente por professores, sete cadeiras com exclusivamente professoras e dezassete cujos docentes são de ambos os sexos<sup>164</sup>.

Ou seja, 55% disciplinas com unicamente docentes masculinos, 13% cadeiras com apenas professoras e 32% de disciplinas com docentes de ambos os sexos.

Apenas duas das setes cadeiras dadas unicamente por professoras são de carácter obrigatório. Alguns casos em que, a regente é de sexo feminino e mesmo assim, não apresenta qualquer referência bibliográfica obrigatória para a unidade curricular elaborada

---

162. Em três desses casos, não é possível identificar um dos inúmeros autores referenciados, por se tratarem de arquivos de câmaras municipais, gabinetes de historia da cidade do porto, associação dos arquitectos, etc.

163. Na parte de anexos da presente dissertação, é apresentada uma sistematização da informação do plano de estudos do MIARQ da FAUP, actual ano lectivo, mediante cada unidade curricular, o número de docentes, de regentes e referências bibliográficas obrigatórias e complementares, consoante o género.

164. Esta análise foi feita em relação aos docentes de carreira, não foram contabilizados os docentes a contractar anualmente, por exemplo: na disciplina de Desenho 1, estão representados quatro docentes (José Lopes, Raquel Pelayo, Noémia Gomes, José Barbosa). Não obstante, acresce mais quatro docentes contratados neste ano lectivo e que são mais quatro elementos do sexo masculino. Ou seja a disparidade aumentaria, se se tivesse dados dos docentes a contratar, mas essa informação não está disponível nas respectivas páginas das disciplinas do MIARQ, nem foi fornecida pelo instituição. Muito dos docentes são professores em mais do que uma unidade curricular, o que restringe ainda mais a diversidade de informação, e como tal, de forma a tornar a leitura dos gráfico e da escrita mais clara, não foi aqui feita essa separação de conteúdos.

por uma mulher, ou seja, dever-se-ia regenerar todas as mentalidades e não exclusivamente de um género, para permitir uma maior diversidade de conteúdos.

Verifica-se de igual modo, numa hierarquia mais elevada o mesmo fenómeno de falta de representatividade da mulher no campo docente, já que a formação qualificada de Terceiro Ciclo de Estudos, correspondente ao Programa de Doutoramento em Arquitectura (PDA) da mesma entidade analisada, e para a edição de 2020/2021, é composto por uma equipe de docentes de 24 elementos do sexo masculino e 10 do sexo feminino correspondendo assim, a um universo de aproximadamente 71% e 29% respectivamente. Relativamente aos docentes convidados, externos á instituição, ainda que predominem docentes homens, equivale a uma proporção mais equilibrada, uma vez que a equipa é formada por 55% docentes homens e 45% docentes mulheres.

Uma vez que, a cultura iniciada durante a experiência educacional, parece representar a “normalização” da arquitectura como uma carreira dominada ou definida por homens arquitectos, é necessário naturalizar a mulher como arquitecta e desmistificar, também, que o ambiente da obra não é apropriado para mulheres. ”Neste sentido as universidades têm o poder de promover o debate e contrariar automatismos”<sup>165</sup>.

A formação tende a ter uma grande componente masculina associada ao “*star system*” da arquitectura, mas diminuir a assimetria das mulheres na universidades poderá contribuir para uma sociedade mais evoluída e criar novas formas dos estudantes apre(e)nderem e com uma abrangência mais rica.

“A forma como se ensina arquitetura; os modelos e eventuais estereótipos transmitidos aos estudantes; as mulheres arquitetas que (não) são dadas a conhecer(...) Por estas razões, as escolas podem e devem contrariar invisibilidades. Podem e devem desconstruir formas enraizadas de fazer arquitetura e de fazer cidade”<sup>166</sup>.

O facto é que, as mulheres arquitectas subsistem, inequivocamente numa quantidade muito menor e provavelmente dadas a conhecer de forma menos vasta, quer por exemplos físicos presentes nas salas de aulas, quer por referências bibliográficas. Não será este um dos factores, para que, à partida, as obras concretizadas por arquitectas sejam, ainda mais, desconhecidas, ou não será este mais um mecanismo de perpetuação do silenciamento?

Neste âmbito e de forma a procurar abranger a perspectiva dos alunos em relação a esta

---

165. Rita Ochoa proferiu esta afirmação na 3ª sessão do ciclo de conversas - “Arquitectas: Modo(s) de (r)existir” – onde foi debatido o tema “da Investigação e do Ensino”.

166. OCHOA, R.(2015), “Arte no feminino?”- Artigo para a Conferência apresentada no Instituto de Estudos Académicos Adriano Moreira, no ciclo de conferências, pág. 4

conjuntura, sentiu-se a necessidade de realizar um inquérito<sup>167</sup> aos estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, já que se analisou o plano de estudos do MIARQ desta instituição onde se encontram a frequentar o seu curso.

A amostra contemplou 100 alunos de diversos anos e de ambos os sexos (74%alunas e 26%alunos) com o intuito de aferir o papel da formação no que diz respeito às mulheres na arquitectura. Assim, apesar de poder ser questionada a validade científica dos dados por se tratar de uma amostra reduzida, não deixa de ser um forte indicador de forma informada, com dados e opiniões de diferentes indivíduos intrínsecos a esta problemática.

Constatou-se que a maioria dos estudantes inquiridos (71%) considera que durante o seu percurso académico foram apresentados pouquíssimos exemplos de arquitectas; 23% referiu nunca terem sido usadas como exemplo obras realizadas por arquitectas, durante o seu percurso académico, 5% considera terem sido mostradas obras de arquitectas numa quantidade equivalente às obras de arquitectos e apenas 1% considera que no decorrer do seu percurso académico lhe foram indicadas obras de arquitectas numa grande quantidade. De seguida pretendeu-se perceber quais as arquitectas que maioritariamente os alunos (re)conhecem. Aqui mais de 40% não soube indicar cinco nomes de arquitectas, 16% refere que só saberia se pudesse incluir arquitectas internacionais, sendo que nenhum dos inquiridos conseguiu, de facto enunciar cinco arquitectas portuguesas de relevo. Os principais nomes referidos são Lina Bo Bardi, Zaha Hadid, Eileen Gray<sup>168</sup>, Denise Scott Brown, Allison Smithson, Kazuyo Sejima, Cristina Guedes, Graça Correia e Inês Lobo. Não obstante, relativamente metade dos estudantes inquiridos refere que já visitou uma obra de uma qualquer arquitecta (52%), sendo, no entanto preocupante que, aproximadamente, cinquenta alunos de arquitectura nunca esteve numa obra de uma arquitecta.

Quando questionados se actualmente, a indústria da arquitectura/construção aceita a autoridade de uma mulher arquitecta, 57% considera que não; 14% julga que, apenas se trabalhar em parceria com um arquitecto e 14% revela não saber se há ou não essa aceitação da mulher no campo de ação da arquitectura. Dezasseis alunos em cem, consideram que as arquitectas são aceites de igual forma que os arquitectos.

Torna-se inquietante esta negação de discriminação e de silenciamento, exemplificando, o aluno que referiu que durante todo o seu percurso académico lhe foram apresentadas

---

167. Inquérito apresentado na parte dos anexos desta dissertação

168. Alguns dos inquiridos revelaram apenas se lembrar do nome arquitecta devido á exposição, simpósio e visitas guiadas “Eileen Gray. Arte total: casa E.1027 á escala 1:1” presente na FAUP de Novembro de 2019 a Janeiro de 2020, e pela possibilidade de participar num workshop em que os alunos estariam envolvidos a construir à escala real o quarto da casa E.1027. O que demonstra que iniciativas como estas, presumivelmente aumentariam o conhecimento e a visibilidade de arquitectas.



várias obras e architectas numa grande quantidade, curiosamente, não soube referir na questão seguinte cinco nomes de mulheres relevantes em arquitectura, quer fossem nacionais ou não.

O mesmo acontece com os restantes que consideravam terem sido demonstrados exemplos numa quantidade igual às dos architectos. A verdade é que, todos conseguiriam muito facilmente enumerar cinco architectos nacionais e mais cinco internacionais, mas não apenas cinco architectas.

Portanto, se de facto houvesse mais exemplos de architectas nas salas de aulas quer de forma física como em literatura, certamente haveria um aumento desse (re)conhecimento. Este conceito idílico parece ser comum, onde a maioria dos alunos (e até mesmo da restante população) crê que conhece, mas na prática quando “forçados” a pensar sobre o assunto, o facto é que, não conseguem corresponder ao que pensam que sabem. A realidade é que, não lhes foi mostrado nem incentivado. De igual modo, aqueles que constatam não terem sido demonstradas muitas obras de mulheres na arquitectura não tomaram a iniciativa de procurar, já que nem todos conseguiram enumerar o número de architectas solicitadas. Esta (in)visibilidade parece-lhes natural já que é o que (não) conhecem. Esta “ignorância” é causa-efeito do que experienciam no início da sua formação. A carreira em arquitectura está masculinizada e o mesmo acontece na academia, pois como vimos os alunos tem menos referências bibliográficas de autoria feminina, é lhes apresentados menos exemplos de architectas e tem menos docentes mulheres comparativamente aos docentes homens architectos que lhes sirvam de exemplo e de inspiração.

Em suma, a visibilidade da profissão decorre do conhecimento e reconhecimento público, conseguida através da atribuição de prémios que visam enaltecer a qualidade do trabalho a ser produzido em arquitectura; das publicações de revistas ou meios digitais especializados já que se tratam de importantes veículos difusores de conceitos, imagens, formas de divulgação de momentos que caracterizam a cultura arquitectónica que legitimam modos de pensar e actuar; e nas exposições que representam a oficialização da excelência; Não obstante, existe uma enorme lacuna, uma vez que associa-se esse reconhecimento à imagem patriarcal do architecto enquanto génio e figura masculina dominante. A análise quantitativa aqui realizada demonstra números que, caso não fossem sistematizados e dissecados, seriam omissos na medida em que, há uma ignorância (in)consciente dessa realidade. Mas esses dados são necessários para o entendimento do desequilíbrio existente das architectas na profissão.

Este capítulo pretende igualmente estabelecer um parâmetro geral da presença da mulher no ensino e da sua entrada no mercado de trabalho. Descortinar o seu protagonismo e a

(in)visibilidade do seu percurso numa sociedade contemporânea. A própria História da Arte “naturalizou” a ausência de mulheres nesta área artística, e ainda assim, actualmente, as arquitectas vivem uma dupla exclusão – a do passado e a do presente. Desta forma, considera-se necessário apreender factualmente a representatividade das arquitectas e questionar a razão desta falta de presença feminina no campo da arquitectura pois julga-se que, quanto maior a pesquisa e análise sobre a presença das mulheres na arquitectura, mais se salienta objectivamente a desigualdade e discriminação de género na profissão.

Os dados anteriormente apresentados expressam essa realidade, revelando que a percentagem de homens no “*star system*” da arquitectura continua a ser muito mais acentuada, comparativamente ao número de mulheres. Eles são em número superior nas salas de aulas enquanto corpo docente, nos exemplos apresentados, nas premiações atribuídas, nos concursos ganhos, nas exposições e publicações, no número de profissionais inscritos na Ordem dos Arquitectos mesmo que em minoria nas salas de aulas enquanto alunos. Mas sobretudo, no mercado de trabalho com escritórios representados maioritariamente por arquitectos, mesmo quando são mistos ou colectivos, associa-se sempre a figura masculina como estando á frente do *atelier*, constatando-se, portanto, que são poucos os escritórios de relevo liderados por mulheres. Agrava o facto de, ser notória a disparidade salarial e de cargos com funções de extrema importância, já que há menos arquitectas em chefias ou como sócias sénior dentro dos *ateliers*, como por exemplo, dado a conhecer pelo *atelier Foster + Partners* que pretende combater essa falha.

Ser mulher no mundo académico em Portugal apresenta uma aparente mudança do paradigma, primeiramente porque hoje em dia são em número superior a frequentar o curso, circunstancia essa oposta há uns anos atrás, o que inevitavelmente altera a “sociologia da sala de aula”<sup>169</sup>. Não obstante concluiu-se com os dados apresentados da Ordem dos Arquitectos que, apesar de se formarem mais arquitectas do que arquitectos e de actualmente haver um ritmo que tem vindo a crescer de inscrições de arquitectas, são eles que ainda prevalecem na sua ordem profissional. Surge a questão, agora que as mulheres desconstruíram o cenário tradicional da presença masculina no curso, tal cenário modifica o funcionamento/organização, a forma de estar/dar a aula ou de avaliação é alterada devido á “plateia”? Se tal resposta fosse afirmativa, estaríamos aqui então também perante um possível acto de discriminação, agora perante os alunos homens. Pretende-se um equilíbrio generalizado, uma tentativa de não repetir preceitos antigos que marcaram

---

169. Esta expressão foi utilizada pelo arquitecto Jorge Figueira, numa entrevista realizada no âmbito de uma dissertação, referindo-se á mudança que também existe na sala de aula de acordo com o género; PINHEIRO, Sónia Marques (2018), “Arquitectas superar a invisibilidade. Reconhecimento de Mercês Vieira e Desirée Pedro na Arquitectura Portuguesa”, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra Departamento de Arquitectura, Coimbra, pág. 275-282

o início da formação de determinadas arquitectas, quando eram em minoria a frequentar o curso, não sendo aceites nas salas de aulas por certos docentes como por alguns colegas.

Assim, o número de alunos que caminha para um ritmo mais equilibrado não anula o facto de as mulheres serem omissas no mercado, mas também no corpo docente das universidades. Constatase que há poucas arquitectas nas salas de aulas, vão diminuindo em função da escala hierárquica, apresenta-se poucas exemplos de obras de autoria feminina bem como em referências bibliográficas.

Estes princípios são atestados aquando da análise efectuada ao plano de estudos do curso de Arquitectura da Universidade do Porto, do ano lectivo de 2019/2020, visto ser a instituição pública em que o número de diplomados mais aumentou nos últimos anos e por ser a faculdade considerada mais prestigiada no meio. Conclui-se que a “sociologia da sala de aula” não está equiparada á “sociologia da profissão”, exemplificando com a disciplina de Projecto, considerada a mais importante de todo o curso. Atesta-se que, dos trinta docentes que compõe esta unidade curricular ao longo dos cinco anos do curso, menos de um terço é representado por mulheres, apenas apresenta oito arquitectas para vinte e dois arquitectos. Assim, reside um universo de, aproximadamente, 27% de professoras e 73% professores. De salientar que, somente no último ano de Projecto é que se encontra uma arquitecta como regente da cadeira. A mesma unidade curricular cita, em todos os anos que compõe o curso, uma proporção de literatura obrigatória de 92% autoria masculina, 7% feminina e 1% de ambos os sexos.

O cenário repete-se nas restantes cadeiras, a percentagem de unidades curriculares com regentes do sexo feminino é de aproximadamente 17% enquanto que o percentual de regentes do sexo masculino é de 83%. Ou seja, são apenas em 9 disciplinas aquelas cujo regente é do sexo feminino, agravando o facto de 5 dessas disciplinas serem optativas. Em termos bibliográficos também as restantes unidades curriculares apresentam um cenário esmagadormente masculinizado já que se propõe a exclusivamente referências obrigatórias de autoria masculina em mais de metade de todas as unidades curriculares.

Não há nenhuma cadeira que apresente apenas referências bibliográficas femininas, aliás a maior parte dos casos são em números muito exíguos. É um caminho natural, os alunos “seguirem” os exemplos que têm mais próximos, da mesma forma que, é natural os docentes exemplificarem com as suas obras, para além de, outros modelos de extrema importância. Formação esta que, continua a privilegiar as matérias sobre os grandes mestres, e que tende a ter uma grande componente masculina associada ao “*star system*” instigando dessa forma um cenário educacional que parece representar a “normalização” da arquitectura como uma carreira dominada ou definida por homens arquitectos.

Esta (in)visibilidade da presença da mulher no meio parece, desta forma, aos alunos,

normal já que é algo que (não) conhecem. Há uma grande falta de conhecimento e de visibilidade de arquitectas o que foi comprovado com o inquérito realizado a alunos da instituição mencionada. A grande maioria (71%) considera que durante todo o seu percurso académico lhe foram apresentados poucos exemplos de obras de arquitectas. Nenhum aluno conseguiu enumerar cinco nomes de arquitectas de relevo nacional, 16% refere que só conseguiria se incluísse arquitectas internacionais e 40% não soube referir cinco arquitectas independentemente da nacionalidade. Ora esta questão é bastante demonstrativa do total desconhecimento académico, agravando o facto de metade dos alunos inquiridos confessar nunca ter estado numa obra de uma qualquer arquitecta. Se a situação fosse semelhante mas com casos masculinos, todos os alunos conseguiriam mencionar cinco arquitectos quer fossem nacionais ou não e todos já teriam visitado uma obra de autoria masculina.

Esta “ignorância” é causa-efeito do que experienciam no início da sua formação e que influenciará toda a sua carreira. Ou seja, apresenta-se um outro problema, agora que a mulher já tem acesso ao ensino da arquitectura e há possibilidade de entrar no mundo do trabalho, há também a questão do reconhecimento. Constatase que a maioria das mulheres interessadas em ingressar no campo da arquitectura aceitam condições de trabalho mais instáveis principalmente como arquitectas em *ateliers*, onde surge uma maior desconfiança pelo trabalho que produzem, ou seja a sua condição de mulher provoca a necessidade constante de provar as suas capacidade em estar á frente de um projecto ou obra<sup>170</sup>. Desta forma, acabam por se dedicarem cada vez mais a uma formação mais especializada entrando noutros campos disciplinares da arquitectura, geralmente mais relacionados com a teoria.

Paralelamente, apresenta-se de igual modo uma falta de registos das trajetórias e de contributos das arquitectas do passado como os actuais. Esta limitação provoca com que o tema seja desconhecido e pouco debatido, tornando-se uma espécie de “bola de neve” já que, não se fala de arquitectas porque não são conhecidas mas em simultâneo não são conhecidas porque não se fala delas. Segundo a directora executiva do Prémio Pritzker, Marta Thorne, um dos principais problemas para a falta de representatividade das arquitectas depreende-se pela “ignorância”, ou seja desconhecimento de alguma profissional em específico para colaborar. Ou seja, elas assumem uma relevância relativa o que afecta a falta de convites no campo profissional e protagonismo nos meios de comunicação. Acrescenta que, a maioria dos painéis das estruturas decisórias são compostas por homens, e mantém-se iguais por vários anos o que tendencialmente predis põem-se a

---

170. Este argumento está presente na entrevista que o arquitecto André Tavares deu no âmbito de uma dissertação. MACHADO, Susete (2011), “O Espaço das Mulheres na Arquitectura”, Escola Superior Gallaecia, Galiza, pág.263-270

favorecer homens. Tal premissa é corroborada na análise aqui realizada às mais importantes premiações de arquitectura. Os dados provenientes da pesquisa efectuada mostram que, à data e em pleno século XXI, a premiação denominada como o mais importante prémio de arquitectura – Prémio Pritzker, contempla na sua honrosa lista quarenta e oito laureados, contudo, desse exíguo número resultam apenas cinco arquitectas vencedoras.

Constata-se que, são homenageados 90% arquitectos e somente 10% de arquitectas. Comprova-se igualmente que, foi a partir de um aumento de elementos femininos no painel que se estreou uma arquitecta como vencedora e apenas em 2004. Ainda assim, prémio que existe há mais de quatro décadas apresenta ainda um desequilíbrio geral no seu painel decisório já que até á data, apresenta 82% de homens no júri e 18% mulheres.

De realçar que, neste último ano pela primeira vez surge um painel equilibrado com o mesmo número de representatividade de género e curiosamente foi também nessa edição que pela primeira vez surge uma dupla feminina como vencedora. Não obstante, surgem outros nomes de arquitectas ligadas ao Pritzker, quando os seus respectivos sócios e com quem sempre formaram parceria são homenageados. Apenas os elementos masculinos das duas duplas Venturi-Scott Brown e Wang-Wenyu, são premiados motivo pelo qual, ficará sempre na dúvida a razão dos elementos femininos não terem sido incluídos, revelando nestes casos, o decoro em reconhecer a própria autoria relacionada com identidade de género.

Assim, acredita-se que quanto mais equilibrado o painel de júri mais paridade existe nos vencedores, premissa essa também comprovada ao analisar outros prémios.

Como é o caso do prémio atribuído a jovens no início de carreira, Sécil Universidades (desde 2002-2017) apresenta 59% dos prémios atribuídos a estudantes homens e 41% a estudantes do sexo feminino. Salienta-se que este prémio é um dos mais equilibrados de todos os analisados, no que toca a proporção de vencedores por entre homens e mulheres e com uma significativa paridade no que diz respeito à quanto ao género dos elementos do júri. O que não acontece nos prémios atribuídos na vertente da arquitectura do Prémio Sécil (desde 1992-2016) cuja proporção da percentagem de vencedores até 2016 em termos de identidade de género é de 94% arquitectos para 6%, tendo sido apenas na última edição considerada uma arquitecta vencedora, ainda que em parceria com um arquitecto.

Também a medalha de Ouro - RIBA (desde 1848-2020) apresenta, como verificado, uma percentagem de vencedoras muito diminuta, já que o número de arquitectas laureadas nesta premiação corresponde a, aproximadamente, 3% “contra” 97% arquitectos do sexo masculino. A medalha de ouro - AIA (desde 1907-2020) apresenta apenas duas medalha atribuídas a arquitectas, uma a título individual e outra em parceria com um arquitecto, equivalendo também a um percentual de 3% premiadas e 97% arquitectos vencedores.

No Prémio de Arquitectura Contemporânea Mies van der Rohe (desde 1988-2019) é possível constatar que patenteia, de igual modo, um número muito reduzido de arquitectas perfazendo um total de, apenas 9% “contra” os 91% prémios atribuídos a arquitectos do sexo masculino.

De facto, os dados destes prémios analisados a percentagem de arquitectos laureados é esmagadoramente superior às arquitectas, com excepção de uma única premiação - Prémio Fernando Távora (desde de 2005 a 2019) que apresenta, 61% arquitectas e 39% arquitectos galardoados. Especula-se que, esta premissa poderá estar ligada ao facto de ser um prémio relacionado com investigação e, geralmente há um número superior de arquitectas que optam por seguir este percurso, sobretudo devido às dificuldades que ainda subsistem em exercer arquitectura como prática principal profissional e também pela segurança que a carreira oferece.

Como resultado de certas premiações, alguns escritórios são trazidos para a ribalta, proporcionando outras obras, curadorias e publicações, ou seja reconhecimento público e entre os seus pares; outros *ateliers* já consagrados reforçam e consolidam o seu lugar em arquitectura.

De igual modo, considerou-se pertinente analisar os números no que diz respeito às principais exposições internacionais, uma vez que, as exposições são outro meio que a sociedade tem de proceder ao (re)conhecimento de um(a) arquitecto(a) e da sua obra. Estas exposições apresentam-se, assim, como veículos de apresentação e de amostragem de práticas projectuais, mas são, sobretudo, uma aproximação ao público e um “diálogo” entre pares, e têm, naturalmente como consequência o aumento da possibilidade de angariação de novos clientes/projectos, de novas publicações e outras exposições para os visados. Acredita-se que, por isto mesmo, os próprios curadores, não pondo em causa a dificuldade de escolha e de selecção, deveriam ser mais eficazes na desmistificação da própria profissão, à semelhança do painel de júri das premiações e dos editores das mais vastas publicações. Assim, analisou-se um artigo do Jornal de Arquitectos, edição do J-A #253, para se reflectir sobre o que as participações oficiais de arquitectura portuguesa representam no contexto dos últimos anos nas Bienais de Veneza, São Paulo e na Trienal de Milão.

Através da sistematização e recolha de dados sobre os principais intervenientes portugueses, é possível concluir que a selecção de arquitectos/*ateliers* bem como a escolha dos curadores, destas exposições, apresentam uma representatividade marcadamente masculina. Com isto não se pretende referir que, um dos critérios de escolha deverá ser o género, mas também não se deseja que destaque o “óbvio”, apesar de todo mérito, qualidade e pertinência das obras seleccionadas e dos seus protagonistas, que em nenhuma circunstância é colocado em causa.

O problema é que quando só se vêem homens arquitectos, então conclui-se que, de facto, as escolhas são marcadas pelo género, no sentido em que, se considera à priori que só as obras dos homens são consideradas como elegíveis. Há uma redução para cerca de metade dos projetos que estão a aparecer como possíveis candidatos à divulgação.

Assim, retém-se que é na Exposição Internacional de Arquitectura de Veneza, que a representatividade feminina se mostra superior em relação às outras exposições analisadas. Não obstante, a presença de arquitectas corresponde a uma percentagem, mais uma vez, ainda muito diminuta, correspondendo a apenas 9%, enquanto que os arquitectos masculinos participantes correspondem a 77% e as parcerias a uma percentagem de 14%. Relativamente a curadores, constatou-se que os valores correspondem a 30% mulheres e 70% homens, um pouco melhor a este nível, portanto.

No entanto, é na Bienal de Arquitectura de São Paulo que se verifica uma maior discrepância de género na seleção de curadores, tendo sido apenas numa edição realizada por uma mulher. Em termos de arquitectos expostos, até à data, os números retratam um universo composta por aproximadamente 86% arquitectos, 4% arquitectas e 10% parcerias, mostrando que um júri predominantemente masculino escolhe ainda menos mulheres.

É na Exposição Internacional da Trienal de Milão que a representatividade de arquitectura realizada por arquitectas é inferior, correspondendo apenas a 2%, 14% parcerias e 84% arquitectos participantes. Em termos de curadores, a percentagem progride tendo sido, até à data, 78% curadores homens e 22% curadores mulheres.

O facto é que, as mulheres arquitectas subsistem, inequivocamente numa quantidade menor também em premiações e exposições.

Este breve diagnóstico teve como intuito fornecer dados mensuráveis e objectivos para que sirvam de barómetro para a questão do género na arquitectura. Já que a falta de conhecimento ou aceita-lo como um “não tema” de debate prejudica a mudança de cenário para que haja uma real equidade entre arquitectas e arquitectos.

Portanto, para que os avanços na profissão progridam, ainda que timidamente, como tem vindo a ocorrer, é importante que este discurso arquitectónico continue a ser debatido e reconhecido, mas sobretudo transformado, visando um maior conhecimento acerca da história passada e actual da mulher na arquitectura, dotada de profissionalismo e excelência. Promovendo um maior recolhimento de produção feminina, aumentando a sua representatividade em todos os sectores, tornando-se assim a arquitectura uma profissão que caminha para a paridade de géneros .





## CAPÍTULO V | (Re)construção do Discurso em Arquitectura

Este último capítulo numa fase inicial procura delinear um conjunto de directrizes já adoptadas e outras possíveis que visam projectar uma possível mudança de paradigma na disciplina e na profissão, de forma a responder às questões fundamentais levantadas nesta investigação. Surge de igual modo, como uma tentativa de contributo para um cenário mais esclarecedor desta temática e aumentar a visibilidade feminina na arquitectura, destacado os percursos profissionais de duas arquitectas portuguesas, pertencentes a gerações diferentes e com percursos distintos ao nível da produção arquitectónica, uma a título individual e outra em parceria, os casos de estudo: arquitecta Joana Vasconcelos (*atelier in.vitro*) e arquitecta Fátima Fernandes, (Cannatà & Fernandes – Arquitectos), respectivamente.

## (Re)construção do Discurso em Arquitectura

O tema relacionado com arquitectas em Portugal inicia-se sobretudo pelo aparecimento das arquitectas pioneiras a frequentar o curso, quando as mulheres alcançam a esfera académica em arquitectura e algumas o âmbito profissional. É notório igualmente um silenciamento do legado de muitos percursos de arquitectas, quer do passado como na contemporaneidade, quer a título individual como em parcerias, sendo geralmente posicionadas num segundo plano em relação ao elemento masculino da dupla, numa problemática autorial relacionada com o género através de um inquietante desconhecimento público, na academia e entre os pares. Como constatado anteriormente nesta investigação. Um segundo momento surge quando o tema começa a ser, de facto, encarado como necessário alvo de discussão e conseqüentemente exposto publicamente, essencialmente obtendo destaque em 2010, com a iniciativa do arquitecto Jorge Figueira através da realização de um colóquio, uma exposição e a publicação de uma revista – Joelho #1, que introduz o assunto das mulheres na arquitectura particularmente no contexto português.

A temática têm um maior destaque pela voz da associação Mulheres na Arquitectura (MA), criada em 2017. Apresentam inúmeras iniciativas comprovando o quão inesgotável é o tema, abrangendo não só o domínio académico com realizações de workshops, exposições, mas igualmente, expô-lo a nível profissional e público, com organizações de ciclos de conversas – “Arquitectas: Modo(s) de (R)existir” – constituído com os temas: “Da Profissão e das Profissões”, “Do Projecto e da Obra”, “Da Investigação e do Ensino”, “Da Prática em Expansão”, “Das Políticas” e “*Women | Architecture | RE:VOLUTION*”, convertido mais tarde numa publicação; realizaram actividades como “Espaços para Arquitectas” com várias sessões organizadas em parceria com Roca Gallery em Lisboa, para debater com um vasto painel de oradoras que apresentam os seus próprios projectos arquitectónicos e de investigação, como foi o caso da participação das arquitectas Susana Rosmaninho, Désirée Pedro, Paula Santos, Cristina Veríssimo, Zaida Muxi, Helena Botelho, Martha Thorne, Odile Decq, entre outras, visibilizando assim a situação das arquitectas no âmbito da arquitectura.

A falta de representação feminina na Wikipédia, circunstância essa anteriormente notada nesta investigação, parece ser de igual modo, um reflexo da desigualdade sistemática e é identicamente abordada pelo colectivo Mulheres na Arquitectura. Recentemente, impulsionaram a iniciativa de acrescentar algumas bibliografias de arquitectas portuguesas ao site mencionado, sendo que esta colaboração resultou na criação de entradas na Wikipédia das arquitectas, Maria José Estanco, Olga Quintanilha, Teresa Andresen, Ana Tostões e Inês Lobo, que até então não apareciam; e muitas mais haverá por colocar.

Para além da divulgação e partilha de artigos sobre o tema, referem que é essencial a criação de um novo inquérito à profissão intrínseco à temática do género e defendem ser fundamental a criação de um grupo de trabalho pela igualdade na profissão, paridade salarial e visibilidade das arquitectas, dentro da própria Ordem dos Arquitectos.

Segundo a arquitecta Patrícia Santos Pedrosa<sup>171</sup> é realizado em São Francisco, desde de 2014, um inquérito bianual de forma a aferir a equidade na arquitectura, o que poderá ser um ponto de partida e servir de aprendizagem para uma maior compreensão da realidade nacional. Considera ser:

“...fundamental que se realize um inquérito à profissão, incluindo eventualmente aquelas pessoas que, saindo da Universidade com a formação completa, não ingressam na OA.(...) Conhecer as condições efectivas em que se vive, ou não, a profissão, ou as diversas profissões dentro da profissão, com dados desagregados por sexo”<sup>172</sup>.

É assim necessário conhecer esta profissão múltipla para que se possa actuar nos mais diversos níveis. Para isso, a arquitecta acredita ser igualmente fundamental começar por criar um grupo de trabalho no interior da OA que desenvolva as discussões e acções que estes temas implicam. Desta forma, sugere-se que a própria Ordem para além de um estudo detalhado à profissão, procure implementar uma real paridade no mercado através de iniciativas organizadas cujo número de participantes, jurados e curadoria seja o mesmo independentemente do sexo, exemplificando nas suas actividades, inventos, exposições, workshops, etc, mas sobretudo procurar conhecer a realidade actual para que se possa agir. De acordo com a entrevista à publicação *Traço*, Helena Souto<sup>173</sup> defende esse sistema de quotas:

---

171. Arquitecta, investigadora (Centro Interdisciplinar de Estudos de Género), docente (Universidade da Beira Interior), presidente e cofundadora da associação Mulheres na Arquitectura (MA), coordenadora do Projecto “W@ARCH.PT | Mulheres Arquitectas em Portugal (1982-1986): Construção da visibilidade; realizou vários workshops, debates e artigos sobre o tema da visibilidade das arquitectas.

172. PEDROSA, Patricia Santos (2019)“Mulheres arquitectas e uma profissão (ainda) pensada e agida no masculino”Artigo publicado no jornal dos arquitectos #J-A258, disponível em : <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/quatro-lustros-na-ordem-dos-arquitectos/mulheres-arquitectas-e-uma-profissao-ainda-pensada-e-agida-no-masculino> (consultado a 10 de Julho de 2020)

173. Especialista em História de Arte Portuguesa no feminino e coordenadora científica e gestora do projecto MoMoWo (Women’s creativity since the Modern Movement) em Portugal – projecto esse que tem como objectivo visibilizar as arquitectas, engenheiras e designers pioneiras do Movimento Moderno. Organizou um conjunto de itinerários – os Cultural Touristic Itineraries – que permitiram com que os participantes descobrissem 19 edifícios emblemáticos realizados por mulheres, casos em parceria e a título individual, através de três trajectos: “*From downtown Lisbon to the hills*”, “*From Santos to Belém*” e “*Modern Lisbon*”.

“Obviamente que o que queremos é o mérito, queremos ser reconhecidas pelo mérito, mas ainda não se consegue, ainda é muito difícil. Custa-me muito a dizer isto, mas para se chegar lá, por agora, tem de se ir pelas quotas para afirmar a mulher no espaço público. Depois dessa afirmação, o mérito é o grande instrumento”<sup>174</sup>.

Assim, a resposta que se insinua no horizonte, para as problemáticas levantadas ao longo da investigação, afigurara-se em forma de medidas compensatórias como a aplicação de quotas, mas também, programas de (re)admissão profissional. É de igual modo, necessário compreender a razão pela qual muitas arquitectas deixam de exercer, mesmo que seja por motivos ligados a sociedade ou pela maternidade seria útil criar mecanismo que promovam a reintegração profissional.

A falta de paridade na profissão é muitas vezes tratada como um não-tema ou não-problema, apesar de, nos dias de hoje, ainda se conservar uma arquitectura que persiste numa estruturação patriarcal masculina instituído a “naturalização” das discriminações existentes. Desta forma, seria fundamental criar uma série de mecanismos que possam (re)construir a representatividade e a natureza e limites da própria arquitectura, sobretudo através de uma forte consciencialização do assunto. Essa tomada de consciência deveria acontecer tanto nas formações académicas, como nas de acesso à profissão; na formação ao longo da vida dos arquitectos, bem como criar mecanismo de conhecimento geral da população. Para tal, é necessário primeiramente trazer à luz todas aquelas mulheres, clientes<sup>175</sup> e arquitectas, que ficaram décadas na sombra das narrativas históricas da arquitectura e afastadas do protagonismo autoral, mas que influenciaram toda a arte produzida.

Não obstante é igualmente relevante conhecer as mulheres de agora, pois uma arquitecta dificilmente pertence ao “*star system*” se não for dada a conhecer. Portanto, para que o progresso que foi vindo a ser alcançado prossiga, é importante que o debate continue a ser promovido.

“Muito se faz hoje afim de repensar o papel e o reconhecimento das arquitectas

---

174. Helena Souto em entrevista ao jornal Construir: SEVILHA, Ana Rita (2018), “Qual o caminho para a igualdade?”. Artigo disponível em: <https://www.construir.pt/2018/04/04/qual-caminho-igualdade/> (consultado a 2 de Julho de 2020)

175. A importância da mulher também enquanto cliente – mecenas, é salientada na publicação “*Women and the making of modern house*” de Alice T. Friedman (2006), destacando a sua influência em obras emblemáticas como: “*Hollyhock House*” (1915-23, Frank Lloyd Wright para Aline Barnsdall), “*Schröder House*” (1923-24, Gerrit Rietveld para Truus Schröder), “*Villa Stein-de Monzie*” (1926-28, Le Corbusier para a família Stein), “*Farnsworth House*” (1945-51, Ludwig Mies van der Rohe para Edith Farnsworth), “*Perkins House*” (1952-55, Richard Neutra para Constance Perkins), “*Vanna Venturi House*” (1961-64, Robert Venturi para Vanna Venturi).

no campo, seja revendo a forma como se estruturou a história da arquitetura no passado, seja pensando meios de reaver as disparidades ligadas ao gênero no presente. Projetos como Arquitetas Invisíveis ou os esforços de retratação como a petição reivindicando que Denise Scott Brown fosse laureada com o Prêmio Pritzker de 1991(...), são alguns caminhos que demonstram esse constante trabalho de inserção e reafirmação do papel da mulher no campo profissional<sup>176</sup>.

Outros princípios para a reconstrução do discurso em arquitectura foram produzidos, como o caso da criação plataforma de representações arquitectónica produzidas por mulheres: “MMW (*Mulber, Mujer, Woman*)” ou o “Arquivo internacional de Mulher em Arquitectura” (IAWA) com o principal objectivo de preservar e documentar a contribuição das mulher para o ambiente construído. Projectos de investigação e divulgação como “*Un Día | Una Arquitecta*”, iniciado em 2015, e a nível nacional - “*W@ARCH.PT | Mulheres Arquitectas em Portugal (1982-1986): Construção da visibilidade - uma das primeiras iniciativas fundamentais para o avanço efectivo e rigoroso da História da Arquitectura Portuguesa*. A importância destes e de outros levantamentos, para além de dar visibilidade a nomes não reconhecidos, é a de criar bases de investigação para estudos sobre arquitectas. Assim, é necessário continuar com este tipo de iniciativas, em paralelo a acções institucionais em contexto de ensino académico e organizações de palestras, oficinas, exibição de filmes e documentários, exposições, etc, que procurem responder ao verdadeiro papel das mulher na arquitectura.

Portanto, acredita-se ser de extrema importância um conjunto de estratégias que possam combater a invisibilidade do passado e a do presente para que num futuro próximo haja efectivamente paridade na profissão. É necessário a consciencialização real para o tema, (re)conhecer o paradigma vivido actualmente em relação ao género na prática profissional, desenvolver recursos de conhecimento através de informação obtida em investigações e artigos, promover a discussão e crítica, acções de divulgação como workshops, exposições, publicações, etc. Diminuir as ausências femininas na formação universitária (quer como docentes como em exemplos de arquitectas e obras apresentados nas salas de aulas) como na formação profissional (ora em cursos de formação dentro da própria Ordem como em concursos produzidos). Repensar algumas acções incisivas na esfera legislativa, aumentar oportunidades de reintegração profissional. Aplicar um sistemas de quotas em relação ao género quer seja em painéis de estruturas decisórias, como jurís, concursos, exposições, premiações, etc... Mas sobretudo, sensibilizar e dar voz e trazer à luz quem esteve décadas nas sombras, de forma a alargar os limites e a natureza da própria arquitectura.

---

176. BRANT, Julia (2019) “Gênero e acesso à profissão: as mulheres na arquitetura”, *ArchDaily*. Artigo disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/923054/genero-e-acesso-a-profissao-as-mulheres-na-arquitetura> (consultado a 22 de Abril de 2020)



71. Joana Vasconcelos



72. Fátima Fernandes e Michelle Cannatà

## Casos de Estudo: Joana Vasconcelos (*atelier in.vitro*) e Fátima Fernandes (Cannatà & Fernandes Arquitectos)

O actual capítulo numa fase inicial procura esboçar uma construção de directrizes que visam projectar uma possível mudança de paradigma na disciplina e na profissão.

Surge de igual modo, como uma tentativa de contributo para uma maior visibilidade feminina na arquitectura, destacado os percursos profissionais de duas arquitectas quer a título individual como em parceria - arquitecta Joana Vasconcelos (*atelier in.vitro*) e arquitecta Fátima Fernandes, (Cannatà & Fernandes – Arquitectos), respectivamente.

Uma vez que, o objectivo da presente investigação recaí sobretudo na forma como se manifesta o percurso da mulher como arquitecta nas ultimas décadas, pretende-se contribuir para um panorama mais completo e diverso da arquitectura nacional.

Constata-se que em investigações anteriores, centraram-se na análise de algumas arquitectas. No entanto, para além da intenção de dar voz a percursos silenciados, pretende-se acrescentar a problemática autorial e a dinâmica das parcerias, paradigma esse abordado em todos os capítulos da presente investigação. Assim, opta-se por seleccionar casos de estudo de arquitectas, sendo que o objectivo inicial seria a de capitalizar a selecção nos diversos modos de exercer, a solo, em coautoria entre géneros diferentes, que como se constatou geralmente é realizada com o próprio marido e, duplas com o mesmo género. Depara-se aqui, portanto, uma limitação na medida em que, não foi possível, de facto, identificar muitas arquitectas actuais com obra consolidada e premiada, que pratiquem a título individual, independentemente da geração a que pertençam. A problemática agrava quando se procura referenciar duas arquitectas nacionais a trabalhar em coautoria, não tendo sido possível identificar nenhuma parceria de relevo com obra construída e premiada, entre o mesmo género (feminino) a exercer em Portugal. Não obstante, a análise por parcerias de géneros diferentes já é bastante diversificada e como tal, foi intenção a escolha de uma coautoria que pertencesse a uma geração diferente daquela escolhida a título individual de forma a que, possibilitasse comparações e paralelismos que permitissem generalizar e começar a traçar percursos diversificados para a História da Arquitectura Portuguesa.

A intenção de sistematizar a recolha de dados de uma arquitecta portuguesa que exercesse a título individual e outra em coautoria, permite não só uma visualização e continuação do percurso geracional como, apreender diferentes metodologias na prática de arquitectura.

A selecção intencional de duas arquitectas de gerações diferentes, com forma de exercer díspar e com legado excepcional de obra construída, foram os critérios fundamentais de eleição. Outro mecanismo de escolha trata-se da própria formação destas mulheres, que partilhassem o mesmo ponto de partida formativo ainda que em alturas diferentes, sendo propositado que ambas pertencessem à “Escola do Porto” e, por outro lado que, não fossem docentes na FAUP. Para que se possa estabelecer distintas ligações e a identificar outras particularidades (des)conhecidas à partida, por não ser uma realidade tão próxima, procurando assim, visibilizar outras arquitectas, numa descoberta e estudo dos seus percursos.

Assim, estes foram os critérios tidos em conta para a justificação da escolha de cada uma das seleccionadas como caso de estudo, com o objectivo de dar resposta ao problema colocado pela investigação.

Os projectos das arquitectas mencionadas têm sido distinguidos com vários prémios, contam com diversos convites para realização de conferências/exposições e apresentam obra publicada. No entanto, mesmo assim considera-se que, não têm tido o reconhecimento e valorização de acordo com a extensão e notável trabalho que tem vindo a desenvolver. De forma a corrigir essa situação, acredita-se ser pertinente dar a conhecer o seu percurso profissional, a sua experiência enquanto arquitectas e os desafios que enfrentam enquanto mulheres na prática da arquitectura. Desta forma, procura-se abraçar mais amplamente a experiência feminina na profissão e contribuir para a construção de um legado, de modo a permitir estabelecer uma base para futuras investigações e reconhecimentos.

É necessário criar referências novas, sobretudo para as mais recentes gerações, contribuindo para o aumento da representatividade feminina combatendo assim a invisibilidade generalizada das arquitectas, que se comprova existir, nos capítulos anteriores.

#### **- *Atelier in.vitro*: Arquitecta Joana Vasconcelos**

Joana Leandro Vasconcelos nasceu no Porto em 1979 e confessa que durante a sua infância nunca sonhou ser arquitecta, apercebeu-se mais tarde que gostaria de seguir algo relacionado com artes, tendo optado pelo curso de arquitectura por considerar , ingenuamente segundo a mesma, que seria um curso com bastante saída profissional.

É licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP - 1997 a 2003) e considera que essa formação lhe trouxe “...muitos aspectos positivos, principalmente em relação ao método e à capacidade de trabalho mas, ao mesmo



tempo, trouxe demasiado peso para a arquitectura. Era demasiado séria”<sup>177</sup>.

Fez o estágio no gabinete Manuel Correia Fernandes, Arquitectos e Associados, Lda, participando em projectos de escalas e características diversas. Foi através do Arquitecto Manuel Correia Fernandes, que era na altura consultor da GAIURB – Gestão Urbanística e da Paisagem Urbana de Gaia, que após conclusão do curso e estágio, a arquitecta ingressou nesta grande empresa municipal. Segundo a arquitecta Joana Vasconcelos, foi uma mudança drástica e em simultâneo enriquecedora, uma vez que, o *atelier* privado onde anteriormente colaborava era de modestas dimensões e de repente encontra-se numa empresa de grandes proporções a trabalhar em projectos de (re)ordenamento e requalificação urbana, concebendo parte da revisão do plano director municipal (PDM) de Gaia.

“Após 3 anos de trabalho, e já no fim da 1ª fase de revisão do PDM, achei que era altura de voltar ao projecto”<sup>178</sup>. Foi nesta fase que a arquitecta acredita ter sido o seu ano de viragem, 2007 e em plena crise económica que o país atravessava, decide fazer um mestrado em Madrid, pela *Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad Politécnica de Madrid*, com o tema da habitação colectiva e que definia uma série de workshops com arquitectos de renome internacional. Apre(e)nde que “a arquitectura se podia fazer com seriedade mas com menos pressão...Sinto agora que esta decisão fez com que viesse a ter escritório próprio”<sup>179</sup>

Confessa que nunca pensou fundar um *atelier* seu, acreditava que ficaria em Madrid a trabalhar em algum escritório, no entanto, quando o seu mestrado terminou, aquando do seu regresso a Portugal, surgiu a possibilidade de trabalhar num projecto de grande dimensão - Design Hotel Serra do Pilar. Dessa forma, aproveitou a oportunidade que fez com que, fossem surgindo outros trabalhos e começasse a trabalhar por conta própria. Fundou assim, no Porto, o “*Atelier in.vitro*” tendo desenvolvido desde então um conjunto de projectos de arquitectura com particular destaque para a reabilitação do património edificado, com especial destaque para a habitação unifamiliar. A trabalhar há mais de uma década a título individual refere que já fez algumas parcerias e considera-as importantes, mas revela que gostaria igualmente de trabalhar com outras escalas e programas daquelas que habitualmente tem projectado.

Segundo a arquitecta, como o seu escritório é pequeno todos os elementos que o compõem acabam por trabalhar em todas as fases dos projectos. “Por um lado, a fase de conceito

---

177. Joana Vasconcelos em entrevista no âmbito desta dissertação. Entrevista completa encontra-se na parte de “Apêndice” do presente capítulo.

178. *ibid*

179. *ibid*

do projecto é muito libertadora e enriquecedora mas, por outro, a fase de execução é a que diferencia a boa da má arquitectura. Faço questão de identificar os colaboradores e assumir a coautoria com os que já trabalham há mais tempo porque a arquitectura nunca é feita de forma isolada.”<sup>180</sup>

É cofundadora da APRUPP - Associação Portuguesa para a Reabilitação Urbana e Protecção do Património, e dos “4000 *Ateliers*”, um colectivo que promove eventos relacionados com gabinetes de arquitectura e que procura aproximar a arquitectura das pessoas, desmistificando-a como algo inacessível e promovendo vários escritórios, as suas obras e os edifícios que os albergam, bem como toda a envolvente e espaços circundantes sejam percorridos e conhecidos.

No âmbito da sua actividade foi galardoada, recentemente, com o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana 2019, na categoria de Melhor Intervenção Inferior a 1000m<sup>2</sup>, e obteve duas Menções Honrosas, nas categorias Residencial e Cidade do Porto, pelo projecto da *Casa António Patrício*. De salientar igualmente a Menção Honrosa do Prémio Nuno Teotónio Pereira, em 2016 (antigo Prémio IHRU), na categoria de edifícios habitacionais, pelo projecto da *Casa do Pinheiro Manso*.

A par dos arquitectos Álvaro Siza e José Gigante, a arquitecta Joana Vasconcelos venceu em 2017, o Prémio João de Almada, na categoria de reabilitação de espaço habitacional, com o projecto da sua própria casa. Projecto esse, *Casa da Boavista*, que considera ser o mais importante da sua obra, já que era cliente e arquitecta em simultâneo, o que lhe trouxe ainda mais incertezas e em simultâneo satisfação. Trata-se de uma casa centenária com traços típicos da habitação burguesa do Porto de finais do século XIX e inícios do século XX: “(...)um lote estreito e comprido, com quatro pisos, duas frentes e jardim nas traseiras(...)”<sup>181</sup> onde:

“(...) a conciliação entre a forma e função tornou-se uma tarefa árdua. A preservação e valorização das pré-existências contribuíram para que dois importantes pressupostos da intervenção, a economia e o tempo, se cumprissem, sem no entanto descuidar forma e função. No final, o objecto sobrepôs-se ao projecto.”<sup>182</sup>

A intenção de conservar o património teve sempre presente no seu percurso desde do início até aos projectos mais recentes. Em 2015 a arquitecta e o seu marido, engenheiro Tiago Ilharco, venceram um concurso internacional “*Improving Seismic Resilience of Traditional*

---

180. *ibid*

181. Citação retirada da memória descritiva do projecto Casa da Boavista. Disponível em: <https://www.atelierinvitro.com/casa-boavista-ft> (consultado a 10 de Agosto de 2020)

182. *ibid*

*Bhutanese Buildings*” cujo o principal objectivo do projecto consistia num levantamento detalhado de duas aldeias em Punakha. Conhecer as principais características construtivas de 18 habitações vernaculares do Butão de forma a aferir o seu comportamento estrutural e propor medidas de mitigação do risco sísmico a implementar. Segundo a arquitecta “ a maioria são edifícios de quatro frentes e dois pisos, construídos em terra compactada e em madeira.(...) As soluções de reforço sísmico têm de ser adaptadas às condições locais”<sup>183</sup>

A sua experiência enquanto mulher na arquitectura tem acontecido de forma segura, já que confessa que nunca ter sentido que a sua autoridade foi questionada devido ao seu género, nem quer acreditar que fosse necessário associar-se a um parceiro masculino para ter um lugar em arquitectura. Assim, apesar da sua prática enquanto arquitecta não ter passado por discriminações e estereótipos concorda que, por vezes, uma arquitecta “tem de se esforçar um bocadinho mais do que um mesmo profissional do sexo oposto... é mais difícil para uma mulher fazer projectos em grande escala porque é mais difícil chegar aos investidores que os proporcionam. Normalmente, são esses projectos que fazem com que se faça parte do “*star system*”<sup>184</sup>.

Assim, interpreta-se que esta arquitecta a exercer a título individual, apesar de revelar nunca sentir desigualdades de género, quer no percurso académico como ao longo da sua carreira, tem consciência de que, uma arquitecta sendo mulher tem uma maior dificuldade em conseguir determinados projectos que lhe permitam ascender profissionalmente.

Ao analisar a sua obra construída são, sobretudo essas intervenções de grande escala, os projectos que ainda não realizou e que confessa ter o objectivo de alcançar. Mas, em simultâneo não quer acreditar que fosse necessário associar-se a um arquitecto, só por ser homem, para os alcançar. Acredito que, esta aparente “contradição” seja resultado de algum pragmatismo na complexidade em admitir o papel real que a mulher ocupa, actualmente, na concepção disciplinar e numa aparente apreensão em, de facto, esta conjuntura ser considerada um tema e um problema. Por outro lado, quando questionada sobre quais seriam as suas principais influências arquitectónicas, a arquitecta apenas menciona a Arquitectura Moderna como principal modelo. Ora sendo a Arquitectura Moderna a epifania do homem moderno e dos mestres na arquitectura, com um silenciamento extremo de modelos femininos, depara-se aqui uma ausência de representatividade ainda que inconsciente no seu discurso de referências femininas na disciplina.

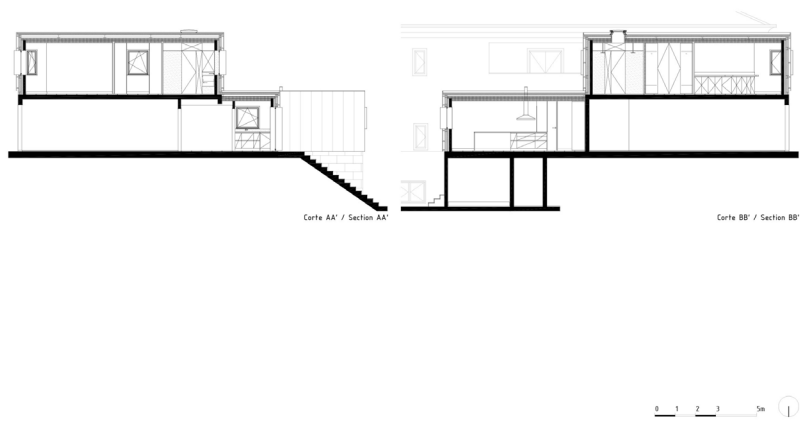
---

183. Joana Vasconcelos em Entrevista ao Público. Artigo escrito por : BARCELLOS, Alice (2015), Portugueses vão reabilitar aldeias do Butão, tornando-as resistentes a sismos. Disponível em: <https://www.publico.pt/2015/01/07/p3/noticia/portugueses-vaio-reabilitar-aldeias-do-butao-tornandoas-resistentes-a-sismos-1822404> (consultado a 10 de Agosto de 2020)

184. Joana Vasconcelos em entrevista no âmbito desta dissertação. Entrevista completa encontra-se na parte de “Apêndice” da presente dissertação.

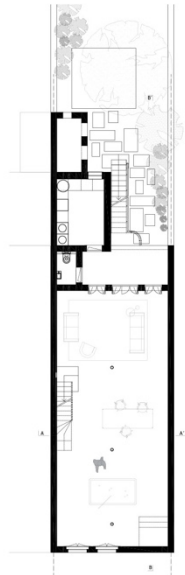
73. Casa Pérbola (Miranda do Corvo, 2015-2020)



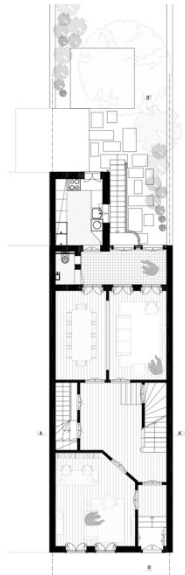


74. Casa António Patrício (Porto, 2016-2018)

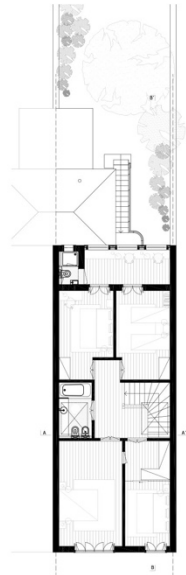




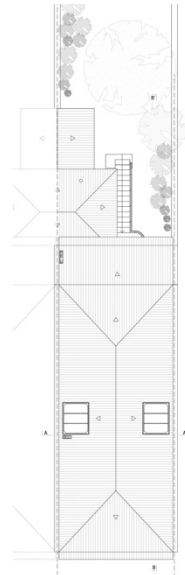
Piso -1 / Basement Floor Plan



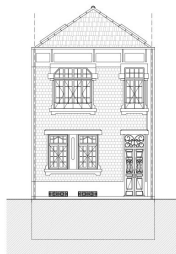
Piso 0 (Acesso) / Ground Floor Plan



Piso 1 / First Floor Plan



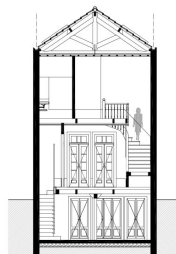
Cobertura / Roof Plan



Alcado Nascente / East Elevation



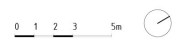
Alcado Poente / West Elevation



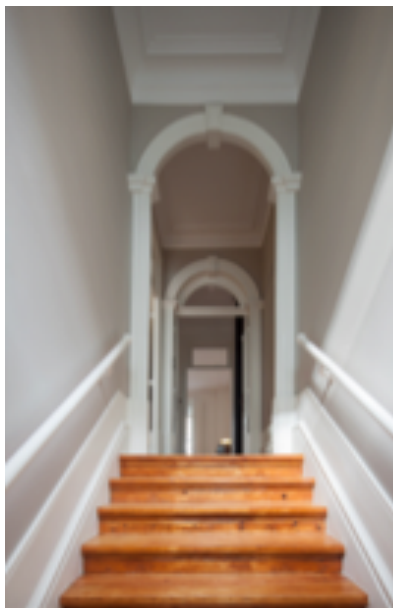
Corte AA' / Section AA'



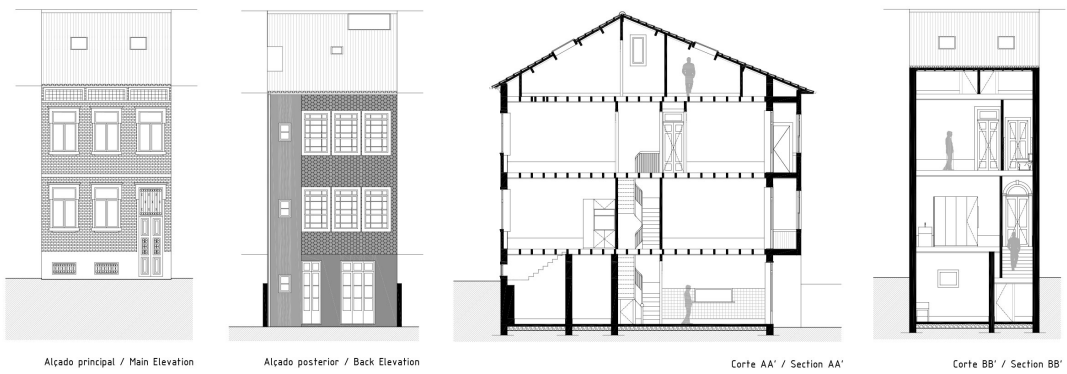
Corte BB' / Section BB'



75. Casa da Boavista (Porto, 2014-2015)

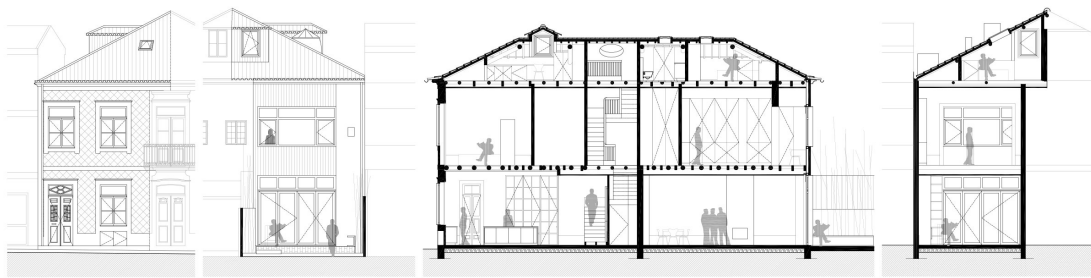
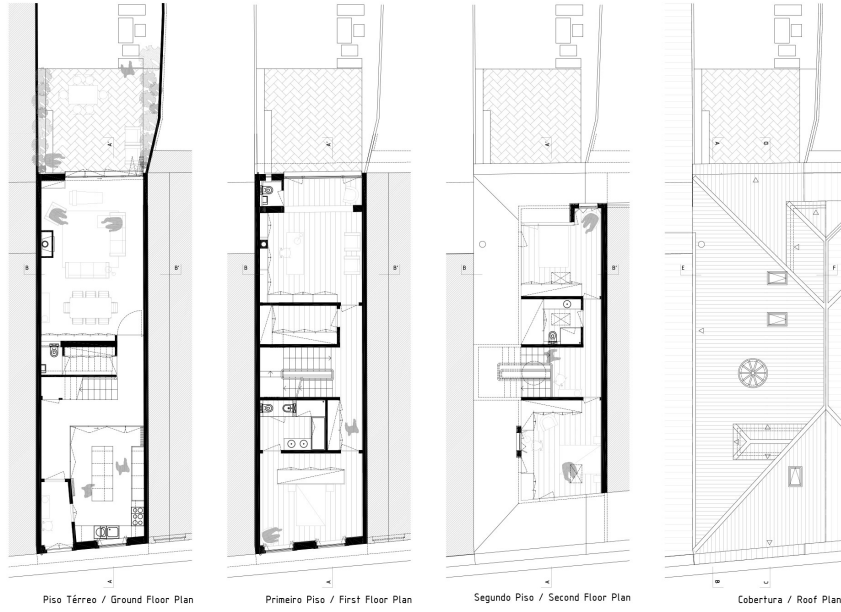






76. Casa Pinheiro Manso (Porto, 2012-2015)





A realidade é que, desvinculando um discurso carregado de ideologias, vitimização e “feminismos” permanece, aparentemente, presente um fenómeno estrutural social em que o sexo feminino não consegue estabelecer as mesmas ligações e capitalizar uma rede de contactos e vínculos que lhe permitam construir um percurso como o que acontece com o sexo masculino.

Este confronto entre trabalho individual de uma arquitecta e a “necessidade” de se associar a uma coautoria com um arquitecto parece ser, cada vez mais, evidente quando dissecando o facto de, embora a arquitecta Joana Vasconcelos não trabalhe efectivamente em coautoria, a realidade é que, especula-se que poderá igualmente beneficiar e de forma legítima note-se, dessas mesmas estruturas e ligações que o matrimónio lhe proporciona.

Uma vez que, confessa inicialmente não ter sequer pensado em trabalhar por conta própria e que foi o arquitecto com quem estagiou que lhe “abriu” portas para outros trabalhos. Sendo casada com um engenheiro que é sócio de uma empresa de consultoria em reabilitação do edificado e património isso é-lhe, possivelmente, muito proveitoso talvez até mais do que uma parceria entre arquitecta-arquitecto.

Com isto, não se pretende referir que, esta excepcional arquitecta só o é porque o matrimónio o permite ser, mas antes objectivar ,cruzando dados, de que esta condição de “*networking*”, rede de contactos e sistema de suporte com partilha de serviços, alcançada sobretudo pelo elemento masculino a que se associam parece ser comum em muitos dos percursos das mulheres arquitectas.

Fátima Fernandes nasceu em Bemposta, Mogadouro em 1961 e sempre teve um gosto especial pelo desenho. “Quando era miúda, adorava desenhar(...)trocava desenhos por ajuda nos exercícios de Inglês e Introdução à Política(...)”<sup>185</sup>, instrumento esse fundamental pela sua paixão de fazer casas e cidades para o Homem. Desde cedo teve um presente contacto com a arquitectura, ainda que inconscientemente.

“Eu nasci em Bemposta, uma das infraestruturas hidroeléctricas modernas mais qualificadas do país, realizada por uma equipa de arquitetos modernos que coordenou todas as acções de transformação do território, necessárias à conformação adequada do espaço habitável e das infraestruturas de produção de energia(...)”<sup>186</sup>

Considera que, a experiência de lá ter vivido transformou a sua percepção, pois a cidade Moderna estava intrínseca no seu quotidiano e influenciou toda a sua formação. Licenciou-se em Arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP, entre 1979 e 1986) e lembra que o seu primeiro exercício estava repleto, dessas mesmas influências: “a minha proposta estava modelada pelas imagens dos espaços em que cresci; derivava das minhas experiências e lembranças da arquitetura de Bemposta e Picote...e das formas magníficas das barragens”.<sup>187</sup>

Da sua formação académica absorveu questões fundamentais em relação ao método e às ferramentas da arquitectura, referenciando que o seu primeiro Mestre teria sido Sérgio Fernández. Mais tarde compreendeu princípios fundamentais de construção e as consequências materiais das linhas projectadas, com outro Mestre Jorge Gigante.

“O Mestre é aquele que nos ensina a entender o que não conseguiríamos sem a sua experiência e crítica. E sem dúvida o Alberto Carneiro foi aquele que me permitiu desfrutar dessa sabedoria, porque desvendava todos os dias princípios e estratégias para usarmos o desenho como ferramenta”<sup>188</sup>.

Aquando a conclusão do seu curso, efectua o estágio em Itália acompanhada pelo professor e arquitecto Manuel Mendes. “Durante o estágio participei no *Workshop L’Isolato di Messina* e para minha surpresa, o trabalho que então desenvolvi foi seleccionado e

---

185. Fátima Fernandes em entrevista no âmbito desta dissertação. Entrevista completa encontra-se na parte de “Apêndice” da presente dissertação

186. *ibid*

187. *ibid*

188. *ibid*

publicado na revista *Casabela*, em Abril de 1985”<sup>189</sup>. Foi no escritório onde efectuou o seu estágio que conhece o seu actual parceiro, arquitecto Michele Cannatà, com o qual ficou impressionada com o método de trabalho mas sobretudo com a extensa biblioteca que detinha.

“Durante esse período de estágio trabalhei num projeto de 27 fogos de habitação social e cooperativa que começámos a construir ainda antes de fazer a prova final. Quando ia à obra, para parecer mais velha e ter mais autoridade apertava o cabelo e `punha uma cara séria”<sup>190</sup>.

Foi a partir desses tempos de estágio que começou a trabalhar em conjunto com o arquitecto até os dias de hoje.

Doutora em Teoria e Prática do Projecto pela na Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade Politécnica de Madrid, com a tese “A Arquitectura na Construção da Paisagem”. É docente na Escola Superior Artística do Porto (na unidade curricular: Arquitectura V) desde de 1996, tendo sido Directora do Curso de Arquitectura dessa instituição e Presidente do Conselho de Admissão da Ordem do Arquitectos SRN.

Trabalha desde de 1984 com o seu parceiro e em 2000 fundam o *atelier* Cannatà & Fernandes Arquitectos Lda, desenvolvendo actividades profissionais em Portugal e Itália, nas áreas de arquitectura, design, planeamento e urbanismo. Apresentam igualmente uma vasta actividade editorial através de edição de livros e artigos, participando em inúmeros seminários e comissariando exposições.

Surgiu a curiosidade de entender se o nome do *atelier* seria intencionalmente escolhido com o nome da arquitecta em ultimo lugar, algo raro já que habitualmente o nome que remata é o mais recordado e geralmente atribuído ao elemento masculino da parceria. Contudo, a arquitecta Fátima Fernandes revelou que se trata apenas da ordem gramatical de escrita, ou seja, a nível de atribuições, quando alguma criação é assinada com o nome completo, o seu vai em primeiro lugar - Fátima Fernandes e Michele Cannatà - devido à ordem alfabética. Com a escolha natural do nome de *atelier* o mesmo fundamento se verifica, daí o seu apelido surgir, neste caso, no final. Exprime de igual modo que, o seu parceiro já fez alguns trabalhos a título individual, ainda que poucos, mas que a arquitecta nunca fez nenhum exclusivamente sozinha, “... porque me alimento da discussão. O trabalho em coautoria é muito rico e extenuante ao mesmo tempo”<sup>191</sup>.

---

189. *ibid*

190. *Ibid*

191. *Ibid*

Desde 1999 são responsáveis pela coordenação científica dos eventos de arquitectura da Concreta – Exponor e são coautores de livros, dos quais se destacam: “Moderno Escondido”, Edições FAUP, “Arquitectura Portuguesa Contemporânea 1991-2001”, ASA; “Guia da Arquitectura Moderna do Porto”, ASA, “Formas Urbanas”, ASA, entre outros. Recebeu inúmeros prémios e as suas obras e projectos estiveram presentes em várias exposições individuais e colectivas, entre as quais a Bienal de Veneza, em 1996 e a Trienal de Milão, em 1997.

Os projectos do *atelier* vão sempre assinados como Cannatà & Fernandes, Fátima Fernandes e Michele Cannatà e seguem-se o(s) nome(s) dos colaboradores que trabalharam nessa altura específica, já que considera que “(...)de uma maneira ou de outra todos os que estão são responsáveis pelo resultado final. Às vezes um pequeno comentário assertivo é tão importante como meses de trabalhos sobre um projeto”<sup>192</sup>.

O *atelier* tem revelado um especial interesse pela realização de concursos e de exposições e conferências, nacionais e internacionais, que caracterizam o seu percurso. As exposições ganham predominância já que são uma amostragem do seu trabalho, tanto no estrangeiro como em Portugal.

Os concursos destacam o escritório sobretudo por permitirem trabalhar uma escala maior e programas aliciantes. A obra da arquitecta é reflexo de um permanente exercício entre a pequena escala e a grande escala, já que apresenta projectos distintos como unidades unifamiliares, plurifamiliares, unidades comerciais e hoteleiras, museus, capelas, pavilhões desportivos, espaços urbanos, etc.

Dos vários concursos realizados e distinções recebidas, importa salientar em 2013 a concepção do projecto de restauro e recuperação da Pousada de Picote, com a Medalha de Prata Internacional “*Domus Restoration and Preservation*”, em *ex-aequo*.

Em 2011 foi-lhes atribuída uma Menção Honrosa no concurso Internacional para o Plano Geral Urbanístico do Parque Olímpico e Paraolímpico Rio2016.

O 1º Prémio no Concurso para o Edifício Multifuncional da Fundação de Serralves, em consórcio com SANAA/Kazuyo Sejima & Ryue Nishizawa, em 2008. Menção Honrosa, em 2005, no Prémio Internacional de Arquitectura Sustentável, atribuído pela Faculdade de Arquitectura de Ferrara, Itália, com a “Casa Inteligente”, entre outros.

Por fim, dos projectos realizados importa salientar as duas obras mais recente produzidas pelo *atelier* executadas em Guimarães, o “Laboratório da Paisagem” as “Residências para Investigadores”.

---

192. Ibid

Em ambos os casos a interacção com a envolvente é respeitada e ao mesmo tempo representam elementos que se distinguem do território. A capacidade espacial é realçada quer pelo espaço público circundante quer pelos espaços projectados nos interiores dos edifícios, repletos de espaços luminosos com carácter arquitectónico, preparados para receber as novas exigências programáticas, através de uma rigorosa reabilitação que se relaciona com as estruturas pré-existentes.

A divisão de trabalho entre a arquitecta e o seu sócio é realizada de forma equilibrada e complementada, sendo ambos intervenientes em todas as fases do processo da arquitectura. “Não há divisão de tarefas no nosso escritório. Fazemos tudo ao mesmo tempo, e discutimos muito, ainda que sejamos os dois completamente diferentes”<sup>193</sup>.

Em termos de referências no âmbito de processo de arquitectura e que influenciam a sua obra, a arquitecta elege como fundamentais os arquitectos Palladio, Loos, Alvar Aalto, Lúcio Costa, Rossi, Grassi e o Souto Moura. Não deixa de ser sistemático a falta de referências femininas.

A sua experiência enquanto mulher na arquitectura tem acontecido de forma muito segura e com a influência adquirida desde dos mestres com quem teve o prazer de iniciar a sua formação até ao seu vasto percurso profissional com variadíssimas obras construídas. As maiores dificuldades que sentiu por um lado foi não ter tido sempre clientes com uma boa capacidade económica para contratar boas empresas de construção e por outro não ter sido possível, ainda construir os melhores projectos que realizaram.

Quando questionada sobre uma que gostaria de realizar, confessa ser o projecto para o Monte Pedral, no Porto, quer pela localização como pelo carácter excepcional da proposta e criação de novas dinâmicas:

“As referências espaciais e morfológicas da proposta assentam numa ideia de continuidade da história urbana e em particular nos exemplos mais significativos que ao longo do tempo construíram a imagem da cidade (Torre dos Clérigos, Hotel Dom Henrique, Torre dos Pedreiros, o Burgo e a Casa da Musica). A proposta assume por isso a forma de uma nova centralidade que tem na condição de habitar, o seu suporte e razão. E entende aportar uma qualidade muito elevada quer para os espaços privados quer para os espaços públicos, mas sobretudo atingir a intemporalidade de que a arquitectura necessita para fazer cidade”<sup>194</sup>.

---

193. Ibid

194. Ibid



Tem consciência de que o tema da invisibilidade da mulher arquitecta existe e tendo em conta a sua perspectiva sobre o tema, é possível destacar alguns estereótipos de género atribuídos de forma simplista às arquitectas. “Senti algumas vezes que por ser mulher me testam ou não me consideram.... Sobretudo quando me chamam Arquitecta Fátima e não Arquitecta Fernandes”<sup>195</sup>, quase que como a anulando enquanto dona do seu próprio *atelier*.

Não obstante, ao longo do tempo e segundo a mesma, aprendeu a lidar com a situação reagindo com um certo humor o que permite na grande maioria das vezes inverter a situação. “Às vezes gozo com a situação o que deixa a pessoa desconfortável... isso permite-me obter rapidamente uma grande vantagem e conquistar definitivamente o `adversário`”<sup>196</sup>.

A arquitecta tem uma posição de grande abertura em relação ao tema das mulheres na arquitectura, defendendo que não é o género que define a forma de projectar e de criação, mas tem consciência que a presença da mulher não é valorizada. Exemplifica que o movimento moderno está repleto de arquitectura assinada e apresentada publicamente por homens, contudo era discutida, pensada e projectada nos *ateliers*, por ou com mulheres. Como era o caso das duplas: Aino Aalto/Alvar Aalto. Alison Smithson/Peter Smithson Ray Eames/Charles Eames Eileen Gray/Le Corbusier, Denise Scott Brown/Venturi. “O mesmo se passa ainda hoje!”<sup>197</sup>.

Apesar de concordar com a arquitecta Denise Scott Brown em relação à maior dificuldade que a mulher tem em pertencer ao *star system* da arquitectura, a arquitecta acredita que cada vez mais se caminha para um lugar com uma maior equidade:

“ a mulher no futuro estará cada vez mais presente nos lugares de decisão e associada de forma indelével e em sintonia, a todo o tipo de tarefas: artísticas, técnicas, científicas, familiares, etc [...] nem o homem nem a mulher valerão pelo próprio género ou raça, mas sim pelas suas capacidades”<sup>198</sup>.

---

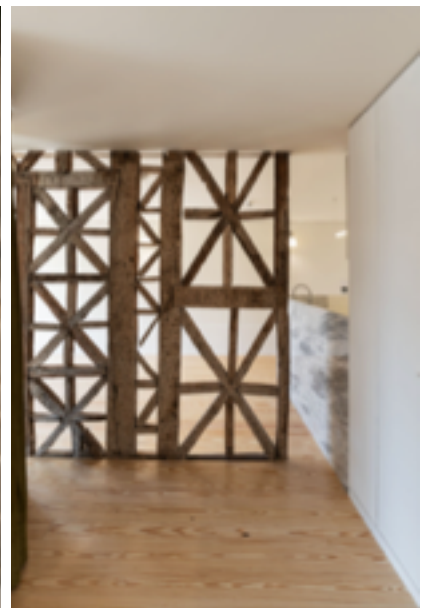
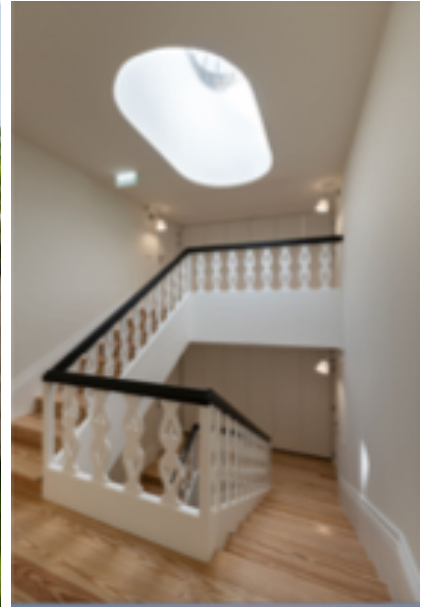
195. Ibid

196. Ibid

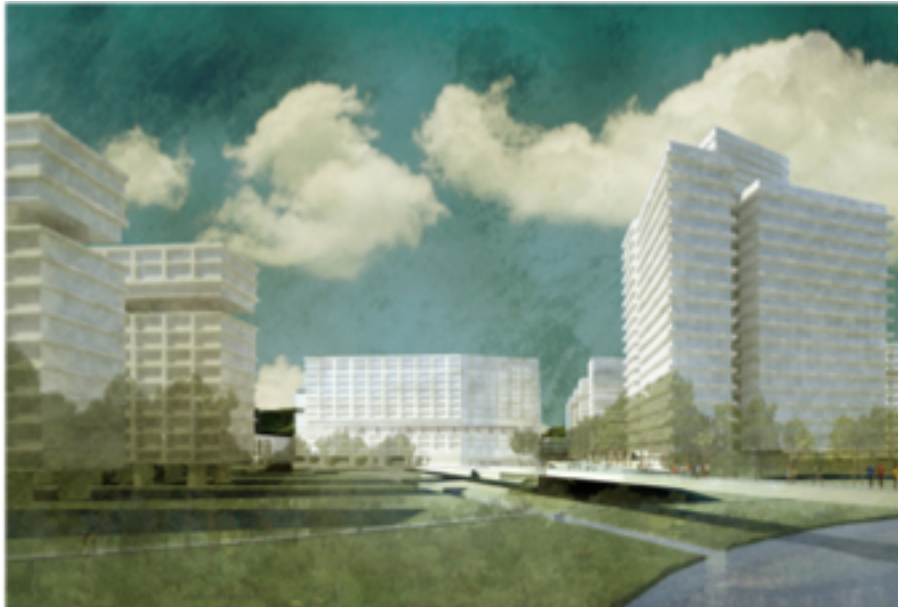
197. Fátima Fernandes em entrevista no âmbito da tese de mestrado: MACHADO, Susete( 2011) “O Espaço das Mulheres na Arquitectura”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo, Escola Superior Gallaecia, Galiza. Pág. 262

198. Fátima Fernandes em entrevista no âmbito desta dissertação. Entrevista completa encontra-se na parte de “Apêndice” da presente dissertação.

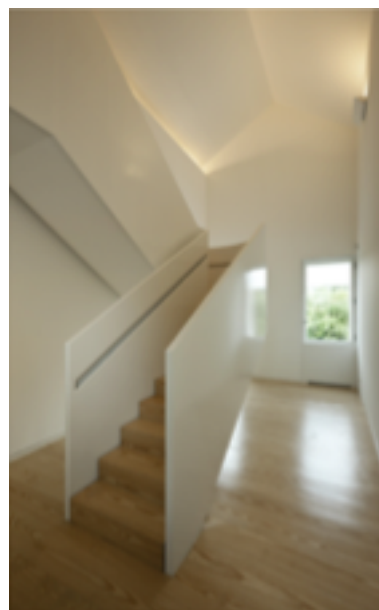
77. Residência para Investigadores (Guimarães, 2018)

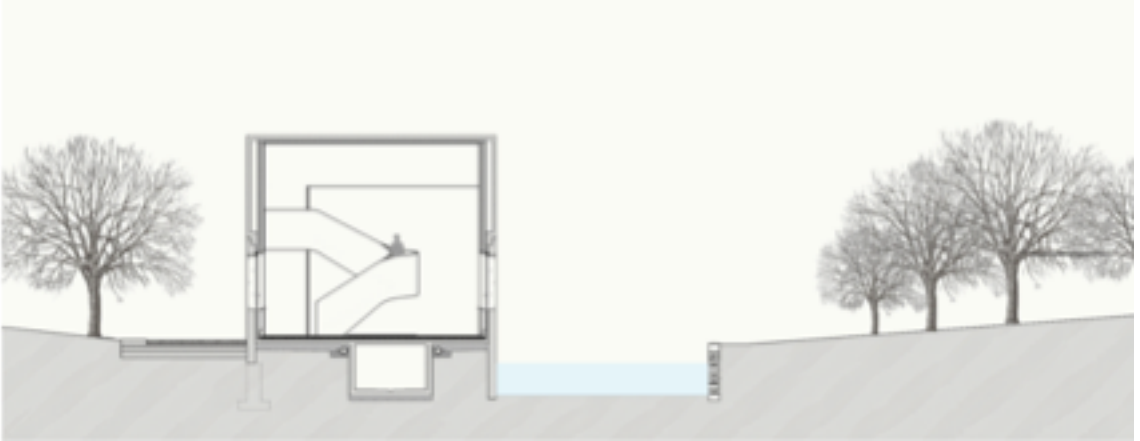
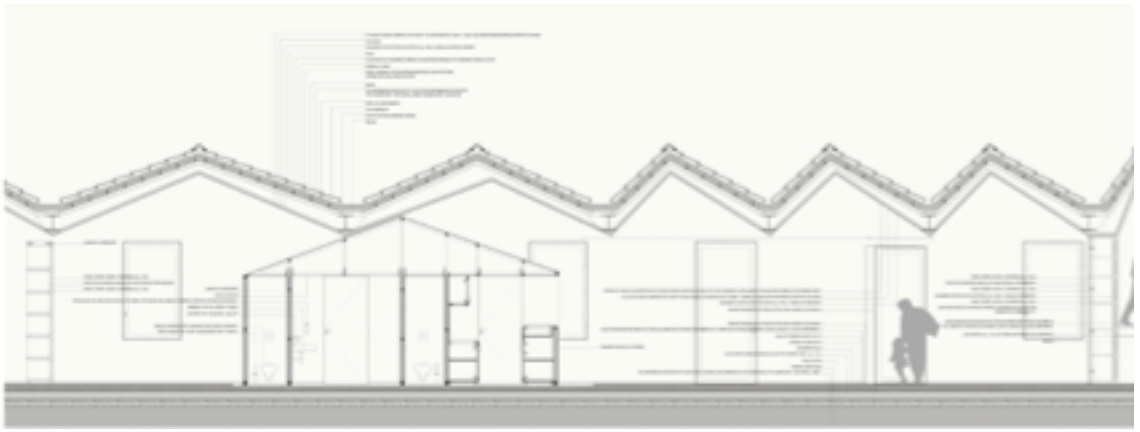


78. Plano Geral Urbanístico do Parque Olímpico e Paraolímpico Rio 2016. (Rio Janeiro, 2011)



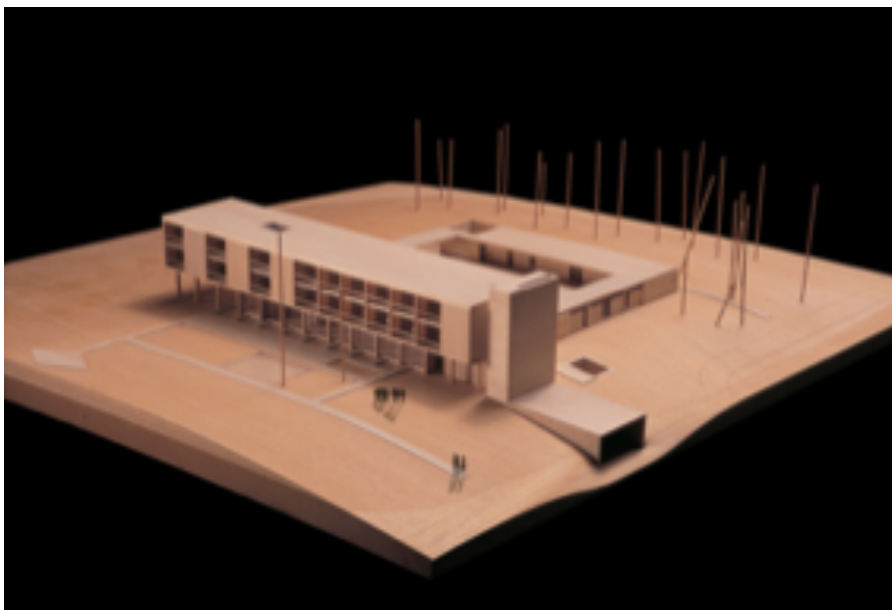
79. Laboratório da Paisagem (Guimarães, 2010-2012)



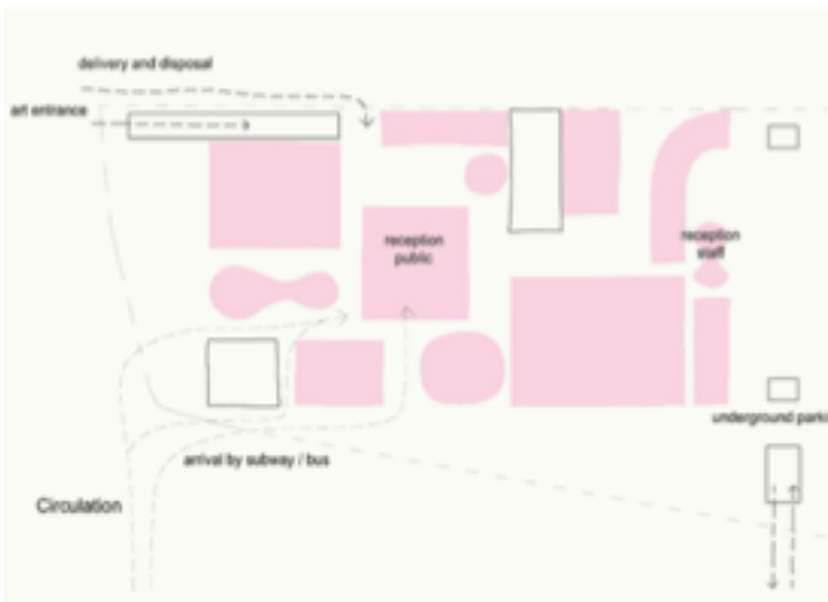


80. Recuperação e Remodelação da Pousada de Picote e área envolvente (Miranda do Douro, 1999-2010)



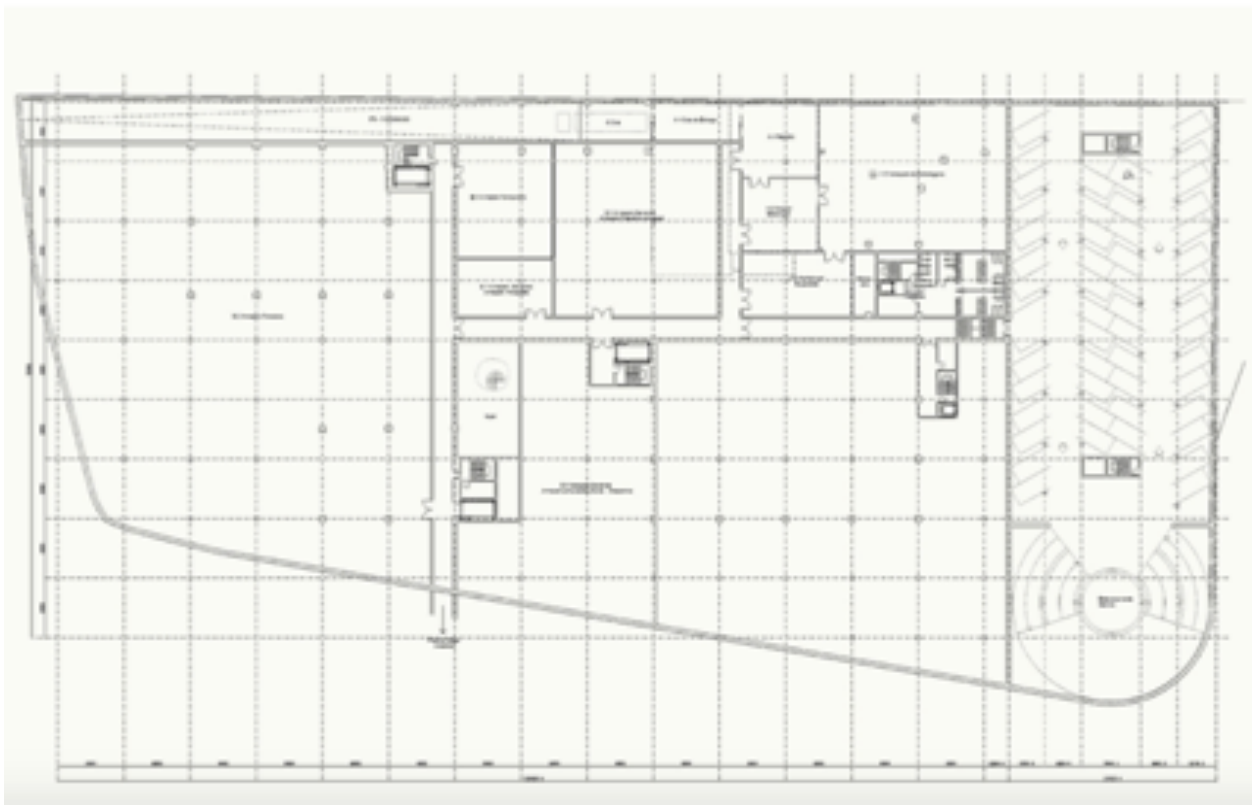


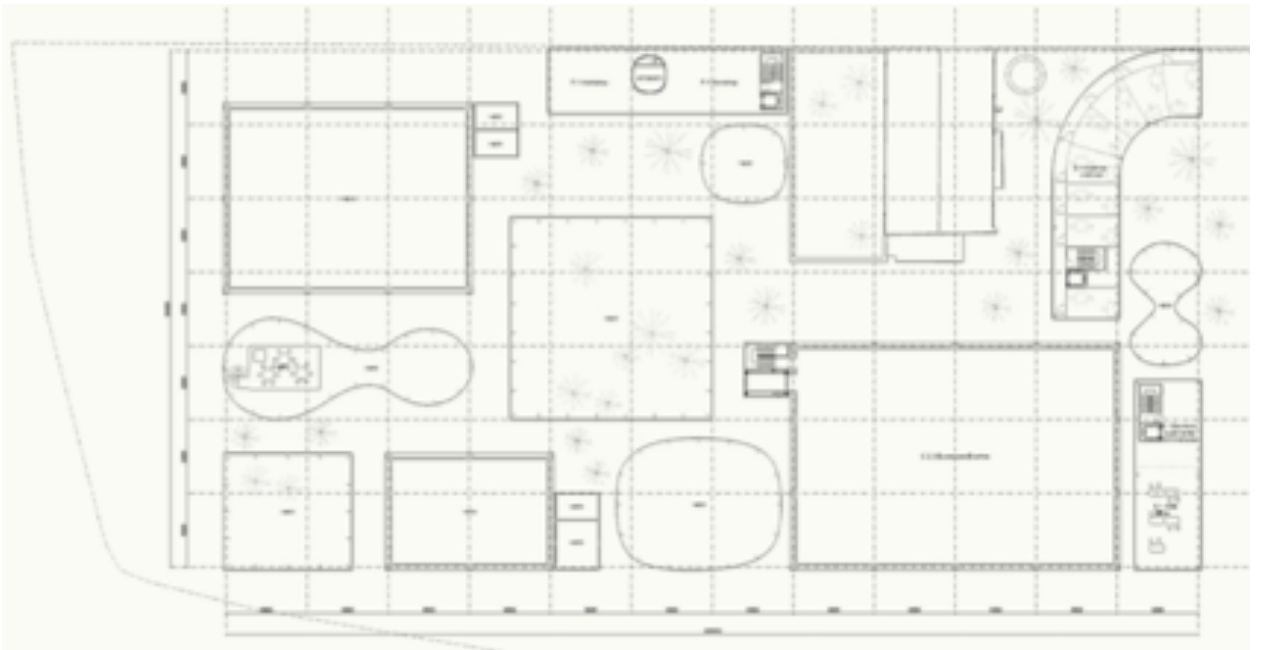
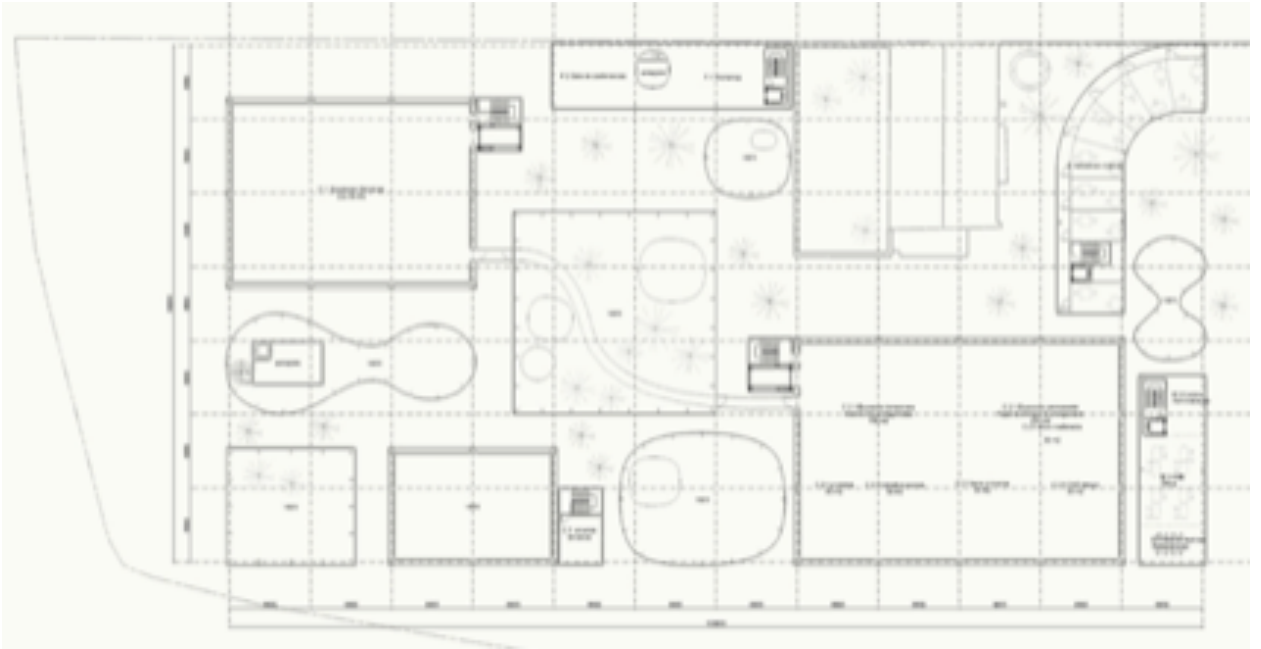
81. Extensão Museu Serralves (Matosinhos 2008) Em colaboração com SANAA.





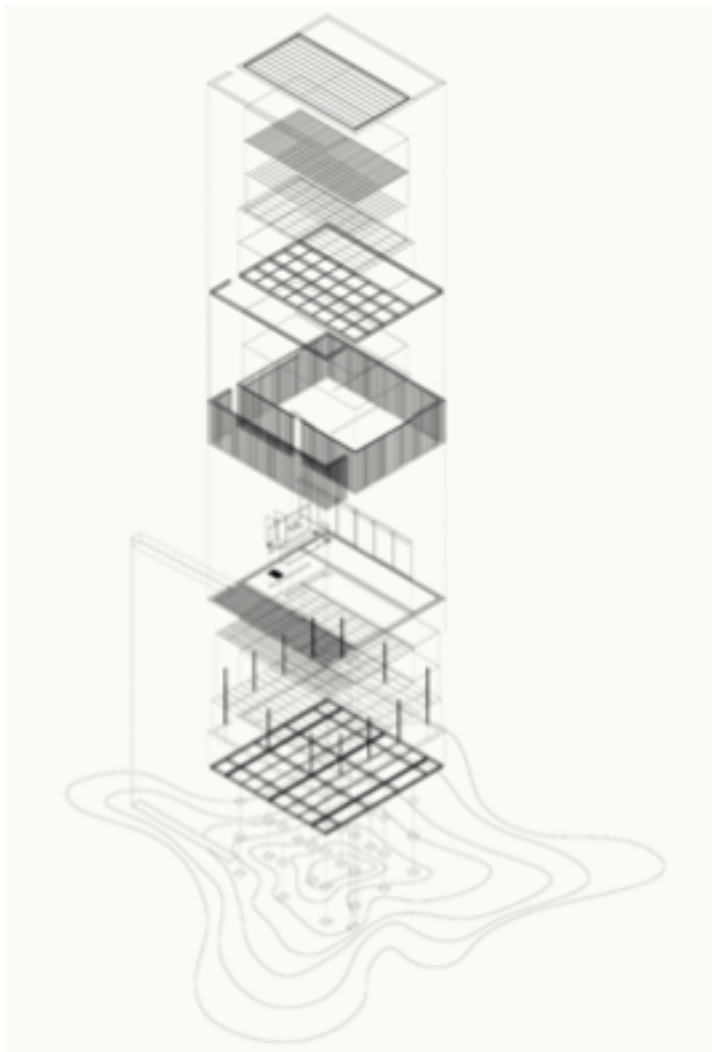






82. Casa Inteligente (Matosinhos, 2002)





Em suma, este último capítulo através de um enquadramento e interpretação dos dados obtidos através das entrevistas realizadas, após critérios de seleção e limitações anteriormente mencionados, permitiu a obtenção de informações sobre o objecto da investigação.

Os dois casos de estudo, de um modo geral, revelam sobretudo que estas duas arquitectas nunca sentiram discriminação no percurso académico nem profissional, todavia no percurso profissional da arquitecta Fernandes foi marcado por alguns momentos pontuais em que, de facto, o preconceito existiu, talvez aqui por se tratar de uma arquitecta que trabalha em dupla, seja ainda mais evidente que por vezes há um posicionamento por parte de terceiro de colocar a mulher na sombra do arquitecto.

Ainda assim é igualmente visível em ambas, uma falta de referências femininas, quando questionadas com as suas principais influências/mestres, o que pressupõe à partida que, ao longo da sua formação académica tenha existido uma distinção de género. O facto de terem dado poucos exemplos de arquitectas, aparenta demonstrar que também elas privilegiam os arquitectos do género masculino, tendo sido vítimas dos silenciamentos da academia.

Por outro lado, ainda que considerem não terem sofrido discriminações marcantes, são unânimes em admitir que a mulher tem que se esforçar um pouco mais que o homem neste campo e que as arquitectas não têm a visibilidade adequada à qualidade e quantidade do trabalho que produzem. Ou seja, de um certo modo tem consciência da problemática e que a diferença existe, mas consideram que a tendência é melhorar.

É interessante constatar que, no caso da arquitecta que exerce em parceria, mesmo pertencente a uma geração mais antiga, sendo portanto mais experiente com mais obra construída e publicada, é visível um permanente exercício entre a pequena e a grande escala nos diversos tipos de projectos que sustentam toda a sua produção arquitectónica.

Estes projectos de grande escala são aqueles que mais dificilmente uma arquitecta consegue alcançar como admitiram por ambas e no caso da arquitecta que trabalha a título individual, portanto não associada a um homem, esta particularidade da grande escala ainda não está presente na sua linguagem arquitectónica. A realidade é que, desvinculando um discurso carregado de ideologias, vitimização e “feminismos” permanece, aparentemente, presente um fenómeno estrutural social em que o sexo feminino não consegue estabelecer as mesmas ligações e capitalizar uma rede de contactos e vínculos que lhe permitam construir um percurso como o que acontece com o sexo masculino.

Destaca-se, igualmente que, ambas reagem à problemática autorial da mesma forma, sendo firmes no que toca ao reconhecimento de todos os colaboradores nos projectos realizados pelos respectivos escritórios.

No caso de estudo associado à parceria entre géneros diferentes, salienta-se o facto de, o elemento masculino ter realizado alguns projectos a título individual o que não se verificou com a arquitecta que sempre trabalhou em coautoria. Em contrapartida, a arquitecta Joana Vasconcelos que trabalha a título individual confessa já ter feito projectos em coautorias com outros arquitectos. Ou seja, a arquitecta que trabalha em colaboração nunca fez nenhuma obra de autoria exclusiva, apenas o arquitecto Cannatà. E a arquitecta que trabalha a solo, já fez algumas colaborações.

Em relação ao nome dos próprios escritórios é interessante constatar que, em momento algum, houve a necessidade de afirmação do respectivo género, já que o nome do *atelier in.vitro* em nada não faz alusão ao nome da arquitecta. Ou seja, a arquitecta que exerce a título individual, aquando da escolha da denominação do seu escritório, não teve a intenção de mencionar o seu nome, que a exporia desde logo enquanto mulher-arquitecta. Escondendo o seu género mas com isso renuncia ao protagonismo directo e dessa maneira (in)voluntária contribui para a sua própria invisibilidade, tais são as teias deste complexo fenómeno.

De igual modo, não foi intencional a necessidade de afirmação do nome da arquitecta da coautoria, na escolha do nome Cannatà & Fernandes. A referência ao elemento feminino apenas se encontra em último lugar, por questões gramaticais. Esta escolha não pretendeu mais uma vez evidenciar o reconhecimento, já que habitualmente é o elemento masculino que aparece com o seu nome em útil lugar e do qual mais facilmente se memoriza e associa uma posição de poder.

Uma vez que, o objectivo da presente investigação recaí sobretudo na forma como se manifesta o percurso da mulher como arquitecta nas últimas décadas, pretende-se contribuir para um panorama mais completo e diverso da arquitectura nacional e como tal, tornou-se essencial reconhecer o legado destas arquitectas destacando algumas das suas obras, premiações e publicações.





## **CAPÍTULO VI | Considerações Finais**

Neste capítulo é apresentada uma síntese acerca da investigação realizada e dos resultados obtidos, bem como uma breve descrição das limitações decorrentes do trabalho e sugestões para futuras investigações.

## Considerações Finais

A presente dissertação teve o seu foco direccionado para o tema das Mulheres na Arquitectura. Para além, da intenção de conceder voz a percursos silenciados, pretende-se igualmente, acrescentar a problemática autoral e a dinâmica das parcerias, paradigmas esses, presentes em todos os capítulos da presente investigação. Não obstante, surgiram algumas limitações quer a nível da revisão literária como na falta de referências bibliográficas de várias arquitectas. Ainda assim, através de uma complexa recolha, análise e interpretação de inúmeros dados e componentes que compõe o *star system* foi possível descortinar o efectivo e exíguo espaço que as arquitectas ocupam neste campo científico e os significativos obstáculos sentidos. Outra limitação recorrente desta investigação consistia na dificuldade em identificar arquitectas actuais com obra consolidada e premiada, que praticassem a título individual. Agravando-se quando não foi possível, de igual modo, nomear uma dupla de peso composta por duas arquitectas portuguesas. No entanto, seguiu-se uma escolha intencional e criteriosa de duas arquitectas, como referido no capítulo correspondente, tendo sido assim possível identificar uma arquitecta a solo e outra em coautoria com o seu respectivo marido. O desenvolvimento do trabalho permitiu chegar a algumas conclusões relevantes e, muitas delas (in)conscientes, que apenas através da análise efectuada, foram possíveis de serem apr(e)endidas e distribuídas ao longo dos capítulos que estruturam a presente investigação.

Assim, após um breve esboço sob a evolução da presença das mulheres na profissão, sobretudo devido ao gradual acesso ao ensino da arquitectura, tornou-se pertinente reconhecer as arquitectas pioneiras, internacionais e nacionais, que abriram caminho a muitas outras. Observou-se que emerge uma nova forma de trabalho em arquitectura, devido ao aparecimento de parcerias profissionais matrimoniais, dando-se lugar a colaborações projectuais. Aqui, também, se verifica que o elemento feminino da dupla é colocado para segundo plano e concluiu-se que a maior parte das coautorias surgem entre géneros diferentes, numa primeira instância para que a mulher pudesse entrar no campo profissional. No mundo actual, as colaborações multiplicam-se e para não ocorrer em erros de falta de atribuição de mérito ou de apropriação de trabalho por parte de outrem, é necessário saudar a noção produção em conjunto, ao invés de se lhe atribuir única e exclusivamente a um elemento (quase sempre no masculino).

Se considerarmos que em Portugal a primeira mulher a poder formar-se em arquitectura, apenas o fez em 1937 retém-se que, é uma realidade muito tardia, já que não existiam arquitectas no país nem há 100 anos atrás. A discriminação agrava-se quando, após as significativas alterações socioculturais e os anos passados, o panorama feminino na arquitectura permanece na penumbra. A História não pode servir de justificação para a falta de paridade do presente. É assim urgente uma reflexão alargada e profunda, sobre a dupla

exclusão que as contribuições femininas experienciam, as passado e as da contemporaneidade, tanto a nível individual como em parceira. Concluí-se que, a invisibilidade actual pode ser ainda mais severa, que a anterior, já que se vive na ilusão da vanguarda. Crê-se que não há espaço para discriminação em pleno século XXI e, dificilmente, se aceita que ainda exista, pois os “actos sexistas” do passado julgam-se (erradamente) dissimulados no presente. Poder-se-à considerar que reclamar esta diferença poderá perpetuar o binómio que se procura diluir, mas a verdade é que, não se considera existir uma essência feminina e recusa-se especificações de arquitecturas de homens e de mulheres.

Desta forma, torna-se necessário representar uma amostragem objectiva da realidade, comprovada por uma extensa análise e compilação de estatísticas, com argumentos neutros do significativo silenciamento e falta de representatividade suportada pela mulher em arquitectura, contributo principal do presente trabalho. Apesar de começarem a haver indícios de uma mudança de paradigma, comprova-se que, cada vez mais, há arquitectas a formarem-se, todavia não ocupam um lugar relevante no *star system* da Arquitectura.

Permanece o reconhecimento associado à imagem patriarcal do arquitecto enquanto génio e figura masculina dominante. Considerando a presença da mulher no ambiente profissional e académico, foi possível identificar vários problemas/desigualdades que tendem a tornar invisível o seu reconhecimento e participação enquanto arquitectas. A análise quantitativa realizada demonstra números que, caso não fossem sistematizados e dissecados, seriam omissos na medida em que, há uma ignorância (in)voluntária dessa realidade. Mas esses complexos dados são necessários para o entendimento do desequilíbrio existente das arquitectas na profissão.

Demonstrou-se que os arquitectos são em número superior nas salas de aulas enquanto corpo docente, nos exemplos apresentados, nas premiações atribuídas, nos concursos ganhos, nas exposições e publicações, no número de profissionais inscritos na Ordem dos Arquitectos, mesmo que em minoria nas salas de aulas enquanto alunos. A própria formação académica continua a privilegiar as matérias sobre os grandes mestres, e que tende a ter uma grande componente masculina instigando dessa forma um cenário educacional que parece representar a “normalização” da arquitectura como uma carreira dominada ou definida por homens arquitectos. Assim, constatou-se que há poucas arquitectas nas salas de aulas enquanto docentes, vão diminuindo de forma acentuada em função da escala hierárquica, apresentam-se poucas exemplos de obras de autoria feminina, bem como em referências bibliográficas. São igualmente omissas no mercado de trabalho com escritórios representados maioritariamente por arquitectos, mesmo tratando-se de *ateliers* mistos ou colectivos, associa-se maioritariamente a figura masculina como estando à frente do *atelier*, constatando-se, portanto, que são poucos os escritórios de relevo liderados por mulheres.

Os dados provenientes da pesquisa efectuada mostram que, nos dias de hoje, as principais premiações apresentam uma percentagem de arquitectos laureados esmagadoramente superior às arquitectas. Ora, como resultado de certas premiações, alguns escritórios são trazidos para a ribalta, proporcionando outras obras, curadorias e publicações, ou seja, reconhecimento público e entre os seus pares. Ou seja, dificilmente acontecerá a um *atelier* liderado por uma qualquer arquitecta já que os elementos femininos correspondem a uma percentagem tão diminuta no que toca a prémios recebidos e a posições em painéis de tomadas de decisões como júris, jurados, curadoria, etc. De igual modo, constatou-se pelos números, no que diz respeito às principais exposições internacionais e publicações que estas são outro meio que a sociedade tem usado de discriminação de arquitectas pela (re)conhecimento de um(a) arquitecto(a) e da sua obra. Através da sistematização e recolha de dados sobre os principais intervenientes portugueses, é possível concluir que a selecção de arquitectos/*ateliers* bem como a escolha dos curadores, destas exposições e publicações, apresentam uma representatividade marcadamente masculina que se repete na academia.

Este diagnóstico teve como intuito fornecer dados mensuráveis e objectivos para que sirvam de barómetro para a questão do género na arquitectura. Já que a falta de conhecimento ou aceitá-lo como um “não tema” de debate prejudica a mudança de cenário para que haja uma real paridade. Portanto, para que os avanços na profissão progridam, ainda que timidamente, como tem vindo a ocorrer, é importante que este discurso arquitectónico continue a ser debatido e reconhecido, mas sobretudo transformado, visando um maior conhecimento acerca da história passada e actual da mulher na arquitectura, em futuras investigações.

Por fim, destacaram-se momentos que deram origem ao debate desta temática no discurso arquitectónico, bem como iniciativas tomadas e outras, que possivelmente poderão ajudar na alteração do panorama. Reconhece-se que é principalmente através de uma forte consciencialização para o assunto que se delinea uma possível transformação. É de igual modo, necessário compreender futuramente a razão pela qual muitas arquitectas não chegam a exercer após conclusão do curso e o motivo pelo qual, outras deixam de praticar. Essa tomada de consciência deveria acontecer tanto nas formações académicas, como nas de acesso à profissão; na formação ao longo da vida dos arquitectos, bem como criar mecanismo de conhecimento geral da população. Em paralelo devem continuar a multiplicar-se acções institucionais em contexto de ensino académico e profissional. Organização de palestras, oficinas, exibição de filmes e documentários, exposições, etc,... Afiguram-se igualmente soluções em forma de medidas compensatórias como aplicação de quotas, mas também, programas de (re)admissão profissional.

Uma vez que, o objectivo da presente investigação recaí sobretudo na forma como se manifesta o percurso da mulher como arquitecta nas últimas décadas, pretende-se contribuir para um panorama mais completo e diverso da arquitectura, ou seja, materializa-se como

uma contribuição para a definição dos contornos do problema, dentro da sua própria complexidade.

Assim, por fim, os casos de estudo da presente dissertação surgem também como um contributo, ainda que modesto, numa tentativa de superar a invisibilidade das arquitectas portuguesas, colaborando para a construção de uma disciplina mais abrangente. Através de um enquadramento e interpretação dos dados obtidos através das entrevistas realizadas, obtém-se informações sobre o objecto da investigação trazendo novos dados. Os trajectos vividos pelas arquitectas seleccionadas apresentam um quadro comum geográfico, social e formativo, ainda que com variações geracionais metodológicas e projectuais. Portanto, a intenção de sistematizar a recolha de dados de uma arquitecta portuguesa que exercesse a título individual e outra em coautoria, permitiu não só uma visualização e continuação do percurso geracional como, apreender diferentes metodologias na prática de arquitectura.

Observou-se ainda que, os projectos das arquitectas Joana Vasconcelos e Fátima Fernandes, têm sido distinguidos com vários prémios, contam com diversos convites para realização de conferências/exposições e apresentam obra publicada. No entanto, mesmo assim considera-se que, não têm tido o reconhecimento e valorização de acordo com a extensão e notável trabalho que tem vindo a desenvolver, sendo desde logo sintomático que os atuais estudantes de arquitetura não são capazes de nomear arquitectas, em especial portuguesas. Da análise efectuada é possível reter que as problemáticas identificadas ao longo da investigação se reproduzem no contexto destes percursos seleccionados e ambas atestam que uma arquitecta sendo mulher tem uma maior dificuldade em conseguir determinados projectos que lhe permitam ascender profissionalmente.

De forma a corrigir essa situação, acredita-se ser pertinente dar a conhecer o seu percurso profissional, a sua experiência enquanto arquitectas bem como os possíveis desafios que enfrentam enquanto mulheres na prática da arquitectura. Assim, procurou-se abraçar mais amplamente a experiência feminina na profissão e contribuir para a construção de um legado, de modo a permitir estabelecer uma base para futuras investigações e reconhecimentos. É necessário criar referências novas, sobretudo para as mais recentes gerações, contribuindo para o aumento da representatividade feminina combatendo assim a invisibilidade geral das arquitectas e do seu trabalho que parece constituir-se como o centro da espiral discriminatória da atualidade. No geral comprovou-se a pertinência destes e de outros levantamentos e estudos para além da necessidade de dar visibilidade a nomes não (re)conhecidos. Este trabalho contribuiu para a criação de bases de investigação para estudos sobre mulheres arquitectas e identifica as parcerias matrimoniais como um fenómeno que possivelmente é reactivo às limitações que as mulheres, de forma mais ou menos consciente, encontram de facto no campo específico da prática da arquitetura, sendo, no entanto, necessária mais investigação e envolvendo mais tipos de parcerias.



## **CAPÍTULO VII | Referências Bibliográficas**

Neste capítulo são as referências bibliográficas utilizadas na concretização desta dissertação.

## Referências Bibliográficas

### Livros e capítulos de livros

AFONSO, R. B.; FURTADO, G. (2006) “Arquitectura, máquina e corpo : notas sobre as novas tecnologias na arquitectura” = architecture, machine and body : notes on the new technologies in architecture. FAUP Publicações, Porto

ANTHONY, Kathryn H. (2001) “Design for Diversity: Gender, Race and Ethnicity in the Architectural Profession”, University of Illinois Press

BEAUVOIR, Simone de (1976) “The Second Sex”. Translated and edited by H. M. Parshley. New York: Alfred A. Knopf

BERKELEY, E. P. (ed.) & MCQUAID, M.(Assoc. ed.) (1989). “Architecture: A Place for Women”. Washington, DC: Smithsonian Institution Press Marketing Department.

BROWN, Denise Scott (2009) “Having Words”. Londres: Architectural Association Publication

BROWN, Denise Scott (1989) “Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture”. In Berkeley, E. P. (ed.) & McQuaid, M. (Assoc. ed.), “Architecture: A Place for Women”. Washington, DC: Smithsonian Institution Press Marketing Department.

CABRAL, M.V (coord.) & BORGES, V. (2006). “Relatório Profissão: Arquitecto/a”. Lisboa: ICS/UL; Ordem dos Arquitectos

CEVEDIO, Mónica (2010) “Arquitectura y género: espacio público / espacio privado” 2.o ed. Barcelona: Içaria editorial, S.A.

CLARE, Lorenz (1990) “Women in Architecture - A Contemporary Perspective”, Trefoil Publications Ltd., London.

COLE, Doris. (1973) “From tipi to skyscraper: a history of women in architecture”. Cambridge: The MIT Press

COLOMINA, B. (ed.) (1992) “Sexuality and Space”. New Jersey: Princeton Papers on Architecture

COLOMINA, B. (2010) “With, or Without you: The Ghosts of Modern Architecture”. In C. Butler & A. Schwartz, Modern Women: Women Artists at The Museum of Modern Art. New York: The Museum of Modern Art

CORTÉS, José Miguel G. (2008) “Políticas do Espaço : Arquitectura, Género e Controle



Social”, Editora Senac, São Paulo

DROSTE, Magdalena (2006) “Bauhaus”, Köln: Taschen

ECO, Umberto (2007) “Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas”, Lisboa: Editorial Presença

ESPEGEL, Cármen (2007), “Heroínas del espacio: Mujeres arquitectos en el Movimiento Moderno”. Buenos Aires

FERNANDES, Fátima e CANNATÀ, Michele (2003) “Cannatà & Fernandes, obras e projectos 1984-2004”. Porto: Asa Editores II S. A.

FIGUEIRA, Jorge (2011) “Reescrever o Pós-moderno”, Porto: Dafne Editora

FRIEDMAN, Alice T. (2006). “Women and the Making of the Modern House”, New Haven: Yale University Press

GIEDIONI, Siegfried (1969). “Space, time and architecture: the growth of a new tradition”. Cambridge: Harvard University Press, 5ª edição

HIPELI, Mia (2004), “Aino Marsio-Aalto architecta” en KINNUNEN, Ulla (ed.), Aino Aalto, Alvar Aalto Foundation, Alvar Aalto Museum

JETSONEN, S. (2008) “Finnish Summer Houses”, New York: Princeton Architectural Press

KULLACK, T.(ed.) (2011) “Architecture: A Woman’s Profession”, Berlin: Jovis Verlag GmbH.

MONTANER, Josep Maria (2001), “A modernidade superada: arquitectura, arte e pensamento do século XX”, Barcelona: Editorial Gustavo Gil

MONTANER, Josep Maria (2008), “Sistemas arquitectónicos contemporáneos”. Barcelona: Editorial Gustavo Gil

MONTANER, Josep Maria – Depois do Movimento Moderno: Arquitectura da segunda metade do século XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2009.

OAKLEY, Ann (1972) “Sex, Gender and Society”, Nova York: Harper

RASMUSSEN, Steen Eiler. (2007) “Viver a Arquitectura” (trad. De Experiencing Architecture), Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas, SA. Casal de Cambra

RUEGG, Arthur (2004) “Charlotte Perriand: Livre de Bord, 1928-1933”, Basel

SAINT, Andrew (1983) “The Image of the Architect”, UK, Yale University Press

SMITHSON, Alison e Peter (1955) “The New Brutualism”, Architectural Design

STRATIGAKOS, Despina (2008) “A Women’s Berlin: Building the Modern City”  
Minnesota: University of Minnesota Press

STRATIGAKOS, Despina (2016) “Where Are the Women Architects?”, New Jersey:  
Princeton University Press.

#### Periódicos

DIAS, Manuel Graça (director- J.A) (2011) “Ser Mulher : Being a Woman”, Jornal dos  
Arquitectos, nº242, Julho/Agosto/Setembro

FIGUEIRA, J. (coord.) (2010). “Joelho #1: Mulheres na Arquitectura”, Revista de Cultura  
Arquitectónica do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra, n.º1 (Março). Coimbra: Edarq

LEAL, Joana Cunha & SANTOS, Mariana Pinto (coord.) (2012), “Revista de História  
da Arte. Estudos de Lisboa”, n.º 10, Lisboa: Instituto de História da Arte - Faculdade de  
Ciências Sociais e Humanas/UNL

MONTEIRO, Paula (2015) “Mulheres Invisíveis. Princípio para uma reconstrução do  
discurso em arquitectura”, URBANA: Revista Electrónica do Centro Interdisciplinar de  
Estudos sobre a Cidade

NEVES, Vítor (director- Arq.a) (2019) “[ARQ] FEMINAE”, nº 134, Arqa. Arquitectura  
e Arte Contemporâneas - Portuguese Contemporary Architecture and Art Magazine. Arq.  
Lisboa

REIS, Bárbara et. al (2017) “XXI, ter opinião - Igualdade é possível? E é desejável?” nº8,  
Fundação Francisco Manuel dos Santos

SANTA-RITA, João (director- J.A) (2017) “Representações Nacionais”, Jornal dos  
Arquitectos, J-A #253

#### Artigos

ANTUNES, Lia. (2016) “Questões de Género em Arquitectura: História(s), Espaço(s) e  
Experiências Profissionais e Arquitectónicas”. Ex aequo, Revista da Associação Portuguesa  
de Estudos sobre as Mulheres, nº33, pág. 67-81

COELHO, Luiza Rego Dias e SOLE, Julia Mazzuti (2015) "Em Busca das Pioneiras" in Revista "Arquitetas Invisíveis – Pioneiras" N°1, Brasil

CRUZ, V. (2015). "E se as mulheres desenhassem as cidades". A Revista do Expresso, ed. 2234, pág. 50-57

FIGUEIRA, Jorge (2011) "Entrevista a Denise Scott Brown". Ser Mulher: Being a Woman, JA - Jornal dos Arquitectos, n°242 (Julho/Agosto/Setembro), pág. 28-33

FIGUEIRA, Jorge (2010) "Mulheres na arquitectura: Como lidar com a estranheza". Arq.a, Revista de Arquitectura e Arte Contemporânea, 80/81, pág.20- 24

FONTES, Ana et al.(2010) "Lina Bo Bardi: Uma arquitectura de expressão social". Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

JORDÃO, Pedro (2016) "Altares", Jornal dos Arquitectos, J-A #253.

MELÂNEO, Paula e MOREIRA, Inês (2016), "Representatividade, Representantes e Representados", Jornal dos Arquitectos, J-A #253.

MILHEIRO, Ana Vaz (2011) "A mulher do arquitecto". Ser Mulher: Being a Woman, JA - Jornal dos Arquitectos, n°242 (Julho/Agosto/Setembro)

OCHOA, RITA(2015) "Arte no feminino?"- Artigo para a Conferência apresentada no Instituto de Estudos Académicos Adriano Moreira, no ciclo de conferências

OCHOA, Rita (2018) "*Ser Mulher, na Arquitectura e na Academia, tópicos para debate*". *Arquitetas: Modos(s) de R(existir) reflexões a partir de um ciclo de conversas*, Lisboa: Associação Mulheres na Arquitectura

PEDROSA, Patrícia Santos (2018) "A luta por uma história Feminista da Arquitectura enquanto direito das mulheres". *Arquitetas: Modos(s) de R(existir) reflexões a partir de um ciclo de conversas*, Lisboa: Associação Mulheres na Arquitectura

PEDROSA, Patrícia Santos (2013) "Arquitectura: profissão e emprego". Boletim Arquitectos, Publicação informativa da Ordem dos Arquitectos, n° 230

ROCHA, Filipa et al.(2010) "*Margarete Schutte-Libotzky. A arquitecta da funcionalidade*". Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

RODRIGUES, Carolina et. al. (2010) "*Jane Drew: uma arquitectura de causas*". Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

ROSETA, FILIPA (2018) “Onde é que elas estão?” tópicos para debate. In *Arquitectas: Modos(s) de R(existir) reflexões a partir de um ciclo de conversas*, Lisboa: Associação Mulheres na Arquitectura

RUBINO, Sílvia. (2010) “Corpo, Imagem, Objecto: A cadeira LC9 e Charlotte Perriand” *Joelho 01: Mulheres na Arquitectura*, Revista de Cultura Arquitectónica do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, pág. 22-32.

SERRÃO, Vitor (2017) “Arte no Feminino - Casos de Estudo na Arte Portuguesa”, Academia das Ciências de Lisboa

TRIGOSO, Ana et al. (2010), “Maria José Marques da Silva – Memória, continuidade, intervenção” *Joelho 01: Mulheres na arquitectura*. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

THORNE, Marta (2019) “[ARQ] FEMINAE” n° 134, *Arquitectura e Arte Contemporâneas — Portuguese Contemporary Architecture and Art Magazine*. arq./a , Lisboa

VICENTE, Filipa Lowndes (2017) “Artes, a ilusão da Vanguarda”, in revista “XXI, ter opinião”, n°8 - *Igualdade é possível? E é desejável?*, Fundação Francisco Manuel dos Santos

VICENTE, Filipa Lowndes (2012). “História da Arte e Feminismo: uma reflexão sobre o caso português”. *Revista de História da Arte*, n°10, Instituto de História da Arte - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL, pág. 211-225.

#### Artigos Internet

Arquitetas Invisíveis (2015) “Arquitetas Invisíveis apresentam 48 mulheres na Arquitectura”. *Archdaily Brasil*. Artigo disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/763417/arquitetas-invisiveis-apresentam-48-mulheres-na-arquitetura-arquitetura> (consultado a 1 de Outubro de 2020)

Arquitectas Invisíveis (2015) “Pioneiras – Sophia Hayden Bennett”. Artigo disponível em: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/sophia-hayden-bennett> (consultado a 1 de Outubro de 2020)

Arquitetas Invisíveis (2015), “Pioneiras - Norma Merrick Sklarek”. Artigo disponível

em: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/norma-merrick-sklarek> (consultado a 1 de Outubro de 2020)

ANDRADE, C. Sérgio (2020) “Dupla irlandesa Yvonne Farrell-Shelley McNamara recebe o prémio Pritzker 2020”, in Jornal Público. Artigo disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/03/culturaipilon/noticia/dupla-irlandesa-yvonne-farrellshelley-mcnamara-recebe-premio-pritzker-2020-1906275> (consultado a 10 de Março de 2020)

BARATTO, Romullo (2019) “Em foco: Lina Bo Bardi”, Archdaily. Artigo disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/758576/em-foco-lina-bo-bardi> (consultado a 5 de Outubro de 2020)

BECKER, Lynn (2005) “Frank Lloyd Wright’s Right-Hand Woman”. Artigo disponível em: <https://lynnbecker.com/repeat/Mahony/mahony.htm> (consultado a 8 de Fevereiro de 2020)

BERNSTEIN, A. Fred (2008) “Rediscovering a Heroine of Chicago Architecture”, New York Times. Artigo disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/01/01/arts/design/01maho.html> (consultado a 25 de Março de 2020)

BRANT, Julia (2019) “Gênero e acesso à profissão: as mulheres na arquitetura”, ArchDaily. Artigo disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/923054/genero-e-acesso-a-profissao-as-mulheres-na-arquitetura> (consultado a 22 de Abril de 2020)

BRANT, Julia (2018) “Se o próximo Pritzker fosse alguém que fala português, em quem apostaria?”, Archdaily Brasil. Artigo disponível no site: <https://www.archdaily.com.br/br/889953/quem-ganhara-o-premio-pritzker-2018-nossos-leitores-dao-suas-sugestoes-entre-arquitetos-de-lingua-portuguesa> (consultado a 29 de Outubro de 2019)

CASTRO, P. D. (2014) “Mulheres e o Prêmio Pritzker: Estudos de Caso”. Artigo disponível em: [http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-CDR-035\\_CASTRO.pdf](http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-CDR-035_CASTRO.pdf) (consultado a 10 de Julho de 2020)

CAVEN, V e DIOP, M(2011) “Women and equality in architecture: An Anglo-French comparative study” In: Egbu, C. and Lou, E.C.W. (Eds.) Procs 27th Annual ARCOM Conference, 5-7 September 2011, Leeds, UK, Association of Researchers in Construction Management, pág.219. Artigo disponível em: [http://www.arcom.ac.uk/-docs/proceedings/ar2011-0217\\_0226\\_Caven\\_Diop.pdf](http://www.arcom.ac.uk/-docs/proceedings/ar2011-0217_0226_Caven_Diop.pdf) (consultado a 1 de Outubro de 2020)

CROSSETTI, Laurem (2018) “Na inauguração da Casa da Arquitectura”, Jornal dos Arquitectos, j-A #256. Artigo disponível em: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/j-a-256/na-inauguracao-da-casa-da-arquitetura> (consultado a 4 de Janeiro de 2019)

FIGUEIRA, Jorge (2010) “As mulheres jovens não têm consciência feminista.” *Jornal Público*. Artigo disponível em: <https://www.publico.pt/2010/06/21/jornal/as-mulheres-jovens-nao-tem-consciencia-feminista-19647032> (consultado a 20 de Setembro de 2020)

KREIMAN, Sérgio (2015) “JANE DREW 1911-1996”, para *Un Día/Una Arquitecta*, Artigo disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/05/06/jane-drew-1911-1996/> (consultado a 3 de Outubro de 2020)

MANDRUP, Dorte (2017) “I am not a female architect. I am an architect”, Artigo disponível em: <https://www.dezeen.com/2017/05/25/dorte-mandrup-opinion-column-gender-women-architecture-female-architect/> (consultado a 10 de Junho de 2020)

MARCIANI, Florencia (2015) ”AINO AALTO 1894-1949”, para *Un Día | Una Arquitecta*. Artigo disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/04/09/aino-aalto-1894-1949/> (consultado a 10 de Fevereiro de 2020)

MARCIANI, Florencia (2015) ”ALISON SMITHSON 1928-1993”, para *Un Día | Una Arquitecta*. Artigo disponível em <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/06/16/alison-smithson-1928-1993/> (consultado a 10 de Fevereiro de 2020)

MARCIANI, Florencia (2015) ”CHARLOTTE PERRIAND 1903-1999”, para *Un Día | Una Arquitecta*. Artigo disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/04/25/charlotte-perriand-1903-1999/> (consultado a 19 de Abril de 2020)

MILHEIRO, A. V. (2016) “Zaha Hadid: uma mulher influente num mundo de homens”. *Jornal Público*. Artigo disponível em: <https://www.publico.pt/2016/03/31/culturaipsilon/noticia/zaha-hadid-uma-mulher-influente-num-mundo-de-homens-1727722> (consultado a 5 de Julho de 2020)

MOISSET, Inés (2015) “ANNE TYNG 1920-2011”, para *Un Día | Una Arquitecta*. Artigo disponível no site: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/05/28/anne-tyng-1920-2011/> (consultado a 10 de Abril de 2020)

PEDROSA, Patrícia Santos (2019) “Mulheres arquitectas e uma profissão (ainda) pensada e agida no masculino”. Artigo publicado no jornal dos arquitectos #J-A258, disponível em: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/quatro-lustros-na-ordem-dos-arquitectos/mulheres-arquitectas-e-uma-profissao-ainda-pensada-e-agida-no-masculino> (consultado a 10 de Julho de 2020)

POGREBIN, Robin (2007) “Couples Who Build More Than Relationships”, *New York Times*. Artigo disponível em: <https://www.nytimes.com/2007/04/22/arts/design/22pogr.html> (consultado a 10 de Janeiro de 2020)

POGREBIN Robin (2016) “I Am Not the Decorator: Female Architects Speak Out”, New York Times. Artigo disponível em: [http://www.nytimes.com/2016/04/13/arts/design/female-architects-speak-out-on-sexism-unequal-pay-and-more.html?\\_r=2](http://www.nytimes.com/2016/04/13/arts/design/female-architects-speak-out-on-sexism-unequal-pay-and-more.html?_r=2) (consultado a 06 de Fevereiro de 2020)

RACKARD, Nicky (2013) “10 Most Overlooked Women in Architecture History”, Archdaily Disponível em: <http://www.archdaily.com/341730/the-10-most-overlooked-women-in-architecture-history> (consultado a 1 de Outubro de 2020)

RODERO, López Myriam (2015) “Mujeres en la sombra: Aino Marsio”. Apresentado en el Congreso “Arquitectas”. Artigo disponível em: [https://undiaunaarquitecta.files.wordpress.com/2015/04/congreso-arquitectas\\_myriam-lopez-rodero.pdf](https://undiaunaarquitecta.files.wordpress.com/2015/04/congreso-arquitectas_myriam-lopez-rodero.pdf) (consultado a 10 de Fevereiro de 2020)

SERINA, M. (2016) “Maria Helena Souto e a criatividade no feminino”. Executiva. Artigo disponível em <https://executiva.pt/maria-helena-souto-criatividade-no-feminino/> (consultado a 18 de Agosto de 2020)

SEVILHA, Ana Rita (2018) “Qual o caminho para a igualdade?”. Artigo disponível em: <https://www.construir.pt/2018/04/04/qual-caminho-igualdade/> (consultado a 2 de Julho de 2020)

Stratigakos, D. (2016) ”Unforgetting Women Architects: From the Pritzker to Wikipedia. It’s time to write women architects back into history”. Places Journal. Artigo disponível em <https://placesjournal.org/article/unforgetting-women-architects-from-the-pritzker-to-wikipedia/> (consultado a 10 de Setembro de 2020)

Stratigakos, D. (2011) “What I Learned from Architect Barbie”. Places Journal. Artigo disponível em: <https://placesjournal.org/article/what-i-learned-from-architect-barbie/>(consultado a 10 de Setembro de 2020)

TETHER, Bruce (2016) “Results of the 2016 Women in Architecture Survey revealed”, The Architectural Review. Artigo disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/results-of-the-2016-women-in-architecture-survey-revealed/10003314.article> (consultado a 14 de outubro de 2019)

ZABALBEASCOA, Anaxu (2008) “Camino hacia la extrema sencillez”, Jornal El País. Artigo disponível em : [https://elpais.com/diario/2008/11/16/eps/1226820412\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2008/11/16/eps/1226820412_850215.html) (consultado a 30 de Janeiro de 2020)

Pedrosa, P. S. (2010). “*Being a female architect in Portugal: a short introduction to a long ride*”. In *1st International Meeting EAHN European Architectural History Network – CD of Papers*. Guimarães: CHAM, EAUM, EAHN

Pedrosa, P. S. (2014). “*Women Architectes in Portugal. A long and winding road*”. In N. A. Lombardero (ed.), *Women Architects: Redefining the practice 1st International Symposium on Architecture and Gender*. Sevilla: ETSAS- Universidad de Sevilla

Pedrosa, P. S. et al. (2017-2018). “Arquitectas: Modo(s) de (r)existir”. Mulheres na Arquitectura e Ordem dos Arquitectos, Secção Regional Sul, Teatro São Luiz, Lisboa, Portugal.

Teses e Trabalhos Académicos

ALMEIDA, Tiago A. Catarino (2017) “Arquitectura e Binário, 1940-1979. As (in) visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação, Lisboa.

ANTUNES, Lia (2012) “Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra

CABRAL, Natascha Teixeira (2017) “Três Arquitectas, Três Gerações, Uma Escola”. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

CUNHA, Márcia (2010) “Arquitectura e corpo. O lugar do género”. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

FERREIRA, Jorge (2016) “Entre a Janela e o Corpo. As Relações de Género no Limiar da Habitação”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra

MACHADO, Susete (2011). “O Espaço das Mulheres na Arquitectura”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo, Escola Superior Gallaecia, Galiza

PEREIRA, Sílvia Fernanda Silva (2006) “Mulher e Arquitectura”. Dissertação de Mestrado



em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

PINHEIRO, Sónia Marques (2018) “ARQUITECTAS: SUPERAR A INVISIBILIDADE: Reconhecimento de Mercês Vieira e Desirée Pedro na Arquitectura Portuguesa”. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra Departamento de Arquitectura

PIRES, Maria do Carmo (2012), “O *Atelier* de Arquitectura/Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins: visibilidade da memória”. Dissertação de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ROXO, Joana (2016) “A Senhora Arquitecto: Maria José Estanco”. Projecto Final de Arquitectura, Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Instituto Universitário de Lisboa

SÁ, Flávia Carvalho (2010) “Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetónico nas perspetivas das relações de género”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura e Urbanismo - Universidade de São Paulo



## Capítulo VIII | Referências Iconográficas

Neste capítulo são enumeradas as referências iconográficas utilizadas na concretização desta dissertação.

## Referências Iconográficas

1. Signe Ida Katarina Hornborg, Pág. 24 [https://en.wikipedia.org/wiki/Signe\\_Hornborg#/media/File:Signe-Hornborg-1878.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Signe_Hornborg#/media/File:Signe-Hornborg-1878.jpg) (consultado a 20 de Outubro de 2020)
2. Sophia Hayden Bennett, Pág. 24 <https://pioneeringwomen.bwaf.org/sophia-gregoria-hayden-bennett/> (consultado a 20 de Outubro de 2020)
3. Júlia Morgan, Pág. 24 <https://www.californiamuseum.org/inductee/julia-morgan> (consultado a 20 de Outubro de 2020)
4. Jane Beverly Drew, Pág. 24 <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw19259/Dame-Jane-Beverly-Drew> (consultado a 20 de Outubro de 2020)
5. Lina Bo Bardi, Pág. 24 <https://www.archdaily.com.br/br/758509/citacoes-de-lina-bo-bardi> (consultado a 20 de Outubro de 2020)
6. Norma Merrick Sklarek, Pág. 24 <https://pinupmagazine.org/articles/article-norma-merrick-sklarek-first-licensed-black-woman-architect-new-york-california-natalia-torija>(consultado a 20 de Outubro de 2020)
7. Margarete Schütte-Lihotzky, Pág. 24 <https://apps.derstandard.at/privacywall/story/2000051238694/margarete-schuette-lihotzky-diese-verdammt-kueche> (consultado a 20 de Outubro de 2020)
8. Maria José Estanco, Pág. 24 ROXO, Joana (2016) “A Senhora Arquitecto: Maria José Estanco”. Projecto Final de Arquitectura, Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Instituto Universitário de Lisboa, pág.114 (consultado a 20 de Outubro de 2020)
9. Maria José Marques da Silva, Pág. 24 <https://arquivoatom.up.pt/index.php/maria-jose-marques-da-silva-47> (consultado a 20 de Outubro de 2020)
10. “Drew’s Proposal for ‘combined park and housing’”, Pág. 32 JACKSON, Iain (2013) “Maxwell Fry and Jane Drew’s early housing and neighbourhood planning in Sector-22”, Chandigarh, Planning Perspectives, pag 9 (consultado a 20 de Outubro de 2020)
11. Hearst Castle, Pág. 32 <https://www.kcet.org/shows/artbound/julia-morgan-the-woman-behind-the-hearst-castle> (consultado a 20 de Outubro de 2020)
12. Casa de vidro, Pág. 32 <https://www.archdaily.com.br/br/01-12802/classicos-da-arquitetura-casa-de-vidro-lina-bo-bardi> (consultado a 15 de Maio de 2020)

13. Museu de Arte de São Paulo, Pág. 32 <https://www.flickr.com/photos/kuk/3049611158/in/set-72157609812088639> (consultado a 15 de Maio de 2020)
14. SESC Pompeia, Pág. 32 <https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi> (consultado a 15 de Maio de 2020)
15. Teatro Oficina, Pág. 32 <https://www.archdaily.com.br/br/878324/classicos-da-arquitetura-teatro-oficina-lina-bo-bardi-e-edson-elito> (consultado a 15 de Maio de 2020)
16. Casa em São Pedro de Moel - unica obra da architecta Estanco, Pág. 34 (consultado a 15 de Maio de 2020)
17. Casa em São Pedro de Moel - unica obra da architecta Estanco, Pág. 34 ROXO, J. (2016), “A Senhora Architecto: Maria José Estanco” Projecto Final de Arquitectura, Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Instituto Universitário de Lisboa, pág.84 e 90 (consultado a 15 de Maio de 2020)
18. Edifício Seda e oficinas da Cooperativa dos Pedreiros, Pág. 36 <https://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=15&subsubcat=17&proj=19> (consultado a 17 de Maio de 2020)
19. Palácio do comércio, Pág. 36 <https://www.publico.pt/2017/02/08/p3/fotogaleria/porto-uma-viagem-ao-interior-do-palacio-do-comercio-386335> (consultado a 17 de Maio de 2020)
20. Walter Griffin e Marion Mahony, Pág. 46 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marion\\_Mahony#/media/Ficheiro:Walterburleygriffin.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marion_Mahony#/media/Ficheiro:Walterburleygriffin.jpg) (consultado a 20 de Outubro de 2020)
21. Alvar Aalto e Aino Aalto, Pág. 4622. Ray Eames e Charles Eames, Pág. 46 <https://gir.rs/the-love-story-of-alvar-and-aino-aalto/> (consultado a 6 de Julho de 2020)
22. Ray Eames e Charles Eames, Pág. 46 <https://www.internionline.it/designer/charles-ray-eames/>23. Louis Kahn e Anne Tyng, Pág. 46 (consultado a 6 de Julho de 2020)
23. Louis Kahn e Anne Tyng, Pág. 46 <https://www.bialosky.com/four-forgotten-females-in-architecture-history> (consultado a 6 de Julho de 2020)
24. Alison Smithson e Peter Smithson, Pág. 46 <https://365arq.tumblr.com/post/79762296619/alison-e-peter-smithson> (consultado a 12 de Julho de 2020)
25. Roberto Venturi e Denise Scott Brown, Pág. 46 <https://www.archinomy.com/case-studies/robert-venturi-and-denise-scott-brown/> (consultado a 12 de Julho de 2020)
26. Charlotte Perriand, Le Corbusier e Pierre Jeanneret, Pág. 46 <https://archiminimal.com>

wordpress.com/2016/08/31/iconic-design-objects-la-chaise-longue/ (consultado a 12 de Julho de 2020)

27. Lilly Reich e Mies van der Rohe, Pág. 46 <https://www.nytimes.com/2012/02/27/arts/27iht-design27.html> (consultado a 15 de Julho de 2020)

28. Eileen Grey e Jean Badovici, Pág. 46 [http://www.vezelay.fr/site/IMG/pdf/badovici\\_la\\_goulotte\\_r.pdf](http://www.vezelay.fr/site/IMG/pdf/badovici_la_goulotte_r.pdf) (consultado a 15 de Julho de 2020)

29. Ricardo Scofidio e Elizabeth Diller, Pág. 56 <https://www.design-talking.com/2010/08/green-urban-concepts-for-2030/al100052/> (consultado a 2 de Agosto de 2020)

30. Billie Tsien e Tod Williams, Pág. 56 [https://www.architectmagazine.com/awards/aia-honor-awards/inside-tod-williams-billie-tsien-architects\\_o](https://www.architectmagazine.com/awards/aia-honor-awards/inside-tod-williams-billie-tsien-architects_o) (consultado a 2 de Agosto de 2020)

31. Jean-Philippe Vassal e Anne Lacaton, Pág. 56 <https://v-a-i.at/ausstellungen/lacaton-vassal/pressemappe> (consultado a 2 Agosto de 2020)

32. Angela Brooks e Lawrence Scarpa, Pág. 56 <https://uber-well.com/brooks-scarpas-inflatable-pavilion-concept-captures-energy-from-lightning-storms/> (consultado a 2 de Agosto de 2020)

33. Ryue Nishizawa e Kazuyo Sejima, Pág. 56 <https://www.pinterest.pt/pin/413416440786304446/> (consultado a 10 de Setembro de 2020)

34. Lu Wenyu e Wang Shu, Pág. 56 <https://www.lemoniteur.fr/article/wang-shu-et-lu-wenyu-des-rives-du-lac-de-hangzhou-a-ivry-sur-seine.1982934> (consultado a 10 de Setembro de 2020)

35. Denise Scott Brown, Pág. 68 <http://www.roemervantoor.nl/interviewdenises.html> (consultado a 20 de Outubro de 2020)

36. Lu Wenyu, Pág. 6837. Zaha Hadid, Pág. 74 <https://iwan.com/portfolio/zhongshan-road-wang-shu/> (consultado a 20 de Outubro de 2020)

37. Zaha Hadid, Pág. 74 [https://en.wikipedia.org/wiki/Zaha\\_Hadid](https://en.wikipedia.org/wiki/Zaha_Hadid) (consultado a 17 de Julho de 2020)

38. Kazuyo Sejima, Pág. 74 [https://en.wikipedia.org/wiki/Kazuyo\\_Sejima](https://en.wikipedia.org/wiki/Kazuyo_Sejima) (consultado a 17 de Julho de 2020)

39. Carme Pigem, Pág. 74 [https://coacam.es/media/Default\\_Files/mg\\_1385.jpeg](https://coacam.es/media/Default_Files/mg_1385.jpeg) (consultado a 17 de Julho de 2020)

40. Yvonne Farrell e Shelley McNamara, Pág. 74 <https://revistaprojeto.com.br/noticias/yvonne-farrell-e-shelley-mcnamara-levam-o-pritzker-2020/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
41. Vitra Fire Station, Pág. 76 <https://www.zaha-hadid.com/architecture/vitra-fire-station-2/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
42. The Richard and Lois Rosenthal Center for Contemporary Art, Pág. 76 <https://www.zaha-hadid.com/architecture/lois-richard-rosenthal-center-for-contemporary-art/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
43. Car Park and Terminus Hoenheim North, Pág. 76 <https://www.zaha-hadid.com/architecture/hoenheim-nord-terminus-and-car-park/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
44. Phaneo Science Center, Pág. 76 <https://www.pinterest.pt/pin/172966441913415829/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
45. Capital Hill Residence, Pág. 76 [https://www.zaha-hadid.com/interior\\_design/capital-hill-residence/](https://www.zaha-hadid.com/interior_design/capital-hill-residence/) (consultado a 17 de Julho de 2020)
46. Bergisel Ski Jump, Pág. 76 <https://www.zaha-hadid.com/architecture/bergisel-ski-jump/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
47. O-Museum, Pág. 78 <https://larryspeck.com/photography/o-museum/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
48. 21st Century Museum of Contemporary Art, Pág. 78 <http://architecturalmoleskine.blogspot.com/2012/05/sanaa-21st-century-museum-kanazawa.html> (consultado a 17 de Julho de 2020)
49. / 51. The Rolex Learning Center, Pág. 78 <https://www.dezeen.com/2010/05/08/rolex-learning-centre-by-sanaa/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
50. Zollverein School of Management and Design, Pág. 78 <https://divisare.com/projects/349308-sanaa-kazuyo-sejima-ryue-nishizawa-rasmus-hjortshoj-coast-zollverein-school-of-management-and-design> (consultado a 17 de Julho de 2020)
51. The Rolex Learning Center, Pág. 78 [https://www.archdaily.com.br/br/761365/adegas-bell-lloc-rcr-arquitectes/53c9d83cc07a805e08000298-bell-lloc-winery-rcr-arquitectes-photo?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/761365/adegas-bell-lloc-rcr-arquitectes/53c9d83cc07a805e08000298-bell-lloc-winery-rcr-arquitectes-photo?next_project=no) (consultado a 17 de Julho de 2020)
52. New Museum, Pág. 78 <https://www.archdaily.com.br/br/761365/adegas-bell-lloc-rcr-arquitectes/53c9d83cc07a> (consultado a 17 de Julho de 2020)
53. Bell-Lloc Winery, Pág. 80 <https://www.world-architects.com/en/>

- rcr-arquitectes-olot-girona/project/barberi-laboratory54. Barberi Laboratory, Pág. 80 (consultado a 17 de Julho de 2020)
55. El Petit Comte Kindergarten, Pág. 80 <https://www.austria-architects.com/de/rcr-arquitectes-olot-girona/project/el-petit-comte-kindergarten> (consultado a 17 de Julho de 2020)
56. Row House, Pág. 80 <https://www.catalan-architects.com/en/rcr-arquitectes-olot-girona/project/row-house> (consultado a 17 de Julho de 2020)
57. Soulages Museum, Pág. 80 <https://afasiaarchzine.com/2016/11/rcr-18/> (consultado a 17 de Julho de 2020)
58. La Cuisene Art Cent, Pág. 80 <https://www.world-architects.com/pt/projects/view/la-cuisine-art-center> (consultado a 17 de Julho de 2020)
59. Estádio Municipal de Braga, Pág. 82 <https://afasiaarchzine.com/tag/souto-de-moura/page/12/> (consultado a 9 de Agosto de 2020)
60. Universidade de engenharia e tecnologia- UTEC Nova Sede, Pág. 82 <https://www.archdaily.com.br/br/785028/universidade-de-engenharia-e-tecnologia-utec-nova-sede-grafton-architects-plus-shell-arquitectos> (consultado a 9 de Agosto de 2020)
61. Solstice Arts Centre, Pág. 82 <https://graftonarchitects.ie/Solstice-Arts-Centre-Navan> (consultado a 9 de Agosto de 2020)
62. Medical School University of Limerick, Pág. 82 <https://www.graftonarchitects.ie/University-of-Limerick> (consultado a 9 de Agosto de 2020)
63. University Luigi Bocconi, Pág. 82 <https://smapse.com/bocconi-university-bocconi-university/> (consultado a 9 de Agosto de 2020)
64. The Paul Marshall Building - London School of Economics, Pág. 82 <https://www.graftonarchitects.ie/London-School-of-Economics> (consultado a 9 de Agosto de 2020)
65. Capa de Jornal de Arquitectos #242, Pág. 108 <http://www.jornalarquitectos.pt/pt> (consultado a 16 de Dezembro de 2019)
66. Capa de Jornal de Arquitectos #253, Pág. 108 <http://www.jornalarquitectos.pt/pt> (consultado a 16 de Dezembro de 2019)
67. Capa de Jornal de Arquitectos #256, Pág. 108 <http://www.jornalarquitectos.pt/pt> (consultado a 16 de Dezembro de 2019)
68. Capa de Jornal Arqa nº23, Pág. 108 <https://www.revarqa.com/category/1/15/edicoes> (consultado a 16 de Dezembro de 2019)
69. Capa de Jornal Arqa nº80-81, Pág. 108 <https://www.revarqa.com/category/1/15/edicoes> (consultado a 16 de Dezembro de 2019)



70. Capa de Jornal Arqa nº134, Pág. 108 <https://www.revarqa.com/category/1/15/edicoes> (consultado a 16 de Dezembro de 2019)
71. Joana Vasconcelos, Pág. 134 [https://newcoporto2018.sched.com/speaker/joana\\_leandro\\_vasconcelos.1ymnkz9d](https://newcoporto2018.sched.com/speaker/joana_leandro_vasconcelos.1ymnkz9d) (consultado a 3 de Dezembro de 2019)
72. Fátima Fernandes e Michelle Cannatà, Pág. 134 <https://espacodearquitectura.com/empresas/cannata-fernandes/> (consultado a 3 de Dezembro de 2019)
73. Casa Pérgola (Miranda do Corvo, 2015-2020), Pág. 140 <https://www.atelierinvitro.com/projectos#/casa-da-pergola/> (consultado a 10 de Março de 2020)
74. Casa António Patrício (Porto, 2016-2018), Pág. 142 <https://www.atelierinvitro.com/projectos#/antonio-patricio/> (consultado a 10 de Março de 2020)
75. Casa da Boavista (Porto, 2014-2015), Pág. 144 <https://www.atelierinvitro.com/projectos#/casa-da-boavista/> (consultado a 10 de Março de 2020)
76. Casa Pinheiro Manso (Porto, 2012-2015), Pág. 146 <https://www.atelierinvitro.com/projectos#/pinheiro-manso/> (consultado a 10 de Março de 2020)
77. Residência para Investigadores (Guimarães, 2018), Pág. 154 <https://cannatafernandes.com/PT/built/researchers-residence/> (consultado a 10 de Março de 2020)
78. Plano Geral Urbanístico do Parque Olímpico e Paraolímpico Rio 2016. (Rio Janeiro, 2011), Pág. 155 <https://cannatafernandes.com/PT/projects/urbanistic-plan-of-rio2016-olympic-and-paralimpic-park/> (consultado a 10 de Março de 2020)
79. Laboratório da Paisagem (Guimarães, 2010-2012), Pág. 156 <https://cannatafernandes.com/PT/built/landscape-laboratory/> (consultado a 10 de Março de 2020)
80. Recuperação e Remodelação da Pousada de Picote e área envolvente (Miranda do Douro, 1999-2010), Pág. 158 <https://cannatafernandes.com/PT/built/recuperation-and-remodelling-of-the-picote-hostelling-and-envolving-area/>
81. Extensão Museu Serralves (Matosinhos 2008) Em colaboração com SANAA., Pág. 160 <http://cannatafernandes.com/pt/projects/serralves-museum-extension/> (consultado a 10 de Março de 2020)
82. Casa Inteligente (Matosinhos, 2002), Pág. 164 <http://cannatafernandes.com/pt/built/intelligent-house/> (consultado a 10 de Março de 2020)

As imagens correspondentes a gráficos presentes na dissertação são de própria autoria.



## CAPÍTULO XIX | Apêndice

Com o contributo de reunir informação do género feminino nesta prática, conduziu-se duas entrevistas a duas arquitectas pertencentes a gerações diferentes e com percursos distintos ao nível da produção arquitectónica. As entrevistas, para além de contribuírem para se apreender pontos de vista diversos sobre a questão em análise, tornam-se igualmente importantes por proporcionarem a nível pessoal uma experiência enriquecedora e de maior entendimento para a construção dos percursos das entrevistadas.

## Apêndice

### ENTREVISTAS:

#### - ARQUITECTA JOANA VASCONCELOS

Gostava de, inicialmente, questionar a escolha deste campo artístico - a arquitectura. O porquê de seguir este curso? Houve alguma influência por detrás dessa tomada de decisão? (Como e onde foi o seu percurso académico, alguns professores marcantes, exercícios que considere relevantes e que, ainda hoje, se recorde. Aspectos positivos e negativos da sua formação...)

Arq. Joana Vasconcelos - Acho que durante a minha infância nunca quis ser arquitecta! No secundário percebi que gostava de artes e acabei por escolher a arquitectura por considerar que era uma área com mais saída no meio das artes (escolha ingénua).

Fiz o percurso académico na FAUP e depois um Master na ETSAM, em habitação colectiva. A FAUP trouxe muitos aspectos positivos, principalmente em relação ao método e à capacidade de trabalho mas, ao mesmo tempo, trouxe demasiado peso para a arquitectura. Era demasiado séria. Mais tarde em Madrid, na ETSAM, percebi que a arquitectura se podia fazer com seriedade mas com menos pressão. Creio que sofri um ponto de viragem nesse ano.

Que referências arquitectónicas considera serem mais importantes na sua prática? (Fontes de inspiração enquanto aluna bem como, agora, enquanto arquitecta...)

Arq. Joana Vasconcelos - Tento não consciencializar muito as influências mas sem dúvida que a arquitectura modernista tem um lugar especial.

Como foi a sua experiência após acabar o curso? Como surgiu a possibilidade de iniciar carreira? Onde realizou o seu estágio? Recordar-se de como era o ambiente e a equipa de trabalho? Quais eram as suas principais funções?

Arq. Joana Vasconcelos - Fiz o estágio académico no *atelier* do Arq. Manuel Correia Fernandes que já tinha sido meu professor na faculdade. Foi uma boa experiência porque o *atelier* tinha a dimensão certa (não muito grande) e permitia que acompanhasse os diversos projectos em curso.

Depois de terminar o curso fui para a Gaiurb, empresa municipal, através do Arq. Manuel Correia Fernandes que era consultor da Gaiurb na altura. Foi uma mudança drástica porque passei de um pequeno *atelier* privado para uma grande empresa municipal. Aí trabalhei no departamento de planeamento urbanístico onde tive a sorte de fazer parte da revisão do plano director municipal. Foi uma época enriquecedora, um pouco afastada da arquitectura e mais ligada ao urbanismo, com partilha de conhecimentos com uma equipa multidisciplinar.

Após 3 anos de trabalho, e já no fim da 1ª fase de revisão do PDM, achei que era altura de voltar ao projecto. Estávamos em 2007 e as coisas já não estavam óptimas em Portugal. Tomei a decisão de fazer um mestrado em Madrid, que incidia sob o tema da habitação colectiva e que definia uma série de workshops com arquitectos de renome internacional. Fui, sem saber ou planear o que ia fazer depois.

Sinto agora que esta decisão fez com que viesse a ter escritório próprio. Quando regresssei, ainda com a expectativa de voltar a Madrid para trabalho, foi-me pedido um projecto grande (Design Hotel serra do Pilar) e acabei por ficar no Porto a trabalhar por conta própria.

Depois disso, já arquitecta, nunca optou por trabalhar para outro *atelier* com outros arquitectos como colaboradora? Teve sempre o desejo de formar e ser a responsável de um gabinete próprio? Naquela altura, sentiu dificuldade em inserir-se no mercado de trabalho e em conseguir fundar o *atelier*? Como é que se desenrolou todo o processo e como foi essa experiência? (escolha de nome, concursos, angariar clientes, etc...)

Arq. Joana Vasconcelos - Nunca planeei ter o meu próprio escritório. Foi uma coisa que

aconteceu. Quando o mestrado terminou a minha ideia era voltar para Madrid e trabalhar num *atelier* mas como surgiu a possibilidade de trabalhar em projectos próprios, aproveitei, e a partir daí foram surgindo outros trabalhos.

Como é que é feita a divisão de trabalho dentro do escritório? Existe alguma metodologia de trabalho igual para todos os trabalhos? Ou diverge de projecto para projecto? A produção de um projecto decorre de muitas fases (conceito inicial, contacto com o cliente, fornecedores, desenvolvimento do projecto, gestão com outras áreas directamente ligadas às engenharias e construção, acompanhamento em obra,...). É interveniente em todas estas etapas? Tem preferência por alguma? Ao analisar alguns dos seus projectos, é notório que, em todos eles, faz questão de identificar os colaboradores que fizeram parte da elaboração do trabalho, atribuindo-lhes assim uma certa visibilidade que geralmente é nula. (Penso que os alunos acabam o curso com a ideia idílica do “arquitecto-artista” detentor de uma “mono-autoria”, mas a realidade é que a arquitectura é multidisciplinar e, nos dias de hoje, existe uma autoria colectiva de equipa, mas geralmente “na frente” está assinada apenas com um nome)

Arq. Joana Vasconcelos - Como o escritório é muito pequeno, acabamos todos por trabalhar em todas as fases. Há uma metodologia base que tentamos seguir, como fio condutor, mas que vai sendo adaptada a cada projecto.

Faço questão de acompanhar todas as fases e decisões dos projectos. Gosto de todas! Por um lado, a fase de conceito do projecto é muito libertadora e enriquecedora mas, por outro, a fase de execução é a que diferencia a boa da má arquitectura.

Faço questão de identificar os colaboradores e assumir a coautoria com os que já trabalham há mais tempo porque a arquitectura nunca é feita de forma isolada.

O que pensa sobre o trabalho em coautoria e a dinâmica de colaboração com ênfase sobretudo em parceria com outro arquitecto? Já alguma vez elaborou um projecto dessa forma? O percurso de inúmeras mulheres arquitectas a título individual era, e creio que hoje em dia também, próximo do impraticável, muitas profissionais optaram por iniciar as suas carreias sendo auxiliares de grandes mestres de arquitectura e/ou formando equipa,

normalmente, com o seu respectivo companheiro e parceiro de matrimónio.

Terá a mulher que se associar a uma parceria (entre géneros diferentes) para ocupar um lugar na arquitectura? (Penso que a arquitecta Joana, assim como por exemplo a arquitecta Inês Lobo são a excepção a esta aparente “regra”.)

Arq. Joana Vasconcelos - As parcerias são importantes e já trabalhei com outras/outros colegas em determinados projectos mas não quero acreditar que precisaria de me associar a um arquitecto, só por ser homem, para conseguir fazer alguma coisa. Apesar de tudo, tenho consciência de que por vezes, uma arquitecta ou qualquer outra mulher de negócios, tem de se esforçar um bocadinho mais do que um mesmo profissional do sexo oposto.

De todas as obras realizadas até agora, consegue seleccionar uma que tenha maior importância para si? Como surgiu? Quais as maiores preocupações e objectivos na realização desse projecto?

Arq. Joana Vasconcelos - É difícil seleccionar apenas uma porque afeiçoo-me sempre muito aos projectos. De todo o modo, poderia seleccionar a minha casa, a Casa da Boavista, por ter sido um projecto que trouxe mais dificuldades em termos de decisões porque eu era arquitecta e cliente, e por ter sido galardoado com o Prémio João Almada em 2018.

A maior dificuldade foi mesmo conseguir tomar decisões como arquitecta e cliente.

Existe algum projecto que ainda não fez e que ambicionasse muito realizar? (Quer pelo programa e função a desenvolver, o lugar, escala, cliente-tipo, etc..)

Arq. Joana Vasconcelos - Existem muitos projectos que ainda não fiz! Estou no início da carreira! Apesar de gostar muito de trabalhar a habitação unifamiliar, gostava de trabalhar também outras escalas e outros programas.

Quais as maiores dificuldades que ocorreram ao longo do seu percurso? Alguma vez sentiu que por ser mulher arquitecta a sua autoridade era questionada? (Esta actividade, anteriormente, era negada a mulheres e, apesar de, hoje em dia, serem em número superior a frequentar o curso, o mesmo não se verifica no campo profissional, já que analisando os números da Ordem dos Arquitectos retêm-se que, são os homens a prevalecer na prática da arquitectura como actividade profissional...)

Arq. Joana Vasconcelos - Nunca senti que a minha autoridade era questionada por ser mulher. Talvez no início tivesse sido questionada mas por ser recém-formada e não por ser mulher.

De qualquer forma, sinto que ainda há círculos nos quais é mais difícil entrar uma mulher. Refiro-me principalmente ao meio de negócios e de investimentos maiores.

Por fim, concorda com a arquitecta Denise Scott Brown quando refere que as arquitectas tem uma maior dificuldade a pertencer ao *Star-System* da arquitectura? A realidade é que a maior parte dos alunos de arquitectura tem um grande desconhecimento de obras e de nome de arquitectas. Em termos de premiações, exposições e publicações se identificarmos por género os vencedores/participantes, a tendência é esmagadoramente masculina. Como arquitecta que já ganhou importantes prémios e participou em algumas exposições, considera que as mulheres arquitectas têm a visibilidade que, em certo sentido, permitem a sua existência? Qual a sua opinião?

Arq. Joana Vasconcelos - Concordo que é mais difícil para uma mulher fazer projectos em grande escala porque é mais difícil chegar aos investidores que os proporcionam. Normalmente, são esses projectos que fazem com que se faça parte do star-system.



## - ARQUITECTA FÁTIMA FERNANDES

Gostava de, inicialmente, questionar a escolha deste campo artístico - a arquitectura. O porquê de seguir este curso? Houve alguma influência por detrás dessa tomada de decisão? (Como e onde foi o seu percurso académico, alguns professores marcantes, exercícios que considere relevantes e que, ainda hoje, se recorde. Aspectos positivos e negativos da sua formação).

Arq. Fátima Fernandes - Quando era miúda, adorava desenhar. Quando fazia os “trabalhos de Casa”, tinha sempre um caderno de desenho à mão, que escondia debaixo dos livros quando ouvia o ranger da madeira sob os passos que se avizinhavam. No liceu (em Bragança) trocava desenhos por ajuda nos exercícios de Inglês e Introdução à Política.... Então no sexto e sétimo ano tínhamos que optar pela área de letras ou ciências e no âmbito das ciências, podíamos decidir pelas disciplinas de Ciências e Química dirigidas predominantemente para as medicinas ou de História, Física e Desenho, pelas que eu me decidi. Todos os meus colegas de turma, todos rapazes e uma rapariga além de mim, queriam ser engenheiros. Eu queria aprender a pintar!!! Tive então três professores que foram fundamentais na minha vida: O professor de Física e os professores de Desenho. O professor de Física ensinou-me a estudar e natureza e a entender a necessidade da razão para a amar. Os professores de Desenho, primeiro a Dr. Letinha (que tinha estudado Pintura nas Belas Artes do Porto) e depois o Dr. Cruz (que tinha estudo arquitectura também na ESBAP) explicaram-me o poder do desenho e pela primeira vez percebi que a arquitectura era a disciplina que fazia as cidades, as casas das pessoas, as barragens, as igrejas.... Foram essas as pessoas que determinaram o rumo que depois seguiria.... Fizeram-me apaixonar completamente pela ideia de aprender a usar o desenho para fazer cidades e casas para o Homem!!! Ainda que então isso fosse uma nebulosa...

Foram eles que me falaram pela primeira vez de Arquitectura. No entanto o meu contacto com a arquitectura é de qualquer modo muito anterior a esses anos. De facto o meu primeiro contacto com essa *matéria* ocorria no meu dia a dia de criança (ainda que eu fosse completamente inconsciente disso)... Eu nasci em Bemposta, uma das infraestruturas hidroeléctricas modernas mais qualificadas do país, realizada por uma equipa de arquitectos modernos que coordenou todas as acções de transformação do território, necessárias à conformação adequada do espaço habitável e das infraestruturas de produção de energia.

Mas eu não sabia que aquilo era arquitectura. Lembro-me que no primeiro ano de arquitectura, na Escola de Belas Artes, tínhamos que realizar uma maquete da topografia do Porto sem edifícios nem infraestruturas e depois sobre ele modelar uma cidade nova.

Eu fiz um modelo com volumes muito diferentes dos edifícios que existiam na cidade... e quando os alunos do quinto ano passavam, diziam-me “andaste a ver o Corbusier!” Eu, sorria, porque me parecia que o comentário não era negativo.... mas a verdade, é que eu não conhecia a “palavra estrangeira” que diziam...

Então ainda não sabia quem era Le Corbusier, mas naturalmente, a minha proposta estava modelada pelas imagens dos espaços em que cresci; derivava das minhas experiências e lembranças da arquitectura de Bemposta e Picote ... e das formas magníficas das barragens. Claro que eu então eu não tinha consciência disso. Mas os caracteres da cidade Moderna era intrínseco ao meu quotidiano. A formação recebida na Escola mistura-se indiscutivelmente com a cultura que está na base da nossa infância.

Da minha infância, recordo também um vizinho, o Sr. Lino, que teve um papel fundamental na formação do meu carácter. Então, nas proximidades não tínhamos bibliotecas nem livrarias e ele ia-me buscar livros de aventuras e personagens magníficas à biblioteca itinerante da Gulbenkian, quando esta passava pelas aldeias vizinhas. Esses livros permitiam-me sonhar e viajar por territórios infinitos. O meu imaginário alargou-se nessa altura, e nunca mais me bastou a realidade.

Que referências arquitectónicas considera serem mais importantes na sua prática? (Fontes de inspiração enquanto aluna bem como, agora, enquanto arquitecta).

**Arq. Fátima Fernandes** - Antes de falar de referências arquitectónicas tenho que falar dos Mestre que eu tive, e eu tive a sorte de ter alguns excepcionais.

O primeiro, foi o Sérgio Fernandez. No final do meu primeiro ano, o professor de projecto da minha turma foi para Angola e o Sérgio acumulou a orientação das duas turmas.... Estávamos a semanas do final do ano, mas bastaram para que ele me fizesse entender questões fundamentais em relação ao método e às ferramentas da arquitectura. É claro que as aulas do Távora, eram maravilhosas, mas quem fez “acendeu a luz” foi o Sérgio.

Agora à distancia, posso afirmar que foi o professor que permitiu que depois a informação começasse a encaixar e a construir “depósito”.

Eu desenhava bem.... nunca tive problemas com o desenho, mas na primeira critica ao projecto, o Sérgio Fernandes disse-me que estava a usar o desenho para pintar e que se queria fazer Arquitectura tinha que o usar para pensar e fazer projecto.

Nesse dia fiquei de rastos....Fui para casa e trabalhei dia e noite durante uma semana até começar a entender o que tinha que fazer para direccionar o desenho na direcção do processo do projecto de arquitectura. Sim, o Sérgio Fernandez foi o meu primeiro Mestre.

O Mestre é aquele que nos ensina a entender o que não conseguiríamos sem a sua experiência e crítica. E sem dúvida o Alberto Carneiro foi aquele que me permitiu disfrutar dessa sabedoria, porque desvendava todos os dias princípios e estratégias para usarmos o desenho como ferramenta.

Outro Mestre muito importante foi o Jorge Gigante. Fez-me entender a importância de estabelecer relações entre as ideias e o mundo físico. Com ele percebi que toda e qualquer linha tem uma consequência material e que além do mais pode ter consequências interessantes, ou não, na construção da linguagem da Arquitectura

No meu terceiro ano, eu tinha o melhor lugar da sala de aula; o meu estirador estava junto da enorme janelas aberta sobre o jardim e ao lado de um pilar cilíndrico, um apoio excepcional para as costas.

O Gigante, quando entrava na sala ia direito ao meu banco, acendia lentamente o cachimbo, apoiava as costas no pilar e ficava ali largas horas rodeado por todos nós, a contar-nos histórias de construções maravilhosas. Um dia apresentei-lhe uma solução de projecto, que me parecia perfeita. Mas claro que ele viu de imediato que estava cheia de problemas e depois de nos tentar explicar, e não os vendo eu, levantou-se, e dirigindo-se para fora da sala, disse-me para o acompanhar.

Saímos da Escola e fomos de carro a uma sua obra, para que eu pudesse ver e compreender aquilo que eu não tinha resolvido no meu projecto. Juntamente com o construtor explicou-me então como se construía aquilo que tinha desenhado, e tive aí uma aula de construção maravilhosa! Um personagem com esta dimensão marca de forma indelével a nossa personalidade porque nos oferece generosamente a sua experiência para descobrirmos o nosso infinito mundo de possibilidades.

Passando agora às minhas referências, e especificamente no âmbito daquilo que significa o processo da arquitectura, o Palladio, o Loos, o Alvar Aalto, o Lucio Costa, o Rossi, o Grassi e o Souto Mora, foram fundamentais e basilares. Os sete ajudaram-me a introduzir a razão no processo do projecto e a entender o desenho como a sua ferramenta primordial.

Como foi a sua experiência após acabar o curso? Como surgiu a possibilidade de iniciar carreira? Onde realizou o seu estágio? Recorda-se de como era o ambiente e a equipa de trabalho? Quais eram as suas principais funções?

Arq. Fátima Fernandes - Quando eu estava no quarto ano, fizemos uma viagem de estudo a Itália. Uma viagem memorável... imensa!

Então o curso de arquitectura tinha seis anos, e o ultimo desenvolvia-se em estágio. Nessa altura inda não havia programa ERASMUS e Portugal estava ainda fora da União Europeia. Depois da viagem a Itália fiquei determinada a realizar o 6ºano/estágio em Itália e desse forma estar quotidianamente junto daquela arquitectura que só tinha visto nos livros ou nos 10 dias da viagem de estudo. Fui de comboio e com o dinheiro que calculei necessário para estar seis meses a estagiar no escritório de um arquiteto Italiano amigo de alguns dos meus amigos da Escola.

Esse período foi magnífico. Visitei então a grandiosa Palermo, o parque arqueológico do *Valle dei Templi* na *Sicilia*, a belíssima *Cefalù*, a catedral de *Monreale*, *Villa Adriana*, *Pompei*, a *Reggia di Caserta*, a *Certosa de Padula*, o pozzo di San Patrizio em Orvieto, Gian Carlo e Carlo em *Urbino*, a antiquíssima *Matera*, *Firenze*, *Assisi*, *Bologna*, *Napoli*, *Roma*, a *Caprarola* Renascentista e *Pienza*, *San Geminiano* e depois uma série de centros menores cheios de arquiteturas que configuram maravilhosas paisagens ancestrais.

Durante o estágio participei no Workshop L'Isolato di Messina e para minha surpresa, o trabalho que então desenvolvi foi selecionado e publicado na revista Casabela, em Abril de 1985.

O escritório para onde fui fazer o estágio era muito pequeno e passado dois ou três meses depois da minha chegada ficou reduzido a mim e ao arquiteto Cannatà. Uma das coisas que aí me impressionou mais foi por um lado a diferença do método/processo de trabalho (eu esquisava a ideia no caderno A4 e ao mesmo tempo ia desenhando o projecto a rigoroso a diferentes escalas com o objectivo de antever a sua construção; eles faziam desenhos com rotring em papel vegetal, que representavam estruturas sem fim, repetidamente, com ligeiras variantes, quase imperceptíveis) e por outro a imensa biblioteca de arquitectura do Cannatà. Quando saía do Porto a única livraria de arquitectura era a Leitura, nas Galerías Lumiere. Um espaço minúsculo, com uma grande montra para onde íamos desfolhar a Casabellas, a Domus ou a Obradoiro que alguns nossos professores encomendavam. Por isso durante o mês de agosto do meu estágio, em vez de ir para a praia (e as praias eram magníficas) ficava no escritório a desfolhar os montes de Casabellas, Lotus e monografias da Electa da biblioteca.

Durante esse período de estágio trabalhei num projeto de 27 fogos de habitação social e cooperativa que começámos a construir ainda antes de fazer a prova final. Quando ia à obra, para parecer mais velha e ter mais autoridade apertava o cabelo e “punha uma cara séria”.

A minha função nessa altura? Não tinha nenhuma função específica (ou talvez eu não fosse

capaz de aceitar uma função específica). Por isso fazia tudo aquilo que é necessário para fazer arquitectura: lia, desenhava, visitava os sítios das obras ou as cidades e lugares que me podiam ensinar a fazer arquitectura, ia falar com os carpinteiros, com os marmoristas ou com os empreiteiros para saber como se poderia construir o que estávamos a projetar, falava com os cliente para entender os seus desejos, e depois com o engenheiro para conseguirmos numa zona de elevado risco sísmico, a estrutura mais leve e delgada .... Aprendi muito com toda essa gente que gravitava à volta dos projectos e das obras, e em especial com o Cannatà.

Depois disso, já arquitecta, nunca optou por trabalhar para outro *atelier* com outros arquitectos como colaboradora? Teve sempre o desejo de formar e ser a responsável por gabinete próprio e em parceria? Naquela altura, sentiu dificuldade em inserir-se no mercado de trabalho e em conseguir fundar o *atelier*? Como é que se desenrolou todo o processo e como foi essa experiência? (escolha de nome, concursos, angariar clientes, etc...) Denoto que, a maior parte dos *ateliers* em parceria apresentam o primeiro nome da arquitecta e o ultimo do arquitecto, o que não acontece no vosso *atelier* - Cannatà & Fernandes Arquitectos, foi algo intencional?

Arq. Fátima Fernandes - Ter escritório próprio e em parceria com o Cannatà, não foi premeditado... foi um processo natural. Desde o tempo do estágio que trabalhamos em conjunto. Ele tinha mais experiência prática e uma grande paixão pela história da arquitectura, eu tinha aprendido um método que me permitia procurar o conhecimento necessário para desenvolver qualquer tipo de projeto ou problemas do âmbito da arquitectura. Por isso não foi difícil, mas também não foi fácil. A verdade é que estava sempre a trabalhar, mas o trabalho é ao mesmo tempo o meu maior divertimento.

O *atelier*/escritório/empresa foi-se construindo/formando, naturalmente, ao logo do tempo. E o nome também foi natural. Quando fundámos a empresa, por questões fiscais, registámo-la no nome dos dois e por ordem alfabética o que deu Cannatà & Fernandes. Quando enviamos material para revistas ou quando assinamos com o nome completo, também o fazemos pela ordem alfabética: Fátima Fernandes e Michele Cannatà. Por isso, dependendo da circunstância o primeiro nome é do Cannatà e outras é o da Fátima Fernandes. Não foi intencional, foi a ordem natural da *Escrita*.

Como é que é feita a divisão de trabalho dentro do escritório, nomeadamente entre si e o Arquitecto Michele Cannatà? Existe alguma metodologia de trabalho igual para todos os trabalhos? Ou diverge de projecto para projecto? A produção de um projecto decorre de muitas fases (conceito inicial, contacto com o cliente, fornecedores, desenvolvimento do projecto, gestão com outras áreas directamente ligadas às engenharias e construção, acompanhamento em obra,...). É interveniente em todas estas etapas? Tem preferência por alguma?

Arq. Fátima Fernandes - Não há divisão de tarefas no nosso escritório. Fazemos tudo ao mesmo tempo, e discutimos muito, ainda que sejamos os dois completamente diferentes. Penso que assim a crítica é mais operativa e a criação e a técnica estabelecem um correto equilíbrio. Por isso somos ambos intervenientes em todas as fases do processo da arquitectura. É assim também com os nossos colaboradores ainda que a responsabilidade de cada um seja relativa à sua experiência.

Não aprecio o contacto com os fornecedores/comerciais. Sempre que possível passo essa tarefa. Mas das restantes (conceito inicial, contacto com o cliente, desenvolvimento do projecto, gestão com outras áreas directamente ligadas às engenharias e construção, acompanhamento em obra, preparação de material para publicação), não abduco de nenhuma.

Os projectos dentro do *atelier* são sempre assinados pelo nome do *atelier*, independentemente, do principal coordenador desse projecto? Houve projectos que tenham sido exclusivamente feitos por si e outros pelo seu parceiro? Já teve clientes que especificassem quem gostariam que ficasse à frente de determinado projecto? Como é trabalhar em coautoria? (Caso já tenha executado um projecto de autoria exclusiva sua, por favor mencionar qual. Penso que os alunos acabam o curso com a ideia idílica do “arquitecto-artista” detentor de uma “monoautoria”, mas a realidade é que a arquitectura é multidisciplinar e, nos dias de hoje, existe uma autoria colectiva de equipa, mesmo que “na frente” esteja assinada apenas com um nome)

Arq. Fátima Fernandes - Os projectos do *atelier* são sempre assinados por:

CANNATA & FERNANDES

Fátima Fernandes e Michele Cannata

A estes nomes seguem sempre o nome dos colaboradores que estiverem a trabalhar no escritório nessa altura específica. De uma maneira ou de outra todos os que estão são responsáveis pelo resultado final. Às vezes um pequeno comentário assertivo é tão importante como meses de trabalhos sobre um protejo.

Houve alguns projectos, muito poucos, feitos apenas pelo Cannatà. Eu nunca fiz nenhum trabalho sozinha, porque me *alimento* da discussão. O trabalho em co-autoria é muito muito rico e extenuante ao mesmo tempo.

Nunca permiti a qualquer cliente que me manifestasse que gostaria que eu ficasse á frente do projecto. Mas também nunca permitiria o contrário.

Concordo absolutamente consigo: a arquitetura é multidisciplinar. Existe de facto uma autoria colectiva de equipa, mesmo que “na frente” esteja assinada apenas com um nome. E na minha opinião foi sempre assim!

De todas as obras realizadas até agora, consegue seleccionar uma que tenha maior importância para si? Como surgiu? Quais as maiores preocupações e objectivos na realização desse projecto?

Arq. Fátima Fernandes - Não consigo seleccionar nenhuma.

Existe algum projecto que ainda não fez e que ambicionasse muito realizar? (Quer pelo programa e função a desenvolver, o lugar, escala, cliente-tipo, etc...)

Arq. Fátima Fernandes - Talvez o projecto para o Monte Pedral, no Porto.

Por um lado pelo programa: O projecto propõe uma ideia de habitar projectada no futuro próximo imaginando uma dimensão temporal de médio prazo. A hipótese deste intervalo de tempo analisa algumas experiências que marcaram o Porto Contemporâneo e que contribuíram, juntamente com o reconhecimento da cidade como património UNESCO para uma nova dinâmica urbana que associou o crescimento de um turismo internacional cada vez mais qualificado e culturalmente intenso.

As referências espaciais e morfológicas da proposta assentam numa ideia de continuidade da história urbana e em particular nos exemplos mais significativos que ao longo do tempo construíram a imagem da cidade (Torre dos Clérigos, Hotel Dom Henrique, Torre dos Pedreiros, o Burgo e a Casa da Musica). Nesse sentido, um edifício em altura foi considerado o mais adequado para introduzir nesta parte da cidade um elemento referencial e ao mesmo tempo proporcionar a libertação de um grande jardim em forma de bosque urbano capaz de oferecer um espaço colectivo onde as pessoas possa estar mais próximo da natureza, ainda que num ambiente urbano.

Por outro lado pelo lugar: O carácter excepcional da proposta - introdução de um edifício residencial alto com serviços e comércio nos níveis mais próximos do solo, construção de um grande espaço público polivalente (praça na zona de comercio e serviços e jardim bosque na zona residencial) e recuperação da preexistência para a função de residências temporárias - decorre da natural condição habitacional da envolvente do Centro Histórico do Porto, cada vez mais predisposto e atractivo para funções mais directamente relacionada com o turismo e com o lazer. A proposta assume por isso a forma de uma nova centralidade que tem na condição de habitar, o seu suporte e razão. E entende aportar uma qualidade muito elevada quer para os espaços privados quer para os espaços públicos, mas sobretudo atingir a intemporalidade de que a arquitectura necessita para fazer cidade.

Interessa referir com alguma certeza, que se pretende construir uma parte de cidade aberta, que sirva com conforto e beleza a intimidade dos seus habitantes mais próximos, mas que ao mesmo tempo construa um lugar para todos os habitantes que gravitem na envolvente urbana e desta forma acrescente valências agora inexistentes ou de frágil presença na zona. Esta passará então a ser mais atractiva, e produzir-se-ão novas dinâmicas e novos públicos.

A relação positiva com a envolvente, devido à passagem de um espaço de uso militar, restrito e fortemente condicionado para uma tipologia urbana com funções prevalentemente residências e lúdicas, está garantida à partida. No entanto, esta proposta reforça a condição de relação das funções e vida dos futuros habitante com a envolvente repondo (ou mantendo) antigas conexões de vizinhança, ancestrais, que fundam o carácter nortenho e da cidade.

Quais as maiores dificuldades que ocorreram ao longo do seu percurso? Alguma vez sentiu que por ser mulher arquitecta a sua autoridade era questionada em deterioramento



à do seu parceiro de escritório? Esta actividade, anteriormente, era negada a mulheres e , apesar de, hoje em dia, serem em número superior a frequentar o curso, o mesmo não se verifica no campo profissional, já que analisando os números da Ordem dos Arquitectos retêm-se que, são os homens a prevalecer na prática da arquitectura como actividade profissional.

Arq. Fátima Fernandes - As maiores dificuldade foram por um lado, não ter clientes com capacidade económica para contratar boas empresas de construção e por outro, não ter tido ainda condições para construir os melhores projectos que realizámos.

Senti algumas vezes que por ser mulher me testam ou não me consideram.... Sobretudo quando me chamam Arquitecta Fátima e não arquitecta Fernandes. Mas aprendi a lidar bem com isso. Às vezes gozo com a situação o que deixa a pessoa desconfortável... isso permite-me obter rapidamente uma grande vantagem e conquistar definitivamente o “adversário”.

Por fim, concorda com a arquitecta Denise Scott Brown quando refere que as arquitectas tem uma maior dificuldade a pertencer ao *Star-System* da arquitectura? A realidade é que a maior parte dos alunos de arquitectura tem um grande desconhecimento de obras e de nome de arquitectas. Em termos de premiações, exposições e publicações se identificarmos por género os vencedores/participantes, a tendência é esmagadoramente masculina. Como arquitecta que já ganhou importantes prémios e participou em algumas exposições de renome, considera que as mulheres arquitectas têm a visibilidade que, em certo sentido, permitem a sua existência? Qual a sua opinião?

Arq. Fátima Fernandes - Concordo em absoluto com a Denis Scott Brown. Mas também tenho a certeza de que a mulher no futuro estará cada vez mais presente nos lugares de decisão e associada de forma indelével e em sintonia, a todo o tipo de tarefas: artísticas, técnicas, científicas, familiares, etc etc...

Na sociedade do futuro, nem o homem nem a mulher valerão pelo próprio género ou raça, mas sim pelas suas capacidades. Não há retorno! Caminhamos para o equilíbrio da espécie. Agora os nossos inimigos já não são os da nossa espécie.

Porto, Março 2020



## CAPÍTULO X | Anexos

Este capítulo é composto pela informação complementar aos textos da presente dissertação. Nomeadamente através da sistematização e identificação nominal e cronológica de todos os prémios analisados. Da análise efectuada ao curso de MIARQ da FAUP (ano lectivo 2019/2020), através da identificação por género de docentes/bibliografia de todas as disciplinas, bem como o inquérito conduzido aos alunos dessa instituição. Compilação dos principais prémios, exposições, publicações, projectos e obras dos casos de estudo, arquitecta Joana Vasconcelos e Fátima Fernandes

## Anexos

### LISTAS DOS VENCEDORES DAS PRINCIPAIS PREMIAÇÕES:

- Lista Vencedores Medalha de Ouro pelo RIBA:

1848: Charles Robert Cockerell	1878: Alfred Waterhouse
1849: Luigi Canina	1879: Marquis de Vogue
1850: Charles Barry	1880: John Loughborough Pearson
1851: Thomas Leverton Donaldson	1881: George Godwin
1852: Franz Leo von Klenze	1882: Baron von Ferstel
1853: Robert Smirke	1883: Francis Cranmer Penrose
1854: Philip Hardwick	1884: William Butterfield
1855: Jacques Ignace Hittorff	1885: Heinrich Schliemann
1856: William Tite	1886: Charles Garnier
1857: Owen Jones	1887: Ewan Christian
1858: Friedrich August Stüler	1888: Theophil von Hansen
1859: George Gilbert Scott	1889: Charles Thomas Newton
1860: Sydney Smirke	1890: John Gibson
1861: JB Lesueur	1891: Arthur Blomfield
1862: Robert Willis	1892: Cesar Daly
1863: Anthony Salvin	1893: Richard Morris Hunt
1864: Eugene Viollet-le-Duc	1894: Lord Leighton
1865: James Pennethorne	1895: James Brooks
1866: Matthew Digby Wyatt	1896: Ernest George
1867: Charles Texier	1897: Pierre Cuyper
1868: Austen Henry Layard	1898: George Aitchison
1869: Karl Richard Lepsius	1899: George Frederick Bodley
1870: Benjamin Ferrey	1900: Rodolfo Amadeo Lanciani
1871: James Fergusson	1901: Não houve premiação
1872: Baron von Schmidt	1902: Thomas Edward Colcutt
1873: Thomas Henry Wyatt	1903: Charles Follen McKim
1874: George Edmund Street	1904: Auguste Choisy
1875: Edmund Sharpe	1905: Aston Webb
1876: Joseph-Louis Duc	1906: Lawrence Alma-Tadema
1877: Charles Barry	1907: John Belcher

1908: Honore Daumet	1945: Victor Vesnin
1909: Arthur John Evans	1946: Patrick Abercrombie
1910: Thomas Graham Jackson	1947: Albert Richardson
1911: Wilhelm Dorpfeld	1948: Auguste Perret
1912: Basil Champneys	1949: Howard Robertson
1913: Reginald Blomfield	1950: Eliel Saarinen
1914: Jean-Louis Pascal	1951: Emanuel Vincent Harris
1915: Frank Darling	1952: George Grey Wornum
1916: Robert Rowand Anderson	1953: Le Corbusier
1917: Henri Paul Nenot	1954: Arthur George Stephenson
1918: Ernest Newton	1955: John Murry Easton
1919: Leonard Stokes	1956: Walter Adolf Georg Gropius
1920: Charles Louis Girault	1957: Hugo Alvar Henrik Aalto
1921: Edwin Landseer Lutyens	1958: Robert Schofield Morris
1922: Thomas Hastings	1959: Ludwig Mies van der Rohe
1923: John James Burnet	1960: Pier Luigi Nervi
1924: Não houve premiação	1961: Lewis Mumford
1925: Giles Gilbert Scott	1962: Sven Markelius
1926: Ragnar Ostberg	1963: William Graham Holford
1927: Herbert Baker	1964: Edwin Maxwell Fry
1928: Guy Dawber	1965: Kenzo Tange
1929: Victor Alexandre Frederic Laloux	1966: Ove Arup
1930: Percy Scott Worthington	1967: Nikolaus Pevsner
1931: Edwin Cooper	1968: Richard Buckminster Fuller
1932: Hendrik Petrus Berlage	1969: Jack Antonio Coia
1933: Charles Reed Peers	1970: Robert Matthew
1934: Henry Vaughan Lanchester	1971: Hubert de Cronin Hastings
1935: Willem Marinus Dudok	1972: Louis I Kahn
1936: Charles Henry Holden	1973: Leslie Martin
1937: Raymond Unwin	1974: Powell e Moya
1938: Ivar Tengbom	1975: Michael Scott
1939: Percy Thomas	1976: John Summerson
1940: Charles Francis Annesley Voysey	1977: Denys Lasdun
1941: Frank Lloyd Wright	1978: Jørn Utzon
1942: William Curtis Green	1979: Charles e Ray Eames
1943: Charles Herbert Reilly	1980: James Stirling
1944: Edward Maufe	1981: Sir Philip Dowson

1982: Berthold Lubetkin  
1983: Sir Norman Foster  
1984: Charles Correa  
1985: Richard Rogers  
1986: Arata Isozaki  
1987: Ralph Erskine  
1988: Richard Meier  
1989: Renzo Piano  
1990: Aldo van Eyck  
1991: Colin Stansfield Smith  
1992: Peter Rice  
1993: Giancarlo de Carlo  
1994: Michael e Patricia Hopkins  
1995: Colin Rowe  
1996: Harry Seidler  
1997: Tadao Ando  
1998: Oscar Niemeyer  
1999: Barcelona  
2000: Frank Gehry  
2001: Jean Nouvel  
2002: Archigram  
2003: Rafael Moneo  
2004: Rem Koolhaas  
2005: Frei Otto  
2006: Toyo Ito  
2007: Herzog & de Meuron  
2008: Edward Cullinan  
2009: Álvaro Siza Vieira  
2010: I. M. Pei  
2011: David Chipperfield  
2012: Herman Hertzberger  
2013: Peter Zumthor  
2014: Joseph Rykwert  
2015: O'Donnell & Tuomey  
2016: Zaha Hadid  
2017: Paulo Mendes da Rocha  
2018: Neave Brown  
2019: Nicholas Grimshaw  
2020: Yvonne Farrell e Shelley McNamara

- Lista Vencedores Medalha de Ouro pelo AIA:

1907: Aston Webb	1967: Wallace Harrison
1909: Charles Follen McKim	1968: Marcel Breuer
1911: George Browne Post	1969: William Wurster
1914: Jean-Louis Pascal	1970: Richard Buckminster Fuller
1920: Egerton Swartwout	1971: Louis Kahn
1922: Victor Laloux	1972: Pietro Belluschi
1923: Henry Bacon	1977: Richard Neutra (póstumo)
1925: Bertram Goodhue	1978: Philip Johnson
1925: Edwin Lutyens	1979: Ieoh Ming Pei
1927: Howard Van Doren Shaw	1980: Não houve premiação
1929: Milton Bennett Medary	1981: Josep Lluís Sert
1933: Ragnar Östberg	1982: Romaldo Giurgola
1938: Paul Philippe Cret	1983: Nathaniel Alexander Owings
1944: Louis Sullivan	1984: Não houve premiação
1947: Eliel Saarinen	1985: William Wayne Caudill (póstumo)
1948: Charles Donagh Maginnis	1986: Arthur Charles Erickson
1949: Frank Lloyd Wright	1989: Joseph Esherick
1950: Patrick Abercrombie	1990: E. Fay Jones
1951: Bernard Maybeck	1991: Charles Willard Moore
1952: Auguste Perret	1992: Benjamin C. Thompson
1953: William Adams Delano	1993: Kevin Roche
1954: Não houve premiação	1993: Thomas Jefferson (póstumo)
1955: Willem Marinus Dudok	1994: Norman Foster
1956: Clarence Stein	1995: César Pelli
1957: Louis Skidmore	1996: Não houve premiação
1957: Ralph Thomas Walker	1997: Richard Meier
1958: John Wellborn Root	1998: Não houve premiação
1959: Walter Gropius	1999: Frank Gehry
1960: Ludwig Mies van der Rohe	2000: Ricardo Legorreta
1961: Le Corbusier	2001: Michael Graves
1962: Eero Saarinen (póstumo)	2002: Tadao Ando
1963: Alvar Aalto	2003: Não houve premiação
1964: Pier Luigi Nervi	2004: Samuel Mockbee (póstumo)
1965: Não houve premiação	2005: Santiago Calatrava
1966: Kenzo Tange	2006: Antoine Predock

2007: Edward Larrabee Barnes (póstumo)  
2008: Renzo Piano  
2009: Glenn Murcutt  
2010: Peter Bohlin  
2011: Fumihiko Maki  
2012: Steven Holl  
2013: Thom Mayne  
2014: Julia Morgan (póstuma)  
2015: Moshe Safdie  
2016: Denise Scott Brown e Robert Venturi  
2017: Paul Revere Williams  
2018: James Stewart Polshek.  
2019: Richard Rogers  
2020: Marlon Blackwell

- Lista Vencedores do Prémio de Arquitectura Contemporânea Mies van der Rohe:

1988: Álvaro Siza Vieira  
1990: Foster + partners (Norman Foster)  
1992: Esteve Bonell e Francesc Rius  
1994: Nicholas Grimshaw & Partners  
1996: Dominique Perrault  
1998: Peter Zumthor  
2001: Rafael Moneo  
2003: Zaha Hadid Architects  
2005: O.M.A. (Rem Koolhaas e Ellen van Loon)  
2007: Mansilla + Tuñón Arquitectos  
2009: Snøhetta  
  
2011: David Chipperfield e Julian Harrap Architects LLP  
2013: Henning Larsen Architects Studio Olafur Eliasson; Batteríid architects  
2015: Barozzi/Veiga  
2017: NL Architects e XVW architectuur  
2019: Lacaton & Vassal architectes; Frédéric Druot Architecture; Christophe Hutin  
Architecture



Menção Especial a Arquitectos Emergentes:

2001: Florian Nagler Architekten  
2003: J. Mayer H.  
2005: NL Architects  
2007: Bevk Perovic arhitekti  
2009: STUDIO UP  
2011: bosch.capdeferro architectures  
2013: Langarita-Navarro Arquitectos  
2015: ARQUITECTURA-G  
2017: MSA / V+  
2019: BAST

- Lista Vencedores do Prémio Fernando Távora:

2005: Nelson Jorge Amorim Mota  
2006: Sílvia Benedito  
2007: Maria Valladares Pacheco Moita  
2008: Maria Cristina Pinto da França Salvador  
2009: Armando Manuel de Castilho Rabaça Correia Cordeiro  
2010: Marta Serrano Navarro Duarte Pedro  
2011: Paulo Jorge da Silva Antunes Moreira  
2012: Sidh Daniel Losa Mendiratta  
2013: Susana Patrícia Ventura Rodrigues  
2014: André Carinha Tavares  
2015: Maria de Fátima Canteiro Neto  
2016: Eliana Pereira de Sousa Santos  
2017: Isabel Clara Neves da Rocha Marques  
2018: Carla Alexandra Garrido de Oliveira, Filipa de Castro Guerreiro e Pedro Querido Figueiredo Bragança Ribeiro  
2019: Luís Henrique da Cruz Ribeiro da Silva/ Maria Margarida Gonçalves Quintã

- Lista Vencedores do Prémio Sécil Arquitectura:

1992: Eduardo Souto Moura  
1994: João Luís Carrilho da Graça

1996: Álvaro Siza Vieira

1998: Vítor Figueiredo

2000: Álvaro Siza Vieira

2002: Pedro Maurício Borges

2004: Eduardo Souto de Moura

2006: Álvaro Siza Vieira

2008: Nuno Brandão Costa

2010: Eduardo Souto de Moura

2012: José Neves

2012-2016: Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes + João Mendes Ribeiro;  
Aires Mateus e Francisco Aires Mateus.

- Lista Vencedores do Prémio Sécil Arquitectura – Universidades:

2002: Sofia Albuquerque

Hugo Duarte

Paulo Lopes Vaz

2003: Marcelo Dantas

Hélder Ferreira

João Miguel Leitão

2004: Rita Rodrigues Cordeiro

Raquel Andrade Barbosa

Andreia Salavessa de Jesus Garcia

2005: Carlos Claro de Sequeira

Miguel Marcelino

José Miguel Lobo Almeida

2006: Francisco Romão

Rafael Verhaeghe Marques

Ana Filipa Simões da Silva

2007: André Escobar Teixeira

Francisco Lencastre

Luís Fonseca Rasteiro

2008: Tiago Frazão

Cláudia Freitas e Marta Oliveira

Pedro Filipe Bernardo Dias

Josué Valente Santos

Guilherme Filipe da Silva Rosa

2009: André Rodrigues Costa

João Charters Monteiro

Gerson Gonçalo Oliveira Rei, José Gil Correia Gama e Rui Vítor Rico Baltazar

Fábio David Ferreira Neves

Sara Lia Santos V. Bysch

2010: Luísa Lopes e Rafaela Gonçalves

Ricardo Carreiro

Fábio Rosado

João Carmo Simões

Simão Silveira Botelho

2011: Alexandre Vicente

Diogo Lopes, Inês Morão Dias e Mafalda Maurício

Elsa Barreiras e Lurdes Chagas

Sofia Santos

Gilberto Pedrosa

2012: Cláudio Crespo Gonçalves

Ana Rita Santos

Marisa da Fonte Oliveira

David Gonçalves Monteiro

Inês Sanz Pinto

2013: José Rafael Freitas

José Vieira e Rodrigo Henriques

Ana Patrícia Santos

Gonçalo Pacheco

Rita Plácido Carneiro

2014: Ana Catarina Seabra e Rita Rebelo Póvoas

Nuno Nascimento e Vasco Lima Mayer

Ana Isabel Loureiro

Maria Ave Romani

Joel Ferreira Dinis

2015-2016: Bianca Salmoiraghi

Flora di Martino + Rita Martins + Saule Grybenaite

Pedro Frade

2016-2017: Ana Margarida Pais

Catarina Oliveira Pereira

João Pedro Oliveira

IDENTIFICAÇÃO MEDIANTE O GÉNERO DA QUANTIDADE DE DOCENTES/  
BIBLIOGRAFIA POR DISCIPLINA DO CURSO DE MIARQ DA FAUP, ANO  
LECTIVO 2019/2020:

**1º ano**

. Projecto 1

- Regentes: 2 Homens

- Professores: 4 Homens / 2 Mulheres

- Referencias Bibliográficas: Todos os livros propostos são de homens/ Não é possível identificar 1 porque são revistas e podem ser monografias de homens ou mulheres

- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Teoria Geral da Organização do Espaço

- Regente: 1 Homem

- Professor: 1 Homem

- Referencia Bibliográficas obrigatória: Todos os livros propostos são de homens

- Referencia Bibliográficas complementar: 16 Homens / 2 Mulheres

. Desenho 1

- Regente: 1 Homem

- Professor: 2 Homem / 2 Mulheres

- Referencia Bibliográficas obrigatória: 17 Homens / 2 Mulheres/ 1 não é possível identificar (P.ex: instituto...)

- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Geometria e Arquitectura

- Regente: 1 Homem
- Professor: 2 Homem / 1 Mulher
- Referencia Bibliográficas obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. História da Arquitectura Antiga e Medieval

- Regente: 1 Homem
- Professor: 1 Homem / 1 Mulher
- Referencia Bibliográficas obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

**2ºano**

. Projecto 2

- Regente: 2 Homens
- Professores: 5 Homens / 1 Mulher
- Referencias Bibliográficas: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Teoria1

- Regente: 1 Homem
- Professores: 2 Homens
- Referencia Bibliográficas: 11Homens/ 1 Mulher
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Construção1

- Regente: 2 Homens
- Professores: 2 Homens
- Referencia Bibliográficas obrigatória: 16Homens/ 1 Mulher
- Referencia Bibliográficas complementar: 23 Homens/ 1 Mulher

. Desenho 2

- Regente: 1 Homem
- Professores: 2 Homens / 2Mulheres
- Referencia Bibliográficas obrigatória: 17Homens/ 1 Mulher
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Historia da Arquitectura Moderna

- Regente: 1 Homem
- Professores: 1 Homem / 3Mulheres
- Referencia Bibliográfica obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográfica complementar: Não tem

Opcionais:

. Antropologia do Espaço

- Regente: 1 Homem
- Professores: 1 Homem
- Referencia Bibliográfica obrigatória: 6 Homens/ 2 Mulheres
- Referencia Bibliográfica complementar: Não tem

. Geografia

- Regente: 1 Homem
- Professores: 1 Homem
- Referencia Bibliográfica obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográfica complementar: Não tem

. Grandes projectos urbanos

- Regente: 1 Homem
- Professores: 1 Homem
- Referencia Bibliográfica obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográfica complementar: Não tem

**3ºano**

. Projecto 3

- Regente: 1 Homem
- Professores: 4 Homens / 2 Mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 15 Homens / 4mulheres / 1 Ambos
- Referencia Bibliográfica complementar: Não é possível identificar

. Teoria 2

- Regente: 1 Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 18 Homens / 1mulher
- Referencia Bibliográfica complementar: Todos os livros propostos são de homens

. Construção 2

- Regente: 1 Homem
- Professores: 2Homens/1mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Todos os livros propostos são de homens

. Urbanística1

- Regente: 1 Homem
- Professores: 1 Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não é possível identificar

. Historia da Arquitectura Contemporânea

- Regente: 1 Homem
- Professores: 1 Homem / 2 Mulheres
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 22 Homens/ 3Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: 7Homens / 3Mulheres

Opcionais:

. Arquitectura e Desenho 1

- Regente: 1Mulher
- Professores: 1Mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 11 Homens/ 2Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não é possível identificar

. CAAD 1

- Regente: 1Homem
- Professores: 1homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 15 Homens/ 5Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Figura Humana e Representação do Espaço 1

- Regente: 1Homem
- Professores: 1homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Geometria Construtiva 1

- Regente: 2Homem
- Professores: 2homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 23 Homens/ 2Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Arquitectura e Desenho 2

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 11 Homens/ 2Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não é possível identificar

. CAAD 2

- Regente: 1Homem
- Professores: 1homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 15 Homens/ 5Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Figura Humana e Representação do Espaço 2

- Regente: 1Homem
- Professores: 1homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 1Homem/ 1 Mulher
- Referencia Bibliográficas complementar: 3Homens/1Mulher

. Geometria Construtiva 2

- Regente: 2Homem
- Professores: 2homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 23 Homens/ 2Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

**4ºano**

. Projecto 4

- Regente: 1 Homem
- Professores: 6 Homens / 2 Mulheres
- Referencias Bibliográficas: 5 livros de Homens / 1 livros Mulher
- Referencia Bibliográficas complementar: Não é possível identificar (referem para ver revistas e monografias)



### Historia da Arquitectura Portuguesa

- Regente: 1Mulher
- Professores: 1homem/2Mulheres
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Não tem
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

### . Teoria 3

- Regente: 1Mulher
- Professores: 1Mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Todos os livros propostos são de homens

### . Sistemas Estruturais

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem/1Mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: 6Homens/ 1 Não é possível identificar

### . Construção3

- Regente: 1Homem/1Mulher
- Professores: 2Homem/2Mulheres
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: 18Homens/2Mulheres

### . Urbanística2

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

### Opcionais(4º e 5ºano):

#### . A Construção Lúdica da Arquitectura

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 2Homens/ 2Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. A urbanização da pobreza

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem/1Mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Todos os livros propostos são de homens

. Arquitectura do Espaço Público

- Regente: 1Mulher
- Professores: 1Mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Arquitectura e Cinema

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Arquitectura, Energia e Clima. Fundamentos para o desenho da Casa bem-temperada

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 12 homens/1 Não é possível identificar (p.ex: associação dos arquitectos...)
- Referencia Bibliográficas complementar: 11Homens/ 1Mulher

. Concepção e Experimentação Estrutural

- Regente: 1Homem
- Professores: 2Homens
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: 8Homens/ 1Mulher

. Construção Circular, Certificação e Design Consciente

- Regente: 1Mulher
- Professores: 1Mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 5Homens/4Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não é possível identificar (refere que durante as aulas será dados textos...)

. Desenho como método e instrumento de investigação em Arquitectura

- Regente: 1Mulher
- Professores: 1Mulher
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 4Homens/1Mulher
- Referencia Bibliográficas complementar: Revistas, não é possível identificar autor

. Economia Urbana

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Fotografia de Arquitectura, Cidade e Território

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 23Homens/6Mulheres
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Historia da Cidade do Porto

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 10homens/1 Não é possível identificar(gabinete de historia da cidade do porto...)
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Instalações Urbanas

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 3Homens /1Ambos
- Referencia Bibliográficas complementar: 3ambos e restantes não se pode identificar

. Laboratório de Investigação. Diálogos entre a Prática e a Didática em Arquitectura

- Regente: 2Homens
- Professores: 2Homens
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

. Paisagismo

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

Património e Paisagem. Gestão, Análise, Projecto

- Regente: 1Homem
- Professores: 2Homens/3Mulheres
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 10Homens/1Mulher
- Referencia Bibliográficas complementar: 3homnes/1mulher

Projecto BIM

- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: 2Homens/ 4 não são possível identificar
- Referencia Bibliográficas complementar: Não é possível identificar (sites de conferencias, fóruns,...)

Reabilitação

- Regente: 2Mulheres
- Professores: 2Mulheres
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não é possível identificar (sites)

Porto. Território e redes de invisibilidades

- Regente:1homem
- Professor:1homem
- Referencias Bibliográfica Obrigatória: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

**5ºano**

Projecto5

- Regente: 1 Mulher
- Professores: 3 Homens / 1 Mulher
- Referencias Bibliográficas: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

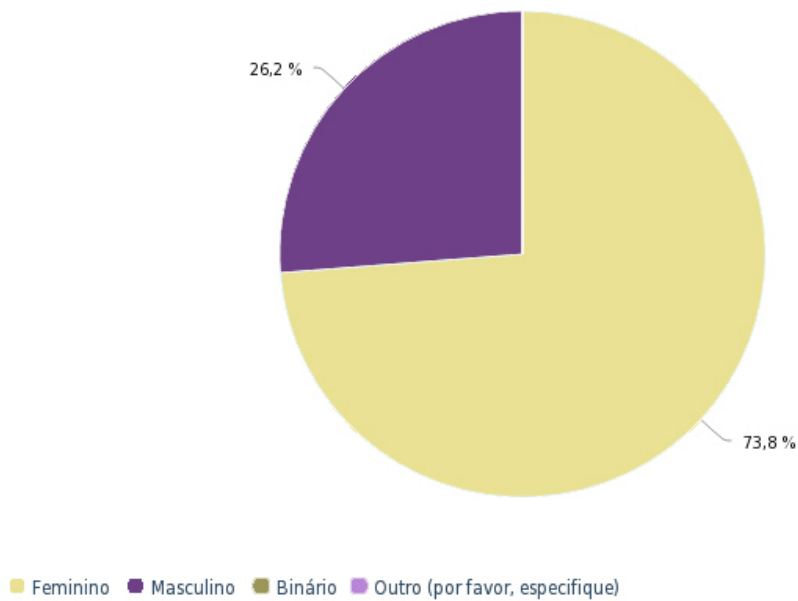
Dissertação

- Regente: 2Mulheres
- Professores: 2Mulheres
- Referencias Bibliográficas: Todos os livros propostos são de homens

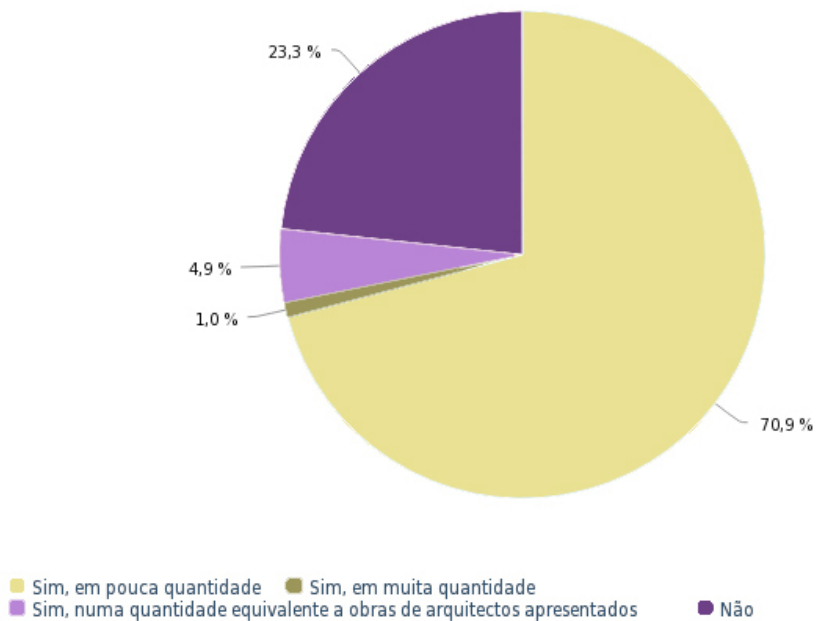
- Referencia Bibliográficas complementar: 4Homens/1Mulher
- Regente: 1Homem
- Professores: 1Homem
- Referencias Bibliográficas: Todos os livros propostos são de homens
- Referencia Bibliográficas complementar: Não tem

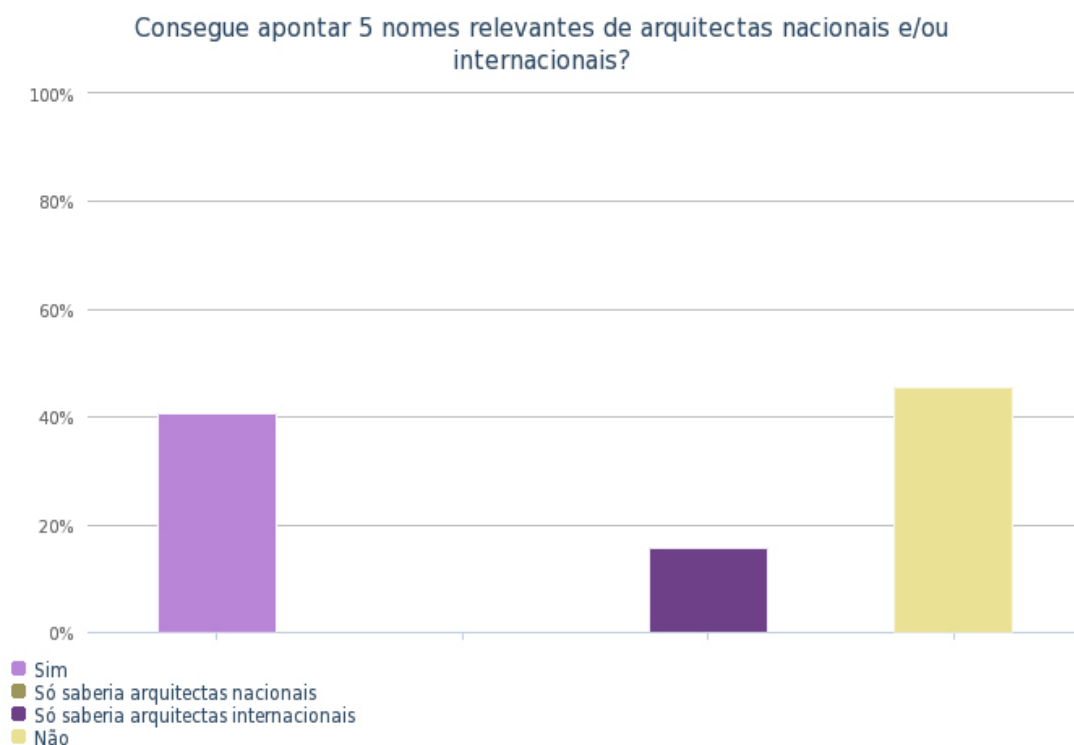
INQUÉRITO ALUNOS FAUP:

A sua identidade de género é?



Durante o seu percurso académico, apresentaram-lhe exemplos de obras executadas por mulheres arquitectas?





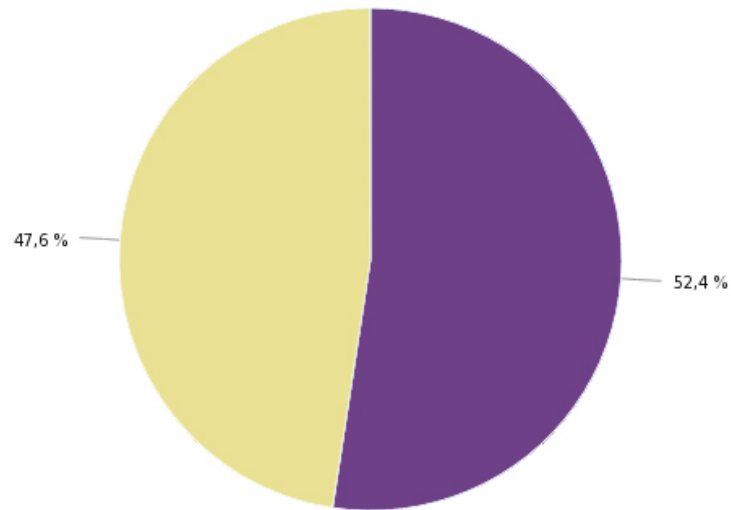
Lista das arquitectas consideradas de relevância e enumeradas pelos inquiridos:

Zaha Hadid (mencionada em 73 respostas), Lina Bo Bardi (mencionada em 57 respostas), Kazuyo Sejima (mencionada em 22 respostas), Graça Correia (mencionada em 21 respostas), Inês Lobo (mencionada em 16 respostas), Alison Smithson (mencionada em 16 respostas), Denise Scott Brown (mencionada em 15 respostas), Eileen Gray (mencionada em 9 respostas), Ray Eames (mencionada em 9 respostas), Cristina Guedes (mencionada em 7 respostas), Maria José Marques Silva (mencionadas em 5 respostas), Carla Juaçaba (mencionada em 5 respostas), Paula Santos (mencionada em 4 respostas), Anne Lacaton (mencionada em 4 respostas), Frida Escobedo (mencionada em 4 respostas), Elizabeth Diller (mencionada em 4 respostas), Zaida Muxí Martínez (mencionada em 3 respostas), Benedetta Tagliabue (mencionada em 2 respostas), Raquel Paulino (mencionada em 2 respostas), Ana Tostões (mencionada em 2 respostas), Fuensata Nieto (mencionada em 2 respostas).

As seguintes arquitectas foram referidas apenas uma vez: Maria José Estanco, Maria da Luz Valente-Pereira, Carme Pigem, Tatiana Bilbao, Léonie Geisendorf, Aino Aalto, Charlotte Perriand, Sofia Von Ellrichshaussen, Marta Moreira, Sofia Aleixo, Ana Vaz Milheiro, Patrícia Barbas, Lilly Reich, Fátima Fernandes, Norma Merrick, Teresa Novais, Rozana Montiel, Beverly Loraine Green, Susana Rosmaninho, Andrée Putman, Luisa Brandão, Charlotte von Moos, Maria Casanova e Teresa Fonseca.

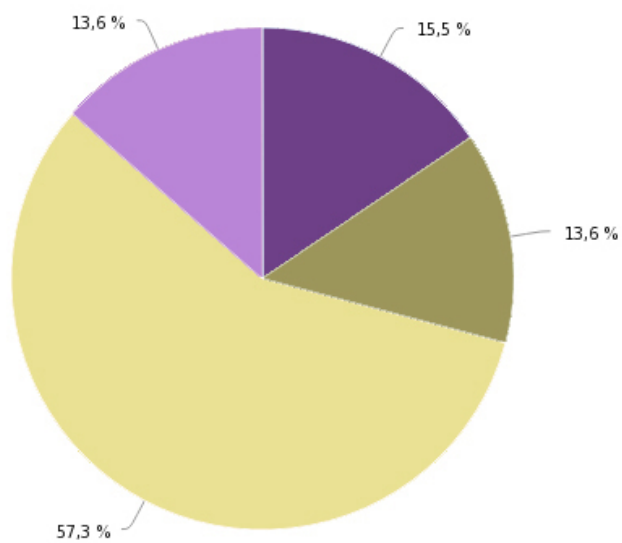
Seria de se esperar 500 respostas, já que se pede 5 nomes de arquitectas, a 100 alunos, no entanto apenas se obteve um total de 306 resultados, o que indica que apenas 61% dos inquiridos consegue enumerar algumas arquitectas. Em nenhuma resposta foram apontadas apenas arquitectas nacionais.

Alguma vez visitou alguma obra de uma arquitecta?



■ Sim ■ Não

Pensa que a industria da arquitectura/construção aceita a autoridade da mulher arquitecta, da mesma forma que aceita a do homem arquitecto?



■ Sim ■ Sim, se trabalhar em parceria com um arquitecto ■ Não ■ Não sei

## . Listagem dos principais prémios, exposições, publicações, projectos e obras

- *Atelier in.vitro*: arquitecta Joana Vasconcelos

### PRÉMIOS

- 2019 Prémio Nuno Teotónio Pereira, Categoria Edifício Habitacional - Casa António Patrício, Porto
- 2019 Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, Categoria Melhor Intervenção Inferior a 1000m<sup>2</sup> - Casa António Patrício, Porto
- 2019 Menções Honrosas Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, Categorias Residencial e Cidade do Porto - Casa António Patrício, Porto
- 2017 Prémio João de Almada, Categoria de edifícios residenciais - Casa da Boavista, Porto
- 2016 Menção Honrosa Prémio Nuno Teotónio Pereira (antigo Prémio IHRU), Categoria Edifício Habitacional - Casa Pinheiro Manso, Porto

### PUBLICAÇÕES

- 2019 Attitude Interior Design Magazine, “Personal” n°89**, “Simplicidade no Reabilitar”
- 2018 Attitude Interior Design Magazine, “Sossego”, n°83** “Respeitar a Essência”
- 2017 **Jornal Público, P3 online** Joana Leandro Vasconcelos nomeada para “Personalidade do Ano 2017”
- 2017 Financial Times, ed.online e impressa** “Regeneration in Lisbon and Porto looks back to create the future” e “Portuguese revamps fuel climb in returns”
- 2017 **Jornal de Notícias** ”Reabilitar uma casa como que fazendo acupunctura”
- 2017 Jornal Público, P3 online e ed.impressa** “Joana, a arquitecta que sonha com os projectos de reabilitação”
- 2017 Jornal Expresso, ed.online e impressa** ”Aproveitar o que está bem conservado vale prémio”
- 2017 **Jornal Público, ed.online** ”Teatro do Bolhão, Universidade Católica e uma casa particular recebem Prémio João de Almada”
- 2017 **Architectural Digest Rússia, ed.online** ”Retro Apartments to rent in Portugal”
- 2017 **YellowTrace, blog online** ”1940s Retro Apartment Renovations in Porto by *Atelier in.vitro*”



**2017 Jornal Público, P3 online** “Porto: uma viagem ao interior do Palácio do Comércio”

2017 **Dezeen, ed.online** “*Atelier In Vitro* creates interiors for three apartments in 1940s Porto building”

Reabilitação de duas aldeias históricas no Butão:

**2015 Time Out Porto** “Quinto elemento” Joana Leandro Vasconcelos é nomeada uma das quatro personalidades do mês

2015 **RTP Notícias, ed.online** “Peritos portugueses partem hoje para integrar projecto de reabilitação no Butão”

**2015 Jornal Público, P3 online** “Portugueses vão reabilitar aldeias do Butão, tornando-as resistentes a sismos”

**2015 Sapo Vídeos**”Projecto Português quer reabilitar aldeias no Butão”

**2015 Rádio Nova** Entrevista a Joana Leandro Vasconcelos e Tiago Ilharco do Ncrep

**2014 Jornal Diário de Notícias** “Um mês no Butão a reabilitar casas em aldeias históricas”

Design Hotel Serra do Pilar:

**2012 Time Out Porto, “O Porto do Futuro”, nº27** “O Porto do Futuro, novos projectos para a cidade”

4000 *Ateliers*:

**2013 Catálogo “4000 *Ateliers*, Percurso pelos *Ateliers* de Arquitectura na Baixa do Porto”**

**2013 Jornal Público, P3 Online (entre outros)** “4000 *Ateliers* para aproximar a arquitectura do público”

**2011 Jornal Público, P3 Online (entre outros)** “4000 *Ateliers*: um peddy-paper pela arquitectura do Porto”

## CONFERÊNCIAS/EXPOSIÇÕES

**2018 Seminário Boas Práticas de Intervenção em Arquitectura Corrente**

“A importância das opções da arquitectura em intervenções de reabilitação”,

J.L.Vasconcelos, Museu de Arte Popular, Lisboa,

2018 **Evento NewCo Porto 2018.10** Atelier in.vitro como anfitrião na “MINI Tour - Arts and Culture”.

**2018 Congresso da Reabilitação do Património, “Conservar Património”, nº28** “A construção de terra: técnicas tradicionais construtivas do Butão”, J.M.Guedes, T.Ilharco, A.A.Costa, B.Quelhas, V.Lopes, J.L.Vasconcelos e G.Vasconcelos.

**2017 Sessão-Debate: 4as da Madeira** “A importância das opções da arquitectura em

intervensões de reabilitação”, J.L.Vasconcelos, Departamento de Engenharia Civil do ISEP.

**2017 Pedra e Cal, Conservação & Reabilitação, “O Projecto - Intervir em Património”, n.º63**”A reabilitação da Casa da Boavista, Porto”, J.L.Vasconcelos e T.Ilharco.

**2017 Conferência RIE 2017 - VI Jornadas de Reabilitação de Infraestruturas e de Edifícios** “A importância das opções da arquitectura em intervenções de reabilitação”, J.L.Vasconcelos, Universidade Lusófona.

**2015 Pedra e Cal, Conservação & Reabilitação, “Internacionalização do Património”, n.º59**”Levantamento das características construtivas e análise da vulnerabilidade sísmica de edifícios tradicionais butaneses”, T.Ilharco, A.A.Costa, J.M.Guedes, B.Quelhas, V.Lopes e J.L.Vasconcelos.

**2013 Concreta 26.º Edição da Feira Internacional da Construção para uma Regeneração Urbana Sustentável 2013.10** Ciclo de Conversas Informais “4000 Ateliers”, Exponor

**2013 Exposição no Metro do Porto - 4000 Ateliers**

**2013 “Tenho um edifício antigo. E agora?”** “4000 Ateliers”, parceria com o [NCREP](#).

**2013 4000 Ateliers - II edição** Co-organização da 2ª edição do evento.

**2012 “Porta aberta para a China”** Apresentação do Design Hotel Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia.

**2012 Arrebita! Porto** Apresentação sobre os procedimentos necessários ao desenvolvimento de projectos de arquitectura.

**2011 4000 Ateliers - I edição** Co-organização da 1ª edição do evento.

**2011 VI Art - Evento Artístico** “Ser Arquitecto ... em Portugal e no Séc. XXI”, Colégio Amor de Deus, Cascais.

## OBRAS

2015-2019 Reabilitação Supremo Tribunal da Justiça. Lisboa (realizada)

2016-2018 Casa António Patrício. Porto (realizada)

2016 Habitação Colectiva Canidelo. Gaia

2016-2017 Reabilitação Casa Quinze de Novembro. Porto (realizada)

2015-2017 Reformulação interior Apartamento tv19. Porto (realizada)

2015-2017 Casa Costa Cabral. Porto (realizada)

2015-2017 Apartamento Sdb. Porto (realizada)

2015-2020 Casa da Pérgola. Miranda do Corvo (em fase de conclusão)

2016 Reabilitação Apartamento Palácio do Comercio iii. Porto (realizada)

2015-2016 Reabilitação Apartamento Palácio do Comercio ii. Porto (realizada)

2013-2016 Reabilitação Apartamento Palácio do Comercio i. Porto (realizada)  
2014-2015 Estudo de 18 edifícios tradicionais em terra. Butão (realizado)  
2015-2016 Loja de vinhos Gota a gota. Porto (realizada)  
2015 Livraria/Oficina Gambiarra. Porto (realizada)  
2014-2015 Casa da Boa Vista. Porto (realizada)  
2012-2015 Casa Pinheiro Manso. Porto (realizada)  
2013-2014 Azenha da Moura. Esposende (realizada)

2012 Habitação, Turismo Rural e Equipamento Agro-Industrial: Qsms. Conjunto b. Mirandela (realizada)

2011 Habitação, Turismo Rural e Equipamento Agro-Industrial: Qsms. Conjunto dpb. Mirandela (realizada)

2009 Habitação, Turismo Rural e Equipamento Agro-Industrial: Qsms casa principal. Mirandela (realizada)

2010 Comércio e Serviços Afurada. Gaia

2009 Comércio e Serviços Arca de Noé. Gaia

2007 Design Hotel Serra do Pilar. Gaia

2006 Habitação Mata da Estrada. Lagares da Beira

## PRÉMIOS

- 2013 Medalha de Prata. no Prémio “Domus Restoration and Preservation”
- 2011 Menção Honrosa. no concurso Internacional para o Plano Geral Urbanístico do Parque Olímpico e Paraolímpico Rio2016, Rio de Janeiro
- 2011 Menção Honrosa. no concurso Projecto para Extensão do Museu Serlachius Gösta, Mänttä. Finlândia
- 2011 3º Prémio no Concurso Público para Elaboração dos Projectos do Novo Edifício dos Serviços Técnicos dos SMAS de Oeiras e Amadora em Leceia
- 2010 Menção Honrosa no Premio A.Prize Exposynergy 2010 MioDino, Projecto Centro de Interpretação Rural, Museu de Arraiolos
- 2010 1º Prémio no concurso para a Elaboração do Projecto para a Residência para Artistas. Guimarães, atribuído pelo júri do concurso
- 2010 1º Prémio no Concurso para o Laboratório da Paisagem em Guimarães, atribuído pelo júri do concurso
- 2010 2º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto para a Escola Profissional Agrícola Conde São Bento, atribuído pelo júri do concurso
- 2009 1º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto para a Loja do Cidadão 2G de Guimarães. Atribuída pelo júri de concurso
- 2009 1º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto para o Pavilhão Multiusos do Campo do Cevadeiro. Atribuída pelo júri de concurso
- 2009 3º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto para o Centro de Artes Graça Morais. Atribuída pelo júri de concurso
- 2009 1º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto para o Centro Escolar de Moreira de Cónegos. Atribuída pelo júri de concurso
- 2008 1º Prémio no Concurso para o Projecto do Centro de Interpretação da Companhia das Lezírias. Atribuído pelo júri do concurso
- 2008 1º Prémio no Concurso para o Projecto da Casa da Ponta da Erva e da Casa das Salinas. Companhia das Lezírias. Atribuído pelo júri do concurso
- 2008 1º Prémio no Concurso para o Edifício Multifuncional da Fundação de Serralves. Matosinhos. Em consórcio com SANAA/Kazuyo Sejima & Ryue Nishizawa.
- 2008 1º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto de Execução do Centro Educativo de Ovar Norte, atribuído pelo júri do concurso
- 2008 1º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto de Execução do Centro Educativo dos Combatentes, atribuído pelo júri do concurso
- 2008 2º Prémio no Concurso de Ideias da Frente Ribeirinha do Porto na Zona de

Intervenção Prioritária, atribuído pelo júri do concurso

2006 4º Prémio no concurso de arquitectura “Neubau Studentenwohnheim Würzburg”

2006 Prémio Accésit, no concurso Soluciones Urbanas, atribuído pelo Conselho Superior de Colégios de Arquitectura de Espanha, com Conjunto Habitacional de via Senigallia. 2005 Trabalho Seleccionado na edição dos prémios FAD 2005 de Arquitectura e Interiorismo, Barcelona, Espanha, com a obra Módulos Auto-suficientes.

2005 2º Prémio no Concursos Riabiata 2005, com o projecto Casa Fera.

2005 Menção Honrosa no Prémio Internacional de Arquitectura Sustentável, atribuído pela Faculdade de Arquitectura de Ferrara, Itália, com a Casa Inteligente.

2005 Trabalho seleccionado no concurso A Pedra na Arquitectura 7a Edição, com a casa Guerra.

2005 2º Prémio L'Architettura Automatica, Premio Internazionale di Architettura, com o projecto Casa Inteligente, atribuído pela DITEC – Automatic Entrance Specialists.

2004 Prémio Arqueologia Industrial, atribuído pelo TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial) com o livro Moderno Escondido.

2004 Menção Honrosa, Residência Singular, atribuído pelo Conselho Superior de Colégios de Arquitectos de Espanha, com os Módulos Auto-suficientes.

2004 Menção Honrosa, Residência Singular, atribuído pelo Conselho Superior de Colégios de Arquitectos de Espanha, com a Casa Inteligente.

2004 2º Prémio, Residência Singular, atribuído pelo Conselho Superior de Colégios de Arquitectos de Espanha, com a Casa Inteligente.

2004 Menção Honrosa no Prémio Internacional de Arquitectura Sustentável, atribuído pela Faculdade de Arquitectura de Ferrara, Itália, com os módulos Auto-suficientes.

2003 1º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto do Museu – O MUNDO RURAL. Arraiolos. Portugal.

2003 1º Prémio no Concurso para a Elaboração do Projecto do Centro de Interpretação Ambiental e Museu do Parque Natural do Douro Internacional. Mogadouro. Portugal.

2003 Trabalho nomeado para Exposição no concurso A Pedra na Arquitectura 6a Edição

2003 1º Prémio no Concurso para a Central de Camionagem. Mogadouro. Portugal.

2002 1º Prémio no Concurso Publico para a remodelação de Edifícios no Centro Histórico. Rua da Banharia, Porto. Portugal.

2001 2º Prémio no Concurso para o edifício da Unidade Central do Polo das Ciências da Saúde. Coimbra. Portugal.

1999 Trabalho seleccionado no concurso EUROPAN 5, Intervenção em Vila Nova de Gaia. Portugal.

1999 1º Prémio da Ordem dos Arquitectos de Reggio Calabria. Itália.

1996 Prémio Piranesi atribuído pela Slovene Academy of Sciences and Arts.

- 1996 1º Prémio da Ordem dos Arquitectos de Reggio Calabria. Itália.
- 1992 1º Prémio da Ordem dos Arquitectos de Reggio Calabria. Itália.
- 1991 Trabalho finalista ao Prémio Internacional de Arquitectura Andrea Palladio, Itália.
- 1990 Menção Honrosa no Prémio dell' Istituto Nazionale di Architettura. Roma. Itália.
- 1989 1º Prémio no Concurso de Ideias para um Empreendimento Turístico em Miranda do Douro, Portugal.
- 1989 Menção Honrosa no Prémio Internacional de Arquitectura Andrea Palladio, Itália.

#### EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS E COLECTIVAS, CONFERÊNCIAS E OUTROS

- 2011 Conferência Obra e Projectos de Cannatà Fernandes. Facoltà di Architettura di Reggio Calabria. Itália
- 2011 Conferência Obra e Projectos de Cannatà Fernandes. Lamezia Terme, l'Ordine degli Architetti di Catanzaro. Itália
- 2011 IV Seminário Programação, Planificação e Projecto de Animação Turística. Auditório Municipal de Baião. Portugal
- 2011 A Pousada de Picote. Reabilitação do Património Moderno. Colóquio Turismo e Valorização do Património – ISAG – Biblioteca Almeida Garrett Porto
- 2010 Conferência Intervenção Urbana na Zona Ribeirinha do Porto e Gaia. Universidade Lusíada do Porto.
- 2010 Conferência Master Industrialización Y Prefabricación Arquitectonica. Fundación Universitaria CEU San Pablo. Valência. Espanha
- 2009 Primavera na Praça da República. Na conversa com....Praça da República. Porto
- 2008 Centro Interpretação Ambiental. Companhia das Lezírias. In Arquitectura e Sustentabilidade. Auditório Exponor. Portugal
- 2008 La riqualificazione del fronte de d'acqua a Porto. In Congresso Nacional Maré e Città. Bari. Itália
- 2008 Construir no tempo. In Rehabitar a Tineria. Sede da delegação da Coruña do Colégio Oficial de Arquitectos de Galicia. Coruña. Espanha
- 2008 Architetture del Quotidiano, la casa unifamiliare. Corte Palazzo Municipale LOCRI. Itália
- 2008 Arquitectura Sustentável. Perspectivas e Prácticas de Intervenção. Auditório da Câmara Municipal de Barcelos. Portugal
- 2008 Membro do júri da XIII Edición Premio de Arquitectura de Canárias, a convite da COAC, Colégio dos Arquitectos de Canarias. Espanha.
- 2008 Materiais e Tecnologias Inovadoras para a Construção Sustentável. Museu Nacional Soares dos Reis. Porto

2008 Oradores, no debate HAVERÁ ALGO DE NOVO A NORTE? O que estamos a deixar de ser e em vias de nos tornar? Fundação de Serralves. Porto

2008 Cannatà & Fernandes. Arquitecturas de Autor Sala de Actos. ETS de Arquitectura . Universidade de Navarra. Pamplona. Espanha.

2008 Sur mesure...l'échelle du petit. FAF – Fórum d'architecture de Fribourg. Suíça

2007 Escritório Cannatà & Fernandes. Seminário Architetture del Quotidiano. Palazzo della Província de Reggio Calabria. Reggio Calabria. Itália..

2007 Cannatà & Fernandes Obras e Projectos. Centro Atlántico de Arte Moderno (CAAM) de Las Palmas. Gran Canaria. Espanha

2007 Professores Convidados no âmbito do Workshop Internazionale di Progettazione Projecto de Arquitectura para a Cidade do Mediterraneo. Palermo. Itália.

2007 Sobreposição e Continuidade. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto – FAUP. Porto. Portugal

2007 Obras e Projectos Recentes. UBI – Pólo de Engenharias e Arquitectura. Covilhã. Portugal

2007 Participação como membro do júri no âmbito da V Biennial de Arquitectura Alejandro de la Sota. Catalunya. Espanha

2007 Sonhos e Pesadelos a convite da Revista PAPELPAREDE. Centro Cultural de Vila Nova da Barquinha.

2007 Obras e Projectos no âmbito do Seminário Architetture e Energia. Coordenado pelo Departamento de Arquitectura. Università degli Studi di Ferrara.

2007 Obras e Projectos em Portugal. Faculdade de Arquitectura de la Universidad Nacional Autónoma de México. Cidade de México.

2007 Cannatà & Fernandes. Obras e Projectos. Casa Dell'Architetture di Roma. Itália

2007 Conferência Magistral. Faculdade de Arquitectura de la Universidad Nacional Autónoma do México. Cidade do México

2007 Cannatà & Fernandes – Obra i Experiències de Cannatà & Fernandes. Sala de Actos. ELISAVA. Universidade Pompeu Fabra. Barcelona

2006 Cannatà & Fernandes – Projectos Recentes. Sala de Actos. Escola de Arquitectura da Corunha.

2006 Cannatà & Fernandes – Obras e Projectos Recentes. Colégio de Arquitectos de Cataluña, Demarcación de L'Ebre

2006 Arquitectura Moderna no Douro Internacional . Arquivo Distrital de Bragança.

2006 Cannatà & Fernandes – Obras e Projectos Espaço Cubo Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

2006 Cannatà & Fernandes. Problemas e soluciones. Salão de Actos. Escola Técnica Superior de Arquitectura de Madrid.

2006 Conferência Cannatà & Fernandes – Obras e Projectos no âmbito do ciclo de

conferências “Puntos Cardinales”. Colégio de Arquitectos de Cataluña, demarcación de Tarragona

2006 Conferência Architettura della Strada no âmbito do Workshop Lo Spazio dei Viadotti Urbano. Faculdade de Arquitectura de Pescara. Itália.

2006 Conferência Arquitectura e Energia no âmbito do Seminário e Oficina de Trabalho Sustentabilidade e Eficiência Energética na Arquitectura e Construção, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Portugal

2005 Exposição Des-Continuidades. Arquitectura Contemporânea Norte de Portugal - Centro de Exposições Fecomércio. São Paulo. Brasil.

2005 Conferência Casa Inteligente, Projecto e Obra, no âmbito do Workshop A Casa do Futuro. Departamento de Mecânica da Universidade de Aveiro. Portugal.

2005 Obra Seleccionada e Exposta no âmbito do Prémio A Pedra na Arquitectura, Casa Guerra. Ordem dos Arquitectos. Lisboa.

2005 Módulos Auto-suficientes. No âmbito do Seminário Inovar em Portugal. Universidade Lusíada do Porto. Porto.

2005 Conferência Cannatà & Fernandes. Obra Própria. Matéria y Forma 2, Ciclo Bianual de Conferências. Cátedra Blanca. Universidad Politécnica de Valencia. Espanha.

2005 Conferência Cannatà e Fernandes Obras e Projectos. Sede da Ordem dos Arquitectos, Núcleo do Médio Tejo. Abrantes.

2005 Exposição Cannatà Fernandes Obras e Projectos. Galeria Municipal de Arte de Abrantes. Abrantes. Portugal.

2004 Interdisciplinaridade da Arquitectura. Colégio do Espírito Santo. Universidade de Évora. Conferência no âmbito das I Jornadas de Arquitectura da Universidade de Évora.

2004 Exposição Cannatà Fernandes Obras e Projectos. Galeria Municipal de Arte de Barcelos. Barcelos. Portugal.

2004 Intervir nos Centros Urbanos Antigos. 2o Encontro Prática Continuada. Arraiolos 2004.

2003 A Auto-suficiência na Arquitectura: Quatro projectos e algumas referências. Universidade do Minho. Guimarães. Conferência no âmbito das Jornadas de Engenharia Civil'04.

Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho.

2003 Conferência arquitectura Sustentável que se Produz Hoje no Mundo. Exponor, Matosinhos. Conferência no âmbito do Seminário: O Desafio na Construção Sustentável realizado a 23 de

Outubro/ Porto. Numa organização Exponor.

2003 Comunicação A Pedra na Arquitectura. Câmara Municipal de Vila Viçosa e Ordem dos Arquitectos. Secção Regional Sul. Vila Viçosa. Portugal.

2003 Exposição no âmbito do Prémio A Pedra na Arquitectura, Obra seleccionada



– Duas Casas em Vila Real. Ordem dos Arquitectos. Lisboa.

2003 Conferência Reconversão da Estalagem de Picote em Centro de Congressos e Museu no âmbito do Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos, Universidade

Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Lisboa. Portugal.

2003 Conferência Deus está no pormenor. Frammenti e fermenti nell'architettura contemporanea portoghese. Faculdade de Arquitectura de Roma. Roma. Itália.

2003 Comunicação A Casa Inteligente no âmbito do Seminário de Arquitectura Bio Climática. Secção Regional do Norte da Ordem dos Arquitectos.

2002 Conferência Moderno Escondido: arquitectura e design nas Centrais Hidroeléctricas do Douro 1953 – 1964, organizada pela Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos

(E.S.A.D). Matosinhos. Portugal.

2002 Conferência Casa Contemporânea Protótipo de Casa Inteligente. Auditório do Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Aveiro.

2001 Comunicação Projecto de Reconversão da Pousada de Picote no âmbito do III Seminário Docomomo Ibérico. Convento de São Bento da Vitória. Porto. Portugal.

2001 Conferência Em Viagem Entre Itália e Portugal, organizada pela Escola Superior Artística do Porto (E.S.A.P). Porto. Portugal.

2001 Conferência Architetture del Douro Internazionale Portogalo (1953-64) no âmbito do Congresso Neglected Modernism. Faculdade de Arquitectura de Pescara. Itália.

2000 Conferência Case e paesaggi di periferia, 3o laboratório di Progettazione architettonica. Marsala, Itália, organizada pela Università di Palermo. Dipartimento di Storia e Progetto dell'

Architettura e Ordem dos Arquitectos de Trapani. Itália.

2000 Conferência Stanze all'aperto: dialoghi per l'architettura Italiana, organizada pela Fundação da Ordem dos Arquitectos de Milão e Galeria Aam, Milão, Itália.

1999 2o Seminário/laboratório internacional di progettazione. La riqualificazione funzionale ed architettonica degli spazi pubblici di Andria antica. Ccoordenadores do laboratório de

projecto. Andria. Itália.

1999 Conferência Due Luoghi e un Percorso. Faculdade de Arquitectura de Reggio Calabria.

1999 Conferência Limites da Arquitectura e Arquitectura no Limite, Piran Days of Architecture 99, G.H. Emona Convention Center Bernardin. Piran. Republic of Slovenia.

1999 Comunicação Intervenção numa fábrica monástica em Bragança no âmbito do

- colóquio Espaço e Arquitectura Monástica, Mosteiro de Alpendurada. Portugal.
- 1999 Comunicação A Arquitectura Moderna no Douro Internacional no âmbito da Conferência das Regiões Transfronteiriças com o título “Isolamento e Abertura”. Escola Secundária de Mogadouro. Portugal.
- 1999 Comunicação A Arquitectura no imaginário, Congresso Ano 2000: Memória(s) e Antecipações, 1o Congresso Internacional da ESAP, Fundação José António de Almeida. Porto. Portugal.
- 1999 Comunicação Modernidade e contexto na Arquitectura do Douro Internacional no âmbito do Congresso Ano 2000: Memória(s) e Antecipações, 1o Congresso Internacional da ESAP, Fundação José António de Almeida. Porto. Portugal.
- 1999 Encontros e Desencontros. 1a Exposição Colectiva dos Docentes da ESAP. Forte de S. João. Porto. Portugal.
- 1998 Comunicação Lisboa cerniera tra Atlantico e Mediterraneo. Incidenti, piani e occasioni, no âmbito do Forum Internazionale di studio le Città de Mediterrâneo. Faculdade de Arquitectura de Reggio Calabria. Itália.
- 1998 Exposição Bienal da Ordem dos Arquitectos de Reggio Calabria. Premio Nini Arcuri. Faculdade de Arquitectura de Reggio Calabria. Itália.
- 1998 Professores convidados ao Forum Internazionale di Studi Le Città del Mediterraneo. Aula Magna della Facoltà di Architettura di Reggio Calabria. Itália.
- 1998 Professores convidados ao Seminário Património. Casa do Alto, Maia. Portugal.
- 1997 Exposição Le Architetture dello Spazio Pubblico Triennale di Milano. Palazzo dell'Arte, Milano. Itália.
- 1997 Conferência Do Projecto à Construção. Fórum da Maia. Portugal.
- 1997 Exposição Do Projecto à Construção. Fórum da Maia. Maia. Portugal.
- 1997 Conferência Reabilitação e Restauro da Igreja de S. Francisco de Bragança. Integrada no Encontro sobre Conservação e Restauro, Tecnologia, história da Arte, Museologia. Bragança. Portugal.
- 1997 Exposição Cannatà & Fernandes. Galeria Aam architettura art moderna. Milano. Itália.
- 1996 Conferência Gli Architetti e i Loro Progetti, Aula Magna, Istituto Universitario di Architettura di Venezia. Itália.
- 1996 Exposição Piran days of Architecture '96. G.H. Emona Convention Center Bernardin. Piran. Republic of Slovenia.
- 1996 VI mostra Internazionale di Architettura, Biennale di Venezia, Giardini di Castello,

Venezia. Itália.

1996 Exposição Bial da Ordem dos Arquitectos de Reggio Calabria. Premio Nini Arcuri, Faculdade de Arquitectura de Reggio Calabria. Itália.

1995 Conferência Obras e Projectos de M. Cannatà e F. Fernandes, Escola Superior Artística do Porto. Portugal.

1996 Seminário Architettura e Contesto Naturale, Architettura e Contesto Urbano Faculdade de Arquitectura de Palermo. Itália.

1995 4a Exposição Nacional de Arquitectura. Associação dos Arquitectos Portugueses, Banhos de S. Paulo, Lisboa.

1993 Exposição Bial da Ordem dos Arquitectos de R.C. Premio Nini Arcuri, Faculdade de Arquitectura de Reggio Calabria, Itália. 1993 Exposição Architettura Contemporanea: un Confronto tra Generazioni, Pescara. Itália.

## PUBLICAÇÕES

2012 Cannatà & Fernandes – Arquitecturas de Autor, in T6

2012 Pousada de Picote, in Arq.a Arquitectura e Arte, Págs. 60 a 67

2012 Portugal Turístico, Entrevista, in Arq.a Arquitectura e Arte, Págs. 34 e 35

2011 Museu de Vimieiro. Arraiolos, in En Blanco, Edificios Culturales, Págs. 30 a 43

2011 Obra e Projectos, in La Città Delle Terme e il Mare – Progetti di bordo per Sciacca, Edizione Caracol, Págs. 52 a 59

2010 Módulos Auto-Suficientes, in Ville in Portogallo, Electa architettura, Págs. 86 a 97

2010 Perspectivas Críticas – Arquitectos, Artistas, Docentes, Críticos, Comissários e Pensadores in Arq.a Arquitectura e Arte nº79. Págs. 38 e 39

2010 Pavilhão Multiusos do Campo do Cevadeiro, in Arq.a Arquitectura e Arte. Pág. 39

2010 Museu do Vimieiro. Arraiolos, in Arq.a Arquitectura e Arte. Pág. 39

2010 Unidades Domésticas, in Arq.a Arquitectura e Arte. Pág. 38

2010 Módulos Auto-Suficientes, in Arq.a Arquitectura e Arte. Pág. 38

2009 Módulos Auto-Suficientes, in European Housing Concepts 1990-2010 Pág. 272

2009 Casa Inteligente, in sensibili mutazioni costruttive 2009. Pág. 117

2009 Centro de Artes Graça Morais in Arquitectos, nº 202, Novembro 2009. Pág.6

2009 Centro de Artes Graça Morais in Mensageiro, nº 354, Outubro 2009.

2009 Territórios Reabilitados in Jornal de Notícias, Suplemento Outubro 2009. Pág. 5

2009 Lo Spazio del Museo: Conserva, Ricompatta e Mostra in Il Giornale dell' Architettura, nº 76. Setembro de 2009. Pág.18.

2009 Praça Nicolas Green in aRCH, nº07. Dezembro 2008. Pág. 37.

2009 Casa Marchetta, in aRCH, nº07. Dezembro 2008. Pág. 5.

- 2009 Módulos Auto-Suficientes, in aRCH, nº07. Dezembro 2008. Pág. 89.
- 2009 Edifício Multifuncional de Serralves, in Casabella, nº 781. Setembro 2009. Pág. 62 a 66.
- 2009 Módulos Auto-Suficientes, in Arquitectura Ibérica nº 32, Habitar. Pág. 94 a 103.
- 2009 Edifício Multifuncional de Serralves, in MuseuMania Museus de Hoje, Modelos de Ontem. Público Serralves 12. Pág. 135 a 137
- 2009 Museu do Vimieiro. Arraiolos, in Arquitectura Ibérica nº 31, Museus\_Museos, Abril de 2009. Pág. 40 a 55
- 2009 Casa Inteligente, in PEX Proyetos Experimentales 2009. Pág. 65 e 66
- 2009 Central de Camionagem de Mogadouro, in PEX Proyetos Experimentales 2009. Pág. 67,68
- 2009 Módulos Auto-Suficientes, in PEX Proyetos Experimentales 2009. Pág. 69
- 2009 Museu de Arquitectura Moderna, in PEX Proyetos Experimentales 2009. Pág. 70 e 71
- 2009 Edifício de Recepção ao Turista, Café Esplanada e Museu do Aquífero, in PEX Proyetos Experimentales 2009. Pág. 72
- 2009 Unidades Domésticas, in PEX Proyetos Experimentales 2009. Pág. 70 e 71
- 2009 Museu do Vimieiro. Arraiolos, in DOMES International Review of Architecture 2009. Pág. 84 a 93
- 2009 Módulos Auto-Suficientes, in Solaria nº 11 dec 08 – 09. Pág. 70 e 71
- 2009 Casa Inteligente, in Solaria nº 11 dec 08 – 09. Pág. 72 e 73
- 2008 Módulos Auto-Suficientes, in Igloo habitat & arquitectura nº 84-85 dec 08 – 09. Pág. 40
- 2008 Museu do Mediterrâneo. Waterfront de Reggio Calabria, in aRCH, Julho 2008. Pág. 142
- 2008 Museu do Vimieiro. Arraiolos, in Metalocus 023. 2008. Pág. 42 a 51
- 2008 Pousada de Picote, in Reacção em Cadeia, Transformações na Arquitectura do Hotel. Pág. 48 e 49
- 2008 Módulos Auto-Suficientes, in Dax. 2008. Pág. 54 e 61
- 2008 Museu do Vimieiro. Arraiolos, in Casabella nº 769. 2008. Pág. 33 a 40
- 2008 Módulos Auto-Suficientes, in Casa Vogue Brasil. 2008. Pág. 90 e 91
- 2008 Módulos Auto-Suficientes, in Construir, Habitar, Pensar 2008. Pág.98 e 99
- 2008 Módulos Auto-Suficientes, in Architettare, nº 3, Março 2008. Pág.49
- 2008 Casa Inteligente, in Architettare, nº 3, Março 2008. Pág.48
- 2008 Casa de Férias, in Architettare, nº 3, Março 2008. Pág.47
- 2008 Casa Barbosa, in Architettare, nº 3, Março 2008. Pág.46
- 2008 Casa Guerra, in Architettare, nº 3, Março 2008. Pág.45
- 2008 Casa Fera, in Architettare, nº 3, Março 2008. Pág.44
- 2008 Museu de Arquitectura Moderna, in Anteprojectos, nº 163. Janeiro 2008. Pág. 29

2008 Percursos Comunicantes, entrevista: Cannatà & Fernandes in Attitude, Interior Design n.º 19. Pág 22 a 26. Janeiro/Fevereiro 2008

2007 Módulos Auto-Suficientes in Green Homes, New Ideas for Sustainable Living. Dezembro 2007. Pág. 50 a 59.

2007 Central de Camionagem de Mogadouro in Casabela 760. Novembro 2007. Pág. 72 a 76

2007 Central de Camionagem de Mogadouro. In Anuário arquitectura #10. Caleidoscópio. Pág. 94 a 111

2007 Casa Inteligente, Projecto e Obra in InovaDomus, Projecto Casa do Futuro, Ciclo de workshops. Pág. 9, 13 a 16 e 44

2007 Módulos Auto-Suficientes in Progettazione Tecniche & Materiali, nº 108. 2007. Pág. 253 a 257

2007 Central Camionagem Mogadouro in Metalocus, nº 20. Abril 2007. Pág.34 a 41

2007 Módulos Auto-Suficientes in Tectonica, nº 23. 2007 Dossier Construcción V. Pág. 14

2007 Central Camionagem Mogadouro in Tectonica, nº 23. 2007 Dossier Construcción V. Pág. 9

2007 Escritório Cannatà & Fernandes in Loft 2 Motta Architettura, Março 2007. Pág. 84 a 93

2007 Módulos Habitacionais Auto-Suficientes. Cannatà & Fernandes in L'Architettura Naturale, nº 32, 33/ 2007. Pág. 79

2007 Módulos Habitacionais Auto-Suficientes, Clube Nautico da Aldeia do Mato. Cannatà & Fernandes in A+U, nº 439/2007. Pág. 96 a 99

2007 Módulos Habitacionais Auto-Suficientes. Cannatà & Fernandes in Casa Naturale, nº 8/2007. Pág. 10 a 14

2007 A casa Contemporânea in PapelParede, nº 1. 2007. Pág. 9

2007 Território compartido La Nueva Red de Metro de Oporto in Arquitectura Viva, nº 109. Pág. 34 a 37

2007 La Nuova Biblioteca al Centro della Città – Partecipazione e Proposte per un Concorso di Idee, Fevereiro 2007. Pág. 64 e 65

2006 Projecto para Residência Universitária em Würzburg, in Wettbewerbe Aktuell, edição de Setembro 2006 Pág.35 a 39

2006 Casa Guerra in Casas Recuperadas, Caleidoscópio edição de Junho 2006 Pág.48 a 55

2006 Tecnopolo Abrantes in Construir, edição no 80 de Junho 2006 Pág. 12

2006 Casa Guerra in Construir, edição no 75 de Abril 2006 Pág. 12 e 13

2006 Tecnopolo Abrantes in Construir, edição no 75 de Abril 2006 Pág. 12 e 13

2006 Módulos Auto-Suficientes in Construir, edição no 75 de Abril 2006 Pág. 12 e 13

2006 Central Camionagem Mogadouro in Construir, edição no 75 de Abril 2006 Pág. 12

e 13

- 2006 Museu de Arraiolos in Construir, edição no 75 de Abril 2006 Pág. 12 e 13
- 2006 Museu de Lamego in Construir, edição no 75 de Abril 2006 Pág. 12 e 13
- 2006 Via Senigallia in Anteprojectos, edição no 142 de Abril 2006 Pág.16 e 17
- 2006 Módulos Habitacionais Auto-Suficientes – Cannatà & Fernandes in Diseño Interior, edição no 163 de Fevereiro 2006 Pág. 132 a 135
- 2006 Tecnopolo Abrantes – Fórum Empresarial Vale do Tejo, suplemento Expresso imobiliário Espaços & Casas, edição no 1743 de Março 2006. Pág. 7
- 2006 Via Ovada e Via Senigallia in Abitare (suplemento), edição no 459 de Março 2006 Pág. 12 a 15
- 2005 Entrevista Michele Cannatà e Fátima Fernandes, in Revista Arquitectura e Vida no 68. Pág. 32 a 41.
- 2005 Unidades Domésticas. Matosinhos 2004. Cannatà & Fernandes in Pasajes de Arquitectura y Critica no 69. Pág. 18 e 19.
- 2005 Módulos Habitacionais Auto-Suficientes – Cannatà & Fernandes in Pasajes de Arquitectura y Critica no 69. Pág. 64 e 65.
- 2005 Módulos habitacionales auto-suficientes – Cannatà & Fernandes in Metalocus no 017. Pág. 104 a 109.
- 2005 Cannatà & Fernandes – Obra Reciente in TC Cuadernos; Ediciones Generales de la Construcción - Valencia
- 2005 Módulos habitacionales autosuficientes – Cannatà & Fernandes in Anuário de Arquitectura Ibérica – Premis FAD 2005 arquitectura interiorisme. Pág 17.
- 2005 Casa Inteligente – Protótipo de casa Contemporânea in Materia y Forma II. Pág. 26 a 37.
- 2005 Centro de Interpretação Ambiental e Museu do Parque Natural do Douro Internacional in Materia y Forma II. Pág. 16 a 25.
- 2005 Casa de Férias in Materia y Forma II. Pág. 6 a 15.
- 2005 Premio Internazionale di Architettura L'Architettura Automatica. II Edizione (2004) in Frams, n.o 115. P. 86.
- 2005 Módulos habitacionales autosuficientes – Cannatà & Fernandes in Arquitectos 173, Concurso Residência Singular '04. CSCAE n.o 05/1. Pág. 68 e 69.
- 2005 Casa Exponor. Protótipo de casa Contemporânea. Porto 2002. Cannatà & Fernandes in Arquitectos 173, Concurso Residência Singular '04. CSCAE no 05/1. Pág. 56 e 57.
- 2004 Cannatà y Fernandes – Módulos autossuficientes in Revista AV Proyectos, no 006. Pág. 10 e 11.
- 2004 Fatima Fernandes e Michele Cannatà in The Vision of Reality, Unrealised Projects of Lectures at Piran Days of Architecture 1983-2004. Pág. 40 e 41.
- 2004 Michele Cannatà e Fátima Fernandes in [www.archphoto.it](http://www.archphoto.it) revista online.

2004 Projecto para o Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa in Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa – Concurso para o Projecto, LIBRUS, Publicações Técnicas – Instituto Português de Arqueologia. Págs. 82 e 83.

2004 Módulos Auto-Suficientes in Spazi minimi, Federico Motta Editore. Pág. 114 a 123.

2004 Cannatà & Fernandes recebem menção honrosa in Revista CONSTRUIR, no 34. Pág. 13.

2004 O Trabalho Mora ao Lado in Revista Arquitectura e Vida no 51. Pág. 112 e 113.

2004 Cool Concept – Habitational Modules in Indian Architect & Builder, March 2004. Vol. 17. Pág. 46 a 49.

2004 Módulos Auto-Suficientes in Arq./a Revista de Arquitectura e Arte no 24. Pág. 54 a 59.

2004 Casa Inteligente – Protótipo de casa Contemporânea in Arq./a Revista de Arquitectura e Arte no 24. Pág. 48 a 53

2004 Design: tendenze 2004 in ABITARE, no 435. Pág. 138.

2003 Monografia Cannatà & Fernandes arquitectos Obras e Projectos 1984–2003. Edições ASA.

2003 Módulos Auto-Suficientes in Arquitectura & Construção no 24. Pág. 109 a 113.

2003 Absolutamente Autónomos in Revista Arquitectura e Vida no 43. Pág. 28 e 29.

2003 A sustentabilidade é uma parte e não um tipo de arquitectura in Revista CONSTRUIR, no 18. Pág. 10.

2003 Módulos Auto-Suficientes in Revista CONSTRUIR, no 14. Pág. 46.

2003 Construção Sustentável num ambiente confortável In Arte & Construção No 158. Pág. 14.

2003 A Habitação Contemporânea –Três perspectivas In Arte & Construção No 158. Pág. 12, 13

2003 Sustentabilidade do Projecto In Arte & Construção no 157. Pág. 48, 49 e 50.

2003 Gioielleria Azevedo In Ristrutturazioni, Federico Motta Editore. Pág. 74 a 85.

2003 Casa Exponor 2002 In Case nel Mondo, Federico Motta Editore. Pág. 74 a 83.

2003 House J. Silva in Case di vacanza. Federico Motta Editore. Pág.96 a 103.

2003 Imagen y semejanza. Casas Fernando Gomes y Fernando Cristino. Vila Real. In Arquitectura Viva no 86. Pág. 38 e 39.

2003 The Smart House In Materia no 41. Pág. 52 a 59.

2002 Remodelação da Ourivesaria Azevedo in Architécti no 60. Outubro/Novembro/Dezembro 2002. Pág. 56 a 61.

2002 Casa Fernando Gomes in Architécti no 60. Outubro/Novembro/Dezembro 2002. Pág. 50 a 55.

2002 Casa Fernando Gomes em Vila Real. O físico e a obra in Arquitectura e Vida no 32. Novembro 2002. Pág. 52 a 57.

- 2002 The Maritime Museum in Piran in Piranesi no 15/16 Vol 9. Outubro 2002 Pág. 118 e 119.
- 2002 Protótipo de Casa Contemporânea in “Guia da Arquitectura Portuguesa Moderna. Porto, Maia, Matosinhos, Vila Nova de Gaia. 1925-2002.” Edições ASA. Pág. 320 e 321.
- 2002 Casa Inteligente. Protótipo de Casa Contemporânea Fátima Fernandes e Michele Cannatà. Edições ASA.
- 2002 Projecto de Conexão Urbana entre Porto e Vila Nova de Gaia in Formas Urbanas. Coleção Paisagens Artificiais. Edições ASA. Pág. 101 a 113.
- 2002 Uma casa com Inteligência in arquitectura & construção no 20.
- 2002 Uma casa Contemporânea in Arquitectura e Vida. Setembro de 2002. no 30. Pág. 64 e 65.
- 2001 Cannatà & Fernandes. Divulgar a Arquitectura in Revista Arte e Construção no 131. Pág. 8 a 12.
- 2001 Capela de Cicouro e Ourivesarias Azevedo in Arquitectura Portuguesa Contemporânea. 1999-2001” ASA Editores. Pág. 538 a 549. 2000 ljubezenski trikotnik in Hiše. revija za kulturo. Setembro de 2000. Pág. 14 a 19.
- 2000 Hotel em Miranda do Douro in Livro “Projectos Adiados” ESTAR Editora. Pág. 144 a 149.
- 2000 Edifício Poças in Revista Architécti, no 48. Pág. 52 e 53.
- 1999 Fátima Fernandes e Michele Cannatà in Encontros Desencontros. 1a Exposição Colectiva dos Docentes da ESAP. 1999 M. Cannatà e F. Fernandes a Messina Centro di Solidarietà Faro in Revista ABITARE, no 388. Pág. 158 e 162. 1999 Casa Fera, Messina, Italia in Revista Architécti, no 44. Pág. 114 e 115.
- 1999 Praça N. Green, Reggio Calabria, Itália in Anuário Arquitectura 4, ESTAR Editora, Lisboa. Pág. 25 e 84 a 91.
- 1999 ljubezenski trikotnik in Emzin revija za kulturo. Dezembro de 1999. Pág. 28 a 35.
- 1999 Una casa per il recupero di tossicodipendenti che sembra una villa per le vacanze in Jornal Vita. 12 de Novembro de 1999.
- 1999 Edilizia economica e popolare a Polistena in Catálogo “Premio Biennale di Architettura Nini’ Arcuri”, O.A.P.R.C. Pág. 105 a 107.
- 1999 Oltre la Cittadella in Catálogo Premio Biennale di Architettura Nini’ Arcuri, O..A.P.R.C. Pág. 91 a 93.
- 1999 Deslocação e Proximidade. As novas paisagens do Habitat in Catálogo EUROSPAN 5. Pág. 38 e 39.
- 1999 Modernidade e contexto na Arquitectura do Douro Internacional. Congresso Ano 2000: Memória(s) e Antecipações, 1o Congresso Interdisciplinar da ESAP, Fundação José António de



Almeida. Porto. Portugal.

1998 Centro di Solidarietà F.A.R.O. a Messina in Almanacco di CASABELLA. Giovani architetti italiani. Pág.97 e 98.

1998 Capela de Cicouro in Revista Cadernos ESAP, no 2. Pág. 194 a 197.

1998 Intervista a Cannatà e Fernandes in Revista PIRANESI, Giovanni Vraganz, no 7/8. Pág. 40 a 53.

1998 Centro di Solidarietà F.A.R.O. a Messina in Giornale dell'ARCHITETTURA, Università di Palermo, Ano V, no15. Pág. 1.

1998 Reabilitação e Restauro da Igreja de S. Francisco de Bragança in Jornal do Seminário de Arquitectura Património. Maia. Portugal.

1997 Reabilitação e Restauro da Igreja de S. Francisco de Bragança in Legitimar o Futuro. Publicação das comunicações tidas por ocasião do Encontro sobre Conservação e Restauro,

Tecnologia, História da Arte, Museologia. Bragança, Portugal.

1997 Álbum Italiano in Revista ABITARE, no 367. Pág. 182.

1997 Architetture in Calabria di Cannatà e Fernandes in Giornale dell'ARCHITETTURA, Università di Palermo, Ano IV, no15. Pág. 9.

1997 II Premio Pirano 1996 a Cannatà e Fernandes in Giornale dell'ARCHITETTURA, Università di Palermo, Ano IV, no15. Pág. 8.

1997 Architetture: debate in MODO, International review of desingn culture. XX Ano. no 177. Pág. 35 a 39.

1996 in Oltre i Maestri. Diario di una generazione 1985/1996, Pino Scaglione, Edizioni D'A. Pág. 61,62,86,131,140,142,143.

1996 IV Biennale d'Architettura di Venezia in Revista D'ARCHITETTURA, no 16. Pág. 26 a 29.

1996 M. Cannatà e F. Fernandes in Portogallo la Cappela Votiva di Cicouro in Revista ABITARE, no 347. Pág. 96 e 97.

1996 Michele Cannatà e Fátima Fernandes in Catálogo IV Mostra Internazionale di Architettura, Biennale di Venezia, Electa. Pág. 264 a 267.

1995 Casa Fera in Giornale dell'ARCHITETTURA, Università di Palermo, no 9. Pág. 11.

1995 Fátima Fernandes in Catálogo 4a Exposição Nacional de Arquitectura, A.A.P. Pág. 26.

1993 Fátima Fernandes in Catálogo Architettura Contemporanea: un Confronto tra Generazioni, Ed'A Pescara. Pág. 22 e 23.

1993 Capela de Cicouro in Jornal dos Arquitectos, no 123. Pág. 32 a 35.

1993 Progetti e opere selezionate nelle edizioni 1987-1989-1991 in Catálogo Premio Internazionale di Architettura Andrea Palladio, Electa. Pág. 135. 1993 Casa Unifamiliare

- a Polistena in Almanacco dell'Architettura Italiana, Electa. Pág. 143 a 145.
- 1993 Cappela a Cicouro in Revista D'ARCHITETTURA, D'A, no 8. Pag. 42 e 43.
- 1992 Premio Palladio in Revista ABITARE, no 302. Pág. 131.
- 1992 Un intervento di recupero in Portogallo in Revista HABITAT UFFICIO ano XII no 56. Alberto Greco Editore. Pág. 60 a 63.
- 1991 Venti Sette Alloggi a Polistena in Almanacco dell'Architettura Italiana. Electa. Pág. 56 e 57.
- 1991 Ufficio Tecnico del Municipio di Miranda do Douro in Catálogo Premio Internazionale di Architettura Andrea Palladio, Electa. Pág. 58 a 63.
- 1990 Premio INARCH in Revista L'ARCHITETTURA, Cronache e Storia, 426 no 4. Pág. 38.
- 1990 Progetti e Realizzazioni in Revista D'ARCHITETTURA, D'A, no 1. Pág. 8 a 13.
- 1990 Venti Sette Alloggi a Polistena in Revista ABACUS no 24. Pág. 28 a 37.
- 1990 Venti Sette Alloggi a Polistena in Revista CONTROSPAZIO, no 9. Pág. 34 a 37.
- 1989 Venti Sette Alloggi a Polistena in Catálogo Premio Internazionale di Architettura Andrea Palladio. Electa. Pág. 34 a 39.
- 1986 Venti Sette Alloggi a Polistena in Catálogo Architettura Italiana della Nuova Generazione, M. di Progetto Nuovo. Pág. 24, 25 e Capa.
- 1986 Fátima Fernandes e Michele Cannatà in Catálogo L'ISOLATO DI MESSINA. 1o Simposio Internazionale di Architettura. Pág. 150.
- 1986 Progetti per l'Isolato di Messina in Revista CASABELLA, no 523. Pág. 25.

#### LIVROS PUBLICADOS

- 2011 Reabilitação da Pousada de Picote, Projectos e Obra. Caleidoscópio Edição
- 2009 Arquitecturas de Autor, AA #50 Cannatà & Fernandes
- 2006 A Arquitectura do Metro. Obras e Projectos na área metropolitana do Porto. Civilização Editora
- 2005 O Projecto Urbano das Antas, Civilização Editora
- 2005 DES-CONTINUIDADE arquitectura contemporânea I norte de Portugal. Editora CIVILIZAÇÃO com Eduardo Souto Moura, Jorge Figueira e Nuno Grande
- 2005 O Pavilhão Multiusos de Viana do Castelo de Eduardo Souto Moura. Editora CIVILIZAÇÃO
- 2004 Mapa de Arquitectura de Bragança. Edições Argumentum.
- 2003 Cannatà & Fernandes arquitectos : obras e projectos 1984-2003. Edições ASA
- 2003 Habitação Contemporânea – Formas de Habitar. Edições ASA

2002 Casa Inteligente. Protótipo de Casa Contemporânea. Concreta, Edições ASA

2002 Formas Urbanas. Coleção Paisagens Artificiais. Edições ASA.

2002 Guia da Arquitectura Moderna. Porto, Maia, Matosinhos, Vila Nova de Gaia. 1925-2002. Edições ASA. 2001 Arquitectura Portuguesa Contemporânea 1999-2001. Edições ASA.

2000 A Tecnologia na Arquitectura Contemporânea. ESTAR Editora.

1999 Construir no Tempo. ESTAR Editora.

1997 Moderno Escondido. Arquitectura das Centrais Hidroeléctricas do Douro 1953-1964. FAUP Publicações.

#### JORNAIS E ARTIGOS PUBLICADOS

2005 OMA: Casa da Musica a Porto in ABITARE, no 452. Pág.104 a 113

2005 Design in Portogallo in ABITARE, no 446.

2004 Design in Portogallo in ABITARE, no 435.

2004 Centrais Hidroeléctricas do Douro Internacional in Pedra & Cal no 21. Pág. 15 a 17. 2003 Design in Portogallo in ABITARE, no 424.

2002 Arquitectura Moderna em Trás-os-Montes in A construção de uma identidade. Trás-os-Montes e Alto – Douro. Ministério da Cultura. 2002 A Casa e o parque in Serralves. Edições ASA, FUNDAÇÃO SERRALVES.

2001 O moderno escondido in PÚBLICA, no 288.

2001 Divulgar a Arquitectura in Arte & Construção no 131.

2001 Design in Portogallo in ABITARE, no 402.

2000 Arquitecturas e intervenções urbanísticas no Douro in “O Douro em Debate: Encontros da Casa da Calçada – Encontro 6, Portugal. Actas.

2000 Roteiro do Bairro da Sé in Câmara Municipal do Porto, Porto.

2000 Cilindro Expressivo in ABITARE, no 392.

2000 Soluzione integrata in ABITARE, no 392.

2000 Edificio nel complesso di Boavista in ABITARE, no 391.

2000 Design in Portogallo in ABITARE, no 391.

1999 3 Arquitectos do Mundo no Porto in Arte & Construção, no 107.

1998 Lisboa cerniera tra Atlantico e Mediterraneo. Incidenti, piani e occasioni in Le Città del Mediterraneo, Università degli Studi Mediterranea de Reggio Calábria.

1998 Jornal das Obras, da Alfândega a Massarelos Reabilitação da Margem do Douro. As obras concluídas. Uma edição da CMP, FDZHP, AMTC, no 7.

1998 A Arquitectura do espaço público. Formas do passado formas do presente. Jornal da exposição.

1998 Jornal das Obras, da Alfândega a Massarelos reabilitação da Margem do Douro. O novo circuito do Carro Eléctrico. Edição da CMP, FDZHP, AMTC, no5.

1998 Jornal das Obras, da Alfândega a Massarelos reabilitação da Margem do Douro. Remodelação da rua D. Pedro V e equipamento no Cais de Massarelos. Edição da CMP, FDZHP,

AMTC, no4.

1998 Jornal das Obras, da Alfândega a Massarelos reabilitação da Margem do Douro. A reabilitação urbana em Miragaia. Edição da CMP, FDZHP, AMTC, no3.

1998 Jornal das Obras, da Alfândega a Massarelos reabilitação da Margem do Douro. O viaduto entre o Cais das Pedras e o Cais de Monchique. Edição da CMP, FDZHP, AMTC, no2. 1998 Jornal das Obras, da Alfândega a Massarelos reabilitação da Margem do Douro... novas obras vão começar. Edição da CMP, FDZHP, AMTC, no1.

1998 Expo 98 a Lisboa in ABITARE, no 370.

1997 Oporto Città di Architettura in ABITARE, no 360.

1996 Paula Santos a Porto. La Biblioteca per Bambini in ABITARE, no 351.

1995 Tradição do Moderno in CONFIDÊNCIAS PARA O EXILIO, no 4. Editor Miguel Von Hafe Pérez.

1995 Vieira de Campos e Cristina Guedes a Porto. Padiglione Trasparente in ABITARE, no 346.

1995 Álvaro Siza a Santiago de Compostela. Centro Galiziano de Arte Contemporânea in ABITARE, no 345.

1995 Casa de Serralves in ABITARE, no 345.

1995 Portogallo architettura, ingegneria, territorio, in ABITARE, no 338.

## EXPOSIÇÕES E SEMINÁRIOS COMISSARIADOS

2009 Cannatà & Fernandes Obras e Projectos. Teatro Francesco Cilea. Reggio Calabria. Itália

2008 Reacção em Cadeia/Chain Reaction. Algarve 08. Loulé, Algarve. Portugal

2008 Cannatà & Fernandes. Arquitecturas de Autor. ETS de Arquitectura . Universidade de Navarra. Pamplona. Espanha.

2007 Construir, Habitar, Pensar. Aspectos de la Arquitectura y el Arte Iberoamericano. IVAM. Valencia. Espanha

2007 Architettura Portoghese Contemporanea. Casa Dell'Architettura di Roma. Itália

2005 DES-CONTINUIDADE arquitectura contemporânea I norte de Portugal. Com Eduardo Souto de Moura, Jorge Figueira e Nuno Grande. Fecomércio. S. Paulo. Brasil. Uma produção da AEP, com o apoio do Ministério da Cultura/Centro Português de

Fotografia, Faculdade de Arquitectura do Porto, Ordem dos Arquitectos – Região Norte, ICEP e Instituto de Arquitectos do Brasil

2005 (I) MATERIALIDADE, na EXPONOR – Feira Internacional do Porto. Uma iniciativa da Exponor, produzida no âmbito da Concreta 2005, com o apoio da Ordem dos Arquitectos.

2004 Arquitectura para o Terceiro Milénio, na EXPONOR – Feira Internacional do Porto. Uma iniciativa da Exponor, produzida no âmbito da Concreta 2004, com o apoio da Ordem dos

Arquitectos.

2003 Formas de Habitar, na EXPONOR – Feira Internacional do Porto. Uma iniciativa da Exponor, produzida no âmbito da Concreta 2003, com o apoio da Ordem dos Arquitectos.

2002 Formas Urbanas, na EXPONOR – Feira Internacional do Porto. Uma iniciativa da Exponor, produzida no âmbito da Concreta 2002, com o apoio da Ordem dos Arquitectos.

2001 Arquitectura Portuguesa Contemporânea. 1999 - 2001, EXPONOR – Feira Internacional do Porto. Uma iniciativa da Exponor, produzida no âmbito da Concreta 2001, com o apoio da

Sociedade Porto 2001, Ordem dos Arquitectos.

2000 A Tecnologia na Arquitectura Contemporânea, EXPONOR – Feira Internacional do Porto. Uma iniciativa da Exponor, produzida no âmbito da Concreta 2000, com o apoio da Sociedade

Porto 2001 e Ordem dos Arquitectos.

2000 O Bairro da Sé Torre Medieval, Câmara Municipal do Porto, CRUARB.

1999 Construir no Tempo. Exponor. Porto.

1998 A Arquitectura do Espaço Público. Formas do passado, formas do presente.

Palácio de Cristal do Porto. Uma iniciativa da CMP, produzida pela Triennale de Milão.

1997 Moderno Escondido. Arquitectura das Centrais Hidroeléctricas do Douro 1953-1964. Antigo Tribunal e Cadeia da Relação do Porto. Uma iniciativa da FAUP, com o apoio da AAP, FEDER e CMP.

## OBRAS E PROJECTOS

2018 Residência para Investigadores. Guimarães. Porto (realizada)

2010-2012 Laboratório da Paisagem. Guimarães. Portugal (realizada)

- 2008-2012 Centro Escolar dos Combatentes. Ovar. Portugal (realizada)
- 2006 Concurso para Elaboração do projecto do Centro de Artes de Ovar. Ovar. Portugal
- 2006 Concurso para elaboração de Projecto para o Edifício del Decanato del Campus de la Justicia de Madrid. Madrid. Espanha
- 2006 Concurso para Elaboração do Projecto Neubau Studenten Wohnanlage. Wurzburg. Alemanha (4o Prémio)
- 2006 Concurso para Elaboração do Projecto de Ligação ao Viaduto da Prelada. Porto. Portugal (Melhor solução apresentada a concurso) 2006 Concurso para a Biblioteca de Melzo. Itália
- 2006 Concurso para o Centro Histórico de Umbertide. Itália
- 2005 Concurso para uma residência para idosos. Ozzano. Itália
- 2005 Projecto para o Fórum Empresarial do Tecnopólo do Vale do Tejo, Abrantes. Portugal.
- 2005 Concurso para conjunto residencial na Rua Ovada, Milão. (3o Prémio)
- 2005 Concurso para quatro áreas residenciais na Rua Senigallia, Milão. (5o Prémio)
- 2005 Concurso para conjunto residencial na Rua Gallarate, Milão.
- 2005 Concurso para conjunto residencial na Rua Civitavechia, Milão.
- 2005 Concurso para o Centro de Interpretação Ambiental. Bragança Portugal.
- 2005 Concurso para o Conservatório de Musica de Coimbra. Portugal.
- 2004 Projecto para o Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa. Portugal.
- 2004 Unidades Domésticas. Exponor. Matosinhos. Portugal. (Realizadas)
- 2004 Concurso para a Elaboração do Projecto do Museu O Mundo Rural. Arraiolos. Portugal. (1o Prémio)
- 2003 Concurso para a Elaboração do Projecto do Pavilhão Desportivo de Castanheira do Ribatejo. Vila Franca de Xira. Portugal.
- 2003 Concurso para o Projecto do Museu de Arquitectura Moderna do Douro Internacional. Bemposta, Mogadouro. Portugal. (1o Prémio) 2003 (realizado)
- Concurso para a Reabilitação da Rua da Sofia. Coimbra. Portugal.
- 2003 Concurso para a Faculdade de Psicologia de Coimbra. Coimbra. Portugal. (5o Lugar)
- 2003 Módulos Auto sustentáveis. Exponor. Matosinhos. Portugal. (Realizados)
- 2003 Projecto de 39 habitações em banda na Quinta do Assento. Guimarães. Portugal.
- 2003-2006 Central de Camionagem, Mogadouro, Portugal
- 2002 Concurso para o Museu Marítimo de Pirano. Slovenija.
- 2002 Concurso para o PET no Pólo das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra. Portugal.

2002 Concurso para o Museu de Lamego. Portugal.

2002 Casa Inteligente. Matosinhos. Portugal. (Realizada)

2002 Concurso Público para a Casa da Cultura. Amarante. Portugal.

2002 Concurso para a Pousada da Juventude. Melgaço. Portugal.

2001 Concurso para a remodelação de Edifícios no Centro Histórico. Rua da Banharia Porto. Portugal. (1o Prémio)

2001 Concurso para o Edifício Unidade Central. Pólo das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra. Portugal. (2o Prémio)

2001 Casa Barillà. Polistena. Itália. (Em construção)

2001 Casa Barbosa, Matosinhos, Portugal. (Realizada)

2000 Conjunto Habitacional. Caminha. Portugal.

2000 Casa Júlio Silva. Amarante. Portugal.

2000 Concurso para a Praça Botari. Caulonia. Itália.<sup>7</sup>

2000 Concurso para o Museu do Vinho do Porto. Porto. Portugal.

2000 Casa Mammola. Polistena. Itália. (Em construção)

1999 Casa Jorge Silva. Cardal do Douro. Portugal. (Realizada)

1999-2010 Remodelação e Ampliação da Pousada de Picote e Área Envolvente. Picote. Portugal.(realizado)

1999 Escritório Cannatà & Fernandes Lda. Porto. Portugal. (Realizado)

1999 Casa Guerra. Maia. Portugal. (Realizada)

1999 Plano de Pormenor de Tabuaço. Tabuaço. Portugal. Com Manuel Fernandes de Sá, Lda.

1999 Ourivesaria e Escritórios Azevedo. Amarante. Portugal. (Realizada)

1998 Concurso EUROPAN. Vila Nova de Gaia. Portugal. (Seleccionado)

1998 Concurso para a Faculdade de Arquitectura. Veneza. Itália.

1998 Casa Albanese. Polistena. Itália. (Realizada)

1998 Casa Campagna. Polistena. Itália.

1998 Casa Fernando Cristino. Vila Real. Portugal. (Realizada)

1997 Casa Fernando Gomes. Vila Real. Portugal. (Realizada)

1996 8 Fogos de Habitação Social. Reggio Calabria. Itália. (Em construção)

1996 Escola Primária. Reggio Calabria. Itália. (Realizada)

1996 30 Fogos Habitação Social. Reggio Calabria. Itália. (Em construção)

1995 Edifício de habitação e comércio Poças. Bragança. Portugal. (Realizado)

1995 Edifício Comercial Martins Monteiro Lda. Bragança. Portugal.

1994 Remodelação do Pavilhão Desportivo Infante Sagres. Porto. Portugal.

1994 Centro de recuperação de Toxicodependentes. Messina. Itália. (Realizado)

1994 Edifício de habitação Auddino. Polistena. Itália. (Realizada)

1994 Concurso para a Biblioteca do Palácio de Cristal. Porto. Portugal.

1994 Concurso para o Mercado da Mouteira. Porto. Portugal.

- 1994 28 Fogos e Centro Cultural. Reggio Calabria. Itália. (Em construção)
- 1993 Concurso para a EXPO 98. Lisboa. Portugal.
- 1993 Concurso para o Cantina Central do Instituto Politécnico. Bragança. Portugal.
- 1993 Concurso para o Centro de Saúde. Carrazeda de Ansiães. Portugal.
- 1993 Cooperativa da Batata. Bragança. Portugal.
- 1993 Remodelação da Igreja de S. Francisco e Casa da Cultura. Vinhais. Portugal.
- (Realizada) 1993 Casa Fera. Messina. Itália. (Realizada)
- 1992 Plano de pormenor da entrada da cidade. Miranda do Douro. Portugal.
- 1992 Casa Marchetta. Polistena. Itália. (Realizada)
- 1992 Edifício Manuel Raimundo. Bragança. Portugal. (Realizado)
- 1992 Antepiano de Salvaguarda do Centro Histórico. Miranda do Douro. Portugal.
- 1992 Perfumaria Estasi. Vibo Valentia. Itália. (Realizada)
- 1992 Casa Gonçalves. Freixo de Espada-a-Cinta. Portugal.
- 1991 Casa Balbina. Miranda do Douro. Portugal.
- 1991 Capela S. Fili. Melicucco. Itália.
- 1991 Casa Parra. Miranda do Douro. Portugal. (Realizada)
- 1991 Ampliação da Casa do Clero. Bragança. Portugal.
- 1991 Casa Gonçalves. Miranda do Douro. Portugal.
- 1991 Casa Filardo. Polistena. Itália. (Realizada)
- 1991 Casa Borgese. Polistena. Itália. (Realizada)
- 1991 Casa Antão. Miranda do Douro. Portugal. (Realizada)
- 1991 Apart-Hotel Coram. Miranda do Douro. Portugal.
- 1990 Praça Nicolas Green. Melicucco. Itália. (Realizada)
- 1990 Capela de Cicouro. Miranda do Douro. Portugal. (Realizada)
- 1990 Recuperação da Casa das Quatro Esquinas. Miranda do Douro. Portugal. (Realizada)
- 1990 Concurso para a sede da SRN da AAP. Porto. Portugal.
- 1990 Ampliação do cemitério de Melicucco. Itália. (Realizado)
- 1989 12 Fogos de habitação social. Cittanova. Itália.
- 1989 Instituto Técnico Superior. Monasterace. Itália.
- 1989 Bolsa do Artesanato. Cittanova. Itália.
- 1989 Remodelação da casa Romeo em Taurianova. Itália. (Realizada)
- 1989 Concurso para o empreendimento turístico no Azinhal. Miranda do Douro. Portugal.
- 1989 Hotel Garibaldi. Melito. Itália.
- 1989 12 Fogos de habitação social. Cinquefrondi. Itália.
- 1988 Concurso para uma casa unifamiliar. Reggio Emilia. Itália.
- 1988 Plano de Pormenor da Frente Marítima. Gioiosa Jonica. Itália.



1988 Concurso para o Centro Cultural e Anfiteatro. Palmi. Itália.  
1987 Concurso para a Igreja de Valera. Milão. Itália.  
1987 Plano de pormenor da zona industrial de Melicucco. Itália.  
1987 Concurso para o Infantário Vila Macrí. Polistena. Itália.  
1986 Casa Elia. Polistena. Itália. (Realizada)  
1986 17 Fogos de habitação Social. S. Procopio. Itália. (Em construção)  
1986 27 Fogos de habitação social. Polistena. Itália. (Realizados)  
1985 Projectos no âmbito do 'IO Simposio Internazionale di Progettazione L'Isolato di  
Messina. Itália. 1984 Recuperação da zona clandestina de Scilla. Itália.  
1984 Ampliação do cemitério de Polistena. Itália. (Realizado)

Arquitectas: (Des)construyendo Percursos

**Cora d'Orey Mayan**

FACULDADE DE ARQUITETURA

